

MATRIMÔNIO
MATRIMÔNIO



DIVÓRCIO
DIVÓRCIO

**SUBSÍDIO PARA ESTUDO DO CAPÍTULO XXII DO LIVRO
“ EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO ” DE ALLAN KARDEC**

- DISTRIBUIÇÃO GRATUITA -

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

ÍNDICE

. Allan Kardec

CAPITULO	TEMA	LIVRO	PÁGINA
01 -	Perguntas e Respostas	Livro dos Espíritos	06
02 -	Não Separeis o Que Deus Juntou	Evangelho Seg. o Espiritismo	09

. Mensagens pelo Médiun: **Francisco Cândido Xavier**

CAPITULO	TEMA	ESPÍRITO / AUTOR	PÁGINA
03 -	Casamento	Emmanuel	11
04 -	Matrimônio	Emmanuel	12
05 -	Casar-se	Emmanuel	13
06 -	Vida Conjugal	Emmanuel	14
07 -	Em Casa	Emmanuel	15
08 -	Em Casa	Emmanuel	16
09 -	Educação no Lar	Emmanuel	17
10 -	Em Família	Emmanuel	18
11 -	Não Perturbeis	Emmanuel	19
12 -	Quanto Puderis	Emmanuel	20
13 -	No Caminho da Elevação	Emmanuel	21
14 -	Teus Filhos	Emmanuel	22
15 -	Conflitos Domésticos	Emmanuel	23
16 -	Familiares Problemas	Emmanuel	24
17 -	Unões Enfermas	Emmanuel	25
18 -	Unões de Prova	Emmanuel	26
19 -	União Infeliz	Emmanuel	27
20 -	Desvinculações Familiares	Emmanuel	28
21 -	Divórcio	Emmanuel	30
22 -	Divórcio	Emmanuel	31
23 -	Divórcio	Emmanuel	32
24 -	Ante o Divórcio	Emmanuel	34
25 -	Divorcio e Lar	Emmanuel	35
26 -	Casamento e Divórcio	André Luiz	36
27 -	Matrimônio e Divórcio	André Luiz	37
28 -	Divórcio	André Luiz	39
29 -	Resgate Interrompido	André Luiz	40
30 -	No Reino Doméstico	Irmão X	47
31 -	Amor - Casamento - Divórcio	Esp. Diversos	49
32 -	Compromisso e União	Cornélio Pires	50
33 -	Desencontros de Amor	Cornélio Pires	51
34 -	Divórcio e Superpopulação	Francisco Cândido Xavier	52

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

. Mensagens pelo Médium : **Divaldo Pereira Franco**

CAPITULO	TEMA	ESPÍRITO / AUTOR	PÁGINA
35 –	No Lar	Marco Prisco	54
36 –	Casamento e Família	Benedita Fernandes	55
37 –	Responsabilidade no Matrimônio	Joanna de Ângelis	57
38 –	Problemas no Matrimônio	Joanna de Ângelis	59
39 –	Desquite e Divórcio	Joanna de Ângelis	61
40 –	Dentro do Lar	Joanna de Ângelis	63
41 -	Matrimônio e Amor	Joanna de Ângelis	65
42 –	Casamento e Companheirismo	Joanna de Angelis	69
43 -	Tramas do Destino	Manoel Philomeno de Miranda	71

. Mensagens pelo Médium : **J. Raul Teixeira**

CAPITULO	TEMA	ESPÍRITO / AUTOR	PÁGINA
44 –	Interação Conjugal	Camilo	74
45 –	Perguntas e Respostas	Camilo	76
46 –	Separações e Consciência	Thereza de Brito	78
47 –	Jesus e o Divórcio	Francisco de Paula Vitor	80

. Mensagens pelo Médium : **Francisco do Espírito Santo Neto**

CAPITULO	TEMA	ESPÍRITO / AUTOR	PÁGINA
48 –	Solidão	Hammed	81

. **Escritores Espíritas**

CAPITULO	TEMA	ESPÍRITO /AUTOR	PÁGINA
49 –	O Altar Doméstico	Eliseo Rigonatti	83
50 –	Nossa Dívida para com o Sexo	Eliseo Rigonatti	85
51 –	Matrimônio e Sexo	Eliseo Rigonatti	86
52 –	Desquite, Divórcio, Separação, --- Como Queiram	Eliseo Rigonatti	88
53 –	Espiritismo e Lar	Martins Peralva	91
54 –	A Família como Instrumento de Redenção Humana	Deolindo Amorim	94
55 -	Amor, Sexualidade e Casamento	J. Herculano Pires	98
56 –	O Divórcio	Helena M. Craveiro Carvalho	100
57 –	Abandono do Lar	Celso Martins	102
58 –	O Problema do Divórcio	Richard Simonetti	105
59 –	O Divórcio Face a Moral Cristã	Rodolfo Calligaris	107
60 -	Separação	Miguel Carlos Madeira	108
61 -	Separação	Umberto Ferreira	112
62 -	Separação Conjugal	Francisco Cajazeiras	114
63 –	Os Filhos do Divórcio	Judith S. Wallerstein (Rev. Veja)	124
64 –	O Contrato de Casamento	Stephen Kanitz (Ver. Veja)	129
65 -	O Segredo do Casamento	Stephen Kanitz (Ver. Veja)	131

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

. Mensagens Momento Espírita

CAPITULO	TEMA	-	PÁGINA
66 -	Amor e Renúncia		133
67 -	Almas Enamoradas		134
68 -	Amor Verdadeiro		135
69 -	A Força do Amor		136
70 -	Um Segredo Especial		137
71 -	Amar é Uma Decisão		138
72 -	Amor que Renasce		140
73 -	Amor Verdadeiro		142
74 -	O Bem Mais Precioso		143
75 -	Ciúme Destruidor		144
76 -	Casamento		145
77 -	Declarar Amor		146
78 -	Ilusões e Fantasias		147
79 -	Herança Trágica		148
80 -	Matrimônio		149
81 -	Ninho Vazio		150
82 -	Um Minuto Apenas		151
83 -	A Mensagem Entendida		152
84 -	Onde Foi Parar a Ternura		153
85 -	Pais Separados		154
86 -	Para Que Serve o Casamento?		155
87 -	Separação Resolve?		157
88 -	Sinais de Alarme		158
89 -	Se Eu Soubesse o que Sei Agora		159
90 -	Amor Sem Correntes		160
91 -	Lesões Afetivas		161
92 -	Uma Outra Demissão		162

... Os que ensinam, com exceções louváveis, quase sempre se caracterizam por dois modos diferentes de agir. Exibem certas atitudes quando pregam, e adotam outras quando em atividade diária. Daí resulta a perturbação geral, porque os ouvintes se sentem à vontade para mudar a “roupa do caráter”.

Espírito : **Emmanuel.**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Caminho, Verdade e Vida - Cap. 38

Quantas uniões infelizes porque são de interesse calculado ou de vaidade, com as quais o coração nada tem!

Autor: Allan Kardec

Livro : Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo V – Item 4

PERGUNTAS E RESPOSTAS

614 – Que se deve entender por lei natural?

- A lei natural é a lei de Deus e a única verdadeira para a felicidade do homem. Ela lhe indica o que deve fazer e o que não deve fazer, e ele não é infeliz senão quando se afasta dela.

615 – A lei de Deus é eterna?

- Ela é eterna e imutável quanto o próprio Deus.

616 – Deus prescreveu aos homens, em uma época, o que lhe proibiu em outra?

- Deus não pode se enganar. Os homens é que são obrigados a mudarem suas leis, porque são imperfeitas. As leis de Deus são perfeitas. A harmonia que rege o universo material e o universo moral está fundada sobre as leis que Deus estabeleceu para toda a eternidade.

621 – Onde está escrita a lei de Deus?

- Na consciência.

939 – Visto que os Espíritos simpáticos são levados a unir-se, como se dá que, entre os Espíritos encarnados, a afeição não esteja, freqüentemente, senão de um lado, e que o amor mais sincero seja recebido com indiferença e mesmo repulsa? Como, de outra parte, a afeição mais viva de dois seres pode mudar em antipatia e, algumas vezes, em ódio?

- Não compreendeis, pois, que é uma punição, mas que não é senão passageira. Aliás, quantos não há que crêem amar perdidamente, porque não julgam senão sobre as aparências, e quando são obrigados a viver com as pessoas, não tardam a reconhecer que isso não é senão uma admiração material. Não basta estar enamorado de uma pessoa que vos agrada e a quem creiais de belas qualidades; é vivendo realmente com ela que podereis apreciá-la. Quantas também não há dessas uniões que, no início, parecem não dever jamais ser simpáticas, e quando um e outro se conhecem bem e se estudam bem, acabam por se amar com um amor terno e durável, porque repousa sobre a estima! É preciso não esquecer que é o Espírito que ama e não o corpo, e, quando a ilusão material se dissipa, o Espírito vê a realidade.

Há duas espécies de afeições: a do corpo e a da alma e, freqüentemente, se toma uma pela outra. A afeição da alma, quando pura e simpática, é durável; a do corpo é perecível. Eis porque, freqüentemente, aqueles que crêem se amar, com um amor eterno, se odeiam quando a ilusão termina.

940 – A falta de simpatia entre os seres destinados a viver juntos, não é igualmente uma fonte de desgostos tanto mais amarga quanto envenena toda a existência?

- Muito amargas, com efeito. Mas é uma dessas infelicidades das quais, freqüentemente, sois a primeira causa. Primeiro, são vossas leis que são erradas. Por que crês que Deus te constrange a ficar com aqueles que te descontentam? Aliás, nessas uniões, freqüentemente, procurais mais a satisfação do vosso orgulho e da vossa ambição do que a felicidade de uma afeição mútua; suportareis, nesse caso, a consequência dos vossos preconceitos.

- Mas, nesse caso, não há quase sempre uma vítima inocente?

- Sim, e é para ela uma dura expiação; mas a responsabilidade de sua infelicidade recairá sobre aqueles que lhe foram a causa. Se a luz da verdade penetrou sua alma, ela terá sua consolação em sua fé no futuro. De resto, à medida que os preconceitos se enfraquecerem, as causas de suas infelicidades íntimas desaparecerão também.

695 - O casamento, quer dizer, a união permanente de dois seres, é contrário à lei natural?

- *É um progresso na marcha da Humanidade.*

696 – Qual seria o efeito da abolição do casamento na sociedade humana?

- *O retorno à vida animal.*

A união livre e fortuita dos sexos é um estado natural. O casamento é um dos primeiros atos de progresso das sociedades humanas, porque ele estabelece a solidariedade fraternal e se encontra entre todos os povos, ainda que em condições diversas. A abolição do casamento seria o retorno à infância da Humanidade, e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes.

697 – A indissolubilidade absoluta do casamento está na lei natural ou somente na lei humana?

- *É uma lei humana muito contrária à lei natural. Mas os homens podem mudar suas leis: só as da Natureza são imutáveis.*

701 – Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, está mais conforme com a lei natural?

- *A poligamia é uma lei humana, cuja abolição marca um progresso social. O casamento, segundo os objetivos de Deus, deve ser fundado sobre a afeição dos seres que se unem. Com a poligamia não há afeição real, mas sensualidade.*

774 – Há pessoas que inferem, no abandono dos pequenos animais pelos pais, que, entre os homens, os laços de família não são mais que um resultado dos costumes sociais e não uma lei natural; que devemos pensar disso?

- *O homem tem destinação diversa da dos animais. Por que, pois, sempre querer identificá-lo com eles? Nele há outra coisa além da necessidade física: há a necessidade do progresso. Os laços sociais são necessários ao progresso e os laços de família estreitam os laços sociais. Eis aqui porque os laços de família são uma lei natural. Deus quis que os homens aprendessem assim a amar-se como irmãos.*

775 – Qual seria para a sociedade o resultado do relaxamento dos laços de família?

- *Uma recrudescência do egoísmo.*

208 – Os Espíritos dos pais não exercem influência sobre o do filho, depois do nascimento?

- Uma influência muito grande; como dissemos, os Espíritos devem concorrer para o progresso uns dos outros. Muito bem! Os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os dos seus filhos pela educação; é para eles uma tarefa: se falharem, serão culpados.

383 – Qual é, para o Espírito, a utilidade de passar pelo estado de infância?

- O Espírito se encarnando para se aperfeiçoar, é mais acessível, durante esse período, às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir aqueles que estão encarregados da sua educação.

385 – De onde provém a mudança que se opera no caráter, a certa idade, e particularmente ao sair da adolescência? É o Espírito que se modifica?

... A infância tem, ainda, uma outra utilidade: os Espíritos não entram na vida corporal senão para se aperfeiçoar, se melhorar; a fraqueza da pouca idade os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que os devem fazer progredir. É quando se pode reformar seu caráter e reprimir-lhes as más inclinações; tal é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual deverão responder. Por isso, a infância não é somente útil, necessária, indispensável, mas ainda ela é a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo

582 – Pode-se considerar a paternidade como uma missão?

- É, sem contradita, uma missão; é ao mesmo tempo um dever muito grande e que obriga, mais do que o homem pensa, sua responsabilidade pelo futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais para que estes o dirijam no caminho do bem, e facilitou sua tarefa dando-lhe uma organização frágil e delicada que o torna acessível a todas as impressões. Mas há os que se ocupam mais em endireitar as árvores do seu jardim e as fazer produzir muitos e bons frutos, que endireitar o caráter de seu filho. Se este sucumbe por sua falta, carregarão a pena, e os sofrimentos do filho na vida futura recairão sobre eles, porque não fizeram o que dependia deles para seu adiantamento no caminho do bem.

Autor: Allan Kardec
Livro : O Livro dos Espíritos

NÃO SEPREIS O QUE DEUS JUNTOU

Indissolubilidade do casamento. - O divórcio.

INDISSOLUBIDADE DO CASAMENTO

1. Os Fariseus vieram também a ele para tentá-lo, dizendo-lhe: É permitido a um homem devolver sua mulher por qualquer causa que seja? Ele lhes respondeu: Não haveis lido que aquele que criou o homem desde o princípio, os criou macho e fêmea, e que foi dito: Por essa razão o homem deixará seu pai e sua mãe, e se ligará à sua mulher, e não farão mais os dois senão uma só carne? Assim, eles não serão mais dois, mas uma só carne. Que o homem, pois, não separe o que Deus juntou.

Mas porque, pois, disseram-lhe, Moisés ordenou que se desse à mulher uma carta de separação e que fosse devolvida? Ele lhes respondeu: Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés vos permitiu devolver vossas mulheres: mas isso não foi desde o princípio. Também vos declaro que todo aquele que devolve sua mulher, se não for em caso de adultério, e esposa outra, comete adultério; e que aquele que esposa a que um outro devolveu, comete também adultério. (S. MATEUS, cap. XIX, vv. 3 a 9.).

2. Imutável só há o que vem de Deus. Tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudança. As leis da Natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. As leis humanas mudam segundo os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para que se opere a substituição dos seres que morrem; mas, as condições que regulam essa união são de tal modo humanas, que não há, no mundo inteiro, nem mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente idênticas, e nenhum onde não hajam, com o tempo, sofrido mudanças. Daí resulta que, em face da lei civil, o que é legítimo num país e em dada época, é adultério noutro país e noutra época, isso pela razão de que a lei civil tem por fim regular os interesses das famílias, interesses que variam segundo os costumes e as necessidades locais. Assim é, por exemplo, que, em certos países, o casamento religioso é o único legítimo; noutros é necessário, além desse, o casamento civil; noutros, finalmente, este último casamento basta.

3. Mas, na união dos sexos, a par da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor. Quis Deus que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se lhes transmitisse aos filhos e que fossem dois, e não um somente, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento, a lei de amor é tida em consideração? De modo nenhum. Não se leva em conta a afeição de dois seres que, por sentimentos recíprocos, se atraem um para o outro, visto que, as mais das vezes, essa afeição é rompida. O de que se cogita, não é da satisfação do coração e sim da do orgulho, da vaidade, da cupidez, numa palavra: de todos os interesses materiais. Quando tudo vai pelo melhor consoante esses interesses, diz-se que o casamento é de conveniência e, quando as bolsas estão bem aquinhoadas, diz-se que os esposos igualmente o são e muito felizes hão de ser.

Nem a lei civil, porém, nem os compromissos que ela faz se contraíam podem suprir a lei do amor, se esta não preside à união, resultando, freqüentemente, *separarem-se por si mesmos os que à força se uniram*; torna-se um perjúrio, se pronunciado como fórmula banal, o juramento feito ao pé do altar. Daí as uniões infelizes, que acabam tornando-se criminosas, dupla desgraça que se evitaria se, ao estabelecerem-se as condições do matrimônio, se não abstraísse da única que o sanciona aos olhos de Deus: a lei de amor. Ao dizer Deus: "Não sereis senão uma só carne", e quando Jesus disse: "Não separeis o que Deus uniu", essas palavras se devem entender com referência à união segundo a lei imutável de Deus e não segundo a lei mutável dos homens.

4. Será então supérflua a lei civil e dever-se-á volver aos casamentos segundo a Natureza? Não, decerto. A lei civil tem por fim regular as relações sociais e os interesses das famílias, de acordo com as exigências da civilização; por isso, é útil, necessária, mas variável. Deve ser previdente, porque o homem civilizado não pode viver como selvagem; nada, entretanto, nada absolutamente se opõe a que ela seja um corolário da lei de Deus. Os obstáculos ao cumprimento da lei divina promanam dos prejuízos e não da lei civil. Esses prejuízos, se bem ainda vivazes, já perderam muito do seu predomínio no seio dos povos esclarecidos; desaparecerão com o progresso moral que, por fim, abrirá os olhos aos homens para os males sem conto, as faltas, mesmo os crimes que decorrem das uniões contraídas com vistas unicamente nos interesses materiais. Um dia perguntar-se-á o que é mais humano, mais caridoso, mais moral: se encadear um ao outro dois seres que não podem viver juntos, se restituir-lhes a liberdade; se a perspectiva de uma cadeia indissolúvel não aumenta o número de uniões irregulares.

O DIVÓRCIO

5. O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, de fato, está separado. Não é contrário à lei de Deus, pois que apenas reforma o que os homens hão feito e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a lei divina. Se fosse contrario a essa lei, a própria Igreja seria obrigada a considerar prevaricadores aqueles de seus chefes que, por autoridade própria e em nome da religião, hão imposto o divórcio em mais de uma ocasião. E dupla seria aí a prevaricação, porque, nesses casos, o divórcio há objetivado unicamente interesses materiais e não a satisfação da lei de amor.

Mas, nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Não disse ele: "Foi por causa da dureza dos vossos corações que Moisés permitiu despedísseis vossas mulheres?" Isso significa que, já ao tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua a única determinante do casamento, a separação podia tornar-se necessária. Acrescenta, porém: "no princípio, não foi assim", isto é, na origem da Humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho e viviam segundo a lei de Deus, as uniões, derivando da simpatia, e não da vaidade ou da ambição, nenhum ensejo davam ao repúdio.

Vai mais longe: especifica o caso em que pode dar-se o repúdio, o de adultério. Ora, não existe adultério onde reina sincera afeição recíproca. É verdade que ele proíbe ao homem desposar a mulher repudiada; mas, cumpre se tenham em vista os costumes e o caráter dos homens daquela época. A lei mosaica, nesse caso, prescrevia a lapidação. Querendo abolir um uso bárbaro, precisou de uma penalidade que o substituísse e a encontrou no opróbrio que adviria da proibição de um segundo casamento. Era, de certo modo, uma lei civil substituída por outra lei civil, mas que, como todas as leis dessa natureza, tinha de passar pela prova do tempo.

Autor : Allan Kardec

Livro : O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo XXII

CASAMENTO

“Pergunta --- Será contrário à lei da Natureza o casamento,
isto é, a união permanente de dois seres?”

“Resposta --- É um progresso na marcha da Humanidade.”
Item n. 695, de “O Livro dos Espíritos”.

O casamento ou a união permanente de dois seres, como é óbvio, implica o regime de vivência pelo qual duas criaturas se confiam uma à outra, no campo da assistência mútua.

Essa união reflete as Leis Divinas que permitem seja dado um esposo para uma esposa, um companheiro para uma companheira, um coração para outro coração ou vice-versa, na criação e desenvolvimento de valores para a vida.

Imperioso, porém, que a ligação se baseie na responsabilidade recíproca, de vez que na comunhão sexual um ser humano se entrega a outro ser humano e, por isso mesmo, não deve haver qualquer desconsideração, entre si.

Quando as obrigações mútuas não são respeitadas no ajuste, a comunhão sexual injuriada ou perfidamente interrompida costuma gerar dolorosas repercussões na consciência, estabelecendo problemas cármicos de solução, por vezes, muito difícil, porquanto ninguém fere alguém sem ferir a si mesmo.

Indiscutivelmente, nos Planos Superiores, o liame entre dois seres é espontâneo, composto em vínculos de afinidade inelutável. Na Terra do futuro, as ligações afetivas obedecerão a idêntico princípio e, por antecipação, milhares de criaturas já desfrutam no próprio estágio da encarnação dessas uniões ideais, em que se jungem psiquicamente uma à outra, sem necessidade da permuta sexual, mais profundamente considerada, a fim de se apoiarem mutuamente, na formação de obras preciosas, na esfera do espírito.

Acontece, no entanto, que milhões de almas, detidas na evolução primária, jazem no Planeta, arraigadas a débitos escabrosos, perante a lei de causa e efeito e, inclinadas que ainda são ao desequilíbrio e ao abuso, exigem severos estatutos dos homens para a regulação das trocas sexuais que lhes dizem respeito, de modo a que não se façam salteadores impunes na construção do mundo moral.

Os débitos contraídos por legiões de companheiros da Humanidade, portadores de entendimento verde para os temas do amor, determinam a existência de milhões de uniões supostamente infelizes, nas quais a reparação de faltas passadas confere a numerosos ajustes sexuais, sejam eles ou não acobertados pelo beneplácito das leis humanas, o aspecto de ligações francamente expiatórias, com base no sofrimento purificador. De qualquer modo, é forçoso reconhecer que não existem no mundo conjugações afetivas, sejam elas quais forem, sem raízes nos princípios cármicos, nos quais as nossas responsabilidades são esposadas em comum.

Espírito : **Emmanuel**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier

Livro : Vida e Sexo – Cap. 7 – Pág. 33

MATRIMÔNIO

“ Venerado seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula; porém, aos que se dão à prostituição e aos adúlteros, Deus os julgará. “ - Hebreus : 13 - 4

Ninguém naturalmente será compelido a compromissos obrigatórios, diante das leis que nos regem a evolução, mas quando alguém se fixe num acordo sagrado, perante a vida, deve estar preparado a mantê-lo, até a renovação de suas experiências, no quadro dos Desígnios de Deus.

Entre esses compromissos da Terra, permanece o do matrimônio como um dos laços mais santos.

Essa venerável instituição é a raiz de todas as nobres organizações que dignificam o planeta.

Nos dias que passam, certa situação de desequilíbrio ameaça o caminho de numerosos cônjuges, nas estradas do mundo.

Porque muitos homens hão desdenhados os seus títulos de paternidade, muitas mulheres vão desprezando os seus valores benditos de mães.

Os lares são também os lugares santos que vão padecendo transformações.

Entretanto, a solução essencial dos problemas humanos deve proceder do “leito sem mácula”, pilar da organização sociológica que desejais para os vossos dias.

Numerosas criaturas acusam o matrimônio e alegam que não encontraram em sua instituição a ventura que lhes é devida.

Todavia, se não colheram a felicidade é que necessitavam do trabalho obtido e toda oportunidade de trabalho é caminho para os júbilos do porvir.

Lares infelizes significam cônjuges inconscientes de seus deveres, com as excessões justas.

Tarde ou cedo, os homens e as mulheres, desviados das obrigações divinas, voltarão à simplicidade inicial para tornarem a apreender no livro da abnegação o do respeito a Deus, porque a existência não é um feriado para indisciplinas, mas um dia de trabalho santo em que o espírito deve entrar na posse de sua herança eterna, entre as bênçãos de luz e paz da alegria de viver.

Espírito : **Emmanuel**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Levantar e Seguir - Pág. 41

CASAR - SE

Não basta casar-se. Imperioso saber para quê.

Dirás provavelmente que a resposta é óbvia, que as criaturas abraçam o matrimônio por amor.

O amor, porém, reclama cultivo. E a felicidade na comunhão afetiva não é prato feito e sim construção do dia-a-dia.

As leis humanas casam as pessoas para que as pessoas se unam segundo as Leis Divinas.

- * -

Se desposaste alguém que te constituía o mais belo dos sonhos e se encontras nesse alguém o fracasso do ideal que acalentaste, é chegado o tempo de trabalhares mais intensivamente na edificação dos planos que ideaste de início.

- * -

Ergueste o lar por amor e tão-só pelo amor conseguirás conservá-lo.

Não será exigindo tiranicamente isso ou aquilo de quem te compartilha o teto e a existência que te desincumbirás dos compromissos a que te empenhaste.

- * -

Unicamente doando a ti mesmo em apoio da esposa ou do esposo é que assegurarás a estabilidade da união em que investiste os melhores sentimentos.

Se sabes que a tolerância e a bondade resolvem os problemas em pauta, a ti cabe o primeiro passo a fim de patenteá-las na vivência comum, garantindo a harmonia doméstica.

- * -

Inegavelmente não se te nega o direito de adiar realizações ou dilatar o prazo destinado ao resgate de certos débitos, de vez que ninguém pode aceitar a criminalidade em nome do amor. Entretanto, nos dias difíceis do lar recorda que o divórcio é justo, mas na condição de medida articulada em última instância. E nem te esqueças de que casar-se é tarefa para todos os dias, porquanto somente da comunhão espiritual gradativa e profunda é que surgirá a integração dos cônjuges na vida permutada, de coração para coração, na qual o casamento se lança sempre para Mais Alto, em plenitude de amor eterno.

Espírito : **Emmanuel**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier

Livro : Na Era do Espírito - Cap. 11

VIDA CONJUGAL

“Assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o seu marido.”
Paulo. (Efésios, 5:33.)

As tragédias da vida conjugal costumam povoar a senda comum. Explicando o desequilíbrio, invoca-se a incompatibilidade dos temperamentos, os desencantos da vida íntima ou as excessivas aflições domésticas.

O marido disputa companhias novas ou entretenimentos prejudiciais, ao passo que, em muitos casos, abre-se a mente feminina ao império das tentações, entrando em falso rumo.

Semelhante situação, porém, será sempre estranhável nos lares formados sobre as escolas da fé, nos círculos do Cristianismo.

Os cônjuges, com o Cristo, acolhem, acima de tudo, as doces exortações da fraternidade.

É possível que os sonhos, muita vez, se desfaçam ao toque de provas salvadoras, dentro dos ninhos afetivos, construídos na árvore da fantasia. Muitos homens e mulheres exigem, por tempo vasto, flores celestes sobre espinhos terrenos, reclamando dos outros atitudes e diretrizes que eles são, por enquanto, incapazes de adotar, e o matrimônio se lhes converte em instituição detestável.

O cristão, contudo, não pode ignorar a transitoriedade das experiências humanas. Com Jesus, é impossível destruir os divinos fundamentos da amizade real. Busque-se o lado útil e santo da tarefa e que a esperança seja a lâmpada acesa no caminho...

Tua esposa mantém-se em nível inferior à tua expectativa ? Lembra-te de que ela é mãe de teus filhinhos e serve de tuas necessidades. Teu esposo é ignorante e cruel ? Não olvides que ele é o companheiro que Deus te concedeu...

Espírito : **Emmanuel**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Vinha de Luz - Cap. 137

EM CASA

O templo doméstico é uma benção do Céu na Terra, porque dentro dele é possível realizar o verdadeiro trabalho da santificação.

--*--

Aí temos o valioso passadiço da alma, em trânsito para as Esferas Superiores.

--*--

Nesse divino corredor para a Vida Celestial, a criatura encontra todos os processos de regeneração, de modo a aperfeiçoar-se devidamente.

--*--

É na consangüinidade, quase sempre, que o homem recebe as mais puras afeições, mas é igualmente nela que reencontra as suas aversões mais profundas.

--*--

Nossa alma é arrojada à organização familiar, no mundo, assim como o metal inferior é precipitado ao cadinho fervente.

--*--

Precisamos suportar a tensão elevada do clima em que estagiamos, a fim de apurar as nossas qualidades mais nobres.

--*--

Não vale fugir ou rebelar-se.

--*--

Retroceder seria retornar às sombras do passado e indisciplinar-se equivaleria relegar ao amanhã abençoadas realizações que o Senhor espera de nossa boa vontade ainda hoje.

--*--

Saibamos, assim, usar a prece e a serenidade, a compreensão e a tolerância, se desejamos reduzir o tempo do nosso curso educativo na recuperação espiritual.

--*--

Como alguns, aprendemos a servir valorosamente a muitos.

--*--

Redimindo-nos perante o adversário de ontem, nosso coração vitorioso circulará no grande entendimento da humanidade.

--*--

Se encontraste, em casa, o campo de batalha, em que sentes compelido a graves indenizações do pretérito, não te detenhas na hesitação ou na dúvida!

--*--

Suporta os conflitos indispensáveis à própria redenção, com o valor moral do soldado que carrega o fardo da própria responsabilidade, enquanto se desenvolve a guerra a que foi trazido.

--*--

Não te esqueças de que o lar é o espelho, onde o mundo contempla o teu perfil e, por isso mesmo, intrépidos e tranqüilos nos compromissos esposados, saibamos enobrecê-lo e santificá-lo.

Espírito : **Emmanuel**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Fé, Paz e Amor - Pág. 92

EM CASA

Ninguém foge à lei da reencarnação.

--*--

Ontem, atraímos a confiança de um companheiro, induzindo-o à derrocada moral..
Hoje, guardamo-lo na condição do parente difícil, que nos pede sacrifício incessante.

--*--

Ontem, abandonamos a jovem que nos amava, inclinando-a ao mergulho na lagoa do vício.
Hoje, têmo-la de volta por filha incompreensiva, necessitada do nosso amor.

--*--

Ontem, colocamos o orgulho e a vaidade no peito de um irmão que nos seguia os exemplos menos felizes.

Hoje, partilhamos com ele, à feição de esposo despótico ou de filho problema, o cálice amargo da redenção.

--*--

Ontem, esquecemos compromissos veneráveis, arrastando alguém ao suicídio.

Hoje, reencontramos esse mesmo alguém na pessoa de um filhinho, portador de moléstia irreversível, tutelando-lhe, à custa de lágrimas, o trabalho de reajuste.

--*--

Ontem, abandonamos a companheira inexperiente, à míngua de todo auxílio, situando-a nas garras da delinquência.

Hoje, achamo-la ao nosso lado, na presença da esposa conturbada e doente, a exigir-nos a permanência no curso infatigável da tolerância.

--*--

Ontem, dilaceramos a alma sensível de pais afetuosos e devotados, sangrando-lhes o espírito, a punhaladas de ingratidão.

Hoje, moramos no espinheiro, em forma de lar, carregando fardos de angústia, a fim de aprender a plantar carinhos e fidelidade.

A frente de toda dificuldade e de toda prova, abençoa sempre e faz o melhor que possas.

Ajuda aos que te partilham a experiência, ora pelos que te perseguem, sorria para os que te ferem e desculpa todos aqueles que te injuriam...

A humildade é chave de nossa libertação.

E, sejam quais sejam os teus obstáculos na família, é preciso reconhecer que toda construção moral do Reino de Deus, perante o mundo, começa nos alicerces invisíveis da luta em casa.

Espírito : **Emmanuel**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro: Ideal Espírita - Pág. 132 - Cap. 53

EDUCAÇÃO NO LAR

“Vós fazeis o que também vistes junto de vosso pai.”
Jesus. (João, 8:38.)

Preconiza-se na atualidade do mundo uma educação pela liberdade plena dos instintos do homem, olvidando-se, pouca a pouco, os antigos ensinamentos quanto a formação do caráter no lar; a coletividade, porém, cedo ou tarde, será compelida a reajustar seus propósitos.

Os pais humanos têm de ser os primeiros mentores da criatura. De sua missão amorosa, decorre a organização do ambiente justo. Meios corrompidos significam maus pais entre os que, a peso de longos sacrifícios, conseguem manter, na invigilância coletiva, a segurança possível contra a desordem ameaçadora.

A tarefa doméstica nunca será uma válvula para gozos improdutivos, porque constitui trabalho e cooperação com Deus. O homem ou a mulher que desejam ao mesmo tempo ser pais e gozadores da vida terrestre, estão cegos e terminarão seus loucos esforços, espiritualmente falando, na vala comum da inutilidade.

Debalde se improvisarão sociólogos para substituir a educação no lar por sucedâneos abstrusos que envenenam a alma. Só um espírito que haja compreendido a paternidade de Deus, acima de tudo, consegue escapar à lei pela qual os filhos sempre imitarão os pais, ainda quando estes sejam perversos.

Ouçamos a palavra do Cristo e, se tendes filhos na Terra, guardai a declaração do Mestre, com advertência.

Espírito : **Emmanuel.**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Caminho, Verdade e Vida - Cap. 12

EM FAMÍLIA

“Aprendam primeiro a exercer piedade para com a sua própria família e a recompensar seus pais, porque isto é bom e agradável diante de Deus.”
Paulo. (I Timóteo, 5:4.)

A luta em família é problema fundamental da redenção do homem na Terra. Como seremos benfeitores de cem ou mil pessoas, se ainda não aprendemos a servir cinco ou dez criaturas ? Esta é indagação lógica que se estende a todos os discípulos sinceros do Cristianismo.

Bom pregador e mau servidor são dois títulos que se não coadunam.

O apóstolo aconselha o exercício da piedade no centro das atividades domésticas, entretanto, não alude à piedade que chora sem coragem ante os enigmas aflitivos, mas àquela que conhece as zonas nevrálgicas da casa e se esforça por eliminá-las, aguardando a decisão divina a seu tempo.

Conhecemos numerosos irmãos que se sentem sozinhos, espiritualmente, entre os que se lhes agregaram ao círculo pessoal, através dos laços consangüíneos, entregando-se, por isso, a lamentável desânimo.

É imprescindível, contudo, examinar a transitoriedade das ligações corpóreas, ponderando que não existem uniões casuais no lar terreno. Preponderam aí, por enquanto, as provas salvadoras ou regenerativas. Ninguém despreze, portanto, esse campo sagrado de serviço por mais se sinta acabrunhado na incompreensão. Constituiria falta grave esquecer-lhe as infinitas possibilidades de trabalho iluminativo.

É impossível auxiliar o mundo, quando ainda não conseguimos ser úteis nem mesmo a uma casa pequena --- aquela em que a Vontade do Pai nos situou, a título precário.

Antes da grande projeção pessoal na obra coletiva, aprenda o discípulo a cooperar, em favor dos familiares, no dia de hoje, convicto de que semelhante esforço representa realização essencial.

Espírito : **Emmanuel**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Pão Nosso - Cap. 117

NÃO PERTUBEIS

“Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.”
(Mateus, 19:6.)

A palavra divina não se refere apenas aos casos do coração. Os laços afetivos caracterizam-se por alicerces sagrados e os compromissos conjugais ou domésticos sempre atendem a superiores desígnios. O homem não ludibriará os impositivos da lei, abusando de facilidades materiais para lisonjear os sentidos. Quebrando a ordem que lhe rege os caminhos, desorganizará a própria existência. Os princípios equilibrantes da vida surgirão sempre, corrigindo e restaurando...

A advertência de Jesus, porém, apresenta para nós significação mais vasta.

“Não separeis o que Deus ajuntou” corresponde também ao “não perturbeis o que Deus harmonizou”.

Ninguém alegue desconhecimento do propósito divino. O dever, por mais duro, constitui sempre a Vontade do Senhor. E a consciência, sentinela vigilante do Eterno, a menos que esteja o homem dormindo no nível do bruto, permanece apta a discernir o que constitui “obrigação” e o que representa “fuga”.

O Pai criou seres e reuniu-os. Criou igualmente situações e coisas, ajustando-as para o bem comum.

Quem desarmoniza as obras divinas, prepare-se para a recomposição. Quem lesa o Pai, algema o próprio “eu” aos resultados de sua ação infeliz e, por vezes, gasta séculos, desatando grilhões...

Na atualidade terrestre, esmagadora percentagem dos homens constitui-se de milhões em serviço reparador, depois de haverem separado o que Deus ajuntou, perturbando, com o mal, o que a Providência estabeleceu para o bem.

Prestigiemos as organizações do Justo Juiz que a noção do dever identifica para nós em todos os quadros do mundo. Às vezes, é possível perturbar-lhe as obras com sorrisos, mas seremos invariavelmente forçados a repará-las com suor e lágrimas.

Espírito : **Emmanuel**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Caminho, Verdade e Vida - Cap. 164

QUANTO PUDERES

Quanto puderes, não te afastes do lar, ainda mesmo quando o lar te pareça inquietante fornalha de fogo e aflição.

Quanto te seja possível, suporta a esposa incompreensiva e exigente, ainda mesmo quando surja aos teus olhos por empecilho à felicidade.

Quanto estiver ao teu alcance, tolera o companheiro áspero ou indiferente, ainda mesmo quando compareça ao teu lado, por adversário de tuas melhores esperanças.

Quanto puderes, não abandones o filho impermeável aos teus bons exemplos e aos teus sadios conselhos, ainda mesmo quando se te afigure acabado modelo de ingratidão.

Quanto te seja possível, suporta o irmão que se fez cego e surdo aos teus mais elevados testemunhos no bem, ainda mesmo quando se destaque por inexcusável representante do egoísmo e da vaidade.

Quanto estiver ao teu alcance, tolera o chefe atrabiliário, o colega leviano, o parente desagradável, ou o amigo menos simpático, ainda mesmo quando escarneçam de tuas melhores aspirações.

*_*_*

Apaga a fogueira da impulsividade que nos impele aos atos impensados ou à queixa descabida e avancemos para diante arrimados à tolerância porque se hoje não conseguimos realizar a tarefa que o senhor nos confiou, a ela tornaremos amanhã com maiores dificuldades para a necessária recapitulação.

*_*_*

Não vale a fuga que complica os problemas, ao invés de simplificá-los.

Aceitemos o combate em nós mesmos, reconhecendo que a disciplina antecede a espontaneidade.

Não há purificação sem burilamento, como não há metal acrisolado sem cadinho esfogueante.

*_*_*

A educação é obra de sacrifício no espaço e no tempo, e atendendo à Divina Sabedoria, --- que jamais nos situa uns à frente dos outros sem finalidade de serviço e reajustamento para a vitória do amor ---, amemos nossas cruces por mais pesadas e espinhosas que sejam, nelas recebendo as nossas mais altas e mais belas lições.

Esp.: **Emmanuel**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier

Livro : Coragem – Cap. 22 - Pág. 73

NO CAMINHO DA ELEVAÇÃO

“Tomai sobre vós o meu jugo...”

Jesus - Mateus : 11 - 29

“Mas na união dos sexos a par da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor.” ESE. Cap. XXII - 3

Abençoa os conflitos que, tantas vezes, te amarfanham o coração no carreiro doméstico, sempre que o lar apareça por ninho de problemas e inquietações.

É aí, entre as quatro paredes do reduto familiar, que reencontras a instrumentação do sofrimento reparador...

Amigos transfigurados em desafios à paciência...

Pais incompreensivos a te requisitarem entendimento...

Filhos convertidos em ásperos inquisidores da alma...

Parentes que se revelam por adversários ferrenhos sob o disfarce da consangüinidade...

Lutas inesperadas e amargas que dilapidam as melhores forças da existência pelo seu conteúdo de aflição...

Aceita as intimações do calvário doméstico, na feição com que se mostrem, como que acolhe o remédio indispensável à própria cura.

Desertar será retardar a equação que a contabilidade da vida exigirá sempre, na matemática das causas e dos efeitos.

Nesse sentido, vale recordar que Jesus não afirmou que se alguém desejasse encontra-lo necessitaria proclamar-lhe as virtudes, entretecer-lhe lauréis, homenagear-lhe o nome ou consagrar-se às atitudes de adoração, mas, sim, foi peremptório, asseverando que os candidatos à integração com ele precisariam carregar a própria cruz e seguir-lhe os passos, isto é, suportarem com serenidade e amor, entendimento e serviço os deveres de cada dia.

Bem-aventurado, pois, todo aquele que, apesar dos entraves e das lágrimas do caminho sustentar nos ombros, ainda mesmo desconjuntados e doloridos, a bendita carga das próprias obrigações.

Espírito : **Emmanuel**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier

Livro : Livro da Esperança - Cap. 75

TEUS FILHOS

Se conflitos inquietantes te envenenam a alma, obstando-te a harmonia conjugal, as leis da vida não te impedem a separação do companheiro ou da companheira, com quem a convivência se te fez impraticável, embora, com isso, estejas debitando ao futuro a solução de graves compromissos em tua vida de espírito... Entretanto, pensa nos filhos. Almas queridas que viajaram das estâncias do passado, pelas vias da reencarnação, desembarcaram no presente, através dos teus braços, suplicando-te auxílio e renovação.

Quem são eles? Habitualmente, são aqueles mesmos companheiros de alegria e sofrimento, culpa e resgate, nas existências passadas, em cujo clima resvalaste em problemas difíceis de resolver. Ontem, associados de trabalho e ideal, são hoje os continuadores de tua ação ou intérpretes de tuas obras.

Quase sempre, renascemos na Terra à maneira das vergôntees de uma raiz, e, em nosso caso, a raiz é o conjunto de débitos e aspirações em que se nos desdobram os dias terrestres, objetivando nossa ascensão espiritual.

Os filhos não te pedem apenas dinheiro ou reconforto no plano físico, Solicitam-te igualmente assistência e rumo, apoio e orientação.

Se te uniste com alguém no tálamo doméstico, semelhante comunhão encerra também todos aqueles que acolhes na condição de herdeiros do teu nome, a te rogarem proteção e entendimento, a fim de que não lhes faleçam o dom de servir e a alegria de viver.

Em verdade, repetimos, as leis da vida não te impedem o divórcio, porque situações calamitosas existem no mundo nas quais a alma encarnada se vê sob a ameaça de naufrágio nas pesadas correntes do suicídio ou da criminalidade e o Senhor não faz a apologia da violência. Apesar disso, considera a extensão dos teus compromissos, porquanto não te reunirias com alguém no âmago do recinto caseiro para a criação da família ou para a sustentação de tarefas específicas, sem razões justas nos princípios de causa e efeito, evolução e aperfeiçoamento.

Sejam, pois, quais forem as circunstâncias constrangedoras que te afligem o lar, reflete, acima de tudo, em teus filhos, que precisam de ti. A tua união inclui particularmente cada um deles; e eles, que necessitam hoje de tua bênção, se buscas esquecer-te a fim de abençoá-los, amanhã também te abençoarão.

Espírito : Emmanuel

Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro: Vida em Vida - Pág. 92 - Cap. 31

CONFLITOS DOMÉSTICOS

Não nos reportamos ao divórcio para te dizer que essa medida é impraticável. Existem problemas tão profundos, nas resoluções de caráter extremamente particular, que só o entendimento entre a criatura e o Criador, através da reflexão e da prece, consegue resolver. Todavia, se conflitos caseiros te atormentam a vida, faze o possível por salvar a nave doméstica de soçobro e perturbação.

--*--

Talvez a companheira te haja desconsiderado ou ferido... Provável que o companheiro te haja imposto agravo ou desapareço. Tudo terá começado num pequeno gesto de intolerância. A migalha de amargura imitou a bola de neve, convertendo-se em muralha de fel. Antes, porém, que a réstia de sombra se transforme em nevoeiro, compadece-te e procura compreender o outro coração que se te associa no lar.

Quem sabe se a intransigência, a infidelidade, a irritação ou a secura com que te defrontas serão frutos de tua própria frieza, menosprezo, violência ou ingratidão?

--*--

Pára e pensa.

Medita na ternura e no apoio que esperas receber em casa, a fim de que te não faltem forças na execução dos próprios deveres, no dia-a-dia. Perceberás que a indulgência e a bondade criam bondade e indulgência, onde surjam.

Mudemos a nós mesmos para melhor e aqueles que nos compartilham a estrada não se deterão insensíveis.

Planta de novo a alegria e o bem, para que obtenhas o bem e a alegria novamente.

--*--

Dá e receberás.

Ninguém se agrega com alguém, nas tarefas de burilamento e de amor, sem motivos justos. E nós que aprendemos a salvar o trigo e a batata, os campos e as fontes, saibamos preservar a nossa união também. Nesse sentido, entretanto, não exija dos outros a iniciativa para as realizações da harmonia e da segurança. Dá o primeiro passo e os outros te seguirão.

Espírito : **Emmanuel**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier

Livro: Chico Xavier Pede Licença - Pág. 71 - Cap. 13

FAMILIARES PROBLEMAS

Desposaste alguém que não mais te parece a criatura ideal que conheceste. A convivência te arrancou aos olhos as cores diferentes com que o noivado te resguardava o futuro que hoje se fez presente.

Em torno, provações, encargos renascentes, familiares que te pedem apoio, obstáculos por vencer. E sofres.

Entretanto, recorda que antes da união falavas de amor e te mostravas na firme disposição em que assumiste os deveres que te assinalam agora os dias, e não recues da frente de trabalho a que o mundo te conduziu.

Se a criatura que te compartilha transitoriamente o destino não é aquela que imaginaste e sim alguém que te impõe difícil tarefa a realizar, observa que a união de ambos não se efetuará sem fins justos e dá de ti quanto possível para que essa mesma criatura venha a ser como desejas.

Diante de filhos ou parentes outros que se valem de títulos domésticos para menosprezarte ou ferir-te, nem por isso deixes de amá-los. São eles, presentemente na Terra, quais os fizemos em outras épocas, e os defeitos que mostrem não passam de resultados das lesões espirituais causadas por nós mesmos, em tempos outros, quando lhes orientávamos a existência nas trilhas da evolução.

É provável tenhamos dado um passo à frente. Talvez o contato deles agora nos desagrade pela tina de sombra que já deixamos de ter ou de ser. Isso, porém, é motivação para auxílio, não para fuga.

Atentos ao princípio de livre arbítrio que nos rege a vida espiritual, é claro que ninguém te impede de cortar laços, sustar realizações, agravar dívidas ou delongar compromissos.

Divórcio é medida perfeitamente compreensível e humana, toda vez que os cônjuges se confessam à beira da delinqüência, conquanto se erija em moratória de débito para resgate em novo nível. E o afastamento de certas ligações é recurso necessário em determinadas circunstâncias, a fim de que possamos voltar a elas, algum dia, com o proveito preciso.

Reflete, porém, que a existência na Terra é um estágio educativo ou reeducativo e tão só pelo amor com que amamos, mas não pelo amor com que esperamos ser amados, ser-nos-á possível trabalhar para redimir e, por vezes, saber perder para realmente vencer.

Espírito : **Emmanuel.**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier

Livro : Na Era do Espírito - Cap. 2

UNIÕES ENFERMAS

Se te encontras nas tarefas da união conjugal, recorda que ora a execução dos encargos em dupla é garantia de tua própria sustentação.

Dois associados no condomínio de responsabilidade na mesma construção.

Dois companheiros partilhando um só investimento.

--*--

Às vezes, depois dos votos de ternura e fidelidade, quando as promessas se encaminham para as realizações objetivas, os sócios de base da empresa familiar encontram obstáculos pela frente.

Um deles terá adoecido e falta no outro a tolerância necessária.

Surge a irritação e aparece o ressentimento.

Em outras ocasiões, o trabalho se amplia em casa e um deles foge à cooperação.

Surge o cansaço e aparece o desapareço.

Hoje --- queixas.

Adiante --- desatenções e lágrimas.

Amanhã --- rixas.

Adiante ainda --- amarguras e acusações recíprocas.

Se um dos responsáveis não se dispõe a compreender a validade do sacrifício, aceitando-o por medida de salvação do instituto doméstico, eis a união enferma ameaçando ruptura.

--*--

Nesse passo, costumam repontar do caminho laços e afinidades de existências do pretérito convidando esse ou aquele dos parceiros para uniões diferentes. E será indispensável muita abnegação para que os chefes da comunhão familiar não venham a desfazer, de todo, a união já enferma, partindo no rumo de novos ajustes afetivos.

--*--

Entende-se claro que o divórcio é lei humana que vem unicamente confirmar uma situação que já existe e que, se calamidades da alma pendem sobre a casa, não se dispõe de outra providência mais razoável para recomendar, além dessa. Entretanto, se te vês nos problemas de união enferma e, principalmente se tens crianças a proteger, tanto quanto se te faça possível, mantém o lar que edificaste com as melhores forças do espírito.

Realmente, os casamentos de amor jamais adoecem, mas nos enlaces de provação redentora, os cônjuges solicitaram, antes do berço terrestre, determinadas tarefas em regime de compromisso perante a Vida Infinita. E ante a Vida Infinita convém lembrar sempre que os nossos débitos não precisam de resgate, a longo prazo, pela contabilidade dos séculos, desde que nos empenhamos a solvê-los em tempo curto, pelo crediário da paciência, a serviço do amor.

Espírito : **Emmanuel**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier

Livro : Caminhos de Volta - Pág. 62

UNIÕES DE PROVA

“... Não separe o homem o que Deus ajuntou.”
Jesus - Mateus : 19 - 6

“... Quando Jesus disse: “Não separe o homem o que Deus ajuntou”, essas palavras se devem entender com referência à união, segundo a lei imutável de Deus e não segundo a lei mutável dos homens.” ESE. Cap. XXII - 3

Aspiras a convivência dos espíritos de eleição com os quais te harmonizas agora, no entanto, trazes ainda na vida social e doméstica, o vínculo das uniões menos agradáveis que te compelem a frear impulsos e a sufocar os mais belos sonhos.

Não violentes, contudo, a lei que te preceitua semelhantes deveres.

Arrastamos, do passado ao presente, os débitos que as circunstâncias de hoje nos constroem a revisar.

O esposo arbitrário e rude que te pede heroísmo constante é o mesmo homem de outras existências, de cuja lealdade escarneceste, acentuando-lhe a feição agressiva e cruel.

Os filhinhos doentes que te desfalecem nos braços, cancerosos ou insanos, idiotizados ou paralíticos são as almas confiantes e ingênuas de anteriores experiências terrestres, que impeliste friamente às pavorosas quedas morais.

A companheira intransigente e obsediada, a envolver-te em farpas magnéticas de ciúme, não é outra senão a jovem que outrora embaíste com falsos juramentos de amor, enredando-lhe os pés em degradação e loucura.

Os pais e chefes tirânicos, sempre dispostos a te ferirem o coração, revelam a presença daqueles que te foram filhos em outras épocas, nos quais plantaste o espinheiral do despotismo e do orgulho, hoje contigo para que lhes renoves o sentimento, ao preço de bondade e perdão sem limites.

--*--

Espíritos enfermos, passamos pelo educandário da reencarnação, qual se o mundo, transfigurado em sábio anestésista, nos retivesse no lar para que o tempo, à feição de professor devotado, de prova em prova, efetue a cirurgia das lesões psíquicas de egoísmo e vaidade, viciação e intolerância que nos comprometem a alma.

À frente, pois, das uniões menos simpáticas, saibamos suporta-las, de ânimo firme.

Divórcio, retirada, rejeição e demissão, às vezes, constituem medidas justificáveis nas convenções humanas, mas quase sempre não passam de moratórias para resgate em condições mais difíceis, com juro de escorchar.

Ouçamos o íntimo de nós mesmos.

Enquanto a consciência se nos aflige, na expectativa de afastar-nos da obrigação, perante alguém, vibra em nós o sinal de que a dívida permanece.

Espírito : **Emmanuel**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Livro da Esperança - Cap. 76

UNIÃO INFELIZ

“Pergunta --- Qual o fim objetivado com a reencarnação?”

“Resposta --- Expição, melhoramento progressivo da Humanidade.
Sem isto, onde a justiça?” Item n. 167, de “O Livro dos Espíritos”.

Dolorosa, sem dúvida, a união considerada menos feliz. E, claro, que não existe obrigatoriedade para que alguém suporte, a contragosto, a truculência ou o peso de alguém, ponderando-se que todo espírito é livre no pensamento para definir-se, quanto às próprias resoluções. Que haja, porém, equilíbrio suficiente nos casais jungidos pelo compromisso afetivo, para que não percam a oportunidade de construir a verdadeira libertação.

Indiscutivelmente, os débitos que abraçamos são anotados na Contabilidade da Vida; todavia, antes que a vida os registre por fora, grava em nós mesmos, em toda extensão, o montante e os característicos de nossas faltas.

A pedra que atiramos no próximo talvez não volte sobre nós em forma de pedra, mas permanece conosco na figura de sofrimento. E, enquanto não se remove a causa da angústia, os efeitos dela perduram sempre, tanto quanto não se extingue a moléstia, em definitivo, se não a eliminamos na origem do mal.

Nas ligações terrenas, encontramos as grandes alegrias; no entanto, é também dentro delas que somos habitualmente defrontados pelas mais duras provações. Isso porque, embora não percebamos de imediato, recebemos, quase sempre, no companheiro ou na companheira da vida íntima, os reflexos de nós próprios.

È natural que todas as conjugações afetivas no mundo se nos figurem como sendo encantados jardins, enaltecidos de beleza e perfume, lembrando livros de educação, cujo prefácio nos enleva com a exaltação dos objetivos por atingir. A existência física, entretanto, é processo específico de evolução, nas áreas do tempo, e assim como o aluno nenhuma vantagem obterá da escola se não passa dos ornamentos exteriores do educandário em que se matricula, o espírito encarnado nenhum proveito recolheria do casamento, caso pretendesse imobilizar-se no êxtase do noivado.

Os princípios cármicos desenovelam-se com as horas. Provas, tentações, crises salvadoras ou situações expiatórias surgem na ocasião exata, na ordem em que se nos recapitulam oportunidades e experiências, qual ocorre à semente que, devidamente plantada, oferece o fruto em tempo certo.

O matrimônio pode ser precedido de doçura e esperança, mas isso não impede de que os dias subsequentes, em sua marcha incessante, tragam aos cônjuges os resultados das próprias criações que deixaram para trás.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

A mudança espera todas as criaturas nos caminhos do Universo, a fim de que a renovação nos aprimore.

A jovem suave que hoje nos fascina, para a ligação afetiva, em muitos casos será talvez amanhã a mulher transformada, capaz de impor-nos dificuldades enormes para a consecução da felicidade; no entanto, essa mesma jovem suave foi, no passado --- em existências já transcorridas ---, a vítima de nós mesmos, quando lhe infligimos os golpes de nossa própria deslealdade ou incoseqüência , convertendo-a na mulher temperamental ou infiel que nos cabe agora revelar e retificar. O rapaz distinto que atrai presentemente a companheira, para os laços da comunhão mais profunda, bastas vezes será provavelmente depois o homem cruel e desorientado, suscetível de constrangê-la a carregar todo um calvário de aflições, incompatíveis com os anseios de ventura que lhe palpitam na alma. Esse mesmo rapaz distinto, porém, foi no pretérito --- em existências que já se foram --- a vítima dela própria, quando, desregrada ou caprichosa, lhe desfigurou o caráter, metamorfoseando-o no homem vicioso ou fingido que lhe compete tolerar e reeducar.

Toda vez que amamos alguém e nos entregamos a esse alguém, no ajuste sexual, ansiando por não nos desligarmos desse alguém, para depois --- somente depois --- surpreender nesse alguém defeitos e nódoas que antes não víamos, estamos à frente de criatura anteriormente dilapidada por nós, a ferir-nos justamente nos pontos em que a prejudicamos, no passado, não só a cobrar-nos o pagamento de contas certas, mas, sobretudo, a esmolar-nos compreensão e assistência, tolerância e misericórdia, para que se refaça ante as leis do destino. A união suposta infeliz deixa de ser, portanto, um cárcere de lágrimas para ser um educandário bendito, onde o espírito equilibrado e afetuoso, longe de abraçar a deserção, aceita, sempre que possível, o companheiro ou a companheira que mereceu ou de que necessita, a fim de quitar-se com os princípios de causa e efeito, liberando-se das sombras de ontem para elevar-se, em silenciosa vitória sobre si mesmo, para os domínios da luz.

Esp.: Emmanuel

Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Vida e Sexo – Cap. 9 – Pág. 41

DESVINCULAÇÕES FAMILIARES

Momentos surgem nas áreas da família terrestre em que a vida nos pede compreensão e serenidade, sempre mais amplas, a fim de que o desequilíbrio não se estabeleça, criando problemas desnecessários.

Referimo-nos ao instante no qual um dos componentes do grupo doméstico altera conscientemente as próprias diretrizes, com a indiferença diante dos compromissos assumidos.

Certamente, em ocasiões quais essas em que notamos uma pessoa querida a se afastar da execução do plano de paz correspondente ao dever que traçou a si própria, não se lhe negarão os avisos afetuosos, nos diálogos de coração para coração.

Entretanto, se essa criatura que se nos faz sumamente estimável nos recusa os alvites e ponderações, isso não é motivo para sofrimentos inúteis.

Não se compreende porque devamos cercear os passos dos entes amados que não nos prezem a intimidade, subestimando os encargos que abraçaram conosco.

É preciso entender que o caminho de muitas das criaturas que mais amamos, ainda não se vincula à senda que a Sabedoria da Vida nos deu a trilhar.

Possivelmente, estaremos observando com o enfoque de nossas próprias experiências, determinados perigos futuros a que se expõem; no entanto, isso é assunto que se refere aos companheiros a que nos reportamos e não a nós, compreendendo-se que em nossa própria estrada no mundo, sobram riscos a facear.

Quando existam crianças nesses processos de desvinculação, é justo nos voltemos para elas, estendendo-lhes a proteção que se nos torne possível, ainda mesmo quando estejam, por força das circunstâncias, junto ao parente indireto, com o qual os familiares que amamos estejam em oposição.

Os pequeninos são as vítimas, quase sempre indefesas, de nossos desajustes e, em qualquer caso, é imperioso permanecermos acordados para a responsabilidade de auxiliá-los, considerando o futuro, de modo a que se sobreponham aos nossos desastres afetivos e às nossas indecisões.

Quanto aos adultos, nas opções a que se inclinem, saibamos respeitá-los nas situações que preferirem, mesmo porque todos nós - os espíritos ainda ligados à evolução da Terra - temos problemas e débitos, ideais irrealizados e numerosa reparações a fazer, perante a Contabilidade da Vida sobre o qual se baseiam as Leis de Deus.

Espírito : **Emmanuel.**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier

Livro : Urgência - Pág. 114

DIVÓRCIO

1. Compreendendo-se que muitos casamentos resultam em uniões infelizes e, às vezes, até mesmo profundamente antipáticas, induzindo os cônjuges ao divórcio, como interpretar a fase de atração recíproca, repleta de alegria e esperança, que caracterizou o namoro e o noivado?

Resp. : Qualquer pessoa que aspire a um título elevado passa pela fase de encantamento. Esfalha-se o professor pela ascensão à cátedra. Conseguindo o certificado de competência, é imperioso entregar-se ao estudo incessante para atender às exigências do magistério.

Esforça-se o acadêmico pela conquista do diploma que lhe autorize o exercício da profissão liberal. Laureado pela distinção, sente-se compelido a trabalho infatigável, de modo a sustentar-se na respeitabilidade em que anela viver. --- Assim também o matrimônio.

2. Como interpretar as contrariedades e desgostos domésticos?

Resp. : O homem e a mulher aguardam o casamento, embalados na melodia do sonho, entretanto, atingida a convivência no lar, surgem as obrigações, decorrentes do pretérito, através do programa de serviço traçado para cada um de nós pela reencarnação, que nos compele a retomar, na intimidade, todos os nossos erros e desacertos.

Fácil, dessa forma, reconhecer que todas as dificuldades domésticas são empecos, trazidos por nós próprios, das existências passadas.

3. De modo geral, que é, nas leis do destino, o marido faltoso?

Resp. : Marido faltoso é aquele mesmo homem que, um dia, inclinamos à crueldade e à mentira.

4. E a esposa desequilibrada?

Resp. : Esposa desequilibrada é aquela mulher que, certa feita, relegamos à necessidade e à viciação.

5. Quem são os filhos problemas?

Resp. : Filhos problemas são aqueles mesmos espíritos que prejudicamos, desfigurando-lhes o caráter e envenenando-lhes os sentimentos.

6. Qual a função essencial do lar e da família?

Resp. : No caminho familiar, purificam-se impulsos e renovam-se decisões. Nele encontramos os estímulos ao trabalho e as tentações que nos comprovam as qualidades adquiridas, as alegrias que nos alentam e as dores que nos corrigem.

7. Como é encarado o divórcio nos planos superiores de espírito?

Resp. : O divórcio conquanto às vezes necessário, não é caminho salvador quando lutas se agravem. Ninguém colhe flores do plantio de pedras.

Só o tempo consegue dissipar as sombras que amontoamos com o tempo. Só o perdão incondicional apaga as ofensas; apenas o bem extingue o mal.

8. Existem casos francamente insolúveis nos casamentos desventurados; não será o divórcio o mal menor para evitar maiores males?

Resp. : Muitos dizem que o divórcio é válvula de escape para evitar o crime e não ousamos contestar. Casos surgem nos quais ele funciona, por medida lamentável, afastando males maiores, qual amputação que evita a morte, mas será sempre quitação adiada, à maneira de reforma no débito contraído.

9. Por mais ríspidas se façam as lutas, no casamento, é melhor permanecer dentro delas?

Resp. : Pagar é libertar-se, aprender é assimilar a lição.

Espírito : **Emmanuel**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Leis de Amor - Cap. IV

DIVÓRCIO

“ E Jesus, respondendo, disse-lhes: pela dureza dos vossos
corações vos deixou ele escrito esse mandamento. “
Marcos : 10 - 5

Comentando o dispositivo aprovado por Moisés, com referência ao divórcio, Jesus tem uma luminosa definição, dentro do assunto.

O Mestre explica sabiamente que a instituição não procedia da esfera de influência divina, mas sim, da dureza dos corações humanos.

Quer isso dizer que o divórcio é uma providência oriunda da maldade, a fim de que a maldade não destrua, de todo.

Por melhor defendida pelos argumentos de juizes e sociólogos, a medida, cristãmente considerada, não pode passar disso.

Esse ou aquele cônjuge movimentava o processo separacionista justificando a atitude, com a alegação de que procura evitar o pior; entretanto, isso não constitui senão trama individual, quando não representa insaciedade criminosa.

O casal que procura semelhante recurso não faz mais que adiar o resgate de um débito, agravando os esforços do pagamento, pelas suas noções de irresponsabilidade.

Desdenha-se a possibilidade de hoje, mas não se poderá fugir às imposições de amanhã.

O marido grosseiro ou a esposa ignorante são também campos de trabalho do Senhor, além dos laços poderosos do pretérito que a união conjugal evidencia.

Muita gente busca essa válvula para escapar da experiência útil, entregando-se à variedade viciosa, mas vale-se de uma medida nascida da dureza dos corações humanos e não faz mais que caminhar ao encontro de seus efeitos perniciosos.

Os que se encontram em trânsito, da animalidade para a espiritualidade, devem meditar a lição de Jesus, abandonando a preocupação de meros caçadores de prazer.

Espírito : **Emmanuel**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Levantar e Seguir - Pág. 45

DIVÓRCIO

“O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, está separado. Não é contrário à lei de Deus, pois que apenas reforma o que os homens hão feito e só é aplicável nos casos em que não levou em conta a lei divina.”

Do item 5, do Cap. XXII, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Partindo do princípio de que não existem uniões conjugais ao acaso, o divórcio, a rigor, não deve ser facilitado entre as criaturas.

É aí, nos laços matrimoniais definidos nas leis do mundo, que se operam burilamentos e reconciliações endereçados à precisa sublimação da alma.

O casamento será sempre um instituto benemérito, acolhendo, no limiar, em flores de alegria e esperança, aqueles que a vida aguarda para o trabalho do seu próprio aperfeiçoamento e perpetuação.

Com ele, o progresso ganha novos horizontes e a lei do renascimento atinge os fins para os quais se encaminha.

Ocorre, entretanto, que a Sabedoria Divina jamais institui princípios de violência, e o Espírito, conquanto em muitas situações agrave os próprios débitos, dispõe da faculdade de interromper, recusar, modificar, discutir ou adiar, transitoriamente, o desempenho dos compromissos que abraça.

Em muitos lances da experiência, é a própria individualidade, na vida do Espírito, antes da reencarnação, que assinala a si mesma o casamento difícil que faceará na estância física, chamando a si o parceiro ou a parceira de existências pretéritas para os ajustes que lhe pacificarão a consciência, à vista de erros perpetrados em outras épocas.

Reconduzida, porém, à ribalta terrestre e assumida a união esponsalícia que atraiu a si mesma, ei-la desencorajada à face dos empecos que lhe desdobram à frente. Por vezes, o companheiro ou a companheira voltam ao exercício da crueldade de outro tempo, seja através de menosprezo, desrespeito, violência ou deslealdade, e o cônjuge prejudicado nem sempre encontra recursos em si para se sobrepor aos processos de dilapidação moral de que é vítima.

Compelidos, muita vez, às últimas fronteiras da resistência, é natural que o esposo ou a esposa, relegado a sofrimento indébito, se valha do divórcio por medida extrema contra o suicídio, o homicídio ou calamidades outras que lhes complicariam ainda mais o destino. Nesses lances da experiência, surge a separação à maneira de bênção necessária e o cônjuge prejudicado encontra no tribunal da própria consciência o apoio moral da auto-aprovação para renovar o caminho que lhe diga respeito, acolhendo ou não nova companhia para a jornada humana.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

Óbvio que não nos é lícito estimular o divórcio em tempo algum, competindo-nos tão-somente, nesse sentido, reconfortar e reanimar os irmãos em lide, nos casamentos de provação, a fim de que se sobreponham às próprias suscetibilidades e aflições, vencendo as duras etapas de regeneração ou expiação que rogaram antes do renascimento no Plano Físico, em auxílio a si mesmos; ainda assim, é justo reconhecer que a escravidão não vem de Deus e ninguém possui o direito de torturar ninguém, à face das leis eternas.

O divórcio, pois, baseado em razões justas, é providência humana e claramente compreensível nos processos de evolução pacífica.

Efetivamente, ensinou Jesus: “não separeis o que Deus ajuntou”, e não nos cabe interferir na vida de cônjuge algum, no intuito de arredá-lo da obrigação a que se confiou. Ocorre, porém, que se não nos cabe separar aqueles que as Leis de Deus reuniu para determinados fins, são eles mesmos, os amigos que se enlaçaram pelos vínculos do casamento, que desejam a separação entre si, tocando-nos unicamente a obrigação de respeitar-lhes a livre escolha sem ferir-lhes a decisão.

Esp.: Emmanuel

Psicografia : Francisco Cândido Xavier

Livro : Vida e Sexo – Cap. 8 – Pág. 37

ANTE O DIVÓRCIO

Tema : Lar e Divórcio

Toda perturbação no lar, frustrando-lhe a viagem no tempo, tem causa específica. Qual acontece ao comboio, quando estaca indebitamente ou descarrila, é imperioso angariar a proteção devida para que o carro doméstico prossiga adiante.

No transporte caseiro, aparentemente ancorado na estação do cotidiano (e dizemos aparentemente, porque a máquina familiar está em movimento e transformação incessantes), quase todos os acidentes se verificam pela evidência de falhas diminutas que, em se repetindo indefinidamente, estabelecem, por fim, o desastre espetacular.

Essas falhas, no entanto, nascem do comportamento dos mais interessados na sustentação do veículo ou, propriamente, do marido e da mulher, chamados pela ação da vida a regenerar o passado ou a construir o futuro pelas possibilidades da reencarnação no presente, falhas essas que se manifestam de pequeno desequilíbrio, até que se desencadeie o desequilíbrio maior.

Nesse sentido, vemos cônjuges que transfiguram conforto em pletora de luxo e dinheiro, desfazendo o matrimônio em facilidades loucas, como se afoga uma planta por excesso de adubo, e observamos aqueles outros que o sufocam por abuso de sovínice; notamos os que arrasam a união conjugal em festas sociais permanentes e assinalamos os que a destroem por demasia de solidão; encontramos os campeões da teimosia que acabam com a paz em família, manejando atitudes do contra sistemático, diante de tudo e de todos, e identificamos os que a exterminam pelo silêncio culposos, à frente do mal; surpreendemos os fanáticos da limpeza, principalmente muitas de nossas irmãs, as mulheres, quando se fazem mártires de vassoura e enceradeira, dispostas a arruinar o acordo geral em razão de leve cisco nos móveis, e somos defrontados pelos que primam no vício de enlamear a casa, desprezando a higiene.

Equilíbrio e respeito mútuo são as bases do trabalho de quantos se propõem garantir a felicidade conjugal, de vez que, repitamos, o lar é semelhante ao comboio em que filhos, parentes, tutores e afeiçoados são passageiros.

Alguém perguntará como situaremos o divórcio nestas comparações. Divorciar, a nosso ver, é deixar a locomotiva e seus anexos. Quem responde pela iniciativa da separação decerto que larga todo esse instrumental de serviço à própria sorte e cada consciência é responsável por si. Não ignoramos que o trem caseiro corre nos trilhos da existência terrestre, com autorização e administração das Leis Orgânicas da Providência Divina e, sendo assim, o divórcio, expressando desistência ou abandono de compromisso, é decisão lastimável, conquanto às vezes necessária, com raízes na responsabilidade do esposo ou da esposa que, a rigor, no caso, exercem as funções de chefe e maquinista.

Espírito : **Emmanuel.**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Encontro Marcado - Cap. 51

DIVÓRCIO e LAR

Indubitavelmente o divórcio é compreensível e humano, sempre que o casal se encontre à beira da loucura ou da delinqüência .

Quando alguém se aproxima, reconhecidamente, da segregação no cárcere ou no sanatório especializado em terapias da mente, através de irreflexões com que assinala a própria insegurança, é imperioso se lhe estenda recurso adequado ao reequilíbrio.

Feita a ressalva, e atentos que devemos estar aos princípios de causa e efeito que nos orientam nas engrenagens da vida, é razoável se peça aos cônjuges o máximo esforço para que não venham a interromper os compromissos a que se confiaram no tempo. Para que se atenda a isso é justo anotar que, muitas vezes, o matrimônio, à feição de organismo vivo e atuante, adoece por desídia de uma das partes.

Dois seres, em se unindo no casamento, não estão unicamente chamados ao rendimento possível da família humana e ao progresso das boas obras a que se dediquem, mas também e principalmente --- e muito principalmente --- ao amparo mútuo.

Considerado o problema na formulação exata, que dizer do homem que, a pretexto de negócio e administração, lutas e questões de natureza superficial, deixasse a mulher sem o apoio afetivo em que se comprometeu com ela ao buscá-la, a fim de que lhe compartilhasse a existência?.

E que pensar da mulher que, sob a desculpa de obrigações religiosas e encargos sociais, votos de amparo a causas públicas e contrariedades da parentela, recusasse o apoio sentimental que deve ao companheiro, desde que se decidiu a partilhar-lhe o caminho ?.

Dois corações que se entregam um ao outro, desde que se fundem nas mesmas promessas e realizações recíprocas, passam a responder, de maneira profunda, aos impositivos de causa e efeito, dos quais não podem efetivamente escapar.

Todos sabemos que no equilíbrio emocional, entre os parceiros que se responsabilizam pela organização doméstica, depende invariavelmente a felicidade caseira.

Por isso mesmo, no diálogo a que somos habitualmente impelidos, no intercâmbio com os amigos encarnados na Terra, acerca do relacionamento de que carecemos na sustentação da tranqüilidade de uns para com os outros, divórcio e lar constituem temas que não nos será lícito esquecer.

- * -

Se te encontras nas ondas pesadas da desarmonia conjugal, evoluindo para o divórcio ou qualquer outra espécie de separação, não menosprezes buscar alguma ilha de silêncio a fim de pensar.

Considera as próprias atitudes e, através de criterioso auto-exame, indague por teu próprio comportamento na área afetiva em que te comprometeste, na garantia da paz e da segurança emotiva da companheira ou do companheiro que elegeste para a jornada humana. E talvez descubras que a causa das perturbações existentes reside em ti mesmo. Feito isso, se trazes a consciência vinculada ao dever, acabarás doando ao coração que espera por teu apoio, a fim de trabalhar e ser feliz, a quota de assistência que se lhe faz naturalmente devida em matéria de alegria e tranqüilidade, amor e compreensão.

Espírito : **Emmanuel**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier

Livro : Na Era do Espírito - Cap. 20

CASAMENTO E DIVÓRCIO

Divórcio, edificação adiada, resto a pagar no balanço do espírito devedor. Isso geralmente porque um dos cônjuges, sócio na firma do casamento, veio a esquecer que os direitos na instituição doméstica somam deveres iguais.

A Doutrina Espírita elucida claramente o problema do lar, definindo responsabilidades e entremostrando os remanescentes do trabalho a fazer, segundo os compromissos anteriores em que marido e mulher assinaram contrato de serviço, antes da reencarnação.

Dois espíritos sob o aguilhão do remorso ou tangidos pelas exigências da evolução, ambos portando necessidades e débitos, combinam encontro ou reencontro no matrimônio, convencidos de que união esponsalícia é, sobretudo, programa de obrigações regenerativas.

Reincorporados, porém, na veste física, se deixam embair pelas ilusões de antigos preconceitos da convenção social humana ou pelas hipnoses do desejo e passam ao território da responsabilidade matrimonial, quais sonâmbulos sorridentes, acreditando em felicidade de fantasia como as crianças admitem a solidez dos pequeninos castelos de papelão.

Surgem, no entanto, as realidades que sacodem a consciência.

Esposo e esposa reconhecem para logo que não são os donos exclusivos da empresa.

Sogra e sogra, cunhados e tutores consangüíneos são também sócios comanditários, cobrando os juros do capital afetivo que emprestaram, e os filhos vão aparecendo na feição de interessados no ajuste, reclamando cotas de sacrifício.

O tempo que durante o noivado era todo empregado no montante dos sonhos, passa a ser rigorosamente dividido entre deveres e pagamentos, previsões e apreensões, lutas e disciplinas e os cônjuges desprevenidos de conhecimento elevado, começam a experimentar fadiga e desânimo, quanto mais se lhes torna necessária a confiança recíproca para que o estabelecimento doméstico produza rendimento de valores substanciais em favor do mundo e da vida do espírito.

Descobrem, por fim, que amar não é apenas fantasiar, mas acima de tudo, construir. E construir pede não somente plano e esperança, mas também suor e por vezes aflição e lágrimas.

Auxiliemos, na Terra, a compreensão do casamento como sendo um consórcio de realizações e concessões mútuas, cuja falência é preciso evitar.

Divulguemos o princípio da reencarnação e da responsabilidade individual para que os lares formados atendam à missão a que se destinam.

Compreendamos os irmãos que não puderem evitar o divórcio porquanto ignoramos qual seria a nossa conduta em lugar deles, nos obstáculos e sofrimentos com que foram defrontados, mas interpretemos o matrimônio por sociedade venerável de interesses da alma perante Deus.

Esp.: **André Luiz**
Psicografia : Waldo Vieira
Livro : Sol nas Almas – Cap. 10 - Pág. 38

MATRIMÔNIO E DIVÓRCIO

--- Poderíamos receber algumas noções acerca do matrimônio, bem como do divórcio no Plano Físico, examinados espiritualmente?

--- Nas esferas elevadas, as almas superiores identificam motivo de honra no serviço de amparo aos companheiros menos evoluídos que estagiam nos planos inferiores.

Não podemos olvidar que, na Terra, o matrimônio pode assumir aspectos variados, objetivando múltiplos fins. Em razão disso, acidentalmente, o homem ou a mulher encarnados podem experimentar o casamento terrestre diversas vezes, sem encontrar a companhia das almas afins com as quais realizariam a união ideal. Isso porque, comumente, é preciso resgatar essa ou aquela dívida que contraímos com a energia sexual, aplicada de maneira infeliz ante os princípios de causa e efeito.

Entretanto, se o matrimônio expiatório ocorre em núpcias secundárias, o cônjuge liberado da veste física, quando se ajusta à afeição nobre, freqüentemente se coloca a serviço da companheira ou do companheiro na retaguarda, no que exercita a compreensão e o amor puro. Quanto à reunião no Plano Espiritual, é razoável se mantenha aquela em que prevaleça a conjunção dos semelhantes, no grau mais elevado da escala de afinidades eletivas. Se os viúvos e as viúvas das núpcias efetuadas em grau menor de afinidade demonstram sadia condição de entendimento, são habitualmente conduzidos, depois da morte, ao convívio do casal restituído à comunhão, desfrutando posição análoga à dos filhos queridos junto dos pais terrenos, que por eles se submetem aos mais eloqüentes e multifários testemunhos de carinho e sacrifício pessoal para que atendam, dignamente, à articulação dos próprios destinos.

Contudo, se a desesperação do ciúme ou a nuvem do despeito encegucem esse ou aquele membro da equipe fraterna, os cônjuges reassociados no plano superior, amparam-lhes a reencarnação, à maneira de benfeitores ocultos, interpretando-lhes a rebelião por sintoma enfermigo, sem lhes retirar o apoio amigo, até que se reajustem no tempo.

Ninguém veja nisso inovação ou desrespeito ao sentimento alheio, porquanto o lar terrestre enobrecido, se analisado sem preconceitos, permanece estruturado nessas mesmas bases essenciais, de vez que os pais humanos recebem, muitas vezes, no instituto doméstico, por filhos e filhas, aqueles mesmos laços do passado, com os quais atendem ao resgate de antigas contas, purificando emoções, renovando impulsos, partilhando compromissos ou aprimorando relações afetivas de alma para alma. É nessa condição que em muitas circunstâncias surgem nas entidades renascentes, sem que o véu da reencarnação lhes esconda de todo a memória, as psiconeuroses e fixações infanto-juvenis, cuja importância na conduta sexual da personalidade é exagerada em excesso pelos sexólogos e psicanalistas da atualidade, carentes de mais amplo contacto com as realidades do Espírito e da reencarnação, que lhes permitiriam ministrar aos seus pacientes mais efetivo socorro de ordem moral.

Quanto ao divórcio, segundo os nossos conhecimentos no Plano Espiritual, somos de parecer não deva ser facilitado ou estimulado entre os homens, porque não existem na Terra uniões conjugais legalizadas ou não, sem vínculos graves no princípio da responsabilidade assumida em comum.

Mal saídos do regime poligâmico, os homens e as mulheres sofrem-lhe ainda as sugestões animalizantes e, por isso mesmo, nas primeiras dificuldades da tarefa a que foram chamados, costumam desertar dos postos de serviço em que a vida os situa, alegando imaginárias incompatibilidades e supostos embaraços, quase sempre simplesmente atribuíveis ao desregrado narcisismo de que são portadores. E com isso exercem viciosa tirania sobre o sistema psíquico do companheiro ou da companheira mutilados ou doentes, necessitados ou ignorantes, após explorar-lhes o mundo emotivo, quando não se internam pelas aventuras do homicídio ou do suicídio espetaculares, com a fuga voluntária de obrigações preciosas.

È imperioso, assim, que a sociedade humana estabeleça regulamentos severos a benefício dos nossos irmãos contumazes na infidelidade aos compromissos assumidos consigo próprios, a benefício deles, para que se não agreguem a maior desgoverno, e a benefício de si mesma, a fim de que não regresse à promiscuidade aviltante das tabas obscuras, em que o princípio e a dignidade da família ainda são plenamente desconhecidos.

Entretanto, é imprescindível que o sentimento de humanidade interfira nos casos especiais, em que o divórcio é o mal menor que possa surgir entre os grandes males pendentes sobre a frente do casal, sabendo-se porém, que os devedores de hoje voltarão amanhã ao acerto das próprias contas

Espírito.: **André Luiz**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira
Livro : Evolução em Dois Mundos – Cap. VIII - Pág. 185

DIVÓRCIO

... Aproveitei o assunto e indaguei sobre o divórcio.

O juiz atendeu. Em se reconhecendo que todos os matrimônios terrestres, entre as pessoas de evolução respeitável, se efetuam na base dos programas de trabalho, previamente estabelecidos, seja em questões de benefício geral ou de provas legítimas, o divórcio é dificultado, nas esferas superiores, por todos os meios lícitos; contudo, em muitos casos, é permitido ou prestigiado, sob pena de transformar-se a justiça em prepotência contra vítimas de crueldades sociais que a legislação na Terra, por enquanto, não consegue remediar, nem prever. Surgido o problema, o companheiro ou a companheira, responsável pela ruptura da confiança e da estabilidade da união conjugal, passa à condição de julgado. A vítima é induzida à generosidade e à benevolência, através dos recursos que a Espiritualidade Superior consiga veicular, a fim de que não frustem planos de serviço, sempre importantes para a comunidade, compreendendo-se dentro dela os Espíritos encarnados e os desencarnados, cujas vantagens são recíprocas com a humildade e a benemerência de qualquer dos seus membros. Em razão disso, alcançam a Pátria Espiritual, na condição de enobrecidos filhos de Deus, as grandes mulheres e os grandes homens, justificadamente considerados grandes, diante da Providência, quando suportam, sem queixa, as infidelidades e as violências do parceiro ou da parceira de reduto doméstico, esquecendo incompreensões e ultrajes recebidos, por amor às tarefas que os Desígnios do Senhor lhes colocaram nos corações e nas mãos, seja no amparo moral à família consanguínea ou na sustentação das boas obras. Os que possuem semelhante comportamento dignificam todos os grupos espirituais a que se entrosam e venham dessa ou daquela religião, desse ou daquele clima do mundo, são acolhidos sob galardões de heróis verdadeiros, por haverem abraçado sem revolta os que lhes espancavam a alma, sem repelir-lhes a afeição e a presença. No entanto, os que patenteiam incapacidade de perdoar as afrontas, conquanto se lhes lastime a ausência de grandeza íntima, são igualmente amparados, no desejo de separação conjugal que revelem, adiando-se-lhes os débitos para resgates futuros e concedendo-se-lhes as modificações que requeiram. Chegados a esse ponto, o homem ou a mulher continuam recolhendo o apoio espiritual que lhes seja preciso, segundo o merecimento e a necessidade de cada um, atribuindo-se tanta liberdade e tanto respeito ao homem quanto à mulher, no que tange à renovação de companhia e caminho, com as responsabilidades naturais que lhes decorram das decisões.

Assim acontece, porque a Divina Providência manda exaltar as virtudes dos que amam sem egoísmo, sem desconsiderar o acatamento que se deve às criaturas de vida reta espoliadas no patrimônio afetivo. Os Executores das Leis Universais, agindo em nome de Deus, não aprovam a escravidão de ninguém e, em qualquer sítio cósmico, se propõem levantar consciências livres e responsáveis que se elevem para a Suprema Sabedoria e para o Amor Supremo, veneradas e dignas, ainda mesmo que para isso escolham multimilenárias experiências de ilusão e dor.

Espírito.: **André Luiz**

Psicografia : Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira

Livro : Sexo e Destino – Cap. X - Pág. 281

RESGATE INTERROMPIDO

Acompanhando o Assistente, passamos a cooperar na rearmonização da pequena família domiciliada em subúrbio de populosa capital.

Ildeu, o chefe da casa, homem que mal atingira a maturidade física, pouco além dos trinta e cinco de idade, encontrara em Marcela a esposa abnegada e mãe de seus três filhinhos, Roberto, Sônia e Márcia; entretanto, seduzidos pelos encantos da jovem Mara, moça leviana e inconstante, tudo fazia para que a esposa o abandonasse.

Marcela, porém, educada na escola do Dever, dedicava-se ao lar e tudo fazia para não deixar perceber a própria dor.

Pelos gestos rudes e pela deplorável conduta em casa, não desconhecia a modificação do pai de seus filhos, e, recebendo cartas insultuosas da rival que lhe disputava o companheiro, sabia chorar em silêncio, confiando-as ao fogo para que não caíssem sob o olhar do esposo.

Doía-nos, cada noite, vê-la em prece, ao lado das criancinhas.

Roberto, o primogênito, com nove anos de idade acariciava-lhe a cabeça, adivinhando-lhe os soluços imobilizados na garganta, e as duas pequeninas, na inconsciência infantil, repetiam maquinalmente as orações ditadas pela nobre senhora, oferecendo-as a Jesus, em favor do “papai”.

Em atormentada vigília até noite alta, agoniava-se-lhe o espírito, observando Ildeu, estróina, alcançando o lar, tresandando a licores alcoólicos e exibindo os sinais de aventuras inconfessáveis.

Se erguia a voz, lembrando alguma necessidade dos meninos, retorquia ele, irritado:

- Vida infame! Sempre você a recriminar-me, a aborrecer-me, a perseguir-me com censuras e petições!... Se quiser dinheiro, trabalhe. Se eu soubesse que o casamento seria isso, teria preferido estourar os miolos a assinar um contrato que me escraviza a existência inteira!...

E gritando, intemperante, mostrava-nos a tela das suas recordações, em que Mara, a jovem sedutora, lhe surgia à mente, como sendo a mulher ideal. Cotejava-a com a esmaecida figura da esposa que as dificuldades acabrunhavam e, governado pela imagem da outra, entregava-se a chocantes excitações, ansiando fugir do lar.

Marcela, em pranto, suplicava-lhe tolerância e serenidade, acentuando que não desdenhava o serviço. Despendia o tempo de que dispunha na cooperação mal remunerada, em favor de lavanderia modesta, contudo, os afazeres domésticos não lhe permitiam fazer mais.

- Hipócrita! – berrava o marido que a cólera transtornava – e eu? que pretende você de mim? posso, acaso, fazer mais? sou um homem dependurado em lojas e armazéns... Devo a todos!... por sua causa, simplesmente em razão do seu desperdício... Não sei até quando poderei aturar-la. Não será mais aconselhável regresso você à terra que teve a infelicidade de vê-la nascer? Seus pais estão vivos...

A pobre criatura em lágrimas emudecia, mas, sendo a voz dele estentórica, quase sempre o pequeno Roberto acordava e acorria em socorro da mãezinha, enlaçando-a, estremunhado.

Ildeu avançava sobre o miúdo interventor a sopapos, clamando com insofrecível revolta:

- Saia daqui! Saia daqui!...

E qual se o petiz lhe não fora filho, mas adversário confesso, acrescentava, cerrando os punhos:

- Tenho gana de matá-lo!... matá-lo!... Todas as noites, esta mesma pantomima. Bandido! Palhaço!...

E o menino, agarrado ao colo materno, sofria pancadas até recolher-se, de novo, ao leito, em pranto convulsivo.

Entretanto, se as filhinhas choramingassem, eis que o genitor se desfazia em ternura, ainda mesmo quando plenamente embriagado, proferindo, bondoso:

- Minhas filhas!... minhas pobres filhas!... que será de vocês no futuro? é por vocês que ainda me encontro aqui, tolerando a cruz desta casa!...

E, não raro, ele próprio ia reacomodá-las no berço.

Silas e nós entrávamos em ação, a benefício de Marcela e dos filhinhos.

Do atormentado lar, ameaçado de completa destruição, demandávamos outros setores de serviço, sem que o Assistente encontrasse oportunidade de administrar-nos esclarecimentos mais amplos.

Todavia, quase que diariamente, à noite, ali aplicávamos alguns minutos em tarefas que nos falavam aos refolhos do coração.

Contudo, apesar de nosso esforço, o chefe da família mostrava-se, cada dia, mais indiferente e distante.

Enfadado e irritado, não concedia à esposa nem mesmo a gentileza de leve saudação. Fascinado pela outra, passara a odiá-la. Pretendia desobrigar-se do compromisso assumido e trilhar nova senda...

No entanto, como atender ao problema do amor às pequeninas?

- “Sinceramente – pensava de si para consigo – não amava a Roberto, o filho cujo olhar o acusava sem palavras, lançando-lhe em rosto o censurável procedimento, mas adorava Sônia e Márcia, com desvelada ternura... Como ausentar-se delas no desquite provável? Decerto, a companheira teria assegurados, perante a lei, os direitos de mãe... Senhora de nobre conduta, Marcela contaria com o favor da Justiça...”

Refletia, refletia...

Ainda assim, não renunciava o carinho de Mara, cuja dominação lhe empolgava o sentimento enfermiço.

Fosse onde fosse, registrava-lhe a influência sutil, a desfibrar-lhe o caráter e a dobrar-lhe a cerviz de homem que, até encontrá-la, fora honrado e feliz.

Por vezes, tentava subtrair-se-lhe ao julgo, mas debalde.

Marcela apresentava o semblante da disciplina que lhe competia observar e da obrigação que lhe cabia cumprir, quando Mara, de olhos em fogo, lhe acenava a liberdade e ao prazer.

Foi assim que lhe nasceu no cérebro doentio uma idéia sinistra: assassinar a esposa, escondendo o próprio crime, para que a morte dela aos olhos do mundo passasse como sendo autêntico suicídio.

Para isso alteraria o roteiro doméstico.

Procuraria abolir o regime de incompreensão sistemática, daria tréguas à irritação que o senhoreava e fingiria ternura para ganhar confiança... E, depois de alguns dias, quando Marcela dormisse, despreocupada, desfechar-lhe-ia uma bala no coração, despistando a própria polícia.

Acompanhamos-lhe a evolução do tresloucado plano, porquanto é sempre fácil penetrar o domínio das formas-pensamentos, vagarosamente construídas pelas criaturas que as edificam, apaixonadas e persistentes, em torno dos próprios passos.

Na aparente calma que sustentava, Ildeu, embora sorrisse, exteriorizava ao nosso olhar o inconfessável projeto, armando mentalmente o quadro criminoso, detalhe por detalhe.

Para defender Marcela, porém, cuja existência era amparada pela Mansão que representávamos, o Assistente reforçou na casa o serviço de vigilância.

Dois companheiros nossos, zelosos e abnegados, alternativamente ali passaram a velar, dia e noite, de modo a entrar o pavoroso delito.

Achávamos-nos, certa feita, em atividade assistencial ao pé de alguns doentes, quando o irmão em serviço veio até nós, comunicando, inquieto, a precipitação dos acontecimentos.

De alma aturdida pela influência de homicidas desencarnados que lhe haviam percebido os pensamentos expressos, intentaria Ildeu aniquilar a companheira naquela mesma noite.

Silas não vacilou.

Demandamos, de imediato, a casa singela em que se reunia a equipe doméstica atormentada.

Dispondo da extensa autoridade de que se achava investido, o nosso orientador, empregando o concurso de entidades amigas, em rotina de trabalho nas vizinhanças, inicialmente banuiu os alcoólatras e delinqüentes desencarnados que ali se acolhiam.

Apesar da providência, o plano infernal na cabeça de nosso pobre amigo evidenciava-se integralmente maduro.

A madrugada ia alta.

Com o coração precípito, relanceando o olhar medroso pelas paredes nuas do gabinete em que examinava o pente de uma pistola, qual se nos adivinhasse a presença, o chefe da família revelava-se disposto à consumação do ato execrável.

Revestindo-lhe todo o cérebro, surgia a cena do assassinio, calculadamente prevista, movimentando-se em surpreendente sucessão de imagens...

Oh! se as criaturas encarnadas tivessem consciência de como se lhes exteriorizam as idéias, certamente saberiam guardar-se contra o império do crime!

O irrefletido pai pensava demandar o aposento dos filhos, para trancá-los à chave, de maneira a evitar-lhes o testemunho, quando Silas, de improviso avançou para o leito das meninas e, utilizando os recursos magnéticos de que dispunha, chamou a pequena Márcia, em corpo espiritual, a rápida contemplação dos pensamentos paternos.

A criança, em comunhão com o quadro terrível, experimentou tremendo choque e retornou, de pronto, ao veículo físico, brandando, desvairada, como quem se furtasse ao domínio de asfixiante pesadelo:

- Papai!... Paizinho! Não mate! Não mate!...

Ildeu, a esse tempo, já se encontrava à porta, sustendo a arma na destra e tentando manobrar a fechadura com a mão livre.

Os gritos da menina ecoaram em toda a casa, provocando alarido.

Marcela, num átimo, pós-se de pé, surpreendendo o marido ao pé da filha, e, junto deles, o revólver augurando maus presságios.

A mulher bondosa e incapaz de suspeitar das intenções dele, recolheu cautelosamente a arma e, crendo que o esposo pretendia suicidar-se, implorou em pranto:

- Oh! Ildeu, não te mates! Jesus é testemunha de que tenho cumprido retamente todos os meus deveres... Não quero o remorso de haver cooperado para semelhante desatino, que te lançaria entre os réprobos das leis de Deus!... Procede como quiseres, mas não te despenhes no suicídio. Se é de tua vontade, monta nova casa em que vivas com a mulher que te faça feliz... Consagrarei minha existência aos nossos filhos. Trabalharei, conquistando o pão de nossa casa com o suor de meu rosto... entretanto, suplico, não te mates!...

A generosa atitude daquela mulher sensibilizava-nos até as lágrimas.

O próprio Ildeu, não obstante o sentimento empedernido, sentia-se tocado de piedade, agradecendo, no íntimo, a versão que a esposa, digna e abnegada, oferecia aos acontecimentos, cuja direção não conseguira prever.

E, encontrando a escapatória que, de há muito, buscava, longe de ouvir os brados da consciência, que o concitavam à vigilância, exclamou, à feição de vítima:

- Realmente, não posso mais... Agora, para mim, só restam dois caminhos, suicídio ou desquite...

Marcela, com o auxílio do Assistente descarregou o revólver, reconduziu as crianças ao sono e deitou-se, atribulada. Nos olhos tristes, lágrimas borbulhavam na sombra, enquanto orava, súplice, na torturada quietude do seu martírio silenciosa: - “Ó meu Deus, compadece-te de mim, pobre mulher desventurada!... que fazer, sozinha na luta, com três crianças necessitadas?...”

Todavia, antes que a dor pungente se lhe metamorfoseasse em desânimo destruidor, Silas aplicou-lhe passes balsamizantes, hipnotizando-a, com o que a flagelada senhora, em desdobramento, se colocou, inquieta diante de nós.

Tomando-nos à conta de mensageiros do Céu, na cristalização dos hábitos em que comumente mergulham as almas encarnadas, ajoelhou-se e rogou amparo.

Silas, porém, soergueu-a, bondoso, e explicou:

- Marcela somos apenas teus irmãos... Reanima-te! Não te encontras sozinha. Deus, Nosso Pai, jamais nos abandona ... Concede, sim, liberdade ao teu esposo, embora saibamos que o dever é uma benção divina da qual pagaremos caro a deserção... Que Ildeu rompa os laços respeitáveis dos seus compromissos, se é que julga seja essa a única maneira de adquirir a experiência que deve conquistar... Haja porém o que houver, ajuda-o com tolerância e compreensão. Não lhe queiras mal algum. Antes, roga a Jesus o abençoe e ampare, onde esteja, porque o remorso e o arrependimento, a saudade e a dor para os que fogem das obrigações que o Senhor lhes confia convertem-se em fardos difíceis de carregar. Sabemos que a ele te ligaste em sagrada aliança na empresa redentora do pretérito próximo... Ainda assim, se ele esmorece, à frente da luta, em pleno exercício da faculdade de escolher, não será justo lhe violentes o livre arbítrio, impondo-lhe atitudes que a ele compete cultivar. Ildeu ausenta-se agora dos contratos que abraçou, a benefício de si mesmo, e interrompe o resgate das contas que lhe são próprias... Voltará, porém, mais tarde nos débitos que olvida, talvez mais onerado perante a Lei... Não te lamentes, contudo, e segue adiante. Sejam quais forem as lutas que te descerem ao coração, resigna-te e não temas. Faze dos filhinhos o apoio firme na caminhada. Todo sacrifício edificante no mundo expressa enriquecimento de nossas almas na Vida Eterna... Renuncia, pois, ao homem querido, respeitando-lhe os caprichos do coração, e aguarda o futuro com esperança.

E porque Marcela chorasse, receando o porvir, em face das contingências materiais, Silas afagou-lhe a cabeça e asseverou, prestimoso:

- Para mãos dignas jamais faltará trabalho digno. Contemos com a proteção do Senhor e marchemos com desassombro. Enxuga o pranto e ergue-te em espírito à Fonte do Sumo Bem!...

Nesse íterim, parentes desencarnados da jovem senhora assomaram carinhosamente ao recinto, estendendo-lhe as mãos...

E nosso orientador confiou-lhes Marcela, chorosa, rogando-lhes ajuda para que a víssemos restaurada. Retiramo-nos, em seguida.

Foi então que nossas perguntas explodiram, insopitáveis:

- Por que Marcela, meiga e honesta, era odiada pelo esposo, assim tanto? Por que a preferência de Ildeu pelas filhinhas, com tanto desdém pelo primogênito? E a separação em perspectiva? Seria justo procurar o nosso mentor fortalecer aquela mãezinha desventurada para o desquite, ao invés de incentivá-la à recuperação do amor e do devotamento da companheira?

O Assistente sorriu com manifesto desencanto e obtemperou:

- Há nas anotações do Apóstolo Mateus (8) certa passagem, na qual afirma Jesus que o divórcio na Terra é permitido a nós outros pela dureza dos nossos corações. Aqui, a medida deve ser facultada à maneira de medicação violenta em casos desesperadores de desarmonia orgânica. Na febre alta ou no tumor maligno, por exemplo, a intervenção exige métodos drásticos, afim que a crise de sofrimento não culmine com a loucura ou com a morte extemporânea. Nos problemas matrimoniais, agravados pela defecção de um dos cônjuges ou mesmo pela deserção de ambos do dever a cumprir, o divórcio é compreensível como providência contra o crime, seja ele o assassinio ou suicídio... Entretanto, assim como o choque operatório para o tumor e quinina para certas febres são recursos de emergência, sem capacidade de liquidar as causas profundas da enfermidade, as quais prosseguem reclamando tratamento longo e laborioso, o divórcio não soluciona o problema da redenção, porque ninguém se reúne no casamento humano ou nos empreendimentos de elevação espiritual, no mundo, sem o vínculo do passado, e esse vínculo, quase sempre, significa débito no Espírito ou compromisso vivo e delongado no tempo. O homem ou a mulher, desse modo, podem provocar o divórcio e obtê-lo, como sendo o menor dos piores males que lhes possam acontecer... Ainda assim, não se liberam da dívida em que se acham incursos, cabendo-lhes voltar ao pagamento respectivo, tão logo seja oportuno.

E porque as nossas muitas interrogações pairavam no ar, o generoso orientador prosseguiu:

- No caso de Ildeu e Marcela, já meticolosamente estudado em nossa Mansão, temos duas almas em processo de reajuste, há vários séculos. Para não nos perdermos em compridas perquirições, convém lembrar tão-somente algumas notas da existência última, em que ambos, como marido e mulher, aqui mesmo no Brasil, se entregaram a difíceis experiências. Ele, depois de casado, continuou irrequieto, entre a irresponsabilidade e a aventura, nas quais seduziu duas moças, filhas do mesmo lar. Primeiramente, enganou uma delas, abandonando a esposa que a Lei lhe havia confiado. Passando, porém, ao convívio da segunda companheira, que patrocinava o desenvolvimento da irmãzinha menor, que os pais à beira do túmulo, lhe haviam entregue, Ildeu não vacilou em aguardar-lhe a floração juvenil para submetê-la igualmente aos seus caprichos inconfessáveis. Entrando em franca decadência moral, precipitou-as no meretrício, em cujas correntes de sombra as pobres criaturas se viram quais andorinhas aprisionadas na lama... Abandonada a esposa, que era então a mesma companheira de agora, a sofredora mulher, incapaz de sofrer-se no insulamento, após cinco anos de expectativa e solidão, aceitou a companhia de um homem digno e trabalhador, com quem passou maritalmente a viver... Os dias correram sobre os dias e, quando Ildeu, ainda relativamente moço, mas integralmente vencido pela intemperança e pelo deboche, regressou doente à cidade em que se havia consorciado, buscando o aconchego da esposa, cuja fidelidade carinhosa ele mesmo destruíra, não mais na ânsia de ajuda-la ou de amá-la e sim no propósito de escravizá-la, por enfermeira de seu corpo abatido, eis que a reencontra, feliz, junto de outro... Movido de incompreensível ciúme, de vez que renegara o lar sem motivo justo, não suporta ver a alegria da companheira, matando-lhe o eleito do coração. Dentro em breve, todo o grupo que Ildeu infelicitou se reúne, inclusive ele próprio, na Esfera Espiritual, onde a justiça da Lei sopesa os méritos e deméritos de cada um... E, com o amparo de Abnegados Benfeitores, regressam as personagens do drama doloroso ao resgate na reencarnação, com Ildeu à frente das responsabilidades, por ter maiores culpas. Marcela concorda em auxiliá-lo e retoma o posto antigo, ajudando-o na condição de esposa fiel. Roberto é o companheiro assassinado que volta, do qual Ildeu é devedor da própria vida. Sônia e Márcia são as duas irmãs que ele arrojou ao vício e à delinqüência, dele esperando hoje, como filhas queridas o necessário auxílio para a reabilitação.

O Assistente fez pequena pausa e acrescentou:

- Vocês não ignoram, porém, que a reencarnação no resgate é também recapitulação perfeita. Se não trabalhamos por nossa intensa e radical renovação para o bem, através do estudo edificante que nos educa o cérebro e do amor ao próximo que nos aperfeiçoa o sentimento, somos tentados hoje pelas nossas fraquezas, como éramos tentados ainda ontem, porquanto nada fizemos para suprimir, passando habitualmente a reincidir nas mesmas faltas. Segundo observam, Ildeu, displicente e surdo aos avisos da vida, é o mesmo homem do passado, buscando a suposta felicidade, fora do templo doméstico, desprezando a esposa, querendo estremecidamente às filhinhas nas quais revê as companheiras do pretérito e nada faz por perder a instintiva aversão pelo filhinho, em cujo contacto adivinha o antigo rival, que lhe foi vítima da fúria arrasadora.

- Mas – indagou Hilário -, se ele não encontra, em Marcela o amor integral, por que razão, ainda agora, na presente romagem terrena, a teria desposado? a afetividade juvenil não é sinal de confiança e ternura?

- Sim – encareceu Silas, bondoso -, é preciso considerar que nos achamos ainda longe de adquirir o verdadeiro amor, puro e sublime. Nosso amor é, por enquanto, uma aspiração de eternidade encravada no egoísmo e na ilusão, na fome de prazer e na egolatria sistemática, que fantasiemos como sendo a celeste virtude. Por isso mesmo, a nossa afetividade terrestre, quando na primavera dos primeiros sonhos da experiência física, pode ser um conjunto de estados mentais, consubstanciando simplesmente os nossos desejos. E nossos desejos se alteram todos os dias... Em razão disso, recordemos o imperativo da recapitulação. Nessa ou naquela idade física, o homem e a mulher, com a supervisão da Lei que nos governa os destinos, encontram as pessoas e as situações de que necessitam para superarem as provas do caminho, provas indispensáveis ao burilamento espiritual de que não prescindem para a justa ascensão às Esferas Mais Altas. Assim é que somos atraídos por determinadas almas e por determinadas questões, nem sempre porque as estimemos em sentido profundo, mas sim porque o passado a elas nos reúne, a fim de que por elas e com elas venhamos a adquirir a experiência necessária à assimilação do verdadeiro amor e da verdadeira sabedoria. É por isso que a maioria dos consórcios humanos, por enquanto, constituem ligações de aprendizado e sacrifício, em que, muitas vezes, as criaturas se querem mutuamente e mutuamente sofrem pavorosos conflitos na convivência uma das outras. Nesses embates, alinham-se os recursos da redenção. Quem for mais claro e mais exato no cumprimento da Lei que ordena seja mantido o bem de todos, acima de tudo, mais ampla liberdade encontra para a vida eterna. Quanto mais sacrifício com serviço incessante pela felicidade dos corações que o Senhor nos confia, mais elevada ascensão à glória do Amor Divino.

- Então – aduzi -, nosso amigo Ildeu estará interrompendo o pagamento da dívida em que se empenhou...

- Isso mesmo.

- E Marcela? – perguntou Hilário – garantirá por ele a sustentação do lar?

- É o que esperamos e tudo faremos para auxiliá-la, já que o esposo, mais uma vez, faliu nos contratos assumidos.

- Não será lícito contar, matematicamente, com o heroísmo dela à frente da casa? – insistiu meu colega.

- Quem poderá medir a resistência dos outros? – falou Silas, sorrindo -, Marcela é senhora de si e, com a deserção do esposo, é chamada a encargos duplos. Desejamos sinceramente que ela seja forte e se sobreponha às vicissitudes da existência, mas se resvalar para delituosos desequilíbrios, quer lhe comprometam a estabilidade doméstico, na qual os filhos devem crescer para o bem, mais complicado e mais extenso se fará o débito de Ildeu, porquanto as falhas que ela venha a cometer serão atenuadas pelo injustificável abandono em que a lançou o marido. Quem se faz responsável por nossas quedas, experimenta em si mesmo a ampliação dos próprios crimes.

Hilário meditou... meditou... e disse, em seguida:

- Imaginemos, porém, que Marcela e os filhinhos consigam vencer a crise, esmagando com o tempo as necessidades de que são agora vítimas... Figuremo-los terminando a atual reencarnação, com plena vitória moral em confronto com Ildeu, retardado, impenitente, devedor... Se a esposa e os filhos, então definitivamente guindados à luz, dispensarem qualquer contacto com a sombra, em franca ascensão às linhas superiores da vida, a quem pagará Ildeu o montante das dívidas em que se agrava?

Silas estampou significativo gesto facial e explicou:

- Embora estejamos todos, uns diante dos outros, em processo reparador de culpas recíprocas, em verdade, antes de tudo, somos devedores da Lei em nossas consciências. Fazendo mal aos outros, praticamos o mal contra nós mesmos. Caso Marcela e os filhinhos se ergam, um dia, a plenos céus, e na hipótese de guardar-se nosso amigo mergulhado na Terra, vê-los-a Ildeu na própria consciência, sofredores e tristes, quais os tornou, atormentado pelas recordações que traçou para si mesmo e pagará em serviço a outras almas da senda evolutiva o débito que lhe onera o Espírito, de vez que, ferindo os outros, na essência estamos ferindo a obra de Deus, de cujas leis soberanas nos fazemos réus infelizes, reclamando quitação e reajuste.

- Isso quer dizer...

A palavra de Hilário, porém, foi cortada pela observação do Assistente que, em lhe surpreendendo as idéias, falou firme:

- Isso quer dizer que, se Ildeu, mais tarde, desejar reunir-se a Marcela, Roberto, Sônia e Márcia, então redimidos nas Esferas Superiores, deverá possuir uma consciência tão dignificada e sublime quanto a deles, de modo a não se envergonhar de si mesmo, considerando-se a probabilidade de triunfo para a esposa e os filhinhos nas provas árduas que o porvir lhes reserva.

- Deus meu!... – clamou Hilário, triste – quanto tempo então para uma empresa dessas!... E quanta dificuldade para o reencontro, se os entes queridos não se dispuserem a esperar!...

- Sim – confirmou Silas -, quem se retarda por gesto não pode queixar-se de quem avança. “A cada um segundo as suas obras”, ensinou o Divino Orientador, e ninguém no Universo conseguirá fugir à Lei.

Eu e Hilário, profundamente tocados pela lição, calamo-nos, confundidos, para orar e pensar.

Espírito : **André Luiz**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Ação e Reação - Cap. 14

NO REINO DOMÉSTICO

Você, meu amigo, pergunta que papel desempenhará o Espiritismo, na ciência das relações sociais, e, muito simplesmente, responderei que, aliado ao Cristo, o nosso movimento renovador é a chave da paz, entre as criaturas.

Já terá refletido, porventura, na importância da compreensão generalizada, com respeito à justiça que nos rege a vida, e à fraternidade que nos cabe construir na Terra?

A sociologia não é a realização de gabinete. É obra viva que interessa o cerne do homem, de modo a plasmar-lhe o clima de progresso substancial.

Reporta-se você ao amargo problema dos casamentos infelizes, como se o matrimônio fosse o único enigma na peregrinação humana, mas se esquece de que a alma encarnada é surpreendida, a cada passo, por escuros labirintos na vida de associação.

Habitualmente, renascem juntos, sob os elos da consangüinidade, aqueles que ainda não acertaram as rodas do entendimento, no carro da evolução, a fim de trabalharem com o abençoado buril da dificuldade sobre as arestas que lhes impedem a harmonia. Jungidos à máquina das convenções respeitáveis, no instituto familiar, caminham, lado a lado, sob os agulhões da responsabilidade e da traição, sorvendo o remédio amargoso da convivência compulsória para sanarem velhas feridas imanifestas.

E nesse vastíssimo roteiro de Espíritos em desajuste, não identificaremos tão somente os cônjuges infortunados. Além deles, há fenômenos sentimentais mais complexos. Existem pais que não toleram os filhos e mães que se voltam, impassíveis, contra os próprios descendentes. Há filhos que se revelam inimigos dos progenitores e irmãos que se exterminam dentro do magnetismo degenerado da antipatia congênita, dilacerando-se uns aos outros, com raios mortíferos e invisíveis do ódio e do ciúme, da inveja e do despeito, apaixonadamente cultivados no solo mental.

Os hospitais e principalmente os manicômios apresentam significativo número de enfermos, que não passam de mutilados espirituais dessa guerra terrível e incruenta na trincheira mascarada sob o nome de lar. Batizam-nos os médicos com rotulagens diversas, na esfera da diagnose complicada; entretanto, na profundez das causas, reside a influência maligna da parentela consangüínea que, não raro, copia as atitudes da tribo selvagem e enfurecida. Todos os dias, semelhantes farrapos humanos atravessam os pórticos das casas de saúde ou da caridade, à maneira de restos indefiníveis de naufragos, perdidos em mar tormentoso, procurando a terra firme da costa, através da onda móvel.

Não tenha dúvida.

O homicídio, nas mais variadas formas, é intensamente praticado sem armas visíveis, em todos os quadrantes do Planeta.

Em quase toda a parte, vemos pais e mães que expressam ternura, ante os filhos desventurados, e que se revoltam contra eles toda vez que se mostrem prósperos e felizes. Há irmãos que não suportam a superioridade daqueles que lhes partilham o nome e a experiência, e companheiros que apenas se alegram com a camaradagem nas horas de necessidade e infortúnio.

Ninguém pode negar a existência do amor no fundo das multiformes uniões a que nos referimos. Mas esse amor ainda se encontra, à maneira do ouro inculto, incrustado no cascalho duro e contundente do egoísmo e da ignorância que às vezes, matam sem a intenção de destruir e ferem sem perceber a inocência ou a grandeza de suas vítimas.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

Por isso mesmo, o Espiritismo com Jesus, convidando-nos ao sacrifício e à bondade, ao conhecimento e ao perdão, aclarando a origem de nossos antagonismos e reportando-nos aos dramas por nós todos já vividos no pretérito, acenderá um facho de luz em cada coração, inclinando as almas rebeldes ou enfermiças à justa compreensão do programa sublime de melhoria individual, em favor da tranquilidade coletiva e da ascensão de todos.

Desvelando os horizontes largos da vida, a Nova Revelação dilatará a esperança, o estímulo à virtude e a educação em todas as inteligências amadurecidas na boa vontade, que passarão a entender nas piores situações familiares pequenos cursos regenerativos, dando-se pressa em aceitá-los com serenidade e paciência, de vez que a dor e a morte são invariavelmente os oficiais da Divina Justiça, funcionando com absoluto equilíbrio, em todas as direções, unindo ou separando almas, com vistas à prosperidade do Infinito Bem.

Assim, pois, meu caro, dispense-me da obrigação de maiores comentários, que se fariam tediosos em nossa época de esclarecimento rápido, através da condensação dos assuntos que dizem respeito ao soerguimento da Terra.

Observe e medite.

E, quando perceber a imensa força iluminativa do Espiritismo Cristão, você identificará Jesus como sendo o Sociólogo Divino do Mundo, e verá no Evangelho o Código de Ouro e Luz, em cuja aplicação pura e simples reside a verdadeira redenção da Humanidade.

Espírito.: Irmão X
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro : Cartas e Crônicas – Cap. 32 - Pág. 143

AMOR - CASAMENTO - DIVÓRCIO

O amor a tudo resiste:
Treva, espinho, pedra e lama.
O divórcio não existe.
No coração de quem ama.

Lívio Barreto

Casamento, muitas vezes,
É um rol de penas sofridas
Em que os cônjuges se pagam
Por débitos de outras vidas.

Ulysses Bezerra

Felicidade no amor?
Não me pergunte qual é.
Quando fiel a si mesmo
Todo amor merece fé.

Casimiro Cunha

O divórcio nunca erra
No par em distância inglória,
Certas dívidas na Terra
Precisam de moratória.

José Albano

Casamento é um céu a dois
Por entre sombras contrárias.
Laços, que venham depois,
São provações voluntárias.

Irene de Souza Pinto

Amor que vive no lar
Nunca lida ou sofre em vão.
Todo amor de sacrifício
É luz de sublimação

Antônio de Castro

Bendita a mão que escreveu
Essa sentença que dou:
“Quem amou nunca esqueceu,
Quem esqueceu nunca amou”.

Augusto Coelho

Caridade lembra um mar,
Imenso, renovador,
Que acolhe sem transbordar
Todas as fontes do amor.

Auta de Souza

O amor aos outros, no fundo,
É a luz que encontro por fim,
Com que me livre no mundo
Da sombra que trago em mim.

Eugênio Rubião

Divórcio não tem censura,
Mas se o fazes... Desde agora,
Atrasas conta madura
Pagando juros de mora.

Deraldo Neville

Espíritos Diversos

Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro: Chico Xavier Pede Licença - Pág. 163 - Cap. 36

COMPROMISSO E UNIÃO

Quer você, prezada Zina,
Dar-se ao desquite comum,
No entanto, você deseja
Agir sem remorso algum.

E afirma: “Diga, Cornélio,
Diga o que posso fazer,
Tenho a mente atribulada
Entre a vontade e o dever.

Além de esposa, sou mãe...
Tenho dois filhos em casa...
Mas o marido infiel
É a provação que me arrasa!...

Dos ensinamentos de outro mundo,
Dê-me alguma diretriz,
Acolha fraternalmente
O apelo desta infeliz!...”

Não se sinta, minha irmã,
Desditosa ou desprezada;
Lembre: o Sol abraça a todos,
Do monte às pedras da estrada.

Na essência, prezada Zina,
O caso é assim, qual se vê:
Qualquer deliberação
Pertence, em tudo, a você.

Sociedades e grupos
São destinados, ao Bem,
Deus não cria mal nenhum,
Nem cativo a ninguém.

Mas Deus nos fez de tal modo
Que a Lei, por todos os lados,
Emancipa as decisões,
E analisa os resultados.

Se possível, entretanto,
Estude esta simples nota:
Quase sempre o esposo é um filho
Que a esposa protege e adota.

Muita vez antes do berço,
Pedimos no Grande Além,
Enlace em luta na Terra
Em favor da paz de alguém.

O Céu nos ouve o pedido,
Tornamos à vida nova,
Querendo agir por servir,
Nosso amor é posto à prova.

Com atender à tarefa
Sem o sacrifício no lar?
Amor é somente amor,
Nada tem a reclamar.

De outras vezes, ligação
Em fogo, martírio e chaga,
É o resgate progressivo
Do débito que se paga.

Em toda prova, no entanto,
O amor é uma luz sublime,
No trabalho, faz-se escola,
No sofrimento, redime.

Querida irmã, pense nisso:
Amor é abnegação,
Insista no amor. Não Fuja
Aos laços do coração.

Esp.: **Cornélio Pires**
Psicografia : Francisco Cândido Xavier
Livro: Conversa Firme - Pág.80 - Cap. 11

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

DESENCONTROS DE AMOR

Você deseja noções,
Meu caro Luiz Heitor,
De como se vê no além
Os desencontros de amor.

Vejo agora que você
Tocando nessa questão,
Anota como se deve
A Lei da Reencarnação.

Se o estudo sobre a Terra
Fosse a luz de toda gente
A vida de cada um
Surgiria diferente.

Muitos renascem no corpo
Para renúncia e serviço,
Mas depois, de passada a infância
Não querem nada com isso.

Principalmente em matéria
Do amor que salva e ilumina,
Quando se perde a cabeça,
Lá se vai a disciplina.

Se nós amassamos todos,
Segundo o amor de Jesus,
Tudo seria na Terra
Bondade, alegria e luz.
O amor, no entanto, entre os homens,
Tem força de correnteza
E o sexo lembra um rio
Que precisa de represa.
Se uma afeição de outras vidas
Vem, de novo, ao nosso olhar,
A condição em que esteja
É uma lei a respeitar.

Pode-se amar a pessoa
Em bases de estima e fé,
Como se guarda uma flor
Que não se arranca do pé.
Mas muita gente no teste,
Reencontrando um ser amado
Desgoverna-se de todo,
E deixa o dever de lado.
Se a criatura cai nisso,
Olvida o senso comum,
Menospreza o compromisso,
Não aceita aviso algum.
Abandonado o programa
Que se trouxe o renascer
Os males que surgirão
Ninguém consegue prever.

É muito amigo da vida
Procurando o próprio azar,
Há muito drama no mundo
Que precisamos lembrar:

Maricota matou João
E deu-se ao Natalidade,
Mas João hoje é filho dela
Sem justa necessidade.

Carolino suicidou-se
Largado por Florisbela,
Que não pode ser de Antônio
Por ver o morto atrás dela.

Antero morreu por Joana
Pois Joana deu-se ao Benfica,
Antero voltou aos dois
É o filho que os crucifica.

Quitéria arrasou Belinha
Para dar-se ao Gil Cascudo,
A vítima renasceu...
É a filha que a fere em tudo.

Cervino acabou com Cláudio
Conquistando Dona Elisa,
Mas morto regressou...,
É o filho que os escraviza.

O triângulo afetivo
Que não se forma, a contento,
Termina sempre na vida
Em trio de sofrimento.

Se você gosta de alguém,
Mas já não está sozinho,
Cultive o amor dos irmãos,
Não complique o seu caminho.
Você faça o que quiser,
Liberdade é cousa santa,
Mas não se esqueça, meu caro:
Cada qual colhe o que planta.
Se você apenas luta
Por desejo e tentação,
Separação não se entende,
Divórcio não tem razão.

Cumpra o dever que abraçou
Alegre, forte, sereno,
O sexo com remorso
É melado com veneno.

Recorde o antigo provérbio
De valor singelo e raro:
“Quem a paca cara compra,
pagará a paca caro”.

Espírito: Cornélio Pires

Médium: Francisco Cândido Xavier
Livro: Retratos da Vida — pág.68)

DIVÓRCIO E SUPERPOPULAÇÃO

FREITAS NOBRE – Vou usar um recurso, mas muito legítimo, porque eu vou fazer duas perguntas dadas à premência do tempo e a necessidade de fazê-las. A primeira é a seguinte: o texto evangélico lembra que não deve o homem separar o que Deus uniu. Argumenta-se de um lado, que o casamento, portanto, é indissolúvel, e de outro lado, que aquilo que Deus não uniu pode ser separado, porque não foi Deus que uniu. Pergunto então como os mentores espirituais de Chico Xavier interpretariam o texto bíblico e, em segundo lugar, há uma preocupação, ainda hoje os nossos companheiros de rádio me pediram: “pergunta ao Chico Xavier, já que você vai ser um dos perguntadores, pergunta como é que a população deste planeta cresce desta maneira, se com o problema da reencarnação a fonte de vida para toda essa população teria origem exatamente onde?” Essa pergunta dos companheiros de rádio é uma pergunta que anda, às vezes, nas preocupações gerais de muitas pessoas. É evidente que muitos de nós aqui podemos ter o nosso entendimento a propósito do assunto, mas os nossos companheiros de rádio que hoje estão tão interessados nesta matéria de espírito, me pedem para formular a pergunta e aí ficam as duas interrogações, pedindo a você desculpas pelo expediente que usei para formular a pergunta.

CHICO XAVIER – A primeira questão apresentada pelo nosso digno amigo Sr. deputado federal, Dr. Freitas Nobre, envolve o problema do divórcio no Brasil. Isso traz uma outra questão, que é a questão do desquite. Sem nenhum desrespeito às nossas leis, com absoluta veneração aos nossos magistrados, que são zeladores da nossa dignidade como povo cristão, mas os nossos amigos espirituais consideram que o desquite facultado pelo artigo 316 do nosso Código Civil de algum modo, sem qualquer irreverência, pode ser comparado, com todo o respeito nosso à dignidade dos nossos governantes e dos nossos legisladores, o desquite no Brasil pode ser comparado ao presente de um carro de luxo, que é doado sem o motor. O carro não pode funcionar porque o motor está de um lado e a estrutura do veículo de outro. No artigo número 323 do nosso Código Civil, existe a possibilidade da reconciliação dos cônjuges seja de que modo for, e a lei então aprova a reaproximação dos cônjuges que não puderam viver juntos. Então é o trazimento do motor ao carro, que para que o carro venha a funcionar da mesma forma pela qual o mesmo foi considerado em dificuldade antes do reajuste. Por isso mesmo, nós, que hoje vivemos em dimensões econômicas diferentes, em dimensões de intercâmbio diferentes, dimensões comerciais, dimensões diplomáticas muito diferentes daquelas que nos caracterizavam até 1916, quando o nosso Código era herdeiro de muitas das idiosincrasias do Código de Napoleão, e já diferente da lei 4.121, de 27 de agosto de 1962, considerada como sendo o estatuto da mulher casada. Nós que vivemos hoje em dimensões tão grandes de compreensão humana, nós consideramos o divórcio como medida humana, medida legítima, porquanto dói ao nosso coração quando ouvimos, nas palavras públicas de nossos grandes magistrados a palavra, desculpem-me, a palavra concubina para designar senhoras distintíssimas, grandes mães de família que estão em segunda, terceira ou quarta união, com absoluto respeito ao regime monogâmico que impera em nossas relações. Peçamos a Deus que as nossas autoridades possam ouvir os nossos sentimentos, mas não apressadamente, porque as leis não devem se alterar de um dia para outro, para que determinadas alas de criaturas ainda não matriculadas na escola da compreensão humana, da ternura humana, venham a abusar da magnanimidade de nossos preceitos legais. Nós vamos esperar que dias melhores venham para a família brasileira, e que o divórcio possa ser consagrado, por nós todos, como medida humana, porque do ponto de vista espírita-cristão, muitos, talvez, afirmem: mas, e a dívida de outras reencarnações? Muito bem, mas os nossos bancos

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

forneem moratórias, forneem reformas, será que o banco da previdência divina está em penúria tal que não nos possa dar tempo para depois resgatarmos as nossas dívidas, com determinados companheiros ou companheiras, para que nós não venhamos a cair, muitas vezes, em delinqüência, para salvaguardar os nossos interesses, a nossa integridade mental, mesmo? O divórcio é uma medida humana, mas nós devemos considerar e isso digo na condição de espírita, nós os espíritas precisamos e sabemos respeitar a maioria católica da Nação brasileira. Por isso mesmo, fazemos votos para que o Soberano Pontífice, que nós tratamos com a máxima veneração, e que suas eminências, os cardeais do Brasil, e suas excelências, os senhores arcebispos e bispos do Brasil possam também abençoar esses nossos ideais para que o divórcio venha tranquilizar tantos adultos e legalizar tanto os adultos e jovens que necessitam de semelhante medida para que a paz e o amor, na fala do nosso caro entrevistador, Dr. Durval Monteiro, para que a paz e o amor reinem dentro do lar pátrio, do território brasileiro, isto sem desconsiderar os princípios monogâmicos, os princípios de fidelidade que os cônjuges devem entre si, dentro das novas dimensões psicológicas em que os nossos grupos sociais são chamados a viver. Nós temos dois fantasmas que precisamos abolir do campo de nossas vidas, que são a promiscuidade e a prostituição. Nós poderemos vencer a prostituição com a dignidade do trabalho porque, pelo trabalho, cada criatura se faz respeitada pelo rendimento de sua própria vida no grupo social e a promiscuidade pela orientação médica que vai liberar a nossa mente de aventuras suscetíveis de comprometer o futuro de nossos descendentes. Mas, o divórcio, medida humana, sem nenhum desrespeito à família brasileira, que é profundamente cristã, é medida humana, mas devemos esperar que os nossos magistrados reconsiderem os pontos de vista em andamento, e que processos novos de vivência possam inspirar essa lei de liberação, que é uma lei justa em favor da paz de nossos lares com emancipação para o homem e emancipação para a mulher, sem as ilusões e fantasias do amor possessivo, do amor egoístico de um lado ou de outro, porque cada um é senhor do seu próprio destino.

Autor : Francisco Cândido Xavier

Livro: Chico Xavier – Dos Hippies aos Problemas do Mundo – Cap. 23 – Pág.: 95

NO LAR

Espelho vivo do nosso pretérito, a família convida ao dever que não pode ser adiado.

Caldeira de refinamento do óleo bruto do espírito dilui, em temperatura elevada de tensão irresistível, as paixões rudes fixadas nas peças sensíveis da máquina psíquica.

Cruzam no lar verdugos que o tempo despertará em reencontros inevitáveis e amores angelicais em esfera de compaixão socorrista, atendendo às engrenagens da evolução.

Cada rebento carnal carrega vínculos do pretérito em relação aos núcleos donde procede.

Cada conjugação de esforço na união matrimonial repete experiências em que se foi infeliz anteriormente.

Por isso, matrimônio e divórcio são termos difíceis de ser conciliáveis.

O companheiro cruel deixado à margem no insucesso conjugal, ressurgirá depois em complexo mecanismo, para a compreensão que se adia.

O filho rebelado ou o genitor errascível de quem se foge, reaparecerá mais além, mais infeliz, mais exigente.

Família --- escola.

Sociedade --- academia

Entre os que estão jugulados pelo sangue e pelo dever você aprende a lição inicial da sublimação.

Acenda a luz da bondade em casa e deixe-a brilhar nas sombras da família-provação onde você se encontra, cultivando de agora a libertação que anseia, através do auxílio que oferece aos que estão escravizados pelos muitos débitos a você.

Esp. : **Marco Prisco**
Médium : Divaldo Pereira Franco
Livro : Ementário Espírita – Pág. 13

CASAMENTO E FAMÍLIA

Diante das contestações que se avolumam, na atualidade, pregando a reforma dos hábitos e costumes, surgem os demolidores de mitos e de Instituições, assinalando a necessidade de uma nova ordem que parece assentar as suas bases na anarquia.

A onda cresce e o tresvario domina, avassalador, ameaçando os mais nobres patrimônios da cultura, da ética e da civilização, conquistados sob ônus pesados, no largo processo histórico da evolução do homem.

Os aficionados de revolução destruidora afirmam que os valores ora considerados, são falsos, quando não falidos, e que os mesmos vêm comprimindo o indivíduo, a sociedade e as massas, que permanecem jungidos ao servilismo e à hipocrisia, gerando fenômenos alucinatórios e mantendo, na miséria de vários matizes, grande parte da humanidade.

Entre as Instituições que, para eles, se apresentam ultrapassadas, destacam o matrimônio e a família, propondo a promiscuidade sexual, que disfarçam com o nome de “amor livre”, e a independência do jovem, imaturo e inseqüente, sob a justificativa de liberdade pessoal, que não pode nem deve ser asfixiada sob os impositivos da ordem, da disciplina, da educação...

Excedendo-se, na arbitrariedade das propostas ideológicas ainda não confirmadas pela experiência social nem pela convivência na comunidade, afirmam que a criança e o jovem não são dependentes quanto parecem, podendo defender-se e realizar-se, sem a necessidade da estrutura familiar, o que libera os pais negligentes de manterem os vínculos conjugais, separando-se tão logo enfrentam insatisfações e desajustes, sem que se preocupem com a prole.

Não é necessário que analisemos os problemas existenciais destes dias, nem que façamos uma avaliação dos comportamentos alienados, que parecem resultar da insatisfação, da rebeldia e do desequilíbrio, que grassam em larga escala.

A monogamia é conquista de alto valor moral da criatura humana, que se dignifica pelo amor e respeito ao ser elegido, com ele compartilhando alegrias e dificuldades, bem-estar e sofrimentos, dando margem às expressões da afeição profunda, que se manifesta sem a dependência dos condimentos sexuais, nem dos impulsos mais primários da posse, do desejo insano.

Utilizando-se da razão, o homem compreende que a vida biológica é uma experiência muito rápida, que ainda não alcançou biótipos de perfeição, graças ao que, é frágil, susceptível de dores, enfermidades, limitações, sendo, os estágios da infância como o da juventude, preparatórios para os períodos do adulto e da velhice.

Assim, o desgaste e o abuso de agora tornam-se carência e infortúnio mais tarde, na maquinaria que deve ser preservada e conduzida com morigeração.

Aprofundando o conceito sobre a vida, se lhe constata a anterioridade ao berço e a continuidade após o túmulo, numa realidade de interação espiritual com objetivos definidos e inamovíveis, que são os mecanismos inalienáveis do progresso, em cujo contexto tudo se encontra sob impositivos divinos expressos nas leis universais.

Desse modo, baratear, pela vulgaridade, a vida e atirá-la a situações vexatórias, destrutivas, constitui crime, mesmo quando não catalogado pelas leis da justiça, exaradas nos transitórios códigos humanos.

O matrimônio é uma experiência emocional que propicia comunhão afetiva, da qual resulta a prole sob a responsabilidade dos cônjuges, que se nutrem de estímulos vitais, intercambiando hormônios preservadores do bem estar físico e psicológico.

Não é, nem poderia ser, uma incursão ao país da felicidade, feita de sonhos e de ilusões.

Representa um tentame, na área da educação do sexo, exercitando a fraternidade e o entendimento, que capacitam as criaturas para mais largas incursões na área do relacionamento social.

Ao mesmo tempo, a família constitui a célula experimental, na qual se forjam valores elevados e se preparam os indivíduos para uma convivência salutar no organismo universal, onde todos nos encontramos fixados.

A única falência, no momento, é a do homem, que se perturba, e, insubmisso, deseja subverter a ordem estabelecida, a seu talante, em vãs tentativas de mudar a linha do equilíbrio, dando margem às alienações em que mergulha.

Certamente, muitos fatores sociológicos, psicológicos, religiosos e econômicos contribuíram para este fenômeno. Não obstante, são injustificáveis os comportamentos que investem contra as Instituições objetivando demoli-las, ao invés de auxiliar de forma edificante em favor da renovação do que pode ser recuperado, bem como da transformação daquilo que se encontre ultrapassado.

O processo da evolução é inevitável. Todavia, a agressão, pela violência, contra as conquistas que devem ser alteradas, gera danos mais graves do que aqueles que se buscam corrigir.

O lar, estruturado no amor e no respeito aos direitos dos seus membros, é a mola propulsora do progresso geral e da felicidade de cada um, como de todos em conjunto.

Para esse desiderato, são fixados compromissos de união antes do berço, estabelecendo-se diretrizes para a família, cujos membros se voltam a reunir com finalidades específicas de recuperação espiritual e de crescimento intelecto-moral, no rumo da perfeição relativa que todos alcançarão.

Esta é a finalidade primeira da reencarnação.

A precipitação e desgoverno das emoções respondem pela ruptura da responsabilidade assumida, levando muitos indivíduos ao naufrágio conjugal e à falência familiar por exclusiva responsabilidade deles mesmos.

Enquanto houver o sentimento de amor no coração do homem --- e ele sempre existirá, por ser manifestação de Deus ínsita na vida --- o matrimônio permanecerá, e a família continuará sendo a célula fundamental da sociedade.

Envidar esforços para a preservação dos valores morais, estabelecidos pela necessidade do progresso espiritual, é dever de todos que, unidos, contribuirão para uma vida melhor e uma humanidade mais feliz, na qual o bem será a resposta primeira de todas as aspirações.

Esp.: **Benedita Fernandes**

Psicografia : Divaldo Pereira Franco

Livro : Antologia Espiritual – Cap. 9 – Pág. 37

RESPONSABILIDADE NO MATRIMÔNIO

Interrogam, muitos discípulos de Evangelho: não é mais lícito o desquite ou o divórcio, em considerando os graves problemas conjugais, à manutenção de um matrimônio que culmine em tragédia? Não será mais conveniente uma separação, desde que a desinteligência se instalou, ao prosseguimento de uma vida impossível? Não têm direito, ambos os cônjuges, a diversa tentativa de felicidade, ao lado de outrem, já que se não entendem?

E muitas outras inquirições surgem, procurando respostas honestas para o problema que dia-a-dia mais se agrava e avulta.

Inicialmente, deve ser examinado que o matrimônio em linhas gerais é uma experiência de reequilíbrio das almas no orçamento familiar. Oportunidade de edificação sob a bênção da prole --- e, quando fatores naturais coercitivos a impedem, justo se faz abrir os braços do amor espiritual às crianças que gravitavam ao abandono --- para amadurecer emoções, corrigindo sensações e aprendendo fraternidade.

Não poucas vezes os nubentes, mal preparados para o consórcio matrimonial, dele esperam tudo, guindados ao paraíso da fantasia, esquecidos de que esse é um sério compromisso, e todo compromisso exige responsabilidades recíprocas a benefício dos resultados que se deseja colimar.

A “lua de mel” é imagem rica de ilusão, porquanto, no período primeiro do matrimônio, nascem traumas e desajustes, inquietações e receios, frustrações e revoltas, que despercebidos, quase a princípio, espocam mais tarde em surdas guerrilhas ou batalhas lamentáveis no lar, em que o ódio e o ciúme explodem, descontrolados, impondo soluções, sem dúvida, que sejam menos danosas do que as trágicas.

Todavia, há que meditar, no que concerne aos compromissos de qualquer natureza, que a sua interrupção, somente adia a data da justa quitação. No casamento, não raro, o adiamento promove o ressurgir do pagamento em circunstâncias mais dolorosas no futuro em que, a pesadas renúncias e a fortes lágrimas, somente, se consegue a solução.

* _ * _

Indispensável que para o êxito matrimonial sejam exercitadas singelas diretrizes de comportamento amoroso.

Há alguns sinais de alarme que podem informar a situação de dificuldade antes de agravar a união conjugal:

- . silêncios injustificáveis quando os esposos estão juntos;
- . tédio inexplicável ante a presença do companheiro ou da companheira;
- . ira disfarçada quando o consorte ou a consorte emite uma opinião;
- . saturação dos temas habituais, versados em casa, fugindo para interminas leituras de jornais ou inacabáveis novelas de televisão;
- . irritabilidade contumaz sempre que se avizinha do lar;
- . desinteresse pelos problemas do outro;
- . falta de intercâmbio de opiniões;

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

. atritos contínuos que ateiavam fagulhas de irascibilidade, capazes de provocar incêndios em forma de agressão desta ou daquela maneira...

E muitos outros mais.

* _ * _ *

Antes que as dificuldades abram distâncias e os espinhos da incompreensão produzam feridas, justo que se assumam atitudes de lealdade, fazendo um exame das ocorrências e tomando-se providências para sanar os males em pauta.

Assim, a honestidade lavrada na sensatez, que manda “abrir-se o coração” um para com o outro, consegue corrigir as deficiências e reorganizar o panorama afetivo.

É natural que ocorram desacertos. Ao invés, porém, de separação, reajustamento.

A questão não é de uma “nova busca” mas de redescobrimto do que já possui.

Antes da decisão precipitada, ceder cada um, no que lhe concerne, a benefício dos dois.

Se o companheiro se desloca, lentamente, da família, refaça a esposa o lar, tentando nova fórmula de reconquista e tranqüilidade.

Se a companheira se afasta, afetuosamente, pela irritação ou pelo ciúme, tolere o esposo, conferindo-lhe confiança e renovação de idéias.

O cansaço, o cotidiano, a apatia são elementos constrictivos da felicidade.

Nesse sentido, o cultivo dos ideais nobilitastes consegue estreitar os laços do afeto e os objetivos superiores unem os corações, penetrando-os de tal forma, que os dois se fazem um, a serviço do bem. E em tal particular, o Espiritismo --- a Doutrina do Amor e da Caridade por excelência --- consegue renovar o entusiasmo das criaturas, já que desloca o indivíduo de si mesmo, ajuda-o na luta contra o egoísmo e concita-o à responsabilidade ante as leis da vida, impulsionando-o ao labor incessante em prol do próximo. E esse próximo mais próximo dele é o esposo ou a esposa, junto a quem assumiu espontaneamente o dever de amar, respeitar e servir.

Assim, considerando, o Espiritismo, mediante o seu programa de ideal cristão, é senda redentora para os desajustados e ponte de união para os cônjuges, em árduas lutas, mas que não encontraram a paz.

Esp.: Joanna de Ângelis

Psicografia : Divaldo Pereira Franco

Livro : Sol de Esperança – Cap. 35 – Pág. 140

PROBLEMAS NO MATRIMÔNIO

À exceção dos casos de relevantes compromissos morais, o matrimônio, na Terra, constitui abençoada oportunidade redentora a dois, que não se pode desconsiderar sem gravames complicados.

Em toda união conjugal as responsabilidades são recíprocas, exigindo de cada nubente uma expressiva contribuição, a benefício do êxito de ambos, no tentame encetado.

Pedra angular da família --- o culto dos deveres morais ---, a construção do lar nele se faz mediante as linhas seguras do enobrecimento dos cônjuges, objetivando o equilíbrio da prole.

Somente reduzido número de pessoas, se prepara convenientemente, antes de intentar o consórcio matrimonial; a ausência desse cuidado, quase sempre, ocasiona desastre imediato de conseqüências lamentáveis.

Açulados por paixões de vária ordem, que se estendem desde a atribuição sexual aos jogos dos interesses monetários, deixam-se colher por afligentes desvarios, que redundam maior débito entre os consorciados e em relação à progenitura...

Iludidos, face aos recursos da atual situação tecnológica, adiam, de início, o dever da paternidade sob justificativas indébitas, convertendo o tálamo conjugal em recurso para o prazer como para a leviandade, com que estiolam os melhores planos por momento acalentados.

Logo despertam, espicaçados por antipatias e desajustes que lhes parecem irreversíveis, supõem que somente a separação constitui fórmula solucionadora quando não derrapam nas escabrosidades que conduzem aos lúgubres crimes passionais.

Com a alma estiolada, quando a experiência se lhes converteu em sofrimento, partem para novos conúbios amorosos, carregando lembranças tormentosas, que se transformam em pesadas cargas emocionais desequilibrantes.

Alguns, dentre os que jazem vitimados por acerbas incompreensões e anseiam refazer o caminho, se identificam com outros espíritos aos quais se apegam, sôfregos, explicando tratar-se de almas gêmeas ou afins, não receando desfazer um ou dois lares para constituir outro, por certo, de efêmera duração.

Outros, saturados, debandam na direção de aventuras vis, envenenando-se vagarosamente.

Enquanto a juventude lhes acena oportunidades, usufruem-nas, sem fixações de afeto, nem intensidade de abnegação. Surpreendidos pela velhice prematura, que o desgaste lhes impõe, ou chegados à idade do cansaço natural, inconformam-se, acalentando pessimismo e cultivando os resíduos das paixões e mágoas que os enlouquecem, a pouco e pouco.

*_*_*

O amor é de origem divina. Quanto mais se doa, mais se multiplica sem jamais exaurir-se.

Partidários da libertinagem, porém, empenham-se em insensata cruzada para torná-lo livre, como se jamais não o houvera sido. Confundem-no com sensualidade e pensam convertê-lo apenas em instinto primitivo, padronizado pelos impulsos da sexualidade atribulada.

Liberdade para amar, sem dúvida, disciplina para o sexo, também.

Amor é emoção, sexo sensação.

Compreensivelmente, mesmo nas uniões mais ajustadas, irrompem desentendimentos, incompreensões, discórdias que o amor suplanta.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

O matrimônio, desse modo, é uma sociedade de ajuda mútua, cujos bens são os filhos --- Espíritos com os quais nos encontramos vinculados pelos processos e necessidades de evolução.

Pensa, portanto, refletindo antes de casar. Reflexiona, porém, muito antes de debandar, após assumidos os compromissos.

As dúvidas projetadas para o futuro sempre surgem em horas inesperadas com juro capitalizados. O que puderes reparar agora não transfiras para amanhã. Enquanto luz tua ensancha, produz bens valiosos e não te arrependers.

*_*_*

Tendo em vista a elevação do casamento, Jesus abençoou-o em Caná com a Sua presença, tomando-o como parte inicial do Seu ministério entre os homens.

E Paulo, o discípulo por excelência, pensando nos deveres de incorruptibilidade matrimonial, escreveu, conforme epístola número 5, aos Efésios, nos versículos 22 e 25: *“as mulheres sejam sujeitas a seus maridos, como ao Senhor... Assim também devem os maridos amar a suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo”*. Em tão nobre conceito não há subserviência feminina nem pequenez masculina, antes, ajustamento dos dois para a felicidade no matrimônio.

Esp.: Joanna de Ângelis

Psicografia : Divaldo Pereira Franco

Livro : Celeiro de Bênçãos – Cap. 34 – Pág. 105

DESQUITE E DIVÓRCIO

Na sua generalidade o matrimônio é laboratório de reajustamentos emocionais e oficina de reparação moral, através dos quais Espíritos comprometidos se unem para elevados cometimentos no ministério familiar.

Sem dúvida, reencontros de Espíritos afins produzem vida conjugal equilibrada, em clima de contínua ventura, através da qual missionários do saber e da bondade estabelecem a união, objetivando nobres desideratos, em que empenham todas as forças.

Outras vezes, programando a elaboração de uma tarefa relevante para o futuro deles mesmos, se penhoram numa união conjugal que lhes enseje reparação junto aos desafetos e às vítimas indefesas do passado, para cuja necessidade de socorrer e elevar compreendem ser inadiável.

Fundamental, entretanto, em tais conjunturas, a vitória dos cônjuges sobre o egoísmo, granjeando recursos que os credenciem a passos mais largos, na esfera das experiências em comum.

Normalmente, porém, através do consórcio matrimonial, exercitam-se melhor as virtudes morais, que devem ser trabalhadas a benefício do lar e da compreensão de ambos os comprometidos na empresa redentora. Nessas circunstâncias a prole, quase sempre vinculada por desajustes pretéritos, é igualmente convocada ao buril da lapidação, na oficina doméstica, de cujos resultados surgem compromissos vários em relação ao futuro individual de cada membro do clã, como do grupo em si mesmo.

Atraídos por necessidades redentoras, mas despreparados para elas, os membros do programa afetivo, não poucas vezes, descobrem, de imediato a impossibilidade de continuarem juntos.

De certo modo, a precipitação resultante do imediatismo materialista que turba o discernimento, quase sempre pelo desequilíbrio no comportamento sexual, é responsável pelas alianças de sofrimento, cuja harmonia difícil, quase sempre, culmina em ódios ominosos ou tragédias lamentáveis.

Indispensável, no matrimônio, não se confundir paixão com amor, interesse sexual com afeição legítima.

Causa preponderante nos desajustes conjugais o egoísmo, que se concede valores e méritos superlativos em detrimento do parceiro a quem se está vinculado.

Mais fascinados pelas sensações brutalizantes do que pelas emoções enobrecidas, fogem os nubentes desavisados um do outro a princípio pela imaginação e depois pela atitude, abandonando a tolerância e a compreensão, de pronto iniciando o comércio da animosidade ou dando corpo às frustrações, que degeneram em atritos graves e enfermidades perturbadoras.

Comprometessem-se, realmente, a ajudar-se com lealdade, estruturassem-se nos elementos das lições evangélicas, compreendessem e aceitassem como legítimas a transitoriedade do corpo e o valor da experiência provacional, e se evitariam incontáveis dramas, inumeráveis desastres do lar, que ora desarticulam as famílias e infelicitam a sociedade.

O casamento é contrato de deveres recíprocos, em que se devem empenhar os contratantes a fim de lograrem o êxito do cometimento.

A sociedade materialista, embora disfarçada de religiosa, facilita o rompimento dos liames que legalizam o desposório por questões de somenos importância, facultando à grande maioria dos comprometidos perseguirem sensações novas, com que desbordam pela via de alucinações decorrentes de sutis como vigorosas obsessões resultantes do comportamento passado e do desassissamento do presente.

O divórcio como o desquite são, em consequência, soluções legais para o que moralmente já se encontra separado.

Evidente, que, tal solução é sempre meritória, por evitar atitudes mais infelizes que culminam em agravamento de conduta para os implicados na trama dos reajustamentos de que não se evadirão.

Volverão a encontrar-se, sem dúvida, quiçá em posição menos afortunada, oportunamente.

Imprescindível que, antes da atitude definitiva para o desquite ou o divórcio, tudo se envide em prol da reconciliação, inda mais considerando quanto os filhos merecem que os pais se imponham uma união respeitável, de cujo esforço muito dependerá a felicidade deles.

Períodos difíceis ocorrem em todo e qualquer empreendimento humano.

Na dissolução dos vínculos matrimoniais, o que padeça a prole, será considerado como responsabilidade dos genitores, que se somassem esforços poderiam Ter contribuído com proficiência, através da renúncia pessoal, para a dita dos filhos.

*_*_*

Se te encontras na difícil conjuntura de uma decisão que implique em problema para os teus filhos, pára e medita. Necessitam de ti, mas, também do outro membro-base da família.

Não te precipites, através de soluções que às vezes complicam as situações.

Dá tempo a que a outra parte desperte, concedendo-lhe ensanchar para o reajustamento.

De tua parte permanece no posto.

Não sejas tu quem tome a decisão.

A humildade e a perseverança no dever conseguem modificar comportamentos, reacendendo a chama do entendimento e do amor, momentaneamente apagada.

Não te apegues ao outro, porém, até a consumação da desgraça.

Se alguém não mais deseja, espontaneamente, seguir contigo, não te transformes em algema ou prisão.

Cada ser ruma pela rota que melhor lhe apraz e vive conforme lhe convém. Estará, porém, onde quer que vá, sob o clima que merece.

Tem paciência e confia em Deus.

Quando se modifica uma circunstância ou muda uma situação, não infiras disso que a vida, a felicidade, se acabaram.

Prossegue animado de que aquilo que hoje não tens será fortuna amanhã em tua vida.

Se estiveres a sós e não dispuseres de forças, concede-te outra oportunidade, que enobrecerás pelo amor e pela dedicação.

Se te encontrares ao lado de um cônjuge difícil ama-o, assim mesmo, sem deserção, fazendo dele a alma amiga com quem estás incurso pelo pretérito, para a construção de um porvir ditoso que a ambos dará a paz, facultando, desse modo, a outros Espíritos que se revincularão pela carne, a ocasião excelente para a redenção.

Esp.: Joanna de Ângelis

Psicografia : Divaldo Pereira Franco

Livro : Após a Tempestade – Cap. 13 – Pag. 71.

DENTRO DO LAR

Famílias-problemas!...
Irmãos que se antagonizam...
Cônjuges em lamentáveis litígios...
Animosidades entre filho e pai, farpas de ódios entre filha e mãe...
Afetos conjugais que se desmantelam em caudais de torvas acrimônias...
Sorrisos filiais que se transfiguram em rictos de idiosincrasias e vinditas...
Tempestades verbais em discussões extemporâneas...
Agressões infelizes de conseqüências fatais...
Tragédias nas paredes estreitas da família...
Enfermidades rigorosas sob látegos de impiedosa maldade...
Mãos encanecidas sob tormentos de filhos dominados por ódios inomináveis.
Pais enfermos açoitados por filhas obsidiadas, em conúbios satânicos de reações violentas em cadeia de ira...
Irmãos dependentes sofrendo agressões e recebendo amargos pães, fabricados com vinagre e fel de queixas e recriminações...
Famílias em guerras tiranizantes, famílias-problemas!...

*_*_*

É da Lei Divina que o infrator renasça ligado à infração que o caracteriza.
A justiça celeste estabeleceu que a sementeira tem caráter espontânea, mas a colheita tem impositivo de obrigatoriedade.
O esposo negligente de ontem hoje recebe no lar a antiga companheira nas vestes de filha ingrata e maldizente.
A nubente atormentada, que no passado desrespeitou o lar, acolhe nos braços, no presente, o esposo traído vestindo as roupas de filho insidioso e cruel.
O companheiro do pretérito culposo se reivindica pela consangüinidade à vítima, desesperada, reencontrando-a em casa como irmão impenitente e odioso.
O braço açoitador se imobiliza sob vergastadas da loucura encarcerada nos trajos da família.
Desconsideração doutrora, desrespeito da atualidade.
Insânia gerando sandice e criminalidade alimentando aversões.
Chacais produzindo chacais.
Lobos tombando em armadilhas para lobos.
Cobradores reencarnados junto às dívidas, na província do instituto da família, dentro do lar.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

*_*_*

Acende a claridade do Evangelho no lar e ama a tua família-problema, exercitando humildade e resignação.

Preserva a paciência, elaborando o curso de amor nos exercícios diários do silêncio entre os panos da piedade para os que te compartilhem o ninho doméstico, revivendo os dias idos com execrandas carantonhas, sorvendo azedume e miasmas.

Não renasceste ali por circunstância anacrônica ou casual.

Não resides com uma família-problema por fator fortuito nem por engano dos Espíritos Egrégios.

Escolheste, antes do retorno ao veículo físico, aqueles que dividiriam contigo as aflições superlativas e os próprios desenganos.

Solicitaste a bênção da presença dos que te cercam em casa, para librares com segurança nos cimos para onde rumas.

Sem eles faltariam bases para os teus pés jornaleiros.

Sem a exigência deles, não serias digno de compartilhar a vilegiatura espiritual com os Amorosos Guias que te esperam.

São eles, os parentes severos nos trajes de verdugos inclementes, a lição de paciência que necessitas viver, aprendendo a amar os difíceis de amor para que te candidatares ao Amor que a todos ama.

A mensagem espírita, que agora rutila no teu espírito transformado em farol de vivo amor e sabedoria, é o remédio-consolo para tuas dores no lar, o antídoto e o tratado de armistício para o campo de batalha onde esgrimas com as armas da fé e da bondade, apaziguando, compreendendo, desculpando, confiando em horas e dias melhores para o futuro...

Apoia-te ao bastão da certeza reencarnacionista, aproveita o padecimento ultriz, ajuda os verdugos da tua harmonia, mas dá-lhes a luz do conhecimento espírita para que, também eles, os problemas em si mesmos, elucidem os próprios enigmas e dramas, rumando para experiências novas com o coração afervorado e o espírito tranqüilo.

Esp.: Joanna de Ângelis

Psicografia : Divaldo Pereira Franco

Livro : Dimensões da Verdade – Pág. 164

MATRIMÔNIO E AMOR

Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec
Cap XXII, Item 2

“Por isso deixará o homem pai e mãe, e ajuntar-se-á com sua mulher, e serão dois numa só carne. S. Mateus, Cap. XIX, v. 5

O sentimento mais elevado do ser humano é o amor, que lhe caracteriza a procedência espiritual. Gerado pelo Amor, expressa-se através desse atributo superior, que vem conquistando a pouco e pouco no seu processo antro-po-social, moral e espiritual.

Em cada experiência evolutiva mais se lhe desenvolvem os valores éticos e conquista mais alto patamar da escala da evolução.

Expande-se o amor em formulações de múltiplas facetas, conforme os vínculos que sejam estabelecidos pelos impositivos mesmos do processo de crescimento interior.

Quando na consangüinidade, ei-lo como manifestação filial, paternal, maternal, fraternal, para ampliar-se em expressões de união conjugal, de parceiros, de amigos, de companheiros de lutas, ampliando o significado, e assim ruma para a união com todas as demais criaturas humanas e, por fim, com a própria Natureza nas suas várias manifestações.

Vivendo no passado relacionamentos promíscuos, atraídos pelas necessidades do sexo sem qualquer respeito pela emoção, uns dos outros, a vinculação rápida era resultado de impulsos e desejos, através dos quais se organizavam as famílias que se multiplicavam sem qualquer sentido ético.

À medida porém, que o ser adquiriu consciência da sua realidade e avançou na conquista, mesmo que inconscientemente, dos direitos que todos devem desfrutar, o matrimônio foi estabelecido como forma de frear os abusos e dilacerações afetivas que eram perpetrados sem a menor consideração pela realidade emocional.

Por isso, afirmou Jesus que *no princípio não era assim*, recordando que as uniões se davam através dos sentimentos profundos, e quando degeneraram, Moisés, *pela dureza dos corações*, tomou as atitudes compatíveis com a gravidade do deslize moral.

Por outro lado, a ausência de dignidade nos relacionamentos conspirava contra o equilíbrio e a ordem social, misturando os interesses mesquinhos com os elevados princípios do sentimento que se expressava em relação a determinados parceiros.

O matrimônio passou a direcionar melhor as uniões físicas, desde que, concomitantemente, existissem os compromissos afetivos.

Pode-se considerar esse momento de conquista como um dos elevados patamares da evolução psicológica e moral da sociedade.

Certamente não impediu que as expressões mais primitivas permanecessem orientando os indivíduos, especialmente os homens, que se sentiam atavicamente com mais permissões do que as mulheres, facultando-se o adultério e o desrespeito aos compromissos espontaneamente assumidos para a construção da família.

A mulher, enganada ou submetida aos seus caprichos pela força vigente e aceita pela sociedade, silenciava as suas aspirações, quando no lar, ou servia de pasto para as paixões, quando empurrada para os resvaladouros da prostituição.

Embora o amor pudesse orientar a disciplina e conduzir à conquista dos objetivos elevados da procriação e da harmonia emocional no relacionamento saudável, a grande chaga da corrupção prosseguiu supurando e contaminando uma após outra geração, as quais se atribuíam créditos em relação ao prazer e ao vício.

A proliferação das enfermidades sexualmente transmissíveis não conseguiu diminuir a febre dos arroubos e insatisfações, castrando nobres aspirações, ceifando alegrias e destruindo vidas ao longo dos milênios de cultura e civilização.

Um grande silêncio, feito de ignorância e presunção, permaneceu no contexto das famílias, facultando que a desordem prosseguisse campeando sob o aplauso surdo do machismo generalizado e o sacrifício feminino que se impunha a submissão e a escravidão doméstica.

Por sua vez, as religiões dominadoras, igualmente comandadas pelos homens, negavam quaisquer possibilidades de reversão da ordem hipócrita, mesmo quando, intimamente era reconhecida a necessidade urgente de alteração de conduta para o bem geral e a felicidade dos grupos sociais que se uniam com objetivos mais elevados.

Na cegueira que vigia, arbitrariamente se interpretou o ensinamento de Jesus como sendo uma imposição para que o matrimônio se transformasse em uma cerimônia religiosa consolidada de natureza perpétua, até que a morte separasse os nubentes, não obstante vivessem distanciados pelo ódio, pelo ressentimento recíproco, pelo não cumprimento dos deveres do tálamo conjugal.

Foi uma atitude que, para minorar um mal perturbador, produziu um efeito tão danoso quando aquele resultado que se desejava eliminar, abrindo feridas ainda mais profundas e devastadoras no cerne das vidas que eram ceifadas.

Todas as Leis elaboradas pelo homem são transitórias, porque devem atender a necessidades ocasionais que, ultrapassadas, perdem o seu significado.

No princípio, quando as determinações legais possuíam um caráter temerário, punitivo, seria compreensível que fossem programados estatutos definitivos com objetivo de evitar a permanência do mal. No entanto, à medida que a cultura e a ética liberaram a consciência dos grilhões da ignorância e dos impositivos errôneos dos processos medievais, tornou-se necessária a alteração das determinações elaboradas pelos legisladores, a fim de que se tornassem mais compatíveis com o ser humano em fase de desenvolvimento moral e espiritual, resultado natural das suas conquistas intelectuais.

Somente eternas são as Leis universais, aquelas que procedem de Deus, imutáveis, porque qualquer alteração na sua estrutura levaria ao caos a própria Criação.

As humanas estão sujeitas às condições de época, de povo, de lugar e de necessidade evolutiva. Por isso, variam mesmo entre culturas equivalentes não necessariamente interdependentes.

As leis civis, portanto, têm como meta cuidar do equilíbrio moral e social, mantendo os interesses da família e da sociedade, do indivíduo e do grupo no qual se encontra.

Assim sendo, o matrimônio é uma instituição humana que, infelizmente, em alguns períodos da História serviu para atender aos interesses e paixões de Nações ambiciosas que uniam os seus membros, a fim de se apossarem de terras e de vassalos que lhes passavam à tutela, quando dois dos seus nobres se uniam através da cerimônia religiosa estabelecida como legítima. Tão imorais atitudes essas, que sem ao menos se conhecerem os parceiros, acreditavam que o sacrifício os levava a se desincumbir dos interesses do Estado, sem qualquer consideração pelos seus sentimentos pessoais.

... E o desrespeito disso decorrente campeava sem qualquer disfarce, sob o apoio da bajulação e a sordidez da conduta moral dominante.

Felizmente o divórcio veio terminar com a incômoda situação das uniões infelizes, facultando a transformação do tipo de relacionamento conjugal em outras expressões de amizade e de consideração de um pelo outro parceiro, que as circunstâncias conduziram à mudança de compromisso, especialmente quando existem filhos, que não podem ser relegados à orfandade de pais vivos por desinteligência dos mesmos.

Somente a lei de amor é portadora dos valores que preservam o matrimônio, porque se radica no sentimento elevado de respeito e de dever que se devem manter os cônjuges, direcionando as suas aspirações para o equilíbrio e a felicidade.

A fim de que os indivíduos consigam o êxito no consórcio matrimonial, que decorre da afinidade e compreensão de ambos os cônjuges através do amor, torna-se indispensável que os conteúdos psicológicos de cada qual se encontrem em harmonia, sincronizando-se o *animus* na mulher com a sua feminilidade e a *anima* no homem com sua masculinidade, sem que haja predominância arbitrária de qualquer um deles, o que sempre conduz ao desequilíbrio emocional, se assim não ocorre, dando lugar a comportamentos agressivos de sensualidade ou de desvio de conduta.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

Nessa identificação de conteúdos psicológicos os dois seres fundem-se emocionalmente, trabalhando-se pela plenificação sexual e emocional, daí resultando a saúde moral que deve vigor em todas as uniões.

O matrimônio, portanto, à luz da psicologia profunda, continua sendo um rumo de segurança para os indivíduos que, às vezes, imaturos, não se dão conta da gravidade do cometimento, mas que despertam sob os estímulos do amor construindo segurança e harmonia íntima.

Jesus muito bem percebeu a significação do matrimônio, respondendo que nesse ato são deixados outros vínculos, a fim de que aqueles que se amam se unam e construam a família, assim contribuindo para uma ordem social mais consentânea com as necessidades da evolução e do desenvolvimento profundo de todos os seres.

Não se trata, portanto, de um compromisso formal, mas de uma união enraizada em sentimentos de alta potência emocional, da qual se derivam as necessidades de harmonia e de entendimento, que fundem os seres uns nos outros, sem lhes inibir a identidade nem as expressões individuais de vir-a-ser.

Quando Deus junta dois seres, isso ocorre em razão da Lei de causa e efeito, que já ensejou conhecimento das criaturas em existências passadas, nas quais surgiram as manifestações iniciais da afetividade, ou foram realizadas tentativas de união, que ora se apresenta mais forte e compensadora do que naquele ensejo.

O que deve ser abominado é o adultério, são os relacionamentos múltiplos, em cruel desrespeito à confiança e à dignidade do outro, que se sente esbulhado e espezinhado, conduzido ao ridículo e substituído nos seus nobres sentimentos de valor moral e amor, que não estão sendo considerados.

Enquanto viceje o amor, portanto, as uniões permanecerão. Isto não equivale dizer que, ante quaisquer diminuições da afetividade, logo se pense em separação, tendo-se em vista que o emocional experimenta alterações constantes, produzindo estados de desinteresses, de conflitos, de inquietações, que deverão primeiro, ser superados, antes que ampliados por decisões, certamente infelizes.

O matrimônio é um compromisso sério, que deverá sempre ser resultado de seguro amadurecimento, precedido de reflexão profunda e dever emocional para com o Si e para com o próximo, a fim de que sejam os dois seres uma só carne.

Esp.: Joanna de Ângelis

Psicografia : Divaldo Pereira Franco

Livro : Jesus e o Evangelho – À luz da psicologia profunda – Pág. 183

CASAMENTO E COMPANHEIRISMO

O resultado natural do amor entre pessoas de sexos diferentes é o casamento, quando se tem por meta a comunhão física, o desenvolvimento da emoção psíquica, o relacionamento gerador da família e o companheirismo.

O matrimônio representa um estágio de alto desenvolvimento do Self, quando se reveste de respeito e consideração pelo cônjuge, firmando-se na fidelidade e nos compromissos da camaradagem em qualquer estágio da união que os vincula, reciprocamente, um ao outro ser.

Conquista de monogamia, através de grandes lutas, o instinto vem sendo superado pela inteligência e pela razão, demonstrando que o sexo tem finalidades específicas, não devendo a sua função ser malbaratada nos jogos do prazer incessante, e significa uma autorealização da sociedade, que melhor compreende os direitos da pessoa feminina, que deixa de ser um objeto para tornar-se nobre e independente quanto é. O mesmo ocorre em relação ao esposo, cabendo à mulher o devido cumprimento dos deveres de o respeitar, mantendo-se digna em qualquer circunstância e época após o consórcio.

Mais do que um ato social ou religioso, conforme estabelecem algumas Doutrinas ancestrais, vinculadas a dogmas e a ortodoxias, o casamento consolida os vínculos do amor natural e responsável, que se volta para a construção da família, essa admirável célula básica da humanidade.

O lar é, ainda, o santuário do amor, no qual, as criaturas se harmonizam e se completam, dinamizando os compromissos que se desdobram em realizações que dignificam a sociedade.

Por isso, quando o egoísmo derruba os vínculos do matrimônio por necessidades sexuais de variação, ou porque houve um processo de saturação no relacionamento, havendo filhos, gera-se um grave problema para o grupo social, não menor do que em relação a si mesmo, assim como àquele que fica rejeitado.

Certamente, nem todos os dias da convivência matrimonial serão festivos, mas isso ocorre em todos os campos do comportamento. Aquilo que hoje tem um grande sentido e desperta prazer, amanhã, provavelmente, se torna maçante, desagradável. Nesse momento, a amizade assume o seu lugar, amenizando o conflito e proporcionando o companheirismo agradável e benéfico, que refaz a comunhão, sustentando a afeição.

Em verdade, o que mantém o matrimônio não é o prazer sexual, sempre fugidio, mesmo quando inspirado pelo amor, mas a amizade, que responde pelo intercâmbio emocional através do diálogo, do interesse nas realizações do outro, na convivência compensadora, na alegria de sentir-se útil e estimado.

Há muitos fatores que contribuem para o desconcerto conjugal na atualidade, como os houve no passado. Primeiro, os de natureza íntima: insegurança, busca de realização pelo método da fuga, insatisfação em relação a si mesmo, transferência de objetivos, que nunca se completarão em uma união que não foi amadurecida pelo amor real. Segundo, por outros de ordem psico-social, econômica, educacional, nos quais estão embutidos os culturais, de religião, de raça, de nacionalidade, que sempre comparecem como motivo de desajuste, passados os momentos de euforia e de prazer. Ainda se podem relacionar aqueles que são conseqüências de interesse subalternos, nos quais o sentimento do amor esteve ausente. Nesses casos, já se iniciou o compromisso com programa de extinção, o que logo sucede. Há, ainda, mais alguns que são derivados do interesse de obter sexo gratuitamente, quando seja solicitado, o que derrapa em verdadeira amoralidade de comportamento.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

O matrimônio, fomentando o companheirismo, permite a plenificação do par, que passa a compreender a grandeza das emoções profundas e realizadoras, administrando as dificuldades que surgem, prosseguindo com segurança e otimismo.

Nos relacionamentos conjugais profundos também podem surgir dificuldades de entendimento, que devem ser solucionadas mediante a ajuda especializada de conselheiro de casais, de psicólogos, da religião que se professa, e, principalmente, por intermédio da oração que dulcifica a alma e faculta melhor entendimento dos objetivos existenciais. Desse modo, a tolerância toma o lugar da irritação, a compreensão satisfaz os estados de desconforto, favorecendo com soluções hábeis para que sejam superadas essas ocorrências.

É claro que o casamento não impõe um compromisso irreversível, o que seria terrivelmente perturbador e imoral, em razão de todos os desafios que apresenta, os quais deixam muitas seqüelas, quando não necessariamente diluídos pela compreensão e pela afetividade.

A separação legal ocorre quando já houve a de natureza emocional, e as pessoas são estranhas uma à outra.

Ademais, a precipitação faz com que as criaturas se consorciem não com a individualidade, o ser real, mas sim, com a personalidade, a aparência, com os maneirismos, com as projeções que desaparecem na convivência, desvelando cada qual conforme é, e não como se apresentava no período da conquista.

Essa desidentificação, também conhecida como o cair da máscara, causa, não poucas vezes, grandes choques, produzindo impactos emocionais devastadores.

O ser amadurecido psicologicamente procura a emoção do matrimônio, sobretudo para preservar-se, para plenificar-se, para sentir-se membro integrante do grupo social, com o qual contribui em favor do progresso. A sua decisão reflete-se na harmonia da sociedade, que dele depende, tanto quanto ele se lhe sente necessário.

Todo compromisso afetivo, portanto, que envolve dois indivíduos, torna-se de magna importância para o comportamento psicológico de ambos. Rupturas abruptas, cenas agressivas, atitudes levianas e vulgaridade geram lesões na alma da vítima, assim como naquele que as assume.

Esp.: Joanna de Ângelis

Psicografia : Divaldo Pereira Franco

Livro : Amor, Imbatível Amor – Pág. 30

TRAMAS DO DESTINO

À união dos corpos sabemos precederem compromissos de sublimação, dor, reajustamento e sombra, cuja violação sempre acarreta conseqüências penosas para ambos os consórcios. A fim de se evitarem os desaires e choques que, naturalmente, ocorrem numa convivência a dois, especialmente se o amor não se faz estruturar nas bases da tolerância e da compreensão, o companheirismo durante o noivado é de fundamental importância, facilitando maior e melhor identificação pessoal, bem como ensejando a reeducação dos futuros nubentes, que se compreenderão desde logo, sem as surpresas que decorrem das uniões precipitadas.

Além disso, nunca se postergando o exame da responsabilidade na construção da família, os nubentes sabem que a progenitura é decorrência natural da comunhão física, através de cuja investidura retornam aqueles com os quais todos nos encontramos comprometidos, a fim de facultar-lhes o cadinho das abençoadas experiências terrenas ...

Os filhos, a possibilidade de recebê-los, convém merecer cuidadoso exame dos candidatos ao matrimônio, que se não devem deixar envolver pelas modernas teorias anticoncepcionais, engendradas pelo egoísmo e pelo utilitarismo, com respaldo na irresponsabilidade do *dolce farniente*, sob a desculpa injustificável da explosão demográfica avassalante e insustentável em termos de futuro ...

Também cabe a consideração de que a ausência dos descendentes pelo corpo, como imposição redentora decorrente dos abusos pretéritos que propiciaram fundas lesões perispirituais a expressar-se na impossibilidade da fecundação, na esterilidade, não isenta ninguém da paternidade e maternidade espirituais, levando os casais, assim caracterizados, à condição de providenciais e abnegados pais de filhos de pais vivos, distendendo-se-lhes os braços socorristas e compassivos, para aconchegá-los de encontro ao coração, preservando-os da orfandade social, com o que se credenciam à reconquista dos valores malbaratados e das bênçãos da procriação outrora vilipendiadas ...

...A programação dos destinos – exceção feita aos pontos capitais de cada vida – ajustada aos impositivos redentores indispensáveis à readaptação das ações anteriores, sofre sucessivas alterações resultantes do comportamento, das realizações, conquistas ou prejuízos a que a criatura está sujeita.

No tracejamento dos compromissos humanos, são previstas várias opções, em razão das atividades e injunções que se criam durante a vilegiatura corporal ...

Construtor do destino, cada um o altera consoante lhe apraz, desde que não se encontre na expiação irreversível, que funciona como cárcere compulsório do defraudador renitente que engendrou, pela teimosia ou revolta incessante, a constrição que o reeduca, a benefício dele próprio.

Como ninguém se encontra destinado à dor, ao abandono, à infelicidade, as ocorrências afligentes são-lhe recursos salvadores de que se deve utilizar para crescer e aprimorar-se em espírito. Da mesma forma, as manifestações propiciatórias de felicidade, saúde, inteligência, afetos, independência econômica, longe de constituir-se prêmio ao merecimento, revelam-se como empréstimo para investimentos superiores, aquisições de relevo para o bem comum, de que todos são convocados à prestação de contas, posteriormente.

A vida física constituiu-se de oportunidades, todas valiosas, com que o espírito se defronta, sob qualquer manifestação, para o seu aprimoramento, sua ascensão.

O matrimônio, portanto, é a oportunidade para a elaboração da família, a construção da sociedade.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

No lar encontra-se os fatores causais do mundo melhor, ou desafortunado, do futuro, conforme a diretriz que se estabeleça para a família. Mesmo considerando a vasta cópia de Espíritos necessitados de reencarnações compulsórias, nenhum deles, entretanto, retorna ao mundo carnal para promover a desordem, estimular a anarquia, fomentar a anticultura ou a perversão de valores. Antes, pelo contrário, a vida material representa ensejo para que recebam diretrizes, educação, disciplina, orientação com que aplainem as arestas do primarismo, almejem por melhor posição moral, aspirem a mais amplas concessões da vida.

Essa tarefa está reservada aos lares religiosos da Terra, muito especialmente aos cristãos da atualidade, lamentavelmente distraídos quanto aos deveres primeiros que lhes cabem no hodierno contexto social, divagando ou passeando por especulações adesistas, de convivência com a banalidade e a insensatez, longe dos padrões da responsabilidade do crescimento e da elevação moral.

...Assim, as disciplinas morais, os deveres espirituais cultivados na família promovem o progresso de seus membros, mesmo que precedentes das faixas inferiores da evolução, corrigindo más tendências, semeando idéias de solidariedade, ordem e justiça com que, de alguma forma, contribuirão para uma humanidade mais equilibrada. Tal não ocorrendo, no lar, serão os promotores das desditas individuais e coletivas, apoiados no desculpismo e na insanidade das justificações com que pretendem transferir as responsabilidades do próprio fracasso aos pais e às gerações transatas ...

A família cristã deve ser mais do que uma esperança para o futuro bem da sociedade terrestre, antes, desde já, alentadora realidade do presente.

-- * --

- Sacrifício doméstico é cruz libertadora. Os homens, sedentos de gozos e iludidos em si mesmos, simplificam soluções, separando-se do cônjuge-problema e adiando compromissos-resgates ... Transferem realizações, tecem complicadas malhas de fugas em que se enredam. Enquanto houver força, deve alguém porfiar no matrimônio sem esperar reciprocidade.

“ O perdão é decorrência do amor, do amor que não vacila, que sabe esperar, dignificar-se ... Todos nos ligamos uns aos outros por deveres e situações que nos aproximam ou nos afastam, sem que esta aproximação ou este afastamento signifiquem impedimento a que os acontecimentos se concretizem, de acordo com os liames de entrosamento sempre vigentes.

“ Vínculos familiares são opções evolutivas e experiências em que transitamos em forma de parentela carnal, para atingir a pureza na fraternidade espiritual que nos espera.

“Por isso, cônjuges difíceis, ingratos, adúlteros, agressivos, obsessos, ao invés do abandono rápido, puro e simples que mereceriam sofrer, devem-nos inspirar, enfermos que são, misericórdia, tratamento e ajuda....

-- * --

O matrimônio nobre, revestido dos ascendentes sagrados do respeito e da dignidade, é santuário de transfusão de hormônios, de forças restauradoras em que se harmonizam os que se amam, restabelecendo e mantendo compromissos superiores, mediante os quais se alam em júbilo às províncias da felicidade.

O deslumbramento que a mediunidade enseja aos incautos e desconhecedores da Doutrina levam-os a desequilíbrios da emotividade, em relação aos seus portadores.

Surgem, então nesse período, as justificativas injustificáveis quanto a reencontros espirituais, a esperas afetivas que se tornam realidade, a afinidades poderosas, produzindo acumplicamentos de difícil e demorada reparação dos danos morais.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

Imprescindível vigiar “as nascentes do coração”, conforme a linguagem evangélica, a fim de não se iludir. Se alguém chegar posteriormente aos compromissos já firmados, é porque o sábio impositivo das leis assim determinou como corrigenda e reeducação dos faltosos ...

Em se tratando de afeições, afinidades espirituais, não há por que as transladar para uniões perturbadoras, usanças sexuais perniciosas, embora, a princípio, encantadoras, que sempre resultam em inevitável frustração imediata e tardia amargura ...

O verdadeiro amor, o que não se frui, permanece intocado, superior, ascendendo em grandeza e crescendo em profundidade.

O médium não pode esquecer que amar, sim, porém, comprometer-se moralmente pelo ditame do sexo, não, nunca !

Há muitas almas sob severas disciplinas, na Terra, que vivem em revolta, procurando a água pura da afeição e, ao encontrá-la, tismam-na, incontinenti, tornando-a lodo.

Diante desses corações, o médium deve proceder com atitude de amizade, preservando-se interiormente, com afeição fraternal e reserva moral, a fim de não se permitir leviandades, que são sempre prejudiciais.

A abstinência sexual dentro dos padrões éticos do Evangelho constrói harmonia no espírito e no corpo.

Outros escolhos, diversos, que atentam contra o apostolado mediúnico, encontram-se e podem ser facilmente identificados por quem deseje ascensão moral e realização superior.

Espírito : Manoel Philomeno de Miranda

Médium : Divaldo Pereira Franco

Livro : Tramas do Destino – Páginas : 29; 150 e 270

INTERAÇÃO CONJUGAL

Não têm sido raros, nos caminhos da Humanidade, os estremeamentos e desajustamentos de diversas ordens, entre cônjuges, na estrutura doméstica, sob as mais variadas justificativas.

Alega-se isso ou aquilo, de modo a que um inculpe o outro, enquanto o outro luta por exculpar-se com suas alegações.

Levantam-se problemas recentes ou dramas antigos que, então, vêm à tona, na tormentosa experiência do lar.

Alguns asseveram que o “amor acabou”, e que, por isso, não há porque continuarem juntos.

Muitos observam deficiências naqueles que não se mostram atenciosos, porque, então, seguem com suas carências desatendidas.

Fala-se de traição, de tédio doméstico, de falta de diálogo, de novos interesses, de necessidade moderna de mudar-se, de enfermidades físicas ou morais, todas essas coisas são motivos que, segundo se crê, impedem o prosseguimento da vida dos casais.

Na realização dos esponsais, verificamos o quanto de despreparo toma conta dos candidatos à vida-a-dois, determinando desencontros e infortúnios para o futuro casal.

Admite-se nas sociedades pouco reflexivas que, quando os seres se ligam pelo casamento, devem perder a individualidade anular-se.

Os que casam-se, unem-se e não se fundem, o que determina que cada qual prosseguirá com suas conquistas e gostos, preferências e realidades íntimas, inteiramente “sui generis”.

Assim, é fácil verificar que numa conjunção espontaneamente aceita, como deve ser o casamento, cada um deverá respeito ao outro sem que haja qualquer privilégio por parte desse ou daquele parceiro, no tocante às responsabilidades comuns.

A força com que irrompem ciúmes, desconfianças, repulsas, desejos de loucura ou viciações nefastas, demonstra-se o ressumar de experiências do pretérito reencarnatório ou sérios quadros obsessivos que determinam o reencontro das almas implicadas nos processos de ajustes, com vistas ao reequilíbrio de ambos.

Muitos assinalam que não poderão continuar unidos no lar, considerando como provocacional ou expiatória a sua desventurada ligação. Entretanto, é exatamente em virtude das necessidades dos testemunhos no âmbito restrito da família, que cada membro deverá penetrar-se de coragem e firmeza, disposição e fé, para levar a bom termo as suas lutas.

O orgulho, ferido em sua intimidade inferior, impede que o casal se entenda, como se faz necessário.

A não aceitação dos direitos do outro, a desatenção aos deveres recíprocos, têm sido fortes fatores de desvinculação perturbadora na vida do lar. É necessário todo um ajustamento educacional para modificar a situação.

É preciso exercitar a nobreza da humildade, que não será dizer “sim” a qualquer coisa, nem será dizer “não”, irrefletidamente. Tudo estará dirigido pelo bom senso, pela lucidez, pela sensatez com que o matrimônio se fortalecerá, para a definitiva vitória sobre as insuficiências do mundo.

É necessário e importante que, sabedores das responsabilidades em que se matricula o casal do consórcio esposalcio, não menoscabemos as oportunidades felizes do tálamo doméstico, insistindo na eficácia de uma segura educação na vida dos cônjuges.

É certo que, sendo individualidades distintas, deparar-nos-emos com idéias diferentes, até mesmo opostas, o que de modo algum justificará a deserção dos compromissos com o lar.

A conjugação de esforços para o entendimento mútuo, pelas renúncias importantes e úteis ao bem-estar geral, não deve ser relaxada. Os empenhos por deixar livre a alma do outro ser, que comunga os mesmos anseios ou os diferentes, permitirão maior compreensão no lar.

O ato de orar a sós ou em conjunto, que se converte numa necessidade, fará o lar penetrado por blandícias e bálsamos dos Céus, auxiliando a família a marchar adiante para a paz.

A interação do casal que segue sob o pálio do amor, do respeito recíproco, do trabalho frutuoso, terá que ser das melhores, uma vez que ela conduz cada um de per si, ou o conjunto familiar, para as romagens de alegria pelas quais se anela.

O mundo, com todos os seus múltiplos dramas e conflitos, não pode suportar, sem grandes prejuízos em sua dinâmica, o contingente sempre crescente das desvinculações conjugais.

Daí, para o cristão legítimo, o pensamento de separação do casal, quando se veja iminente, deverá, ser a derradeira providência, quando o amor, nos seus diversos cromos, não houver logrado êxito em suas expressões.

Ante os conflitos íntimos, as insinuações do orgulho, ou qualquer disfunção doméstica, procurem os cônjuges o hálito de Deus a inundar-lhes a vida, convidando ao entendimento, à reconstrução, através da prece fervorosa.

Não desconsiderem os membros do lar, a insinuação sombria de companheiros infelizes do Além, e, por isto, orem mais, reestruturando cada qual as próprias ações, reeducando-se a fim de que o remansoso recanto doméstico possa converter-se em oásis de paz e de bênçãos, nestes tempos tumultuados e carentes de Deus, por que passa o gênero humano, até a libertação definitiva sob a assistência de Jesus.

Espírito : Camilo

Psicografia : J. Raul Teixeira

Livro : Educação e Vivências - Cap. 11 – pág. 79

PERGUNTAS E RESPOSTAS

8 – Qual a influência da separação de casais no processo de educação da criança?

A triste influencia é a de poder gerar personalidades inseguras, infantilizadas ou fortemente introspectivas ou, ainda, fortemente agressivas, incapazes para uma vida estável de relações sociais. Felizmente, encontram-se especiais exceções.

54 – O que leva o indivíduo ao adultério e quais as conseqüências desse ato nas vidas das criaturas?

Para o problema do adultério se poderia apontar diversificadas causas, quase sempre embasadas no egoísmo masculino ou feminino que, sob justificativas bastante falsas de que a carne é fraca ou de que as paixões são irresistíveis, incontornáveis, apõem o selo de infidelidade entre os casais. Aprendemos com a Doutrina Espírita que não existe adultério onde reina a sincera afeição recíproca.

Relembrem-nos os Benfeitores Espirituais que a infidelidade, que faz atormentada a vida conjugal, assenta bases no regime de infidelidade das criaturas para consigo mesmas. Quem não se respeita, quem não é fiel aos bons princípios aprendidos um dia, raramente entenderá o que seja respeito ao cônjuge.

A cata do prazer, quando estimulado pelo egoísmo, transforma-se em desastre no campo da moral cristã, estabelecendo o regime de liberalidade sob o qual tudo é válido, desde que dê prazer, desde que a pessoa esteja “feliz”.

O estatuto das leis divinas, impresso no íntimo do ser, costuma pesar sobre a consciência dos conscientes, impondo remordimentos correspondentes aos níveis de conhecimentos e de compreensão dos indivíduos envolvidos, indicando a necessidade do resgate, através das ações enobrecedoras, dignificantes, que facultem paz à consciência.

56 – Em que circunstâncias se poderia aprovar a separação de casais?

Nos tempos atuais, quando o Espiritismo demonstra as razões das uniões conjugais, quando fala dos formosos fins da divindade para os casamentos terrenos, aproveitando a formação do lar para incrementar o desenvolvimento dos espíritos, por meio da reencarnação, melhorando as condições intelectuais e morais dos seres humanos, tudo deveremos investir, em termos argumentativos, em termos fraternais, nos reforços do acompanhamento e da oração, a fim de evitarmos o desmantelamento doméstico.

Entretanto, a cultura do exacerbado materialismo desses dias tem ensinado aos indivíduos a fechar ouvidos e corações para o exercício da paciência, da tolerância, do perdão, da perseverança, da cooperação recíproca, no vero cumprimento dos deveres conjugais, e, ao invés disto, há estabelecido o culto ao “meu” prazer, ao “meu” bem-estar, a “minha” satisfação, a “minha” razão e ao “meu” direito, num aterrador domínio egoístico, promotor de inenarráveis tormentos para o porvir.

Natural é pensar que, por causa da dureza dos corações, muitos não suportariam dar nova oportunidade ao outro, ou do outro receber novo ensejo de tentar acertar. Quando a relação conjugal se deteriora ao nível do desrespeito, chegando às agressões de grave espectro, melhor adiar do que piorar.

58 – As pessoas que se separam devem procurar refazer suas vidas?

Se a razão e o sentimento estão acenando com a possibilidade de ser feliz, reestruturando o lar, rearmonizando o coração, é importante que a pessoa tente de novo, agora com maior amadurecimento e perspicácia, evitando encantamentos exteriores ou ambições comprometedoras. A criatura deverá buscar, ao invés de valores passageiros e enganadores como os do corpo bem feito ou da beleza plástica, dos recursos econômico-financeiros ou prestígio e posições sociais destacadas, os valores que impliquem em maturidade geral, verificando os vícios e outros costumes incompatíveis com o novo rumo que deseja dar a sua existência.

Se o real interesse é o refazimento da vida afetiva, quanto menos complicação, quanto mais simplicidade, melhor para os dois e para as respectivas famílias.

84 – Na educação dos filhos, a figura do pai é importante? E quando ocorre a sua falta, por variados motivos, inclusive pelo divórcio e pela desencarnação?

A figura do pai é sempre importante na educação dos filhos, como em sua vida generalizadamente. Há, porém, situações expiatórias em que indivíduos que menosprezaram seu lar e seus genitores no pretérito, em níveis graves, nascem sabendo que terão que facear a orfandade, às vezes de pai, às vezes de mãe, outras vezes de pai e mãe. Em casos que tais, a Divindade dispõe dos recursos para fazer com que a orfandade se torne em lição de vida, em amadurecimento, em crescimento, pelos sacrifícios e frustrações sofridas pelo órfão.

No caso de orfandade “com pais vivos”, em razão de abandonos ou de divórcios, a situação é nitidamente outra, porque não constava na lei divina tal ocorrência concreta, embora estivessem previstas as dificuldades de caráter, de temperamento dos cônjuges, a serem devidamente trabalhadas e superadas pelo casal. Em razão disto, toda a agrura material, social ou moral que venham os filhos mais frágeis a sofrer, pesará na conta moral daquele ou daqueles que se inscreveram no rol dos que cometeram o crime de lesa-confiança, pelo que darão conta no longo do tempo.

Espírito : Camilo

Psicografia : J. Raul Teixeira

Livro : Desafios da Educação – págs. 27; 96; 98; 99 e 138

SEPARAÇÕES E CONSCIÊNCIA

Não são poucos nem novos os argumentos e movimentos favoráveis às separações conjugais, ao se verificar que as estruturas da convivência estão abaladas no cotidiano.

Variadas sociedades apresentaram a opção separatista para os casais, silenciando quanto a quaisquer mecanismos e formas capazes de atenuar o problema, contorná-lo ou mesmo desfazê-lo.

A separação, seja qual for o tratamento legal com que se recubra, seja separação simples, desquite ou divórcio, em sendo uma medida extrema para os envolvidos nas dificuldades, somente deveria ser evocada e aplicada em casos igualmente extremos, quando o desrespeito humano chegasse ao absurdo ou a violência despenhasse para a agressão física ou para os disparates morais, capazes de promover ainda piores resultados.

Ninguém deverá ser forçado a conviver com alguém com quem não se ajusta ou não mais se ajusta, quando tenha tido o ensejo da experiência a dois. Ao mesmo tempo não se deverá monospregar os sinais da responsabilidade decorrente das escolhas levianas, dos conúbios da paixão enganadora, nos quais um procura iludir o outro com mentirosos envolvimento para o abandono mais tarde.

Sem hesitação, afirmamos que toda separação traumatiza o psiquismo de um ou de outro, ou os dois, em admitindo que as pessoas não são feitas de mármore, frias, ainda que tentem passar essa imagem aos que as cercam ou se esforcem por não incomodar os afetos e amigos.

As dúvidas intensas quanto às razões verdadeiras da desunião misturam-se aos sentimentos de insegurança quanto ao desempenho conjugal, nos vários lances a que se presta.

Desalentam o recomeço da vida afetiva e as incertezas quanto aos riscos de enveredar-se por outras experiências de construção do lar ou quanto às vantagens de permanecer sozinho, diante da carência de aconchego e de companhia compartilhados no bojo doméstico.

Os estigmas sociais em diversas regiões, não obstante o caráter de modernidade que têm tomado, somam-se à angústia de ter-se que explicar aos filhos, quando existam, os porquês de tudo e de quem é a responsabilidade maior pelo sucedido infausto.

É muito comum que se encontre um dos separados lançando a mente dos filhos contra a imagem do outro, sem qualquer noção do veneno tremendo que é destilado e do quanto o problema se ampliará para todos os implicados na questão dificultosa.

Minha irmã e meu irmão, ninguém duvida das lutas e das frustrações que costumam perturbar a senda dos seus anseios matrimoniais. Ninguém seria tolo ao ponto de descrever dessas problemáticas portas adentro do seu refúgio doméstico. Entretanto, pensem que a separação não deverá ser a primeira opção na pauta de soluções dos seus dramas conjugais.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

É válido não trocar desnecessariamente um problema áspero, às vezes, por outro que não será menos rude, tendo-se em vista que no mundo ninguém é detentor da totalidade das virtudes. Valem a pena as tentativas que o respeito a si mesmo e o equilíbrio ético-moral-mental recomendam, para resgatar o lar mergulhado em situações ameaçadoras.

É válido tentar-se o diálogo esclarecedor, o carinho límpido, o acompanhamento solitário, a oração honesta e profunda, a prodigiosa cooperação fluidoterápica ou mesmo a procura de algum profissional equilibrado e digno, que respeite a construção familiar, a fim de evitar a separação definitiva.

A consciência do dever cumprido, porém, e a certeza de que tudo foi tentado em nome do bom senso e da grandeza moral, para a manutenção do ninho doméstico, permitirá a uma parte ou outra o desatamento dos vínculos sociais do consórcio matrimonial, muito embora não se possa garantir o desatamento dos vínculos espirituais que estejam nas bases do processo conjugal.

Evite, então, o quanto possa, a opção do abandono do outro, principalmente se você, por crer em Deus e nas Suas Leis de sabedoria plena, estiver disposto a testar as suas próprias resistências e convicções, suportando um pouco mais e, além disso, contribuir para que tudo possa modificar-se de maneira mais feliz.

Se o seu caso é daqueles em que a separação já é uma realidade, sem possibilidades de retroagir, aprume-se perante as leis cósmicas vigentes em sua consciência, a fim de conquistar calma e entusiasmo de viver.

Fuja das aventuras promíscuas e fúteis supondo estar livre e desimpedido. Você poderá ter-se liberado da presença da outra pessoa, contudo, nunca se livrará da consciência que pulsa, que se manifesta em seu íntimo. Viva com correção e saúde, sem se permitir adoecer no desalinho espiritual, nos comprometimentos inferiores.

Se você já se envolveu em nova união conjugal, com a pessoa que mereceu sua confiança e que lhe sensibilizou a alma, tenha, agora, maiores cuidados, buscando superar os seus próprios conflitos, caprichos e erros, compreendendo as deficiências da sua alma escolhida, em virtude de que a vida na Terra não pode ser transformada num mero brinquedo em suas mãos.

Não alimente revoltas, não reabasteça as labaredas do ódio, não mantenha indiferença para com aqueles que lhe partilharam a vida doméstica. Antes, ore por eles, como, onde e com quem estejam, a fim de que, sabendo que num dia ou noutro, no porvir, você será chamado a retomar os passos deixados para trás, de modo a corrigi-los, não pese nos seus ombros a canga de maiores remorsos por haver contribuído para a infelicidade de outros, por meio de suas vibrações e energias envenenadas, desfechadas pelo seu temperamento rebelde ou por seu humor sombrio.

Em todo e qualquer caso, entregue-se ao Pai dos Céus. Faça um profundo exame das dificuldades deixadas na retaguarda e das possibilidades entrevistas à frente e siga contente na busca de maior plenitude e de identificação gradativa com a vontade de Deus, nos percursos que você está fazendo nas lides terrenas.

Autor Espírito : Thereza de Brito

Psicografia : J.Raul Teixeira

Livro : Vereda Familiar – Cap. 8 - Pág. 41

JESUS E O DIVÓRCIO

Em virtude da dureza dos corações humanos, é que Moisés permitiu que o homem desse carta de divórcio a sua companheira.

A dureza do egoísmo...

A rudeza da agressão...

A frieza da indiferença...

A pétreia expressão da prepotência...

A insensibilidade da violência física ou moral...

Todas são mostras da dureza do íntimo das almas, não apenas de muitos homens, mas também, de muitas mulheres, uma vez que, com o advento das liberalidades e concessões, que se convencionou chamar de liberdades, homens e mulheres, renascidos para a conciliação, para a prestação de serviços e para o exercício do vero amor, estão ávidos pelos gozos tipicamente mundanos, tendo perdido a sensibilidade para a indulgência, para a paciência, para a tolerância, para a compreensão, para o perdão, enfim.

Muito embora as infindáveis discussões exegéticas e teológicas, acerca do sentido das palavras do Cristo, a respeito do divórcio; apesar do variadíssimo quadro de leis que respaldam ou que condenam a realização do divórcio, este será, basicamente uma questão de consciência e de formação tanto de uma, quanto da outra parte envolvida na situação difícil.

Todos sentem-se feridos na própria honra, no próprio íntimo. Poucos têm a visão dos resgates necessários, das devoluções afetivas inadiáveis, pela dureza dos próprios sentimentos.

Quando o Evangelista Marcos, nos versículos 1 a 12, do seu capítulo 10, fala-nos sobre o divórcio consentido pelo líder Moisés, traduz a atualidade do ensinamento de Jesus, cujas palavras, indubitavelmente, são espírito e vida.

Espírito : Francisco de Paula Vitor

Psicografia : J. Raul Teixeira

Livro : Vida e Mensagem – Cap. 5 - Pág. 45

SOLIDÃO

*Declarar de modo geral que o divórcio é sempre errado
é tão incorreto quanto assegurar que está sempre certo.*

Sofremos de solidão toda vez que desprezamos as inerentes vocações e naturais tendências de nossa alma. Assim que nos distanciamos do que realmente somos, criamos um altodesprezo, passando, a partir daí, a desenvolver um sentimento de soledade, mesmo rodeados das pessoas mais importantes e queridas de nossa vida.

Na auto-rejeição, esquecemos de perceber a presença de Deus vibrando em nossa alma; logo, anulamos nossa força interior. É como esquecermos a consciência de nós mesmos.

Para que nossa essência emergja, é preciso abandonar nossa compulsão de fazer-nos seres idealizados, nossa expectativa fantasiosa de perfeição e nosso modelo social de fidelidade. Somente assim, exterminamos o clima de pressão, de abandono, de tensão e de solidão que sentimos interiormente, para transportarmo-nos para uma existência de satisfação íntima e para uma indescritível sensação de vitalidade.

A renúncia de nosso eu idealizado nos dará uma sensação de renascimento e uma atmosfera de liberdade como nunca antes havíamos sentido.

O ser idealizado é uma fantasia mental. É uma imitação inflexível, construída artificialmente, sobre uma combinação de dois básicos comportamentos neuróticos, a saber: adotar padrões existenciais super-rígidos e impossíveis de ser atingidos e alimentar o orgulho de acreditarmos-nos onipotentes, superiores e invulneráveis.

A coexistência desses dois modos de pensar ocasiona freqüentes estados de solidão, tristeza habitual e sentimentos mútuos de vazio e aborrecimento na vida afetiva de um casal.

O amor e o respeito a nós mesmos cria uma atmosfera propícia para identificarmos nossa verdadeira natureza, isto é, nossa identidade de alma, facilitando nosso crescimento espiritual e, por conseguinte, proporcionando-nos alegria de viver.

Quase todos nós crescemos ansiosamente querendo ser adequados e certos para o mundo, porque acreditamos que não somos suficientemente bons para sermos amados pelo que somos. Por isso, procuramos, desesperadamente, igualar-nos a uma imagem que criamos de como deveríamos ser. O esforço metódico para sustentar essa versão idealizada é responsável por grande parte dos nossos problemas de relacionamento conosco e com os outros.

Entre todos os problemas de convivência, o de casais, talvez, seja um dos mais comuns entre as pessoas. Todavia, todos nós queremos companhia e afeto, mas para desfrutarmos uma união amorosa, madura e equilibrada é preciso, acima de qualquer coisa, respeitar o direito que cada criatura tem de ser ela mesma, sem mudar suas predileções, idéias e ideais.

Os traços de personalidades não são futilidades, teimosia ou manias. Cada parceiro tem seus “direitos individuais” de manter sua parcela de privacidade e preferências.

Para tanto, o diálogo compreensivo, a renúncia aos próprios caprichos, o compromisso de lealdade são fatores imprescindíveis na vida a dois, sem confundirmos “direitos individuais” com direitos individualistas, com vulgaridade, com cobrança e com leviandade.

Eis a razão de viver bem: Tudo passa, pois todos somos viajores do Universo, porém somente nós viveremos eternamente com nós mesmos.

Talvez, a complexidade maior das dificuldades nos matrimônios seja a não-valorização dos verdadeiros sentimentos, onde cada um dos parceiros contraria sua natureza para satisfazer as opressões, intolerâncias e imposições do outro. Ninguém pode ser feliz subordinando-se ao que o cônjuge quer ou decide.

“... a indissolubilidade absoluta do casamento” (...) “É uma lei humana muito contrária à da Natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; só as da Natureza são imutáveis”.⁽¹⁾

Declarar de modo geral que o divórcio é sempre errado é tão incorreto que assegurar que está sempre certo. Em algumas circunstâncias, a separação é um subterfúgio para uma saída fácil ou um pretexto com que alguém procura esquivar-se das responsabilidades, unicamente.

Há uniões em que o divórcio é compreensível e razoável, porque a decisão de casar foi tomada sem maturidade, porque são diversos os equívocos e desencontros humanos.

Em outros casos, há anos de atitudes de desrespeito e maus tratos, há os que impedem o desenvolvimento do outro. São variadas as necessidades da alma humana e, muitas vezes, é melhor que os parceiros se decidam pela separação a permanecerem juntos, fazendo da união conjugal uma hipocrisia. Em todas as atitudes e acontecimentos da vida, somente a própria consciência do indivíduo pode fazer o autojulgamento e decidir sobre suas carências e dificuldades da vida a dois.

Todos os livros sacros da humanidade têm como máxima o mandamento o amor. A base de todo compromisso é o amor. O amor enriquece mutuamente as pessoas e é responsável pela riqueza do mundo interior.

A estrutura do verdadeiro ensino religioso nos deve unir amorosamente uns aos outros e não nos manter unidos pela intimidação, pelo medo do futuro ou pelas convenções sociais.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

O ensino espírita, propagado pelo “O Livro dos Espíritos”, nos faz redescobrir o sentimento de religiosidade inato em cada criatura de Deus. Religiosidade é o que possuía Allan Kardec em abundância, pois enxergava os fatos da vida com os olhos da alma, que dizer, ia além dos recursos físicos, usando os sentidos da transcendência a fim de encontrar a verdade escondida atrás dos aspectos exteriores.

O emitente professor Rivail entendia que o verdadeiro sentido da religião deve consistir na busca da liberdade, no culto da verdade e na clara distinção entre o temporal/passageiro e o real/permanente.

Estar com alguém por temor religioso é diferente do que estar com alguém por amor. Somente o amor tem significado perante a Divina Providência.

Lembremo-nos de que a solidão aparece, quando negamos nossos sentimentos e ignoramos nossas experiências interiores. Essa forma comportamental tende a fazer-nos ver as coisas do jeito como queremos ver, ou seja, como nos é conveniente, em vez de vê-las como realmente são. Assim é que distorcemos nossa realidade.

Não rejeitemos o que de fato sentimos. Isso não quer dizer viver com liberdade indiscriminada e sem controle, mas sim reconhecer o devido lugar que corresponda aos nossos sentimentos, sem ignorá-los, nem tampouco deixá-los, ser donos de nossa vida.

Se devemos permanecer ou não ao lado de alguém, é preciso tomar decisões com espontaneidade, harmonia e liberdade, sem mesclas de medo ou imposições.

⁽¹⁾ *Questão 697 – O Livro dos Espíritos*

Está na lei da Natureza, ou somente na lei humana, a indissolubilidade absoluta do casamento?

“É uma lei humana muito contrária à da Natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; só as da Natureza são imutáveis.

Espírito: Hammed
Psicografia : Francisco do Espírito Santo Neto
Livro : As Dores da Alma – Pág. 89

O ALTAR DOMÉSTICO

È no lar legitimamente constituído pelo casamento, que dignificamos nossas funções sexuais; desempenhando-as, o homem e a mulher alcançam o sublime estado de serem pai e mãe; é a paternidade e a maternidade gloriosa.

Lembrando-se o homem que seu primeiro berço e também o primeiro berço de seus filhos, foram os órgãos geradores da mulher, verá ele o quanto de respeito lhe deve merecer a função sexual, porque foi através dela que ele penetrou na vida e cercou-se de seus entes queridos.

Não só a paternidade e a maternidade são gloriosas, como também representam encargos sublimes, por permitirem ao homem e à mulher terrenos cooperarem diretamente com o Altíssimo na manutenção da vida na face da Terra.

Entretanto, manter a chama sagrada do amor e do respeito a brilhar perenemente no altar doméstico, não é coisa fácil; dificilmente se encontram reunidos pelos sacrossantos laços domésticos, almas da mesma esfera; daí nascem as lutas íntimas e morais que, por vezes, ameaçam a estabilidade do lar e freqüentemente o transformam em círculos infernais.

Quando o casal não mantém hábitos respeitáveis, ou quando não há paz doméstica e perfeito entendimento, entre os cônjuges, instalam-se conflitos vibratórios que dificultam sobremaneira a reencarnação dos espíritos chamados a povoarem aquele lar; porque os constantes desentendimentos entre os esposos geram ondas magnéticas destrutivas que não só afetam o corpo que se forma, como causam sérias perturbações no espírito cuja reencarnação se está processando. Para evitarem-se desastres de conseqüências imprevisíveis, o homem e a mulher, unidos pelo matrimônio, deverão recordar-se constantemente que o lar é um templo em cujo altar é necessário que se sacrifiquem reciprocamente.

Autor: **Eliseu Rigonatti**
Livro: O Espiritismo Aplicado – Pág. 75

NOSSA DÍVIDA PARA COM O SEXO

Em nossa ignorância temos menosprezado as faculdades criadoras do sexo, desviando-as para as viciações. Com raras exceções, os atos sexuais têm sido fontes de abuso e não veneráveis como deveriam ser.

Durante nossas incontáveis reencarnações, temos vivido em constante desequilíbrio sexual, donde se originam conflitos e paixões que se projetaram nas reencarnações sucessivas. Muitos desajustes e muitos sofrimentos de hoje têm como causa principal o abuso do sexo nas reencarnações passadas.

Todas as vezes em que usamos o sexo fora do sagrado instituto da família, ligamo-nos a entidades estranha ao nosso círculo evolutivo. Quando o homem ou a mulher se esquecem de seus compromissos matrimoniais e buscam alhures as emoções do sexo, ligam-se a seus parceiros de aventuras; ao desencarnarem, sentem-se atraídos uns aos outros e só então vêm o desequilíbrio em que se precipitaram; e lutam por reequilibrarem-se, o que só lhes será possível através de reencarnações retificadoras.

Por um sem número de comunicações de espíritos desencarnados, cujas experiências sexuais nem sempre foram dignas, o Espiritismo nos demonstra a responsabilidade que pesa nos ombros do homem e nos da mulher, no tocante às relações sexuais; qualquer desvio produz conseqüências funestas. Não se brinca impunemente com os órgãos geradores da vida; o mau uso deles nos arroja em perturbações de cura difícil e, freqüentemente, demorada.

O quererem o homem e a mulher gozar clandestinamente das emoções do sexo, origina conflitos e tragédias conjugais. Esses conflitos e essas tragédias, com o desencarne de seus protagonistas, transferem-se para o mundo espiritual, onde fecham num círculo de sofrimentos aqueles que as viveram na terra. Por isso, infelizes daqueles que se não esforçam a tempo no combate às baixas paixões sexuais; o troco do prazer de alguns momentos, recebem séculos de dores.

Eis que aos pais se lhes antolha uma elevada obrigação: a de esclarecerem seus filhos sobre as questões sexuais, tão logo chegue a idade propícia. É preciso que os que se iniciam na vida, estejam de olhos abertos para com as coisas nobres atinentes ao sexo, a fim de não resvalarem pela ladeira escorregadia do abuso e da imoralidade. Os pais que não souberem bem orientar seus filhos nos problemas fundamentais do sexo, tornam-se, perante as leis divinas, co-responsáveis com eles pelos desregramentos que cometerem.

Autor: **Eliseu Rigonatti**
Livro: O Espiritismo Aplicado – Pág. 75

MATRIMÔNIO E SEXO

É portas a dentro de um lar legalmente constituído que o homem e a mulher podem, legitimamente, desempenhar as funções sexuais. No recesso sagrado do lar, os atos sexuais são naturais e chegam a ser santificados sempre que permitirem a formação de novos corpos, para a reencarnação de espíritos necessitados dela.

A infidelidade conjugal, tanto por parte do homem como da mulher, é uma falta grave, de penas conseqüências espirituais. Durante o tempo de encarnados, o homem e a mulher adúlteros conseguem esconder suas ligações ilícitas; são os homens e as mulheres de duas vidas: uma respeitável perante a família; e outra secreta que vivem longe dos olhos de todos, pelo menos de seus familiares. Contudo, do Altíssimo não se pode esconder nada; o desencarne chega inexorável, compelindo o espírito à mudança para o mundo espiritual; e lá então os espíritos adúlteros se reúnem, distanciados de seus entes queridos e começam os difíceis trabalhos de reabilitação. Mais tarde, ou por méritos próprios ou por intercessão de amigos espirituais influentes, ou compulsoriamente, conseguem a bênção de uma nova reencarnação e os espíritos que juntos adulteraram no passado, novamente se encontram na Terra para a correção do erro.

Reencarnam-se compulsoriamente, conforme explicamos páginas atrás, os espíritos que, diante da realidade dos graves compromissos assumidos, amedrontam-se; e tudo fazem para protelar o reajuste a que são compelidos pelos deslizos cometidos. Então uma vontade superior limita-lhes o livre arbítrio, levando-os ao trabalho redentor. Tudo se passa como quando uma criança não quer tomar o remédio salutar por meio de agrados; então os pais recorrem à energia.

É por isso que os cônjuges precisam resistir a todas as tentações que o sexo lhes apresentar fora do recinto do lar; sempre que traírem seus compromissos matrimoniais de absoluta fidelidade um ao outro, sintonizam-se com as regiões tenebrosas, de onde nada de bom podem esperar, além de contraírem dívidas de custoso resgate no futuro.

No tocante à fidelidade conjugal assume caráter gravíssimo, quando é levada a ponto de destruir um lar. Um lar tem raízes profundas no mundo espiritual e abrange os interesses de uma porção de espíritos ligados a ele, quer encarnados, quer desencarnados.

Para cada determinado grupo de espíritos, cada lar é um ponto de apoio em vista das tarefas de reabilitação e de elevação a planos mais altos do Universo. Antes de se formar um lar terreno, traçam-se planos no mundo espiritual e depois, paulatinamente, esses planos concretizam-se na terra, constituindo-se então o lar. Por aí vemos as pesadas responsabilidades que recaem nos ombros de ambos os cônjuges e as conseqüências imprevisíveis que acarreta para si, quem atenta contra a integridade de um lar. Por conseguinte, não procurem jamais os cônjuges satisfações sexuais clandestinas, nem ninguém, homem ou mulher, ataque um lar, desencaminhando um dos cônjuges. Quando os infelizes que assim procederem, encontrarem-se na realidade do mundo espiritual, chorarão lágrimas amargas ante o caminho doloroso que lhes desdobra à frente para a reabilitação.

Autor: Eliseu Rigonatti

Livro: O Espiritismo Aplicado – Pág. 76

DESQUITE, DIVÓRCIO, SEPARAÇÃO, COMO QUEIRAM

Então, disse, Adão: “Eis aqui o osso de meus ossos, e a carne de minha carne. Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá à sua mulher; e serão dois numa só carne”. – Gênesis, 2:24-25.

Assim já não são dois, mas uma só carne. Não separe logo o homem o que Deus ajuntou. – Mateus, 19:6

Procurávamos o assunto que poríamos em pauta para o estudo do mês e, de “modo próprio”, um Espírito se manifestou, e narrou-nos o seguinte:

“Vou contar-lhes uma história muito verdadeira, pois é a história de um amargurado trecho de minha vida, e que dura até hoje, e não sei em que época terá fim. Sabemos o ano, o mês, o dia, a hora, o minuto em que cometemos o erro, mas jamais saberemos quando terminaremos de corrigi-lo; e, até lá, o remorso nos crucia.

“Reencarnei-me em família abastada na Capital de um dos Estados do Brasil. Minha infância decorreu tranqüila; e minha adolescência, no estudo e nas ilusões próprias dessa idade. Aos vinte e dois anos, casei-me por amor, no que era correspondida.

“Depois de nosso terceiro filho, já tínhamos duas meninas, notei mudanças em meu marido: já não era o companheiro gentil de outros tempos; nossos passeios domingueiros rareavam; não mais nos levou ao clube, apesar dos pedidos insistentes das crianças; sempre havia um pretexto para ausentar-se do lar; mesmo em nosso leito conjugal, evitava-me.

“Um dia, descobri a verdade, e meu coração doeu como se um punho de ferro o apertasse: meu esposo já não me era fiel; tornara-se um adúltero.

“Começaram então as rusgas, os atritos, as discussões, até que a discórdia total se instalou em nosso lar.

“Aconteceu que no auge de uma altercação, em que lhe atirei no rosto o que eu sabia, respondeu-me: “Pois faça o que quiser; eu estou por tudo.”

“Daí em diante um ódio surdo roía-me: queria que ele sofresse a mesma dor que me consumia; humilhá-lo como ele me humilhara.

“E maquinei uma vingança.

“Louca, louca que fui!

“Em vez de manter-me pura, guardiã de meu lar, do lar de meus filhos, que eu não tinha, que nós não tínhamos o direito de destruir; de protegê-los, orientá-los, encaminhá-los, agir enfim como uma verdadeira mãe, e lutar para recuperar-lhes o pai desencaminhado, nada disso fiz; só dei azo ao meu egoísmo, ao egoísmo feroz.

“Eu era bonita e bem conservada; ainda provocava olhares admirativos em nosso meio social. Tornei-me, por minha vez, uma adúltera. A princípio com um primo afastado, que me cortejara em solteira; logo depois com um amigo de meu marido, que sempre me lançara olhares gulosos. E eu pensava: “Ele não me disse que eu fizesse o que quisesse? Pois fiz, e ele há de descobrir!”

“E ele descobriu. Com o rosto cor de cera, perguntou-me: ‘Você fez isso?’

“Ora, respondi-lhe altaneira. Você não me disse que estava por tudo e que eu fizesse o que quisesse? Pois aí está!

“O processo de desquite correu célere. Separamo-nos. Meus filhos foram para a casa dos avós paternos. Não tinham mais o lar deles, que fora destruído por nós.

“Meses depois meu ex-esposo suicidou-se. E meus filhos voltaram a viver comigo, desorientados, não mais me respeitaram; fizeram-se rebeldes, meus alunos, não me obedeciam. Seus pais... éramos para eles dois ídolos estilhaçados.

“Mal passaram a puberdade e meu filho era um alcoólatra, uma filha freqüentadora assídua de boates, e a mais velha, amante do diretor da empresa onde trabalhava como secretária. Ao se aproximarem dos trinta anos, desencarnei.

“Conheci imediatamente o meu estado, e ralada de vergonha permaneci ao lado do ataúde. Meu filho chegou alcoolizado, e abraçado por dois Espíritos horríveis, também alcoólatras; debruçou-se sobre o caixão, quase derrubando-o, no que foi impedido pelos circunstantes. E minhas filhas intimamente se lamentavam por não poder comparecer a compromissos noturnos.

“Acompanhei o enterro de meu corpo. Parentes e conhecidos cumpriram aquele dever indiferentes. Não recebi uma prece sequer. Contudo, comentavam vivamente o meu desquite, suas causas e suas conseqüências, o que aumentava minha vergonha, e acendia meus remorsos.

“Fiquei só no cemitério.

“Sentei-me no túmulo e pus-me a chorar.

“Aproximou-se de mim uma quadrilha de maníacos sexuais, tentando agarrar-me. Não sabendo como livrar-me deles, clamei por meu marido.

“--- Teu marido?! Pois há de vê-lo! --- exclamaram rindo e afastando-se.

“E chorando, recordei os nossos belos sonhos de noivado; por onde andaria ele?

“E percebi que me movia; era como se eu deslizasse, como se eu escorregasse por uma ladeira, sempre para baixo, posto que suavemente.

“Penetrei num vale sombrio, nevoento, donde partiam gemidos, gritos estentóricos, imprecações, gargalhadas de loucura. E parei diante de um Espírito vestido de trapos apodrecidos, de barba e cabelos hirsutos, tendo no lado esquerdo do peito uma ferida sanguinolenta.

“Era meu marido.

“Não me reconheceu.

“A mesma força que me fizera descer, segurava-me ali junto dele, embora eu trabalhasse por fugir. E no meu desespero, uma voz irônica falou em meu ouvido: ‘Divórcio aqui não vale!’

“Consumida de remorsos e de dor, sentei-me ao seu lado, apoiando-lhe a cabeça em meu regaço. Ele tinha visões ante as quais esbravejava.

“Quanto tempo assim permanecemos: ele a bracejar e a urrar, e eu a chorar perdidamente? Não o sei.

“Alguém murmurou ao meu lado: ‘Recorra a prece.’

“Uma ocasião, parecendo reconhecer-me, bradou enlouquecido: ‘Que fizemos de nosso lar? Onde anda nossos filhos?’ E recaiu em seus delírios.

“Um grupo socorrista passou e recolheu-me.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

“Hoje habito uma esfera espiritual bem próxima à Crosta Terrena, à qual aportam os naufragos do casamento. É uma colônia educacional. Dentre seus vários departamentos sobressai o Departamento de Educação para o Casamento. É um edifício de rara beleza, construído de uma substância translúcida, que aos raios vigorosos do sol, ou à suavidade da lua e das estrelas, produz deslumbrantes efeitos de luz.

“Resumirei, dando-lhes uma pálida idéia do que lá aprendemos.

“Submeti-me a um treinamento para participar de um grupo que ampara os casais terrenos cujo casamento ameaça malograr-se, conquanto respeitemo-lhes o livre arbítrio, no qual não podemos interferir. O tempo que me sobra, quase todo ele consagrado ao trabalho e ao estudo, posso dedicá-lo aos meus filhos encarnados e ao meu marido, que permanecerá no Vale ainda alguns anos.

“O mentor de nossa colônia, um Espírito boníssimo, mostrou-me a necessidade de voltarmos à Crosta de mãos dadas novamente para corrigirmos os erros de nossa última encarnação, bem como retificarmos os cometidos em encarnações anteriores, que praticamos juntos, e que nossa separação não permitiu, fazendo com que perdêssemos essa oportunidade, e, principalmente, para recebermos em nosso seio três aleijões morais, produtos de nosso divórcio. E então trilharemos o longo e penosíssimo caminho da reparação.

“Nós, que poderíamos ter desencarnado como pais e avós abençoados, eis o que ganhamos, eis o prêmio de nossa separação!

“Continuando, digo-lhes que:

“Dentre as instituições respeitáveis que existem na terra, a mais sagrada é a do casamento; nenhuma outra lhe avanta.

“As ilusões passageiras do mundo nos fazem relegar o lar, que é um lugar santo, para um segundo ou terceiro plano, esquecidos de que os cônjuges entre si devem dar-se apoio total, os quais o darão aos filhos. E lembrem-se de que um lar sem marido é como um navio sem capitão.

“Quando o lar é bem administrado e abriga o amor, merece o auxílio do Alto, e assemelha-se a um altar onde Espíritos amigos de outras vidas se acolhem, porque o lar é puro.

“O lar onde a discórdia reina vira refúgio de Espíritos pouco evoluídos, que dão vazão a seus instintos baixos, viciosos e perversos, diminuindo-lhe sensivelmente o padrão vibratório; e daí para o fim o passo é curto.

“Quantas vezes um dos cônjuges se esforça para agradar o outro, o qual como que não nota, não procura aproximar-se, criando assim problemas de compreensão, que facilmente seriam evitados com um pouco mais de carinho, de atenção de parte a parte. Uma boa palavra para o ser amado, um sorriso, um pequenino gesto de amor valem mais, muito mais para a felicidade do lar do que uma jóia de alto preço.

“É de fazer pena, do lado de cá, assistir às aflições dos maus maridos e das más esposas responsáveis pela destruição dos lares, impedindo que se desenvolvessem Espíritos programados para eles. Quando aqui abrem os olhos, é tarde, muito tarde...

“Cuidem os cônjuges de que seu lar seja uma fortaleza contra os maus; cuidem de seus atos e de suas palavras para que haja o respeito e a compreensão mútuos, base essencial de um bom casamento.

“Quem com o Cristo quer viver, não pode falir na instituição sacrossanta do matrimônio. Engrandecem-se os cônjuges no santuário do lar, e os que falharam corrijam-se que ainda é tempo.

“Futilidades, rugas, incompatibilidade de gênios, desavenças que podem ser evitadas, e sem custo perdoadas; orgulho, vaidade e outras causas que comumente se apresentam ao casal, e são citadas para justificarem a separação, são tidas no plano espiritual como motivos destruidores de oportunidades de os cônjuges se redimirem entre si, queimando um carma comum aos dois.

“O desquite em si (ou divórcio, ou separação, como queiram) pelas leis terrenas nada mais é do que um distrato, uma tentativa de romper antes do tempo os elos espirituais, o laço divino do casamento. Tal qual o suicida que tenta rebentar o laço perispírico que o liga ao corpo, e que só a morte natural romperia.

“A exemplo dos suicidas, os Espíritos desquitados perdem todos os seus direitos na Espiritualidade. Barreiras intransponíveis se lhes formam pela frente, interceptando-lhes as ocasiões de progresso. E o motivo que os separou continua no além-túmulo, alimentando o ódio entre os cônjuges; porque o desquite não está no carma de ninguém.

“E quando tomam consciência do ato praticado, e da oportunidade de redenção perdida, entregam-se a desesperos inconcebíveis. Porque se houve união dos dois foi para que juntos lapidassem seus Espíritos, manchados pelos erros do passado e cometidos de parceria; para que se respeitassem mutuamente, partilhando o mais possível dos mesmos ideais.

“E na seqüência do casamento, os filhos tivessem carinho e proteção, amor e orientação, enfim, braços amigos que os acalantassem, o lar de seus pais, o verdadeiro lar deles, filhos, o sentimento de mãe, que é tudo para eles, realizando assim o planejamento reencarnatório.

“No além-túmulo não há distratos, nem desquites, nem divórcios, nem separação. As leis terrenas não vigem no plano espiritual. Lá os laços do matrimônio se desatam naturalmente, liberando os cônjuges, uma vez que bem cumpriram com seus deveres até o fim.

“E os desquitados um dia (quando, só o Altíssimo o sabe) terão de, noutra etapa reencarnatória, reconstruírem o lar que destruíram, trazendo para ele os filhos que se transviaram como consequência da separação dos pais, que são responsáveis pelo desencaminhamento deles, e co-réus nos erros que praticaram.

“E agora uma última advertência: no sagrado instituto do casamento, os cônjuges que não se entreguem ao adultério, nem ele nem ela. O adúltero ou a adúltera, ao desencarnarem, caem nas mãos de Espíritos inferiores, obstinados no sexo, os quais os envolvem de tal maneira que os levam a terem uma vida vampiresca em espeluncas imundas terrenas. E só com o perpassar do tempo, e com extrema dificuldade, é que conseguem libertar-se de seus captores. O que me livrou deles foram as lágrimas de amargo arrependimento que derramei aos pés de meu marido.

“Ó casais que estais trilhando a ilusória estrada da separação, parai! Voltai! Reconciliai-vos! Ela é enganosa! No fim dela há um despenhadeiro escuro.

Espírito : **Clarinda, uma irmã de vocês.”**

Autor: Eliseu Rignonatti

Livro: O Evangelho das Recordações – Memórias – Pág. 157

ESPIRITISMO E LAR

O Capítulo “Em serviço espiritual”, apresentando-nos as figuras de Celina e Abelardo, sugeriu-nos, inicialmente, o estudo do problema do lar.

O fato de o esposo desencarnado continuar ao lado da médium, confirmando, assim, alguns casos em que o matrimônio constitui alguma coisa além da união dos corpos, levou-nos à tentativa de classificá-lo em cinco tipos principais, assim compreendidos.

CASSIFICAÇÃO DOS CASAMENTOS :

- . Acidentais
- . Provacionais
- . Sacrificiais
- . Afins (Afinidade superior)
- . Transcendentes

Acidentais : Encontro de almas inferiorizadas, por efeito de atração momentânea, sem qualquer ascendente espiritual.

Provacionais : Reencontro de almas, para reajustes necessários à evolução de ambos.

Sacrificiais : Reencontro de alma iluminada com alma inferiorizada, com o objetivo de redimi-la.

Afins : Reencontro de corações amigos, para consolidação de afetos.

Transcendentes : Almas engrandecidas no Bem e que se buscam para realizações imortais.

Evidentemente, o instituto do matrimônio, sagrado em suas origens, tem reunido no mesmo teto os mais variados tipos evolutivos, o que vem demonstrar que a união, na Terra, funciona, às vezes como meio de consolidação de laços de pura afinidade espiritual, e, noutros casos, em sua maioria, como instrumento de reajuste.

Algumas vezes o lar é um santuário, um templo, onde almas engrandecidas pela legítima compreensão exaltam a glória suprema do amor sublimado.

Em sua maioria, porém, os lares são cadinhos purificadores, onde, sob o calor de rudes provas e dolorosos testemunhos, Espíritos frágeis caminham, vagorosamente, na direção do Mais Alto.

Nos casamentos **acidentais** teremos aquelas pessoas que, defrontando-se um dia, se vêem, se conhecem, se aproximam, surgindo, daí, o enlace acidental, sem qualquer ascendente espiritual.

Funcionou, apenas, o livre arbítrio, uma vez que por ele construímos cotidianamente o nosso destino. Num mundo como o nosso, tais casamentos são comuns.

Nem laços de simpatia, nem de desagrado.

Simplemente almas que se encontraram, na confluência do caminho, e que, perante as leis humanas, uniram apenas os corpos.

Esses casamentos podem determinar o início de futuros encontros, noutras reencarnações.

Quanto aos casamentos **provacionais**, em que duas almas se reencontram em processo de reajustamento, necessário ao crescimento espiritual, esses são os mais freqüentes.

A maioria dos casamentos obedece, sem nenhuma dúvida, a esse desiderato.

Por isso existem tantos lares onde reina a desarmonia, onde impera a desconfiança, onde os conflitos morais se transformam, tantas vezes, em dolorosas tragédias.

Deus uniu-os, através das leis do Mundo, a fim de que, pelo convívio diário, a Lei Maior, da fraternidade, fosse por eles exercida nas lutas comuns.

A compreensão evangélica, a boa vontade, a tolerância e a humildade são virtudes que funcionam à maneira de suaves amortecedores.

O Espiritismo, pela soma de conhecimentos que espalha, tem sido meio eficiente para que muitos lares, construídos na base da provação, se reajustem e se consolidem, dando, assim, os primeiros passos na direção do Infinito Bem.

O Espírita esclarecido sabe que somente ele pagará as suas próprias dívidas.

Nenhum amigo espiritual modificará o curso das leis divinas, embora lhe seja possível estender os braços generosos aos que se curvam ante o peso de duras provas, entre as quatro silenciosas paredes de um lar.

O espírita esclarecido, homem ou mulher, aprende a renunciar, a benefício de sua paz e do seu reajuste.

E o faz, ainda, porque tem a inabalável certeza de que, se fugir hoje ao resgate, voltará, amanhã, na companhia daquele ou daquela de quem procura, agora, afastar-se.

A humildade, especialmente, tem um poder extraordinário de harmonização dos lares, convertendo-os, dentro da relatividade que assinala todas as manifestações da vida humana, em legítimos santuários onde o destino dos filhos possa plasmar-se nas exemplificações edificantes.

Agora os casamentos **sacrificiais**.

Esses reúnem almas possuidoras de virtude e sentimentos opostos.

É uma alma esclarecida, ou iluminada, que se propõe ajudar a que se atrasou na jornada ascensional.

Como a própria palavra indica, é casamento de sacrifício, para um dos cônjuges.

E o sacrificado tanto pode ser a mulher como o homem.

Não há regra para isso.

Temos visto senhores delicadíssimas, ternas e virtuosas, que se casam com homens ásperos e grosseirões, de sentimentos abjetos, do mesmo modo que existem homens, que são verdadeiras jóias de bondade e compreensão, consorciados com mulheres de sentimentos inferiorizados.

A isso se dá, com inteira propriedade, a denominação de casamentos sacrificiais.

Quem ama não pode ser feliz se deixou na retaguarda, torturado e sofrendo, o objeto de sua afeição.

Volta, então, e, na qualidade de esposo ou esposa, recebe o viajor retardado, a fim de, com o seu carinho e com a sua luz, estimular-lhe a caminhada.

É o vanguardeiro, compassivo, que renuncia aos júbilos cabíveis ao vencedor, e retorna à retaguarda de sofrimento para ajudar e servir.

O casamento sacrificial é, pois, em resumo, aquele em que um dos cônjuges se caracteriza pela elevação espiritual, e o outro pela condição evolutiva deficitária.

O mais elevado concorda sempre em amparar o desajustado.

Assim sendo, a mulher ou o homem que escolhe companhia menos elevada deve “levar a cruz ao calvário”, como se diz geralmente, porque, sem dúvida, se comprometeu na Espiritualidade a ser o cireneu de todas as horas.

O recuo, no caso, seria deserção a compromisso assumido.

Mais uma vez se evidencia o valor do Evangelho nos lares, como em toda a parte, funcionando à maneira de estimulante da harmonia e construtor do entendimento.

Os casamentos denominados **afins**, no sentido superior, são os que reúnem almas esclarecidas e que muito se amam.

São Espíritos que, pelo matrimônio, no doce reduto do lar, consolidam velhos laços de afeição.

Por fim, temos os casamentos que denominamos de **transcendentes**.

São constituídos por almas engrandecidas no amor fraterno e que se reencontram, no plano físico, para as grandes realizações de interesse geral.

A vida desses casais encerra uma finalidade superior.

O ideal do Bem enche-lhes as horas e os minutos.

O anseio de Belo repleta-lhes as almas de doce ventura, pairando, acima de quaisquer vulgaridades terrestres, acima do campo das emoções inferiores, o amor puro e santo.

Todos nós passamos, ou passaremos ainda, segundo for o caso, por toda essa seqüência de casamentos: acidentais, provacionais e sacrificiais, até alcançarmos no futuro, sob o sol de um novo dia, a condição de construirmos um lar terreno na base do idealismo transcendental ou da afinidade superior.

Enquanto não atingirmos tal situação, o Senhor, pelo seu Evangelho, irá enchendo de paz a nossa vida. E o Espiritismo, abençoada Doutrina, repletará os nossos dias das mais sacrossantas esperanças...

Autor: **Martins Peralva**

Livro : Estudando a Mediunidade - cap. XVIII - Pág. 101

A FAMÍLIA COMO INSTRUMENTO DE REDENÇÃO ESPIRITUAL

... Reconcilia-te com o teu adversário – advertiu Cristo – enquanto estás a caminho com ele.

E não é precisamente no círculo aconchegante da família que estamos a caminho com aquele que a nossa insensatez converteu em adversário?

O espiritismo coloca, pois, sob perspectiva inteiramente renovada e até inesperada, além de criativa e realista, a difícil e até agora inexplicável problemática do inter-relacionamento familiar. Se um membro de nossa família tem dificuldades em nos aceitar, em nos entender, em nos amar, podemos estar certos de que tais dificuldades foram criadas por nós mesmos num relacionamento anterior em que as nossas paixões ignoraram o bom senso.

- E a repulsão instintiva que se experimenta por algumas pessoas, donde se origina? Perguntou Kardec aos seus instrutores (LIVRO DOS ESPÍRITOS, Pergunta 389).

- São espíritos antipáticos que se adivinham e reconhecem, sem se falarem.

O ponto de encontro de muitas dessas antipatias, que necessitam do toque mágico do amor e do entendimento, é a família consangüínea, célula de um organismo mais amplo que é a família espiritual, que por sua vez, é a célula da instituição infinitamente mais vastas que são a família mundial e, finalmente, a universal.

A Doutrina considera a instituição do casamento como instrumento do “progresso na marcha da humanidade” e, reversamente, a abolição do casamento como “uma regressão à vida dos animais”. (Questões 695 e 696, de O LIVRO DOS ESPÍRITOS). Como vimos há pouco, é também essa a opinião dos cientistas especializados responsáveis.

Ao comentar as questões indicadas, Kardec acrescentou que – “O estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre todos os povos, se bem que em condições diversas”.

No que, mais uma vez, estão de acordo estudiosos do problema do ponto de vista científico e formuladores e divulgadores da Doutrina Espírita.

Isto nos leva à delicada questão do divórcio, reconhecido como uma das principais causas desagregadoras do casamento e, por extensão, da família.

O problema da indissolubilidade do casamento foi abordado pelos Espíritos, de maneira bastante sumária, na Questão nº 697. Perguntados sobre se “Está na lei da Natureza, ou somente na lei humana a indissolubilidade absoluta do casamento”, responderam na seguinte forma:

- É uma lei muito contrária à da Natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; só as da Natureza são imutáveis.

O que, exatamente, quer dizer isso?

Em primeiro lugar, convém chamar a atenção para o fato de que a resposta foi dada no contexto de uma pergunta específica sobre a *indissolubilidade absoluta*. Realmente, a lei natural ou divina não impõe inapelavelmente um tipo rígido de união, mesmo porque o livre arbítrio é princípio fundamental, direito inalienável do ser humano. “Sem o livre arbítrio – consta enfaticamente da Questão nº 843 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS – o homem seria máquina”.

A lei natural, por conseguinte, não iria traçar limites arbitrários às opções humanas, encadeando homens e mulheres a um severo regime de escravidão, que poderá conduzir a situações calamitosas em termos evolutivos, resultando em agravamento dos conflitos, em lugar de os resolver, ou pelo menos atenuá-los.

Ademais, como vimos lembrando repetidamente, o Espiritismo não se propõe a ditar regras de procedimento específico para cada situação da vida. O que oferece são princípios gerais, é uma estrutura básica, montada sobre a permanência e estabilidade de verdades testadas e aprovadas pela experiência de muitos milênios. Que dentro desse espaço se movimente a criatura humana no exercício pleno de seu livre arbítrio e decida o que melhor lhe convém, ante o conjunto de circunstâncias em que se encontra.

O casamento é compromisso espiritual previamente negociado e acertado, ainda que nem sempre aceito de bom grado pelas partes envolvidas. São muitos, senão maioria, os que se unem na expectativa de muitos anos de turbulência e mal-entendidos porque estão em débito com o parceiro que acolhem, precisamente para que se conciliem, se ajustem, se pacifiquem e se amem ou, pelo menos, se respeitem e estimem.

Mergulhados, porém, na carne, os bons propósitos do devedor, que programou para si mesmo um regime de tolerância e autocontrole, podem falhar. Como também pode exorbitar da sua desejável moderação o parceiro que vem para receber a reparação, e em lugar de recolher com serenidade o que lhe é devido (e outrora lhe foi negado) em atenção, apoio, segurança e afeto, assume a atitude do tirano arbitrário que, além de exigir com intransigência o devido, humilha, oprime e odeia o parceiro que, afinal de contas, está fazendo o possível, dentro das suas limitações, para cumprir seu compromisso. Nesses casos, o processo de ajuste – que será sempre algo difícil mas poderá desenrolar-se em clima de mútua compreensão – converte-se em vingança irracional.

Numa situação dessas, mais freqüentes do que poderíamos supor, a *indissolubilidade absoluta* a que se refere a Codificação seria, de fato, uma lei antinatural. Se um dos parceiros da união, programada com o objetivo de promover uma retificação de comportamento, utilizou-se insensatamente da sua faculdade de livre escolha, optando pelo ódio e a vingança, quando poderia simplesmente recolher o que lhe é devido por um devedor disposto a pagar, seria injusto que a lei recusasse a este o direito de recuar do compromisso assumido, modificar seus termos, ou adiar a execução, assumindo, é claro, toda as responsabilidades decorrentes de seus atos, como sempre, aliás.

A lei divina não coonesta a violência que um parceiro se disponha a praticar sobre o outro. Além do mais, a dívida não é tanto com o indivíduo prejudicado quanto com a própria lei divina desrespeitada. No momento em que arruinamos ou assassinamos alguém, cometemos, claro, um delito pessoal de maior gravidade. É preciso lembrar, contudo, que a vítima também se encontra envolvida com a lei, que, paradoxalmente, irá exibir a reparação da falta cometida, não para vingá-la, mas para desestimular o faltoso, mostrando-lhe que cada gesto negativo cria a sua matriz de reparação. O Cristo foi enfático e preciso ao ligar sempre o erro à dor do resgate. “Vai e não peques mais, para que não te aconteça coisa pior”, disse ele.

Não há sofrimento inocente, nem cobrança injusta ou indevida. O que deve paga e o que está sendo cobrado é porque deve. Assim a própria vítima de um gesto criminoso é também um ser endividado perante a lei, por alguma razão concreta anterior, ainda que ignorada. Se, em lugar de reconciliar-se, ela se vingar, estará reabrindo sua conta como novo débito em vez de saldá-la.

A lei natural, portanto, não prescreve a indissolubilidade mandatária e absoluta do casamento, como a caracterizou Kardec na sua pergunta. Conseqüentemente, a lei humana não deve ser mais realista do que a outra, que lhe é superior; deve ser flexível, abrindo espaço para as opções individuais do livre arbítrio.

Isso, contudo, está longe de significar uma atitude de complacência ou de estímulo à separação dos casais em dificuldades. O divórcio é admissível, em situações de grave conflito, nas quais a separação legal assume a condição de *mal menor*, em confronto com opções potencialmente mais graves que projetam ameaçadoras tragédias e aflições imprevisíveis: suicídios, assassinatos, e conflitos outros que destroem famílias e acarretam novos e pesados compromissos, em vez de resolver os que já vieram do passado por auto-herança.

Convém, portanto, atentar para todos os aspectos da questão e não ceder precipitadamente ao primeiro impulso passional ou solicitação do comodismo ou do egoísmo. Dificuldades de relacionamento são mesmo de esperar-se na grande maioria das uniões que se processam em nosso mundo ainda imperfeito. Não deve ser desprezado o importante aspecto de que o casamento foi combinado e aceito com a necessária antecipação, precisamente para neutralizar diferenças e dificuldades que persistem entre dois ou mais Espíritos.

O que a lei divina prescreve para o casamento é o amor, na sua mais ampla e abrangente conotação, no qual o sexo é apenas a expressão física de uma profunda e serena sintonia espiritual. Estas uniões, contudo, são ainda a exceção e não a norma. Ocorre entre aqueles que, na expressão de Jesus, Deus juntou, na imutável perfeição de suas leis. Que ninguém os separe, mesmo porque, atingida essa fase de sabedoria, entendimento e serenidade, os Espíritos pouco se importam de que os vínculos matrimoniais sejam indissolúveis ou não em termos humanos, dado que, para eles vige a lei divina que já os uniu pelo vínculo supremo do amor.

Em suma, recuar ante uma situação de desarmonia no casamento, de um cônjuge difícil ou de problemas aparentemente insolúveis é gesto e fraqueza e covardia de graves implicações. Somos colocados em situações dessas precisamente para resolver conflitos emocionais que nos barram os passos no caminho evolutivo. Estaremos recusando exatamente o remédio prescrito para curar mazelas persistente que se arrastam, às vezes, por séculos ou milênios aderidas à nossa estrutura espiritual.

A separação e o divórcio constituem, assim, atitudes que não devem ser assumidas antes de profunda análise e demorada meditação que nos levem à plena consciência das responsabilidades envolvidas.

Como escreveu Paulo com admirável lucidez e poder de síntese.

_ *“Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”.*

O Espiritismo não é doutrina do *não* e *sim* da responsabilidade, Viver é escolher, é optar, é decidir. E a escolha é sempre livre dentro de um leque relativamente amplo de alternativas. A sementeira, costumamos dizer, é voluntária; a colheita é que é sempre obrigatória.

É no contexto da família que vem desaguar um volume incalculável de conseqüências mais ou menos penosas resultantes de desacertos anteriores, de decisões tomadas ao arrepio das leis flexíveis e, ao mesmo tempo, severas, que regulam o universo ético em que nos movimentamos.

Para que um dia possamos desfrutar o privilégio de viver em comunidades felizes e harmoniosas, aqui ou no mundo póstumo, temos de aceitar, ainda que relutantemente, as regras do jogo da vida. O trabalho da reconciliação com espíritos que prejudicamos com o descontrole de nossas paixões, nunca é fácil e, por isso, o comodismo nos empurra para o adiamento das lutas e renúncias por onde passa o caminho da vitória.

Como foro natural de complexos problemas humanos e núcleo inevitável das experiências retificadoras que nos incumbe levar a bom termo, a família é instrumento da redenção individual e, por extensão, do equilíbrio social.

Não precisaria de nenhuma outra razão para ser estudada com seriedade e preservada com firmeza nas suas estruturas e nos seus propósitos educativos.

Autor: **Deolindo Amorim e Hermínio C. Miranda**
Livro : O Espiritismo e os Problemas Humanos – Pág.: 147

AMOR, SEXUALIDADE E CASAMENTO

... A religião em Espírito e Verdade é esse Mar Total em que todos mares e todas as águas se reúnem numa coisa só.

Todas as religiões nascem da mediunidade, que é o fundamento de todas as religiões, que por sua vez se fundem na Religião em essência que é a Religião do Espírito ou o Espiritismo. Nela não se precisa de coisas específicas, pois todas as coisas se fundem numa só – o Amor a Deus.

Um jovem e uma jovem se amam e o amor que os atrai é o amor de Deus nas criaturas. A benção do amor já os ligou e eles não necessitam de palavras, ritos ou sacramentos para se unirem, pois unidos já estão. Se não houver amor entre eles, não estão unidos e nada valerá a união formal por meios sacramentais. É por isto que no espiritismo não há sacramentos nem formalismos algum, pois tudo depende, em todas as circunstâncias, da essência única – e única verdadeira – que é o Amor.

Mas o Espiritismo reconhece a necessidade humana de disciplina social, e por isso recomenda apenas o casamento civil. Ainda por isso o Espiritismo reconhece a necessidade do divórcio, pois no plano ilusório da matéria as criaturas se confundem e misturam sexualidade e desejo com o Amor. Jesus, respondendo aos judeus, por que motivo Moisés permitia o divórcio, disse-lhes: “Por causa da dureza dos corações, mas no princípio não foi assim.” Kardec explica que, no princípio da humanidade o amor era espontâneo, livre de injunções estranhas, e então não era necessário o divórcio. O Espiritismo não faz casamentos nem divórcios, nem as anulações de casamento que a Igreja faz, pois estes problemas pertencem às leis humanas. Da mesma maneira o Espiritismo não faz batizados – pois o batismo é do espírito – nem recomenda defuntos ou distribui bênçãos, pois todas essas coisas não são feitas pelos homens e sim por Deus. Todos os sacramentos e formalismos são substituídos no Espiritismo pela prece, que serve em todas as ocasiões da vida e da morte, pois é um momento de ligação do homem com Deus, o diálogo com o Outro, como queria Kierkegaard. Toda intervenção humana interesseira e venal é substituída pela serena confiança nas bênçãos gratuitas do Céu. Nesse ato humano de louvor ou de súplica, desprovido de aparatos exteriores, a presença da Divindade é o cumprimento da promessa de Jesus, sem nenhuma evocação formal. A solidariedade espiritual se revela no esforço da transcendência vertical das criaturas, conscientes da lei da sublimação. Não há fórmulas orais nem gestos, nem signos ou mitos na tranqüila viração das consciências na intimidade de todos e de cada um.

... Passando deste problema para o de abstenção sexual e o de casamento e celibato, vamos novamente verificar o acerto do Espiritismo em sua posição firmada desde meados do século passado. O casamento representa uma conquista na evolução social, disciplinando as relações humanas com vistas à organização da família na estrutura mais ampla da sociedade. Se a maioria dos casamentos na Terra apresenta dificuldades e desajustes, isso decorre das condições inferiores do nosso mundo. O casal é uma unidade biológica que se forma por atração afetiva recíproca desenvolvida em vidas sucessivas ao longo da temporalidade, que é a larga e profunda esteira dos tempos sucessivos. A afetividade que o liga no presente é positiva, mas está geralmente carregada de cargas negativas, provenientes de situações não resolvidas, de compromissos e dívidas morais e recíprocas.

Formada a unidade, ela funciona como um dínamo-psiquismo que atrai as entidades comprometidas com o par nas existências anteriores. O par sozinho enleia-se nos sonhos de felicidade dos anseios de amor. Mas as interferências dos comparsas causam disritmias e atritos na harmonia do dínamo, muitas vezes desde o namoro e o noivado, prenunciando tempestades magnéticas. São os filhos que buscam a reencarnação e os parentes do par e outros compromissados que chegam, cobradores de dívidas afetivas e de compromissos rompidos. Não é Deus que determina essas situações embaraçosas, mas os próprios envolvidos em complôs remotos e o próprio par, motivo de ações negativas anteriores que, segundo a lei de ação e reação, formam o Karma do grupo, ou seja, o conjunto de insolvências passadas, agora postas em resgate comum. (A palavra Karma, de origem sânscrita, vem de arcaicas religiões indianas reencarnacionistas, mas é empregada no meio espírita por seu sentido prático e preciso). Se o casal se recusa a ter filhos os compromissados reagem com vibrações mentais e psíquicas negativas, quebrando a harmonia do dínamo e provocando distúrbios biopsíquicos no casal até mesmo ocasionando a interferência de reencarnados compromissados com o par. São essas as causas da maioria das situações difíceis resultantes de casamentos felizes. Os casos de abortos provocados no passado constituem pesados compromissos a resgatar, e os casos de aborto recentes (sem necessidade clínica real), acumulam-se aos anteriores ou passam por débitos futuros. É por isso que os sentimentos de amor e respeito ao próximo constituem elementos defensivos da felicidade futura de todos nós. A partir desse quadro podemos compreender com mais clareza as situações dolorosas em que se precipitam muitos casamentos felizes, e que as religiões explicam assustadoramente como castigos divinos ou influências diabólicas. Todas essas ocorrências dependem exclusivamente de nossas relações humanas no passado e no presente. A consciência humana dispõe, em todos nós, dos recursos preventivos dessas situações. Nossa falta leviana de atenção às exigências e advertências da consciência respondem pelas situações negativas que criamos por nós mesmos, contra os nossos interesses evolutivos.

Autor : J. Herculano Pires

Livro: Dinâmico de Espiritismo – O Grande desconhecido – Cap. XIX – Pág.: 152

O DIVÓRCIO

O assunto movimenta as rodas de conversa, polariza as atenções. Optar, ou não, pela implantação do divórcio, no Brasil?

Para nós, de qualquer forma, parece-nos que a inclusão da lei do divórcio no nosso Código Civil, conquanto possa considerar-se sob o aspecto social como um significativo passo avante, muito pouco representará, frente à atitude declaradamente espírita dos que assim se definem.

Quando Allan Kardec comentou sobre a possibilidade divorcista, ele procurou situar muito bem os dois tipos de uniões. Aquelas ditadas pelos laços do afeto e em que se envolveriam criaturas verdadeiramente unidas por Deus porque submissas à Sua Lei, e as outras, fruto do interesse e nada mais, muito próprias da sociedade insincera e alicerçada em poderes aquisitivos ou de mera representação social.

Dessarte, se ao primeiro tipo de casamento ficava implícita a desnecessidade da separação legal porque baseada no amor legítimo, ao segundo certamente poderia ser concedida essa desvinculação, se desejada, por que inserida num outro contexto de intenções imediatas e mundanas.

Colocar o problema em termos de divórcio será estéril aos comentários que se façam à luz da Doutrina Espírita. Uma vez que separado, o casal poderá tomar rumos independentes, desde que a moral da coletividade o sancione, incluindo-o na lei dos homens.

Contudo, o que estará sempre em pauta para o autêntico espírita, não será o enfoque da nova união mas sim, e principalmente, o da separação do casal. Tem sido uma das constantes lições exaradas pelo Evangelho e interpretadas à luz do Espiritismo esta da necessidade da tolerância, do perdão e do amor, acima de tudo.

Discutirmos o problema do divórcio sem examinarmos antes o do abandono da família, por um dos cônjuges, é exorbitar as metas, é saltar por um terreno ainda precisado de cultivo, é querer chegar à próxima estação sem haver o trem correr sobre os trilhos no trecho que a antecede.

O que nos deve preocupar, como já foi dito, é essa extrema responsabilidade que precisa animar os cônjuges equilibrados, cientes de que o verdadeiro casamento é um pacto selado nos Planos Espirituais e encerra compromissos inúmeros, que envolvem ângulos de grande diversidade, tais como vínculos reencarnatórios, problemas cármicos, de resgates e tarefas missionárias.

Desistir ex abrupto de tantas responsabilidades será como passar um atestado de total desconhecimento delas, apesar de credenciar-se cada criatura como portadora de uma consciência, além de dever à Misericórdia Divina inúmeras oportunidades redentoras em companhia de todos aqueles que lhe formam a família constituída.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

Lembramo-nos, ainda, de que, em face da premência do tempo, da exiguidade do prazo que nos resta para as grandes transformações que presenciaremos no planeta, muitas delas já em pleno desenrolar, uma porcentagem altíssima de uniões, na atual conjuntura, é promovida por efeitos cármicos.

Necessitados que somos todos de muitos resgates pelas faltas pretéritas e mais necessitados ainda de prover estas últimas encarnações de todos os recursos que nos permitam atingir os méritos imprescindíveis para continuar no planeta, prestando colaboração à coletividade em regeneração, do Terceiro Milênio, quando estaremos promovidos a um mundo mais elevado em perspectivas de Espiritualidade, eis aí, nas uniões de efeito cármico, um caminho seguro para fazer-nos atingir, conforme nosso comportamento em face das dificuldades, aquele ponto crítico e redentor responsável pelos últimos itens exigíveis para a obtenção do nível adequado e libertador para a nossa permanência e aproveitamento.

È em vista desse objetivo maior que nós, espíritas, embora favoráveis à adoção do divórcio como Lei -- enfim, legítima como possibilidade para o próprio equacionamento consciencial tão necessário aos que se dizem verdadeiramente livres (usado este termo na sua mais completa e alta acepção) --- nunca endossamos, nem o poderíamos, com a mesma facilidade, a opção do desquite que importa, ele sim, um verdadeiro abandono (porque ato fundamental) de prerrogativas fornecidas pela Misericórdia Divina as quais, em face do aceleração evolutivo a que está submetido nosso processo existencial deste fim de milênio, dificilmente nos poderão ser de novo concedidas.

Autora : **Helena M. Craveiro Carvalho**
Livro : Espiritismo : Medo ou Preconceito? - Pág. 43

ABANDONO DO LAR

Várias são as causas que levam um dos cônjuges a abandonar o lar, com isso desagregando perigosamente a estrutura da família, que deveria permanecer unida. Dentre elas, podemos citar, de escantilhão, as seguintes: ausência de responsabilidade; fraqueza de caráter, tornando o indivíduo leviano e presa fácil de paixões passageiras, mormente em ambientes onde haja certas facilidades de ordem sexual; desarmonias conjugais, provocadas e alimentadas pelo ciúme ou pela falta de compreensão recíproca; agressividade constante; violências físicas e / ou morais; processos obsessivos; etc...

Na realidade, as maiores vítimas são os filhos que, além de perderem a assistência do pai, ou da mãe, sofrem a sua ausência e escutam, permanentemente, acusações contra aquele que os abandonou.

Amigos, é preciso que entendamos que acima dos direitos individuais estão os direitos familiares, sobretudo os direitos dos filhos, para cuja educação há necessidade imperiosa da presença atuante de ambos os dois cônjuges.

Meditamos nos dizeres desta carta que uma adolescente escreveu:

“Não se zangue, mamãe! Desculpe. Desculpe porque eu preciso desabafar. Sei que você está hiperpreocupada, supercansada.

“Que você se mata por nós. Ninguém sabe agradecer. Mas todos nós lhe somos gratos.

“Mamãe, não se zangue! Nós queremos é você e não os seus serviços. Quem consegue conversar a sós com você? Você ralha comigo. É o vestido sujo e rasgado, são as mãos imundas, os cabelos despenteados, os objetos esquecidos, o quarto desarrumado. Sempre as mesmas reclamações... inúteis! Nem mais as ouço: já sei tudo de cor...

“Sabe o que esta faltando nesta casa? Está faltando é tempo para conversar. Quando eu volto do colégio, morro de vontade de chegar perto de você e contar tudo: as coisas misteriosas que me disseram, meus namoros, meus sonhos para o futuro. Você está na cozinha, mexendo as malditas panelas. Eu sei que seus quitutes não podem queimar. Mas você sabe que me queima a alma sua frase sempre fervendo de impaciência: ‘Agora, não! Não posso ouvir nada! Daqui a pouco, espere!’ Faz anos que você me diz isso, mamãe. O seu ‘daqui a pouco’ nunca chegou. Estou farta de esperar. À noite, quando os pequenos já pegaram no sono, se eu pudesse ficar a sós com você, eu diria tudo:

--- “o livro que me impressionou...

--- “os segredos de minha única amiga...

--- “até os meus pecados. Eu lhe diria tudo, mamãe...

“Você nunca se sentou à beira de minha cama para conversar. Ah! Se você soubesse a desordem que reina em meu coração! Se eu pudesse um dia verificar que meus problemas interessam a você, eu me sentiria crescer. Eu seria boa, juro, eu me tornaria alguém.

“Não se zangue, minha mãezinha! Mas... fale comigo”.

Amigos, eis aí a carta da adolescente, pedindo a atenção da mãe. Em outro trecho deste mesmo livro vocês encontrarão a carta de um filho, endereçada a seu pai, também pedindo atenção para seus problemas, para seus conflitos íntimos. Tudo isso confirma a nossa assertiva: para a educação dos filhos há imperiosa necessidade da presença atuante de ambos os dois cônjuges.

Tanto o pai como a mãe devem servir de modelo na formação da personalidade dos filhos. Como explica bem O Evangelho Segundo o Espiritismo, “o corpo procedo do corpo, mas o Espírito não provém do Espírito, porque preexiste à formação do corpo. Não é o pai quem cria assim o Espírito de seu filho --- apenas dá-lhe o invólucro corporal; mas deve ajudar seu desenvolvimento intelectual e moral, a fim de fazê-lo progredir”.

Ao que completa O Livro dos Espíritos: “A paternidade chega a ser mesmo uma espécie de delicada missão”.

Pai e mãe não representam tão-somente o esteio econômico da manutenção da prole --- mas também (e principalmente) aquela retaguarda moral, aquele suporte espiritual extremamente necessário ao filho durante a infância e ainda mais na adolescência. Por detrás de um aluno-problema em nossas escolas de 1 e 2 graus, que cria terríveis casos de disciplinares, não raro, está exatamente uma criança carente de afeto familiar... Por detrás de um jovem, às voltas com a Polícia e a Justiça, por questões de tóxicos e atos de violência, está, de um modo geral, um lar desfeito, onde reinou a incompreensão, o desrespeito, a discórdia permanente. Tal estado de coisas pode, inclusive, ser responsável pelo adulto desajustado no contexto social, cheio de graves traumas e complexos estranhos, infernizado em seu íntimo e infernizando tantos quantos dele se aproximem. Em uma palavra, sofrimento, revolta, infelicidade geral.

À luz do Espiritismo, todavia, tudo tem a sua profunda razão de ser. Nada acontece por simples acaso; existe uma explicação para tanto infortúnio no seio dos próprios lares. Não se sofre sem uma causa justa e necessária. Tanto quanto não é mera casualidade que une Fulano a Sicrano ou a Beltrano na condição de pai ou de filho; de mãe ou de filha; de marido e mulher, nas naturais e necessárias relações domésticas de nossa vida terrena. Há todo um planejamento prévio, antes do processo encarnatório, como que fixando as diretrizes gerais, as linhas mestras do gênero de vivência que haveremos de ter nos próximos anos imersos na carne. Assim é que, o já citado Evangelho Segundo o Espiritismo, explica que:

“Os Espíritos que encarnam numa mesma família, sobretudo entre parentes próximos, são muitas vezes Espíritos simpáticos, unidos por ligações anteriores, manifestadas por seu afeto durante a vida terrestre; mas pode também acontecer que estes Espíritos sejam completamente estranhos entre si, divididos por antipatias também anteriores e que igualmente se traduzem por seu antagonismo na Terra, para lhes servir de provação.

Dentre os problemas que angustiam o homem moderno, evidenciam-se os familiares. Muita gente tenta resolvê-los desertando do lar. Muito comum esta pseudo-solução em nossa sociedade. Todavia, amigos, não há e não pode haver, de modo algum, felicidade ou prazer que possa ser conquistado por um pai, ou por uma mãe, às expensas de seus filhos menores abandonados...

Terminando nossas considerações sobre o abandono do lar, evidentemente não se pede de ninguém a anulação total de sua personalidade diante dos problemas conjugais. Não se lhe exige o entorpecimento, a negação de sua sensibilidade no terreno afetivo. Somos humanos. Temos as nossas aspirações e os nossos ideais, bem como as nossas limitações, os nossos condicionamentos, que a vida material nos impõe. No entanto, graças a todo este conhecimento doutrinário-evangélico, de certa forma resumido neste artigo, tem-se motivo para um pouco mais de resignação e tolerância. Um pouco mais de devotamento e de paciência. Tem-se ainda motivo para a fé e persistência naquele firme propósito de tentar --- ainda uma vez --- o diálogo fraterno e franco com o cônjuge difícil, experimentando o entendimento com serenidade, ao invés da exasperação, da irritação, do desespero, da agressão verbal, que, em verdade, como todos sabemos, não resolvem os problemas, não diminuem os abismos, não reduzem as desinteligências, enfim, não trazem solução alguma. Ao contrário, prejudicam os pais, e muito mais ainda, os filhos, que sofrem com os atritos dos progenitores bem como o abandono de seus responsáveis mais imediatos --- o pai e a mãe!

Autor : **Celso Martins**

Livro: Por Um Mundo Melhor - Cap. 9 - Pág. 38

O PROBLEMA DO DIVÓRCIO

“Ouvistes o que foi dito aos antigos :
“Quem abandonar sua mulher, dê-lhe carta
de divórcio. Eu, porém, vos digo que quem
repudiar sua mulher, a não ser por causa de
infidelidade, a torna adúltera; e qualquer que
casar com a repudiada comete adultério.”
(Mateus, 5:31-32)

Nos primórdios do judaísmo os vínculos matrimoniais eram bastante frágeis. Se o homem chegasse à conclusão de que sua esposa não lhe convinha, até pelo fato de cometer uma falha no preparo da comida, bastava dar-lhe carta de divórcio, uma espécie de demissão ou rescisão do contrato matrimonial. Isto bem de acordo com a mentalidade da época, situada a mulher em regime de escravidão.

Por incrível que pareça, a carta de divórcio, instituída por Moisés, representava um progresso, pois regulamentava a separação e dava à repudiada o direito de constituir nova família.

No capítulo 19, do Evangelho de Mateus, Jesus diz, categórico, que semelhante instituição deveu-se à dureza do coração humano.

Ao referir-se ao assunto, no Sermão da Montanha, o Mestre explica que o casamento deve ser indissolúvel, admitindo a separação apenas num caso --- a infidelidade ---, porque esta destrói as bases fundamentais da união matrimonial: a confiança, a integridade, o respeito, o amor, a dignidade.

A Doutrina Espírita é bastante clara quanto à seriedade do vínculo matrimonial, demonstrando que ele é, geralmente, fruto de planejamento espiritual, e que, ao se ligarem, os cônjuges assumem compromissos muito sérios, não tão-somente em relação ao próprio ajuste, mas, particularmente, no concernente aos filhos.

Todo casamento dissolvido representa fracasso dos cônjuges. A separação não faz parte do destino de ambos --- é simplesmente uma alternativa, quando a união entra em crise insuperável. O divórcio, nesta circunstância, defendido por Kardec, em “O Evangelho segundo o Espiritismo”, capítulo 22, limita-se tão-só a reconhecer uma separação já existente. É o mal menor, oferecendo ao casal divorciado a oportunidade de recompor suas vidas e de legalizar sua nova situação perante a sociedade.

Imperioso reconhecer --- e nisso reside a seriedade do problema --- que a separação representa uma transferência de compromissos para o futuro, em regime de débito agravado, sempre que os filhos ou os próprios cônjuges venham a comprometer-se em desajustes e desequilíbrios diretamente relacionados com a desintegração do lar.

Inútil, entretanto, considerar-se os prejuízos advindos da separação, diante daqueles que chegaram a extremos tais de desentendimento que tornam impossível a vida em comum. Nesta circunstância, nem toda a sabedoria do Mundo os convencerá a permanecerem juntos, superando suas desavenças.

Por isso, mais importante do que tentar ajustar peças demasiadamente comprometidas pela ferrugem da discórdia, é cuidar de recursos que garantam a estabilidade matrimonial, a saúde do casamento.

Para tanto, a primeira providência é superar o velho engano cometido pelo homem e pela mulher, que se julgam casados apenas porque assinaram o livro do registro civil, submetendo-se às demais disposições legais.

Socialmente falando o casamento é isso, mas, sob o ponto de vista moral e espiritual, trata-se de um compromisso a ser renovado todos os dias. Deve representar o empenho diário de dois seres, de estrutura biológica e psicológica totalmente diferentes, no sentido de se ajustarem. Cérebro e coração, razão e sentimento, força e sensibilidade, o homem e a mulher, realmente, são duas partes que se completam --- mas somente com a força do amor. Não o amor paixão, que se esvai após a embriagues dos primeiros tempos, mas o amor convivência, que se consolida com o perpassar dos anos, desde que sustentado pelos valores da compreensão, do respeito mútuo, da tolerância e da boa-vontade.

Emmanuel tem uma imagem muito feliz a respeito do casamento, quando diz que a euforia dos noivos, no grande dia, é semelhante à do estudante que recebe o diploma do curso superior. É o coroamento de seus esforços, de seus anseios...

Mas, depois vem o trabalho de cada dia, a dedicação, o esforço, o sacrifício, para que seu diploma represente para ele a base de uma vida melhor, econômica e socialmente.

Assim acontece com o casamento. Muita alegria no início, muito empenho depois, porque nenhuma casa será um lar autêntico, oásis de bênçãos e ternura, se não for primeiro uma oficina de boa-vontade e de esforço em favor da paz.

Para tanto, lembrando ainda Jesus, é preciso que combatemos a dureza de nossos corações, pois, se bem analisarmos, verificaremos que todo problema de relacionamento humano, em qualquer lugar, principalmente no lar, nasce justamente porque nosso coração se fecha com muita facilidade ante as manifestações do egoísmo, que nos leva a exigir demais dos outros e tão pouco de nós mesmos.

Autor : **Richard Simonetti**
Livro : A Voz do Monte – Pág. 91

O DIVÓRCIO FACE A MORAL CRISTÃ

“Também foi dito (aos antigos): Qualquer que desquitar de sua mulher, dê-lhe carta de repúdio. Mas eu vos digo: Todo o que repudiar sua mulher, a não ser por causa da prostituição, a faz ser adúltera, e o que tomar a repudiada, comete adultério.”
(Mateus, 5:31-32)

Naquele tempo, entre os judeus, era permitido ao homem repudiar sua mulher sob os mais fúteis pretextos.

Eis, na íntegra, o texto do Velho Testamento que regulava o assunto:

“Se um homem tomar uma mulher, e a tiver consigo, e ela não for agradável a seus olhos por causa de alguma fealdade, fará um escrito de repúdio, lho dará na mão, e a despedirá de sua casa.

“E se ele, depois de Ter saído, casar-se com outro e este também a aborrecer, e lhe der escrito de repúdio, e a despedir de sua casa, ou se ele veio a morrer, não poderá o primeiro marido tornar a tomá-la por mulher, porque ela ficou poluta e fez-se abominável diante do Senhor.” (Deuteronômio, 24:1-4.)

Como se vê, o que se exigia do homem, a esse respeito, era apenas que desse à esposa repudiada carta de divórcio, para que pudesse casar-se com outro marido, ou enviuvasse.

Em virtude de tais facilidades, os divórcios ocorriam com muita freqüência, tornando assaz precária a estabilidade da família, enquanto o grande número de mulheres repudiadas fazia que o meretrício proliferasse em larga escala, originando-se desse estado de coisas um gravíssimo problema social.

Jesus, modificando os preceitos da Lei mosaica, só admite um motivo justo para a quebra dos vínculos matrimoniais: a prostituição.

Nega, assim, tanto ao homem como à mulher, o direito ao divórcio, por “incompatibilidade de gênios” ou outras “causas” de menor peso, comumente invocadas para justificá-lo, causas que mal encobrem o desejo impuro de experimentar novas sensações, através de diferentes uniões, ou evidenciam ausência completa de paciência e boa-vontade para suportar as falhas do outro cônjuge.

Sendo o casamento uma instituição divina, destinada, não só à conservação da Humanidade, como também a oferecer aos espíritos, que se unem no grupo familiar, apoio recíproco para suportarem as provas da existência, deve ser resguardado e protegido contra os germes da dissolução, quais os desquites e divórcios que, ainda hoje, são obtidos por qualquer razão, ou mesmo sem razão nenhuma.

A Doutrina Espírita esclarece-nos, a respeito dessa seríssima questão, que, não raro, espíritos inimizados em encarnações pregressas são ligados pelos laços do matrimônio para que, nesta nova relação, mediante as vicissitudes e as lutas a serem enfrentadas lado a lado, possam vencer o ódio que os separava, reconciliem-se e tornem-se, afinal, bons amigos.

Isto posto, a separação de cônjuges desajustados só serve para interromper o processo de harmonização entre ambos (que precisará ser reiniciado em existência próxima), retardando o aperfeiçoamento de suas almas e, conseqüentemente, sua felicidade futura.

“Não separe, pois, o homem o que Deus ajuntou.” (Mateus, 19:6.)

Autor : **Rodolfo Calligaris**
Livro : O Sermão da Montanha – Pág. 81

SEPARAÇÃO

Desajustes Familiares

Após ter sido analisado o casamento, será fácil entender a separação. Casamentos problemáticos caminham céleres para a dissolução.

Todo comportamento humano pode ser examinado pelo binômio essência/aparência. No casamento há o relacionamento real e o que transparece, os quais nem sempre coincidem. Casais aparentemente integrados e felizes podem estar desenvolvendo conflitos enormes, desajustes homéricos. Outros, que deixam transparecer suas divergências, talvez possuam um relacionamento profundo com ligações bastante sólidas. Às vezes somos surpreendidos com anúncios de separação de casais aparentemente perfeitos.

A impressão que se causa (e não a que se quer causar) aos outros tem que ser real. Todo fingimento é desonesto. Manter aparências, demonstrar gentilezas, não divergir em público pode até ser de bom tom social, mas é atitude que seria classificada como hipócrita. É claro, que divergências maiores, tipo briga, devem ser evitadas perante os outros, mas o relacionamento deve ser o mais transparente possível, por uma questão de coerência.

O termômetro do casamento é o carinho. Diminuído o carinho na conversa, no toque, no relacionamento sexual, há o prenúncio de rompimento parcial ou total. O mando, a autoridade, o exclusivismo, a superioridade excluem o carinho. Sua falta pode também ter origem em causas como a desilusão, interferência negativa de terceiros, inquietude financeira, doenças e em causas de grave porte como adultério, o comportamento psicótico e o desprezo uni ou bilateral.

A vida conjugal deveria se a soma de ideais e de vontades. Uma constante expectativa de felicidade, aspirações e esperanças repartidas. A união, a composição. Vida a dois como se fossem um. Não é a renúncia e a concessão para manter a união, mas a união amorosa com alguma renúncia e concessão para evitar desajustamentos.

Influências Espirituais

Sob este subtítulo devemos lembrar as influências de terceiros na estabilidade do relacionamento e aquelas próprias das almas em convívio, cujo passado espiritual é sempre muito complexo.

No primeiro caso, a influência de entidades espirituais, quer sejam amigas ou inimigas, sobre um dos cônjuges ou ambos, é notória. Quando ela é benéfica, tudo bem; há sempre espíritos simpáticos aproximando-se dos lares, com as melhores intenções de manter ou de proporcionar o equilíbrio do relacionamento interpessoal.

No entanto, a influência maléfica pode provocar desequilíbrios, tanto maiores quando maior for o grau de aceitação do sugestionamento espiritual.

Em ambos os casos a influência recai não apenas sobre o casal, mas em outros familiares que com ele residem, determinando assim o clima ou a psicofera de todo o lar.

O passado espiritual do casal, na óptica da reencarnação, corresponde a uma influência realmente muito importante na união de hoje. Já foi analisado, no estudo sobre o casamento, que o mesmo não configura mero encontro ou ligação acidental entre pessoas, mas parte de um processo antigo de acúmulo de experiências e amalgamação dos seres, em busca da maturação espiritual. Portanto, a chamada afinidade, a compatibilidade de gênios, a compreensão mútua, podem ser aquisições antigas que são reafirmadas no presente segmento de vida. Por outro lado, o reajuste necessário, com as inúmeras manifestações de desajustes no presente, pode ter suas raízes no passado e deverá se constituir em aquisição nova.

Quando as influências negativas predominam e encontram meio de proliferação, as conseqüências obsessivas são diversas. Os cônjuges e os demais familiares passam a viver um inferno doméstico que pode levar a qualquer caminho.

Tédio no Lar

Os desajustes domésticos são seguidos ou precedidos de explosões emocionais repentinas que abalam a estrutura do lar. Mas há também o desajuste lento e silencioso. Enquanto o primeiro é agudo, o segundo é crônico.

As crises crônicas são muito difíceis de serem superadas. Elas sofrem um processo de sedimentação com o passar do tempo. Iniciam-se sabe-se lá porque e se ampliam às custas de pequenos fatores desgastantes no dia-a-dia. Progressivamente vão minando as bases do relacionamento. Uma vez são pequenos defeitos detectados no cônjuge, sem tolerância para aceitá-los, outras vezes são decepções que a vida conjunta reserva a um ou a ambos, sem meios de adaptação a elas.

Com isso vão sendo acumuladas frustrações, queixas, decepções. Acumuladas, armazenadas e não declaradas. Surge então a mágoa. Um casamento que transpira promessa de felicidade no seu início, pode chegar a embaraçosa situação de desencanto com o passar do tempo. É lógico que para chegar a isto haverá sempre a falta do tempero do amor. Somente o amor provoca a superação de todos os problemas.

A crise crônica é o tédio, o cansaço. Não existe prazer na vida a dois, não há motivações. Cada um continua com suas obrigações formais, com seu sentido de família, até se respeitam, mas não há mais a convivência carinhosa. A vida torna-se insípida e daí desgastante. Quem suporta? Para viver tem que encontrar outras motivações.

O tédio no lar é uma ocorrência muito triste. O reajuste tem que ser providenciado logo antes que o mal se enraíze. O passar do tempo só faz piorar.

Infidelidade conjugal

Uma das maiores causas da dissolução dos casamentos é a busca de outro parceiro para o relacionamento sexual. Pode se tratar de uma aventurazinha, uma “amizade colorida”, uma brincadeira, mas é adultério. E adultério é coisa grave. Fere profundamente as regras do respeito e da consideração e magoa até às últimas conseqüências.

O adultério puro e simples, que é a união temporária inconseqüente para a satisfação imediata, revela tendência primeva e degradação moral. Se, entretanto, há um comprometimento emocional do tipo amoroso, a situação muda de figura. Aqui é preciso levar em conta se a situação foi provocada, se o envolvimento foi facilitado ou se o relacionamento era inevitável e ocorreu com naturalidade. De qualquer forma, além dos atenuantes e dos agravantes desse envolvimento oblíquo, há o compromisso moral de se evitar casos constrangedores como tais.

Cabe neste subcapítulo a ponderação de Regis (7): “Se se encontra um novo amor... parece mais moralizante, se houver compromissamento compulsivo, reconstruir a existência em bases de lealdade, do que permanecer no adultério”. O “compulsivo” é o obrigado pelo íntimo apesar de conseqüências adversas, é o inevitável. Não há como reverter a situação. Então, nessas delicadas ocorrências é preciso avaliar o que menos magoa, o que é mais honesto e decidir com responsabilidade.

Causas atuais e anteriores da separação

A grande causa é a falta de amor. Dizem que tudo em excesso faz mal, com exceção do amor. Sem amor não há estabilidade na união. Pode haver durante algum tempo, mas não permanece. Pode haver na aparência, mas não na essência.

Como a sociedade atual já absorveu bem a separação como um fato natural, casar perdeu muito do seu valor de compromisso. Casa-se logo, sem amadurecer a idéia do casamento e seu significado intrínseco. Esta precipitação muitas vezes gera conflitos de relacionamento que culminam com a desunião que, por sua vez, acabou se tornando uma “solução” rápida e simples. Quebra-se compromissos com uma injustificável facilidade!

As causas atuais da separação são por demais conhecidas. Mas há também as causas anteriores, muitas vezes inapreensíveis para o ser encarnado, impossíveis para o incrédulo. Para uns são transcendentais porque inexplicadas. Para outros têm a ver com distúrbios psíquicos. Na realidade são fatores fortíssimos ligados a problemas de relacionamentos vividos anteriormente e que agora inspiram vingança, desprezo, ciúme, acusações e outras atitudes menos dignas.

“A Doutrina Espírita esclarece-nos, a respeito dessa seríssima questão que, não raro, espíritos inimizados em encarnações pregressas são ligados pelos laços do matrimônio para que, nesta nova relação, mediante as vicissitudes e as lutas a serem enfrentadas lado a lado, possam vencer o ódio que os separava, reconciliem-se e tornem-se, afinal, bons amigos” (2).

Divórcio

O item 5 do capítulo XXII de O Evangelho Segundo o Espiritismo aborda o divórcio com incrível atualidade.

O divórcio é uma prática muito antiga. Ao tempo de Moisés era permitido ao marido repudiar qualquer de suas mulheres (a mulher era propriedade do marido) e lhe passar “carta de divórcio” por qualquer motivo. Já, o Mestre Jesus exigia motivo relevante, como o adultério por exemplo, para que houvesse a dissolução do casamento. Antes, o adultério da mulher era punido com a lapidação e Jesus queria evitar essa calamidade. Assim, na lei criminal, passou a permitir o divórcio em substituição à lapidação.

Tal como Jesus, também achamos que o divórcio pode ser um recurso a ser acionado para se evitar um mal maior. Pode ser uma medida contra o suicídio, homicídio, agressões e outras desgraças. Apesar de não dever ser estimulado ou facilitado, às vezes deve ser usado como recurso (não como solução). Se a Lei faculta, ativar a lei, mas é lei de exceção e não de regra.

Houve época aqui no Brasil em que o divórcio foi tema de acirrada polêmica. Uma verdadeira disputa político-religiosa. De um lado os anti-divorcistas e de outro os pró-divorcistas. Tramitou no Congresso Nacional, cheio de “lobbies”, com ampla discussão, enorme repercussão e finalmente foi aprovado. Depois, regulamentado por lei, foi colocado em prática. Passou a ser fato consumado, sem despertar mais interesse para discussões. No entanto, o seu mérito e as repercussões familiares, precisam continuar a ser enfocadas. Se não em larga escala, pelo menos em grupos pequenos como este interessado em pensar a família.

Considerações finais

Como casamento não existe ao acaso, a separação não deve ser facilitada. Ninguém é obrigado a viver com quem não gosta; às vezes é preciso fazê-lo. No casamento se operam burilamentos e reconciliações.

Simonetti é muito enfático quando afirma que o desafio da convivência no casamento é “necessidade evolutiva que lembra antigo recurso para limpeza de pregos quando, por limitações tecnológicas, eles eram produzidos com uma rebarba. Colocados num grande recipiente que ficava girando durante algum tempo, os pregos atritavam-se uns com os outros e perdiam o indesejado apêndice. Além da eliminação das “rebarbas” produzidas pela nossa própria inferioridade, a vida em família é, também, um ponto de referência que nos ajuda a manter o contato com a realidade. As pessoas que vivem durante muito tempo sozinhas enfrentam problemas neste sentido”.

Do ponto de vista reencarnatório o casamento pede expressar compromisso, reajuste. Neste caso a separação expressará desistência ou abandono. O espírito dispõe da faculdade de interromper, recusar, modificar, adiar o desempenho de compromissos assumidos. Pode não ser o melhor para ele, mas é uma decisão própria que julgou ser conveniente e assim deve ser respeitada.

Voltamos a insistir: a separação não deve ser solução simplista e precipitada. Todo relacionamento exige flexibilidade e tempo para maturar. Entretanto, bem pesado todos os fatores, com reflexão e maturidade, pode se tornar um recurso útil e necessário.

Autor : Miguel Carlos Madeira
Livro: Família e Espiritismo
Autores Diversos, Edições U.S.E. 1.995

SEPARAÇÃO

O homem atual tem encarado com muita naturalidade a separação conjugal, não exigindo motivos muito fortes para consumá-la. Uma simples “incompatibilidade de gênios” é suficiente. E, ao tomar tal decisão, costuma pensar exclusivamente nas questões pessoais, sem levar em consideração os reflexos sobre os outros membros da família, especialmente os filhos.

À luz do Espiritismo, a separação se constitui em decisão muito séria, que só deve ser tomada em situações extremas, pelas inúmeras conseqüências que traz, não só para os cônjuges, como para os filhos.

A maioria dos casamentos na Terra é do tipo provacional, requerendo muita renúncia para serem levados até o fim. É neste tipo de união que ocorre a separação, porquanto naquelas realizadas com base na afinidade real praticamente não há o risco de acontecer.

Todos os casais necessitam de certo período de adaptação, cuja duração é bastante variável. É nessa fase que o homem e a mulher aprendem a compartilhar a vida. Antes cada um podia viver sem ter que dar satisfação dos próprios atos a outrem, mas, após o casamento, não tem como deixar de fazê-lo. Há um compromisso mútuo nesse sentido, o que implica na existência de deveres e direitos de um para com o outro, sendo necessário conhecê-los com nitidez.

A questão da incompatibilidade de gênios precisa ser analisada com maior profundidade. Frequentemente os casais confundem diferenças de gostos e ideais com incompatibilidade. É muito difícil encontrar duas pessoas que não apresentem essas diferenças. Se aprenderem a dialogar e a se respeitarem mutuamente, podem viver em paz no lar. Lamentavelmente poucos fazem esforços nesse sentido. O egoísmo os leva a agir de forma oposta, dificultando a adaptação na vida a dois. Não se pode esquecer também que o homem e a mulher podem corrigir os próprios defeitos, a fim de facilitar o relacionamento.

O esforço para melhorar o relacionamento é extremamente benéfico para o homem e a mulher, sob o ponto de vista espiritual, porque permite converter aversões do pretérito em razoável amizade, enquanto que a separação significa o protelamento de reajustes indispensáveis, agravando a situação dos responsáveis pela falência do casamento perante as leis de Deus. Referindo-se ao divórcio, Emmanuel nos ensina que “conquanto em muitas situações agrave os próprios débitos, dispõe a pessoa da faculdade de interromper, recusar, modificar, discutir ou adiar, transitoriamente, o desempenho de compromissos que abraça” (Vida e Sexo).

Se, para os cônjuges, a separação, com raras exceções, significa interrupção, adiamento ou recusa no cumprimento de compromissos assumidos anteriormente, para os filhos representa causa de desajustes, muitas vezes de conseqüências desastrosas, mormente quando ocorre enquanto estes ainda são muito jovens. A reação deles é imprevisível: vai desde a queda do rendimento escolar até à revolta total. Alguns mudam completamente o curso da própria vida, desviando-se para o alcoolismo, a toxicomania ou outros vícios, dos quais só se libertam com muita luta; outros se descontrolam emocionalmente e se tornam agressivos, arredios ou mal-humorados.

Nem sempre a separação é desejada pelo marido e pela mulher. Na maioria das vezes apenas um é responsável pela situação que provoca o rompimento da união conjugal, não restando ao outro, senão a alternativa de aceitar a situação, muitas vezes com grande sofrimento. A esse respeito, escreve Emmanuel:

“Quando um dos parceiros foge ao compromisso assumido, sem razões justas, lesa o outro na sustentação do equilíbrio emotivo, seja qual for o campo de circunstâncias em que esse compromisso venha a ser efetuado. Criada a rotura no sistema de permuta das cargas magnéticas de manutenção, de alma para alma, o parceiro prejudicado, se não dispõe de conhecimentos superiores na autodefensiva, entra em pânico, sem que lhe possa prever o descontrole que, muitas vezes, raia na delinquência” (obra citada).

Naturalmente os sofrimentos da vítima da separação serão debitados na conta do responsável por ela, exigindo resgate futuro.

Levando em consideração os compromissos do passado e as conseqüências futuras, o melhor é tentar levar o casamento até o fim, podendo o divórcio ser aplicado como “medida extrema contra o suicídio, o homicídio ou calamidades outras que lhe complicariam ainda mais o destino”, nas palavras de Emmanuel. Também é admissível em casos de violência física ou moral, porquanto “a escravidão não vem de Deus e ninguém possui o direito de torturar ninguém, à face das leis eternas”, como nos adianta o autor espiritual (obra citada).

Finalmente, diante da separação, não devemos julgar o casal, porquanto nem sempre as razões mais íntimas são divulgadas e correríamos o risco de fazer avaliações errôneas, ferindo nossas próprias consciências.

Autor – **Umberto Ferreira**
Livro: Vida Conjugal – Cap. 30 – Pág. 87

SEPARAÇÃO CONJUGAL

As estatísticas têm mostrado percentuais elevados e crescentes de separações conjugais, freqüentemente litigiosas, com a aparente transmutação de um sentimento amoroso para ódio, rancor e forte ressentimento.

No Brasil, o número de divórcios cresceu nos últimos dez anos de 10 para 25% dos matrimônios.

Na Inglaterra, chega a 40%, e nos Estados Unidos à espantosa cifra de 60%.

Mais quais os motivos responsáveis pelo triste epílogo dessas relações conjugais? Haveria uma tendência do ser humano para tal comportamento? Será que os laços de amizade que se vão firmando, com o decorrer do tempo, são capazes de incompatibilizar a vida sexual, como muitos chegam a afirmar, transformando a relação marido / mulher em uma relação de irmão para irmã?

Não me parece bem fundamentada esta última conjectura, pois é muito reduzido o número dos que mantêm laços de amizade, após a separação, como se deveria esperar a ser ela verdadeira.

Todo processo de ruptura dos laços esponsalícios, seja ou não litigioso, é gerador de muito sofrimento para todos os envolvidos, para todos os componentes da estrutura familiar: cônjuges e filhos. Aliás, é freqüentemente de grande extensão o padecimento dos filhos, especialmente quando crianças, de vez que não lhes é permitido interferir ou participar na decisão, mas são profundamente atingidos, especialmente porque no mais das vezes não conseguem entender os porquês de se virem assim separados da convivência diuturna de um dos seus pais.

Pode-se alegar que, nada acontecendo ao acaso, eles estariam resgatando débitos. Isso é uma meia verdade, pois não estava previsto desde a Espiritualidade que seus genitores se separariam, senão que haveria essa possibilidade. Por outro lado, lembremos sempre de elucidação evangélica quanto à nossa participação como instrumentos da Lei:

“É necessário que sucedam escândalos, mas ai daquele homem por quem vem o escândalo”.

Ou seja, a Lei não depende da nossa instrumentalização para os resgates devidos. Por isso, ao nos tornarmos verdugos do nosso semelhante, contraímos débito a nos clamar pela educação dos instintos e dos sentimentos.

Observando a exorbitante estatística referente aos casos de separação conjugal e analisando-lhes os contextos, vamos encontrar não apenas uma única causa mas uma múltipla cascata etiológica, variando desde uma falha cometida, quando se tomou a decisão de casar, até aquelas com bases espirituais e inclusive com freqüentes associações dessas causas.

Descrevemos tais fenômenos etiológicos como:

a) Fatores envolvidos na separação

- *Motivos Pré-Nupciais*

Um grande número de casamentos tem razões puramente materiais em suas bases.

Assim sendo, podemos encontrar casamentos que se constituem em verdadeiros negócios, onde um cônjuge compra literalmente o outro. Usa de sua condição econômico-financeira mais elevada que a do parceiro e o envolve sob promessas veladas (ou diretas) de uma vida com melhor padrão, em situação social mais elevada, com maiores possibilidades materiais; ou onde um cônjuge finge sentimento objetivando o patrimônio do outro.

Às vezes, ocorre mesmo uma permuta tácita ou explícita entre a participação no patrimônio financeiro de um e no patrimônio biológico do outro.

De outras vezes, põe-se o casamento na mesa das discussões comerciais, como se o fato de se associar um capital fosse bastante para levar ao consórcio conjugal.

Há ainda os casamentos devidos a uma atividade sexual irresponsável, resultando em gravidez indesejada que, por um ou outro motivo, não redundou no aborto. Ultimamente, tem havido uma redução dessa causa, porque mais mães (ou suas famílias nucleares) estão assumindo o filho sem recorrer ao casamento como tentativa de solução.

São esses os casamentos não alicerçados em um sentimento mais profundo, mal planejados ou não planejados, mal conduzidos, mal preparados. Neles não se cogitou o fator tempo ou o dia-a-dia do relacionamento conjugal. Nem se fez uma análise global do seu significado na vida de cada um. O que se moveu foi unicamente uma disposição egoística e/ou intempestiva.

Esses motivos podem dar-se de forma:

- Conscientes (menos comuns) ou
- inconscientes

No primeiro caso, um dos cônjuges agiu de má-fé com o objetivo de aproveitar-se do outro, através do casamento, mas já antecipando intimamente o final da união conjugal, quando devidamente satisfeitos os seus objetivos cúpidos ou sensuais. São os casos dos casamentos cujo interesse é se apossar dos bens materiais ou mesmo de uma pensão.

Recentemente, a mídia internacional noticiou o casamento de um famoso ator com uma atriz, em que já se estabeleceram as bases do “negócio”: o valor da “indenização”, o tempo mínimo de “serviço matrimonial” (ou sexual?) etc.

Difícilmente, nesses tipos de união conjugal, encontramos amor, afetividade verdadeira, disposição para a estruturação e um lar, de uma família, senão objetivos estritamente cúpidos.

Com o devido respeito que nos cabe ter por todos os companheiros de jornada terrena, isso mais parece exercício de prostituição de alto preço.

No segundo caso, o que houve foi desinformação, irresponsabilidade e/ou imaturidade de um ou de ambos os cônjuges. Não se meditou acerca dos valores conjugais, das diretrizes da relação marital, das repercussões sobre a vida de cada um dos participantes, quanto dos que se lhes agregariam, na condição de filhos.

- *Dificuldade adaptativas*

Nesse caso, passada a fase inicial em que prepondera a paixão, o casal passa a acumular dificuldades crescentes no seu relacionamento, despontando as intolerâncias, a inadaptabilidade dos valores de vida de um com os do outro, resultando na maioria das vezes em ruptura já no princípio ou após anos de tentativa de acerto. Há as situações, inclusive, em que se tenta solucionar o problema com a gravidez, mas após o nascimento dos filhos, se vai convencer da impossibilidade de manutenção dos laços conjugais. São esses os verdadeiros casos de incompatibilidade de gênios.

No comum, o casal não procurou o conhecimento um do outro como pessoa ou, o que é mais freqüente ainda e agravante, escondeu-se quase inteiramente sob máscaras.

As máscaras não resistem muito ao tempo, ao relacionamento cotidiano e, assim, ao longo da convivência, delinea-se o autêntico feitio facial de cada um, completamente incógnito para o outro.

É certo que ninguém nunca se mostra exatamente como é para outro, permanecendo algo da persona em toda relação. Entretanto, necessário é que o casal conheça o gosto, o temperamento, a personalidade, as reações ante as dificuldades, pelo menos em parte, um do outro, para que possa avaliar devidamente a possibilidade de uma vida a dois.

Quando existem pontos de conflito em áreas fundamentais, áreas vitais, ao ponto de se verem aviltadas algumas convicções e prioridades, as chances de se conseguir uma adaptação satisfatória e capaz de manter a harmonia nas relações do cotidiano são muito pequenas e a probabilidade do casamento ruir após algum tempo é bastante palpável.

Daí, a necessidade do namoro, período em que se pode fazer alguma idéia acerca dessa relação futura. Dessa maneira, desfrutando de maior convivência, mais chance de conhecimento recíproco, maiores serão as oportunidades para a observação dos instantes em que não se logra manter a máscara ocultando a face do eu de cada um.

- *Espírito aventureiro*

Há pessoas que estão sempre em desacordo com o seu momento de vida.

Quando crianças, teimam em manter um comportamento adulto, seja no vestuário, na maneira de ver o mundo, nas posturas...

Na adolescência, fazem –se insatisfeitas e desgostosas com as nuances próprias dessa fase.

Adultos, insistem em apresentar um comportamento infanto-juvenil...

Assim, existem aquelas pessoas que, após o casamento, teimam em manter uma vida de solteiro, seja eximindo-se da responsabilidade inerente à condição de casado, seja na desesperada busca de aventuras.

São pessoas sempre à cata de fortes emoções e que se desencantam com as emoções mais refinadas que a vida a dois proporciona, após um certo tempo de relacionamento, passando a procura-las fora do lar, fora do casamento.

Mas ainda que assim não procedam, em função da educação recebida em seu lar, tornam-se desinteressadas pelo cônjuge, sentindo-se garfadas em suas perspectivas e em seus anseios.

Sofrem, sem dúvida alguma, de distúrbios do comportamento e apresentam dificuldade de auto-satisfação.

Quando trazem distorcidos os preceitos ético-morais, tentam induzir o (a) parceiro (a) para relacionamentos bizarros, tais como sexo grupal ou troca de casais.

- *Tédio na relação*

Grande número de casais se deixam distanciar afetivamente, em decorrência de vários fatores, como o peso da responsabilidade familiar, o envolvimento com os filhos, os problemas do dia-a-dia, o desleixo pessoal, além de outras posições insustentáveis do ponto de vista da lógica, como a idade, a vergonha etc.

Ocorre que se esquecem dos primeiros anos de casamento, do envolvimento afetivo, de destinar um tempo para si mesmos como unidade conjugal.

O tempo, é certo, tem por hábito modificar de maneira inexorável a estrutura somática. Isso, porém, não se dá unilateralmente, mas atinge igualmente tanto o homem como a mulher. Aliás o envelhecimento, sendo progressivo e gradual, passa a não ser percebido, exceto quando se comparam as disposições físicas, a realização de tarefas de fôlego ou as fotografias do passado.

Todo casal deve manter acesa a chama do sentimento, que não se extingue com o passar dos anos, antes, pelo contrário, habilita-se a torná-los mais íntimos e a conferir-lhes maior dose de cumplicidade nas atividades cotidianas como na vida sexual. Posto que a experiência, a segurança, o domínio das atividades suplantam os limites impostos pela estrutura somática, até porque as necessidades se acham transformadas.

Existem pessoas – mais comumente mulheres – que passam a não se considerarem dignas de amar e de ser amadas. Quanto muito religiosas, chegam mesmo a relacionar a atividade sexual como algo pecaminoso e, por este motivo, a se afastar dos maridos e a obstaculizar a sua corte, o seu interesse, desmotivando-o e, com isso, criando um grande abismo na relação.

Tal proceder afasta os cônjuges e desfaz o bom relacionamento, tornando tediosa e penosa a convivência e o contato recíproco.

Nesses casos, costumam transferir a atenção para outro aspecto da vida, seja familiar, seja profissional. Por exemplo, a mãe pode passar a dedicar-se exclusivamente aos filhos ou a um filho especificamente. Pode o marido deixar-se envolver completamente pelo trabalho ou se envolver com alguma viciação, como o jogo, bebida alcoólica etc.

São esses os casos de solidão a dois, originados pela ausência de diálogo e construídos a partir dos preconceitos que um ou outro – ou ambos – conduzem consigo desde a infância, reflexo, muito freqüentemente, da observação do relacionamento dos seus próprios pais.

- ***Violência e agressão***

Em praticamente todos os setores da atividade humana podemos detectar a presença da violência maltratando, dilacerando corações, engendrando revolta, determinando traumas e fobias múltiplas.

Assim também no casamento.

Têm sido registrados casos de violência extrema contra todos os membros da família, notadamente do marido contra a esposa, e dos pais contra os filhos. Porém, se fossem computados todos os tipos de violência, veríamos quão calamitosa é esta situação, posto que, além da violência de caráter físico, resulta a de caráter moral, ambas capazes de tolher o crescimento do (a) parceiro (a) pela ameaça inclusive no que respeita a tirar-lhe os direitos garantidos pela Constituição.

Temos visto casos de mulheres que vivem subjulgadas sobre tortura psíquica, onde os maridos obrigam-nas a aceitar-lhes as colocações e a vontade sob ameaça de separação, de abandono, de não lhes darem o devido sustento e, até mesmo, de tomar-lhes os filhos. A desinformação e a pouca instrução colaboram para este estado de coisas, pois como se sabe a guarda dos filhos é preferencialmente dada a mãe.

A Síndrome da Criança Espancada, vítima de maus-tratos dos próprios pais ou responsáveis (muita vez na tentativa de atingir um ao outro), é entidade nosológica muito encontrada no Setor de Urgência dos Hospitais Infantis, apesar da tentativa de ocultar a verdade por parte de quem leva a criança ao médico, alegando causas acidentais para o quadro traumatológico.

Então, são variadas as formas de violência que grassa na família, constituindo-se em motivo mais que legítimo de separação, haja vista o risco de vida a que se expõem os componentes familiares...

b) O divórcio na concepção espírita

Com a aprovação da Lei do Divórcio, muitas pessoas passaram a casar, levando em conta a possibilidade de virem a se separar. Mais que isso, as pessoas já passaram a introduzir em seu projeto espousal a viabilidade de virem a se separar.

Indagando a respeito do divórcio, Jesus esclarece que Moisés permitia ao marido passar carta de desquite à esposa, em decorrência da grosseria e principalmente do egoísmo exacerbado entre os judeus, como aliás fica bem patenteado no trecho descrito por Mateus:

“Moisés pela dureza dos vossos corações, vos permitiu repudiar vossas mulheres...”

Allan Kardec faz uma dissertação sobre o assunto, abrangendo todo o capítulo XXII, de “O Evangelho Segundo Espiritismo”, lembrando que o divino no casamento é a união conjugal e que todo casamento deveria ser regido pela Lei de Amor.

Lembra ainda que o casamento, enquanto instituição humana, é passível de erro e, por isso mesmo, a Lei de Divórcio é uma necessidade, para ir em auxílio daqueles que tudo fizeram para salvar o próprio casamento, mas não o conseguindo contam com o direito à reconstituição de suas vidas.

Situação bem diferente vemos ocorrer rotineiramente, com as pessoas se divorciando por muito pouco, sem que tenham feito nem o mais mínimo esforço no sentido de manter o vínculo conjugal e de se adaptar à nova situação, preocupados que estão no comum (ou principalmente) com as coisas do corpo, com a sexualidade periférica, e que sem outra base mais consistente (no caso o sentimento, o amor) perdem o encanto e vêem sua relação tornar-se em simples ato rotineiro e sem vibração íntima.

O Espiritismo, fazendo-nos entender a responsabilidade e o ato volitivo do ser humano na realização do casamento, esclareceu-nos sobre a propriedade de se legitimar o divórcio, oferecendo nova chance àquele que não conseguiu estabelecer a harmonia no casamento.

Agora, o fato de ser favorável ao divórcio não significa, em hipótese alguma, torna-se seu apologista. A Doutrina Espírita não faz apologia do divórcio, aceita e explica racionalmente a sua necessidade em casos específicos.

O casal, no entanto tem o dever de tentar acertar o passo quanto ao relacionamento, de trabalhar denodadamente para conseguir o seu intento, para bem aproveitar a oportunidade dada pela vida de se harmonizar e de se compreender.

Deveria o divórcio servir exclusivamente aos casos em que o desentendimento recíproco ou polarizado do casal é de tamanho vulto a ponto de mostrar-se vazia de sentido a manutenção da convivência, tornando-se esta convivência infrutífera e mesmo capaz de engendrar maiores débitos...

O que não é admissível é que pelo fato de se ter a possibilidade de separação pelo divórcio, se venha casar de maneira irresponsável, sem a imprescindível preocupação com o futuro e já cogitando a separação...

c) Lucro e perdas do desamor

A revista “Época”, de 12 de julho de 1999, publicou reportagem com o título acima usado, onde expõe a grande batalha judicial, experimentada por muitos, quando da divisão dos bens do casal, no processo de separação conjugal.

A matéria destaca casos em que o móvel do casamento foi indiscutivelmente a busca por uma pensão de vulto e cobiça pelo patrimônio do outro. Quer dizer mais que uma negociata para a legalização de atividade prostituta, quando o homem desejando a posse da mulher que não cede de pronto aos seus propósitos sensuais, predispõe-se a casar e a destinar determinada quantia em dinheiro, ao se divorciarem. O que ocorre é um simulacro de casamento, do ponto de vista moral, a despeito da sua regularidade quanto às leis humanas.

A realidade é que, entre muitas pessoas – especialmente se abastadas -, o divórcio traça trajeto tortuosos de volúpia e ambição, como de ódio e de vingança e, baseado nisso, costuma-se afirmar que somente se vem a conhecer o parceiro, por ocasião da partilha dos bens.

Várias são as mulheres que passaram a seguir o exemplo de Ivana Trump que, ao separar-se do milionário americano Donald Trump, abocanhou cinquenta milhões de dólares e deu a receita:

“Não fique com raiva. Fique com tudo!”

A reportagem citada há pouco descreve variados casos de divórcios ocorridos entre pessoas conhecidas no Brasil e no mundo, designando as partilhas milionárias que variam de alguns milhões de reais a alguns bilhões de dólares, como é o caso de Carmen Tita e do Barão Hans von Thyssen.

Expõe, porém, o ódio e a inconformação, as inquietações e insatisfações tanto de quem recebe, como de quem paga.

Há um caso em que a esposa, inconformada com o que era oferecido pelo marido, passou a calcular os custos de sua atividade como esposa nas tarefas domésticas, no cuidado com os filhos (“serviço de babá”?!?) e mesmo com a possível renda que teria auferido, caso houvesse se dedicado à sua profissão, abandonada após o casamento...

A que ponto chegamos na concepção de casamento!!!... Não que seja errado desejar manter o seu padrão de vida, mas contabilizar a relação é um pouco demais!...Mas não são apenas as mulheres que exigem grandes somas, por ocasião da ruptura do casamento, também os homens já vêm assumindo esse comportamento, quando casados com mulheres milionárias. Foi o que aconteceu com Rafael Lopez-Cambil, ao separar-se de Paloma Picasso, filha do célebre pintor Pablo Picasso: ficou com a metade dos bens da ex-esposa.

Esse estado das coisas levou o advogado Sérgio Marques da Cruz Filho, de São Paulo, especializado em Direito de Família, a afirmar à reportagem da revista “Época”:

“Conheço de cor a aritmética do coração: quando existe amor, somar é possível. Quando bate o ódio, dividir é martírio e subtrair uma compulsão. Os acordo tornam-se quase impossíveis.”

Outro experiente advogado do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Gevaerd, assinala na mesma reportagem:

“As pessoas se esquecem que casamento é uma comunhão de afetos e interesses.”

Por outro lado, quantas famílias não são abandonadas pelos maridos que se esquivam da responsabilidade devida aos seus dependentes, deixando os filhos e a ex-companheira (frequentemente sem condições de manter-se a si própria) a enfrentarem graves problemas de sobrevivência, chegando mesmo a experimentar a fome. Aqueles, a despeito do rigor da lei no que concerne à pensão alimentícia, esquivam-se do dever, não hesitando nem mesmo em abandonar seus empregos.

Quantos desenganos! Quantas vinganças! Quantas espoliações! Quanto acúmulo de débito e sofrimento para o futuro!

São esses casos indiscutivelmente resultantes dos casamentos mal estruturados, especialmente do tipo material ou então que degeneraram pelo desrespeito mútuo ou unilateral, desembocando na gênese de incontidas mágoas e de nefandos ressentimentos e ódios.

Sentimentos grosseiros e negativos que os mantêm aprisionados espiritualmente e os levarão inexoravelmente a novo reencontro, seja mais uma vez na condição de marido e mulher ou na de filho e genitor (pai / mãe).

Um estudo realizado pela psicóloga norte-americana Constance Ahrons, quanto às relações das pessoas que se separam, informa que 24% tornam-se inimigas ferrenhas e 26%, apesar de se permitirem a algum diálogo, guardam grande ressentimento, desentendendo-se com frequência. Então, metade dos divorciados tecem laços de inimizade. Somente 12% continuam amigos.

- *”Não quero mais voltar com ele”*

A título de ilustração, analisemos uma história que se passou já faz algum tempo, trazida ao nosso conhecimento pelas portas da mediunidade.

Conta-se que uma senhora, adepta da Doutrina Espírita, estava casada há anos com um homem alcoólatra, grosseiro e irresponsável.

Seu marido causava-lhe, de forma repetida, sérios aborrecimentos, apreensões e aflições, em decorrência da viciação, assim como do gênio e do temperamento difíceis.

Mas aquela mulher, sabedora do significado das afinidades e das causas espirituais do matrimônio, resolvera assumir aquela situação, no que repetia costumeiramente de si para consigo:

- *Hei de suportar este homem, para não ter que vir ainda outra vez com ele!*

Com essa disposição, viu o tempo passar até que, já idosa, ela retornou à Pátria Espiritual. Ali, foi recebida com festa e alegria pelos Espíritos amigos, sendo felicitada pela vitória sobre as vicissitudes a que se expusera, vindo a ser informada tratar-se a sua problemática existencial de uma expiação.

O tempo, ainda uma vez e como de costume, foi caminhando célere para a referida senhora nas terras espirituais até que, em um certo dia, foi abordada pelo seu Mentor Espiritual acerca da necessidade de retornar à gleba terrena.

O Mentor reportava-se amavelmente às provas que ela haveria de assumir na próxima vilegiatura carnal, quando rogou-lhe atenção especial no sentido de prestar auxílio a um Espírito perdido em grande algaravia e passível de ser muitíssimo beneficiado por ela.

Foi então que aquela senhora perguntou-lhe de quem se tratava e o Espírito protetor respondeu-lhe tratar-se de seu ex-marido.

Isso causou-lhe um certo mal-estar e forte surpresa. E, entre confusa e desapontada, argumentou:

- *Mas... meu irmão! Eu tanto que me esforcei para livrar-me, em definitivo, de voltar junto a esse homem! E agora...*

O Espírito amigo respondeu-lhe sereno:

- *Caríssima! Naquela encarnação passada, você expiava atitudes e comportamentos irrefletidos de outrora... Agora, minha irmã tem a possibilidade de ser pôr à prova, ao mesmo tempo em que exercita a caridade, recebendo por companheiro um irmão desajustado, mas capaz de ser educado pela irmã, através do carinho, do amor e da dedicação!...*

Como a lei divina que prevalece é exatamente a Lei de Amor, aquela mulher voltou a interna-se no corpo densificado de matéria, com a missão de receber em seus braços aquele mesmo Espírito que ela imaginara esquecido no caminho da evolução...

- ***Ante a Justiça Divina***

Essas batalhas travadas no palco da justiça humana encontraram no Código Divino, através da Lei de Ação e Reação, da Lei do Amor, da Lei do Progresso e da Lei Biológica da Reencarnação, formas de resgate e retorno compatíveis com a responsabilidade e as afinidades entre os Espíritos litigantes.

Sim, falamos “afinidades”, e isso não deve parecer incompatíveis com a situação que procuramos descrever, pois, pelo ódio, pelas mágoas e através do sentimento de ódio, formam-se fortes elos, capazes de subjugar e manter aprisionados uns aos outros os Espíritos com situação mal resolvida no casamento.

O amor tece elos entre os Espíritos que aproximam sem subjugar, pois quem ama não subjuga; antes, liberta.

De outra forma, o ódio também é gerador de fortes elos entre os Espíritos, mas a sua relação é dolorosa, pois o ódio é um sentimento fomentador de mal-estar, em interativa subjugação.

Destarte, estamos unidos pelos laços do amor e aprisionados pelos laços do ódio.

Autor : Francisco Cajazeiras

Livro: Existe Vida... Depois do Casamento – Cap. III – Pág.: 94

Entrevista: JUDITH S. WALLERSTEIN

“OS FILHOS DO DIVÓRCIO”

A terapeuta americana afirma que a separação dos pais faz muito mal às crianças e deixa uma marca que elas carregarão pelo resto da vida.

Durante 25 anos, a terapeuta americana JUDITH S. WALLERSTEIN ouviu os relatos das experiências de 131 filhos de pais separados. A maioria dos casos foi acompanhada da infância à idade adulta. JUDITH comparou as trajetórias de seus entrevistados com as de integrantes de famílias intactas e chegou à conclusão de que, ao contrário dos que pregam os arautos da “nova família”, o divórcio faz mal, sim, a crianças e jovens. Ser filho de um casal que se separou, segundo ela, é um problema que nunca cessa de existir. O resultado de seu trabalho está no livro *The Unexpected Legacy of Divorce (A INESPERADA HERANÇA DO DIVÓRCIO)*, em co-autoria com Julia M. Lewis e Sandra Blakeslee. Foram mais de 75.000 cópias vendidas desde o lançamento, em setembro. Envoltas em polêmica, a obra ganhou destaque na imprensa americana e chegou a ser capa da revista *Time*. Aos 78 anos, casada há cinquenta, três filhos e cinco netos, JUDITH WALLERSTEIN é conferencista emérita da Universidade da Califórnia e uma crítica dura do que chama de “cultura do divórcio”. “Casais que vivem uma situação conjugal morna deveriam considerar seriamente a possibilidade de continuar juntos pelo bem de seus filhos”, diz ela, sem medo de chocar. Da cidade de Belvedere, nos arredores de San Francisco, onde mora, JUDITH WALLERSTEIN deu a seguinte entrevista a VEJA.

VEJA – Como a separação dos pais afeta a vida de uma criança?

JUDITH – De várias formas. A adolescência começa mais cedo para filhos de famílias que sofreram um processo de separação. No caso das meninas, a iniciação sexual costuma ocorrer antes do recomendável. Boa parte das crianças passa a ocupar-se dos problemas da mãe e, algumas vezes, dos conflitos do pai. Não raro, elas têm de desenvolver por conta própria seus conceitos de moralidade. Os mais velhos tendem a cuidar dos irmãos mais novos, como se fossem adultos. Está provado também que filhos de casais separados sofrem mais de depressão e apresentam mais dificuldade de aprendizado que os provenientes de famílias intactas.

VEJA – Os críticos de seu livro, A INESPERADA HERANÇA DO DIVÓRCIO, acusam a senhora de ter carregado nas tintas.

JUDITH – Meu estudo se baseia em entrevistas com 131 filhos de casais divorciados, realizadas ao longo de 25 anos. De todos os relatos que eu ouvi transbordava sofrimento. Muitos se consideravam sobreviventes de um cataclismo de proporções cósmicas. Para uma criança, a vida pós-divórcio é incrivelmente difícil. Ela se sente abandonada, marginalizada. Karen, uma das minhas entrevistadas, expressou esses sentimentos com uma frase de cortar o coração: “O dia em que meus pais se divorciaram, foi o dia em que minha infância acabou”. Ao contrário do que acreditam os críticos de meu livro, não é um exagero dizer que a separação dos pais é uma marca, um estigma, que as crianças carregarão por toda a vida.

VEJA – Mas há separações amigáveis e litigiosas. Não existe aí uma diferença?

JUDITH – Por mais que haja diferenças de caso para caso, a verdade é que não existe separação sem danos, perdas e tristeza. Em geral, o que ocorre é que um dos dois – o marido ou a mulher – quer o divórcio e o outro não. É ilusão imaginar um casal sentado calmamente à mesa da cozinha, mantendo uma conversa civilizada do tipo: “Cometemos um erro e devemos nos separar”. Isso nunca, jamais acontece. E mais: as duas partes não encerram seus conflitos na justiça. Sentimentos de amor e ódio não deixam de existir com a assinatura da papelada. Esse quadro de desgaste contínuo, não importa o grau, fere indelevelmente as crianças. É certo que há pais que tentam preservar ao máximo seus filhos do sofrimento de uma separação. Mas também é verdade que a decisão de “não brigar na frente das crianças” tem suas limitações. Evitar discussões não as protege dos efeitos de longo prazo do divórcio, que aparecem na vida adulta.

VEJA – Quais são esses efeitos?

JUDITH – A maioria dos filhos do divórcio – vamos chamá-los dessa forma – atribui à separação dos pais grande parte de seus insucessos nos relacionamentos. A imagem negativo do casamento leva muitos a fazer péssimas escolhas de parceiros ou a fugir de compromissos. Cerca de 40% não consegue casar-se quando atinge a idade adulta. Há um contingente enorme de homens e mulheres na faixa dos 30 anos que, traumatizados com a experiência de seus pais, vivem sozinhos. Isso não significa, evidentemente, que eles não valorizem o amor, a fidelidade e o companheirismo. Apenas têm dificuldade em lidar com seus sentimentos e traduzi-los na construção de uma vida a dois. O dado paradoxal é que, apesar de tudo, o desejo de um casamento duradouro permanece irremovível. Nenhum dos adultos ouvidos por mim aceita a idéia de que o matrimônio é uma instituição falida.

VEJA – As crianças sentem-se culpadas pelo divórcio dos pais?

JUDITH – Sim, especialmente quando são pequenas. Em geral, elas pensam que, se não existissem, seus pais não estariam brigando. Para os pais, é difícil minimizar o sentimento de culpa dos filhos. Ainda mais porque o homem e a mulher que vivem o tumulto de uma separação não têm equilíbrio e disponibilidade suficientes para dar conta do que as crianças estão sentindo.

VEJA – Casamentos infelizes não prejudicam mais as crianças?

JUDITH – Depende de quão infeliz é o casamento. Muitos casais optam por ficar juntos para criar melhor seus filhos. E não há mal nenhum nisso. Eles têm os mesmos problemas de infelicidade conjugal dos que resolvem se divorciar. Só que são capazes de superar esses obstáculos. A recompensa é que seus filhos crescem de forma infinitamente melhor e se tornam adultos mais seguros, mais preparados para enfrentar as vicissitudes da vida.

VEJA – O que a senhora prega, então, é a indissolubilidade do casamento de quem tem filhos.

JUDITH – Essa é uma interpretação equivocada. Evidentemente, há casamentos que não podem e nem devem ser mantidos, sob pena de prejudicar ainda mais as crianças. Especialmente em casos de violência familiar ou nos quais uma das partes se sente explorada ou humilhada pelo outro. O que critico é a “cultura do divórcio”. Está muito fácil se separar hoje em dia. Problemas comezinhos servem de pretexto para que se dê o fora de um relacionamento. A opinião que prevalece na sociedade moderna é a de que podemos a qualquer hora refazer nossas trajetórias conjugais. Ocorre que, na pressa de melhorar nossa vida, não nos perguntamos como isso afeta as crianças que concebemos. Os filhos do divórcio não se sentem melhores porque papai e mamãe começaram a ter uma vida amorosa mais satisfatória com outros parceiros. Outro mito é imaginar que a separação é uma crise temporária, cujos efeitos são mais danosos na hora da separação. Trata-se de uma crise de longo prazo e, em alguns casos, interminável.

VEJA – Mas como um casal pode permanecer unido sem amor?

JUDITH – O amor, ora, o amor... De que amor estamos falando? O meu estudo mostra que muitas famílias que permanecem unidas não são abençoadas por Cupido, mas pelo bom senso. Acredito que a maioria das separações poderia ser evitada, não fosse a “cultura do divórcio”. Há casamentos em que o amor acabou, mas que não são tão caóticos ou explosivos a ponto de a convivência ser intolerável. Milhões e milhões de pessoas se encontram nessa situação. Não amam, porém não odeiam seu companheiro. Essa é a diferença. Não raro, a separação traz mais angústia ao homem e à mulher do que um casamento morno. Vários homens e mulheres que compartilham união infelizes ficariam surpresos ao saber que seus filhos estão relativamente contentes. Enfatizo: um dos pontos mais interessantes do meu trabalho foi descobrir que, para as crianças, pouco importa se papai e mamãe dormem na mesma cama. O que conta é que se mantenham juntos. Por isso, acho sinceramente que casais que vivem uma situação conjugal tépida, sem amor, deveriam considerar seriamente a possibilidade de continuar juntos pelo bem de seus filhos.

VEJA – A senhora falou em “cultura do divórcio”. No que ela afeta os valores da sociedade moderna?

JUDITH – Entre outras coisas, a “cultura do divórcio”, ajudou a cristalizar uma concepção errada: a de que o casamento é necessariamente uma prisão, uma interdição à felicidade do indivíduo, e não uma sociedade que comporta, além de obrigações, uma série de benefícios para as partes envolvidas. Por causa dessa visão distorcida, há muito menos uniões formais hoje em dia que vinte anos atrás. Para fazer frente ao problema, existe uma corrente nos EUA que discute até mesmo a introdução de uma nova disciplina no currículo escolar: a educação para o casamento.

VEJA – Quando a separação é inevitável, e não se está falando aqui de casos escabrosos, o que os pais podem fazer para proteger seus filhos?

JUDITH – Antes de mais nada, pai e mãe têm de perceber que seus filhos precisarão de enorme ajuda para enfrentar as etapas que virão. A melhor proteção que eles podem dar, no primeiro momento, é não discutir na frente das crianças. Muitos dos que brigam na hora da separação continuam brigando depois dela. Há o divórcio legal, mas não o emocional, social e financeiro. Superada essa fase inicial (o que repito, nem sempre ocorre), é comum que o homem e mulher comecem a buscar novos companheiros. Nesse instante, porém, muitos continuam a não dar a devida atenção aos filhos, preocupados que estão com a própria felicidade e por achar que o pior já passou. É um tremendo erro. Quando papai e mamãe arrumam um namorado, cai por terra a esperança infantil de que um dia eles poderão voltar a ficar juntos. O choque causado por tal constatação é terrível. Por isso, é preciso sempre proceder com cuidado. Outro aspecto que deve ser levado em conta é a imposição de dias e horários para que as crianças vejam seus pais.

VEJA – As conseqüências negativas do divórcio não podem ser amenizadas quando os pais da criança se estabilizam emocionalmente?

JUDITH – Pesquisas recentes feitas nos EUA mostram que 25% de todas as crianças do país passarão parte de sua infância numa família formada a partir de um segundo casamento. E que cerca de 40% das uniões realizadas durante os anos 90 envolvem pessoas que já haviam sido casadas antes. Os números americanos talvez encontrem equivalência no Brasil, não sei. Seja na Califórnia, seja no Rio de Janeiro, é verdade que os segundos casamentos costumam ser melhores que os primeiros. Mas do ponto de vista dos adultos. É difícil para uma criança ou um adolescente aceitar sem reservas o novo marido de sua mãe ou a nova mulher de seu pai. Da perspectiva dos filhos, o casal de verdade será sempre aquele constituído por seus genitores. Por mais amigáveis que sejam, os substitutos conjugais são vistos como próteses. Quase que curativos para uma ferida que nunca se cicatriza. Infelizmente, os estudos realizados por mim levaram-me a concluir que, mesmo tendo crescido sob um segundo casamento feliz, isso não ajuda os filhos do divórcio a superar as dificuldades de relacionamento na idade adulta.

VEJA – O que é mais difícil para uma criança: aceitar a nova mulher do pai ou o novo marido da mãe?

JUDITH – Digamos que a posição do marido da mãe é mais complicada. Até porque, na maioria das vezes, é ele quem vive dentro da mesma casa da criança. Se ela mantém uma relação próxima com seu pai biológico, qual é o papel dessa figura? Tanto para meninos quanto para meninas que vivem essa situação, há várias questões que podem ficar sem resposta: “seria ele um amigo meu ou apenas o homem que vive com minha mãe?” “É meu parente?” “Se ele me ajuda na lição de casa, por que meu pai é quem conversa com a professora?” É um território propício ao nascimento de conflitos, mal-entendidos e competição.

VEJA – Como o resto da família – principalmente avós e tios – pode ajudar durante o processo de divórcio?

JUDITH – Avós e tios casados podem representar uma referência de união estável e duradoura. A relação com os avós, especialmente, é importantíssima para crianças e jovens que se sentem desorientados. Muitos dos meus entrevistados disseram que, depois da separação de seus pais, foram os avós que “salvaram” a sua vida. Além de porto seguro do ponto de vista emocional, eles terminam se transformando numa fonte de segurança material para os netos. Em muitos casos, são os avós que suprem as necessidades financeiras da mulher divorciada que vê seu padrão de vida decair.

VEJA – O fato de a separação conjugal ter-se tornado algo corriqueiro na sociedade não contribui para que seus efeitos se acabem diluindo?

JUDITH – É uma bobagem imaginar que, só porque há vários coleguinhas de seu filho passando pelo mesmo sofrimento, isso reduz o dele. Costumo comparar essa situação à da mulher que perde seu marido. Não importa que a vizinha também seja viúva. Esse fato não a faz sentir-se melhor. A experiência do divórcio é dolorosa e irreparável para qualquer criança.

Fonte: REVISTA VEJA – 13 de Dezembro de 2.000
Repórter: Anna Paula Buchalla

O Contrato de Casamento

Ponto de Vista: **Stephen Kanitz**
Revista Veja - 29 de Setembro, 2004

Na semana passada comemorei trinta anos de casamento. Recebemos dezenas de congratulações de nossos amigos, alguns com o seguinte adendo assustador: **“Coisa rara hoje em dia”**. De fato, 40% de meus amigos de infância já se separaram, e o filme ainda nem terminou. Pelo jeito, estamos nos esquecendo da essência do contrato de casamento, que é a promessa de amar o outro para sempre. Muitos casais no altar acreditam que estão prometendo amar um ao outro enquanto o casamento durar. Mais isso não é um contrato.

Recentemente, vi um filme em que o mocinho terminava o namoro dizendo “vou sempre amar você”, como se fosse um prêmio de consolação. Banalizamos a frase mais importante do casamento. Hoje, promete-se amar o cônjuge até o dia em que alguém mais interessante apareça. “Eu amarei você para sempre” deixou de ser uma promessa social e passou a ser simplesmente uma frase dita para enganar o outro. Contratos, inclusive os de casamento, são realizados justamente por que o futuro é incerto e imprevisível. Antigamente, os casamentos eram feitos aos 20 anos de idade, depois de uns três anos de namoro. A chance de você encontrar a sua alma gêmea nesse curto período de pesquisa era de somente 10%, enquanto 90% das mulheres e homens de sua vida você iria conhecer provavelmente já depois de casado.

Estatisticamente, o homem ou a mulher “ideal” para você aparecerá somente, de fato, depois do casamento, não antes. Isso significa que provavelmente seu “verdadeiro amor” estará no grupo que você ainda não conhece, e não no grupinho de cerca de noventa amigos da adolescência, do qual saiu seu par.

E aí, o que fazer? Pedir o divórcio, separar-se também dos filhos, só porque deu azar? O contrato de casamento foi feito para resolver justamente esse problema. Nunca temos na vida todas as informações necessárias para tomar as decisões corretas. As promessas e os contratos, preenchem essa lacuna, preenchem essa incerteza, sem a qual ficaríamos todos paralisados à espera de mais informação.

Quando você promete amar alguém para sempre, está prometendo o seguinte: “Eu sei que nós dois somos jovens e que vamos viver até 80 anos de idade. Sei que fatalmente encontrarei centenas de mulheres mais bonitas e mais inteligentes que você ao longo de minha vida e que você encontrará dezenas de homens mais bonitos e mais inteligentes que eu. É justamente por isso que prometo amar você para sempre e abrir mão desde já dessas dezenas de oportunidades conjugais que surgirão em meu futuro. Não quero ficar morrendo de ciúmes cada vez que você conversar com um homem sensual nem ficar preocupado com o futuro de nosso relacionamento. Nem você vai querer ficar preocupada cada vez que eu conversar com uma mulher provocante. Prometo amar você para sempre, para que possamos nos casar e viver em harmonia”. Homens e mulheres que conheceram alguém “melhor” e acham agora que cometeram enorme erro quando se casaram com o atual cônjuge esqueceram a premissa básica e o espírito do contrato de casamento.

O objetivo do casamento não é escolher o melhor par possível mundo afora, mas construir o melhor relacionamento possível com quem você prometeu amar para sempre. Um dia vocês terão filhos e ao colocá-los na cama dirão a mesma frase: que irão amá-los para sempre. Não conheço pais que pensam em trocar os filhos pelos filhos mais comportados do vizinho. Não conheço filho que aceite, de início, a separação dos pais e, quando estes se separam, não sonhe com a reconciliação da família. Nem conheço filho que queira trocar os pais por outros “melhores”. Eles aprendem a conviver com os pais que têm. **Casamento é o compromisso de aprender a resolver as brigas e as rugas do dia-a-dia de forma construtiva, o que muitos casais não aprendem, e alguns nem tentam aprender.**

Obviamente, se sua esposa se transformou numa megera ou seu marido num monstro, ou se fizeram propaganda enganosa, a situação muda, e num próximo artigo falarei sobre esse assunto. Para aqueles que querem ter vantagem em tudo na vida, talvez a saída seja postergar o casamento até os 80 anos.

Aí, você terá certeza de tudo.

O SEGREDO DO CASAMENTO

Meus amigos separados não cansam de me perguntar como eu consegui ficar casado trinta anos com a mesma mulher. As mulheres, sempre mais maldosas que os homens, não perguntam a minha esposa como ela consegue ficar casada com o mesmo homem, mas como ela consegue ficar casada comigo.

Os jovens é que fazem as perguntas certas, ou seja, querem conhecer o segredo para manter um casamento por tanto tempo.

Ninguém ensina isso nas escolas, pelo contrário. Não sou um especialista do ramo, como todos sabem, mas, dito isso, minha resposta é mais ou menos a que segue.

Hoje em dia o divórcio é inevitável, não dá para escapar. Ninguém agüenta conviver com a mesma pessoa por uma eternidade. Eu, na realidade, já estou em meu terceiro casamento - a única diferença é que me casei três vezes com a mesma mulher. Minha esposa, se não me engano, está em seu quinto, porque ela pensou em pegar as malas mais vezes do que eu.

O segredo do casamento não é a harmonia eterna. Depois dos inevitáveis arranca-rabos, a solução é ponderar, se acalmar e partir de novo com a mesma mulher. O segredo no fundo, é renovar o casamento, e não procurar um casamento novo. Isso exige alguns cuidados e preocupações que são esquecidos no dia-a-dia do casal. De tempos em tempos, é preciso renovar a relação. De tempos em tempos, é preciso voltar a namorar, voltar a cortejar, voltar a se vender, seduzir e ser seduzido.

Há quanto tempo vocês não saem para dançar? Há quanto tempo você não tenta conquistá-la ou conquistá-lo como se seu par fosse um pretendente em potencial? Há quanto tempo não fazem uma lua de mel, sem os filhos eternamente brigando para ter a sua irrestrita atenção?

Sem falar nos inúmeros quilos que se acrescentaram a você, depois do casamento. Mulher e marido que se separam perdem 10 quilos num único mês, por que vocês não podem conseguir o mesmo? Faça de conta que você está de caso novo. Se fosse um casamento novo, você certamente passaria a freqüentar lugares desconhecidos, mudaria de casa ou apartamento, trocaria seu guarda-roupa, os discos, o corte de cabelo e a maquiagem. Mas tudo isso pode ser feito sem que você se separe de seu cônjuge.

Vamos ser honestos: ninguém agüenta a mesma mulher ou marido por trinta anos com a mesma roupa, o mesmo batom, com os mesmos amigos, com as mesmas piadas. Muitas vezes não é sua esposa que está ficando chata e mofada, são os amigos dela (e talvez os seus), são seus próprios móveis com a mesma desbotada decoração. Se você se divorciasse, certamente trocaria tudo, que é justamente um dos prazeres da separação. Quem se separa se encanta com a nova vida, a nova casa, um novo bairro, um novo círculo de amigos.

Não é preciso um divórcio litigioso para ter tudo isso. Basta mudar de lugares e interesses e não se deixar acomodar. Isso obviamente custa caro e muitas uniões se esfacelam porque o casal se recusa a pagar esses pequenos custos necessários para renovar um casamento. Mas, se você se separar, sua nova esposa vai querer novos filhos, novos móveis, novas roupas, e você ainda terá a pensão dos filhos do casamento anterior.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

Não existe essa tal "estabilidade do casamento", nem ela deveria ser almejada. O mundo muda, e você também, seu marido, sua esposa, seu bairro e seus amigos. A melhor estratégia para salvar um casamento não é manter uma "relação estável", mas saber mudar junto. Todo cônjuge precisa evoluir, estudar, aprimorar-se, interessar-se por coisas que jamais teria pensando fazer no início do casamento. Você faz isso constantemente no trabalho, por que não fazer na própria família? É o que seus filhos fazem desde que vieram ao mundo.

Portanto, descubra o novo homem ou a nova mulher que vive ao seu lado, em vez de sair por aí tentando descobrir um novo e interessante par. Tenho certeza de que seus filhos os respeitarão pela decisão de se manterem juntos e aprenderão a importante lição de como crescer e evoluir unidos apesar das desavenças. Brigas e arranca-rabos sempre ocorrerão: por isso, de vez em quando é necessário casar-se de novo, mas tente fazê-lo sempre com o mesmo par.

Stephen Kanitz é administrador por Harvard (www.kanitz.com.br)
Editora Abril, Revista Veja, edição 1922, ano 38, nº 37, 14 de setembro de 2005, página 24

AMOR E RENÚNCIA

A conversa informal durante o café da manhã foi mais uma oportunidade de aprendizado para os que ouviam aquela senhora de semblante calmo e cabelos embranquecidos pelas muitas primaveras já vividas.

Ela pôs o café e o leite na xícara e alguém lhe ofereceu açúcar. Mas a senhora agradeceu dizendo que não fazia uso de açúcar. Alguém alcançou-lhe rapidamente o adoçante, por pensar que deveria estar cumprindo alguma dieta.

Mas ela agradeceu novamente dizendo que tomava apenas café com leite, sem açúcar nem adoçante dietético.

Sua atitude causou admiração, pois raras pessoas dispensam o açúcar. Mas ela contou a sua história.

Disse que logo depois que se casara havia deixado de usar açúcar. Imediatamente imaginamos que deveria ser para acompanhar o marido que, por certo, não gostava de doce.

Mas aquela senhora, que agora lembrava com carinho do marido já falecido há alguns anos, esclareceu que o motivo era outro.

Falou de como o seu jovem esposo gostava de açúcar, e falou também da escassez do produto durante a segunda guerra mundial.

Disse que por causa do racionamento conseguiam apenas alguns quilos por mês e que mal dava para seu companheiro.

Ela, que o amava muito, renunciou ao açúcar para que seu bem amado não ficasse sem.

Declarou que depois que a guerra acabou e a situação se normalizou, já não fazia mais questão de adoçar seu café e que havia perdido completamente o hábito do doce.

Hoje em dia, talvez uma atitude dessas causasse espanto naqueles que não conseguem analisar o valor e a grandeza de uma renúncia desse porte.

Somente quem ama, verdadeiramente, é capaz de um gesto nobre em favor da pessoa amada.

Nos dias atuais, em que os casais se separam por questões tão insignificantes, vale a pena lembrar as heroínas e os heróis anônimos que renunciaram ou renunciaram a tantas coisas para fazer a felicidade do companheiro ou companheira.

Nesses dias em que raros cônjuges abrem mão de uma simples opinião em prol da harmonia do lar, vale lembrar que a vida a dois deve ser um exercício constante de renúncia e abnegação.

Não estamos falando de anulação nem de subserviência de um ou de outro, mas simplesmente da necessidade de relevar ou tolerar os defeitos um do outro.

Não é preciso chegar ao ponto de abrir mão de algo que se goste por mero capricho ou exigência do cônjuge, mas se pudermos renunciar a algo para que nosso amor seja feliz, essa será uma atitude de grande nobreza de nossa parte.

Afinal de contas, o verdadeiro amor é feito de renúncia e abnegação senão não é amor, é egoísmo.

Se entre aqueles que optaram por dividir o lar, o leito e o carinho a dois, não existir tolerância, de quem podemos esperar tal virtude?

Se você ainda não havia pensado nisso, pense agora.

Pense que, quando se opta por viver as experiências do casamento, decide-se por compartilhar uma vida a dois e isso quer dizer, muitas vezes, abrir mão de alguns caprichos em prol da harmonia no lar.

Se você só se deu conta disso depois que já havia se casado, lembre-se de que a convivência é uma arte e um desafio que merece ser vivido com toda dedicação e carinho. Pois quando aprendermos a viver em harmonia dentro do lar, estaremos preparados para viver bem em qualquer sociedade.

‘O matrimônio é uma sociedade de ajuda mútua, cujos bens são os filhos – espíritos com os quais nos encontramos vinculados pelos processos e necessidades da evolução’.

Autoria: Equipe do Momento Espírita

ALMAS ENAMORADAS

Geralmente, é na juventude do corpo que temos despertado o interesse em buscar alguém o sexo oposto para compartilhar dos nossos sonhos.

Quando encontramos a alma eleita, o coração parece bater na garganta e ficamos sem ação. Elaboramos frases perfeitas para causar o impacto desejado, a fim de não sermos rejeitados.

Então, tudo começa. O namoro é o "doce encantamento".

Logo começamos a pensar em consolidar a união e nos preparamos para o casamento.

Temos a convicção de que seremos eternamente felizes. Nada nos impedirá de realizar os sonhos acalentados na intimidade.

Durante a fase do namoro é como se estivéssemos no cais, observando o mar calmo que nos aguarda, e nos decidimos por adentrar na embarcação do casamento.

A embarcação se afasta lentamente do cais e os primeiros momentos são de extrema alegria, são os minutos mais agradáveis. Tudo é novidade.

Mas como no casamento de hoje observa-se a presença do ontem, representada por almas que se amam ou se detestam, nem sempre o suave encantamento é duradouro.

Tão logo os cônjuges deixem cair as máscaras, afiveladas com o intuito de conquistar a alma eleita, a convivência torna-se mais amarga.

Isso acontece por estarem juntos espíritos que ainda não se amam verdadeiramente, que é o caso da grande maioria das uniões em nosso planeta.

Assim sendo, tão logo a embarcação adentra o alto mar, e os cônjuges começam a enfrentar as primeiras tempestades, o primeiro impulso é de voltar ao cais, mas ele já está muito distante...

O segundo é o de pular fora da embarcação. E é o que muitos fazem.

E, como um dos esposos, ou os dois, têm seus sonhos desfeitos, logo começam a imaginar que a alma gêmea está se constituindo em algema e desejam ardentemente libertar-se. E o que geralmente fazem é buscar outra pessoa que possa atender suas carências.

Esquecem-se dos primeiros momentos do namoro, em que tudo era felicidade, e buscam outras experiências.

Alguns se atiram aos primeiros braços que encontram à disposição para logo mais sentirem novamente o sabor amargo da decepção.

Tentam outra e outra mais, e nunca acham alguém que consolide seus anseios de felicidade. Conseguem somente infelicitar e infelicitar-se a si mesmos, na busca de algo que não encontram.

Se a pessoa com quem nos casamos não era bem o que esperávamos, lembremo-nos de que, se a escolha foi feita pelo coração, sem outro interesse qualquer, é com essa pessoa que precisamos conviver para aparar arestas.

Lembre-mo-nos de que na terra não há ninguém perfeito, e que nossa busca por esse alguém será em vão.

E se houvesse alguém perfeito, esse alguém estaria buscando alguém também perfeito que, certamente, não seríamos nós.

Você sabia?

Você sabia que os casamentos são programados antes do berço?

Nós planejamos, antes de nascer, se vamos ou não casar, com quem iremos nos casar e quem serão nossos filhos.

Assim, temos o cônjuge que merecemos e o melhor que as leis divinas estabeleceram para nós.

Dessa forma, busquemos amar intensamente a pessoa com quem dividimos o lar, pois só assim conseguiremos alcançar a felicidade que tanto almejamos.

Autoria: Equipe do Momento Espírita

AMOR VERDADEIRO

Um famoso professor se encontrou com um grupo de jovens que falava contra o casamento. Argumentavam que o que mantém um casal é o romantismo e que é preferível acabar com a relação quando este se apaga, em vez de se submeter à triste monotonia do matrimônio.

O mestre disse que respeitava sua opinião mas lhes contou a seguinte história: meus pais viveram 55 anos casados. Numa manhã minha mãe descia as escadas para preparar o café e sofreu um infarto. Meu pai correu até ela, levantou-a como pôde e quase se arrastando a levou até à caminhonete.

Dirigi a toda velocidade até o hospital, mas quando chegou, infelizmente ela já estava morta. Durante o velório, meu pai não falou. Ficava o tempo todo olhando para o nada. Quase não chorou.

Eu e meus irmãos tentamos, em vão, quebrar a nostalgia recordando momentos engraçados.

Na hora do sepultamento, papai, já mais calmo, passou a mão sobre o caixão e falou com sentida emoção:

Meus filhos, foram 55 bons anos...

Ninguém pode falar do amor verdadeiro se não tem idéia do que é compartilhar a vida com alguém por tanto tempo. Fez uma pausa, enxugou as lágrimas e continuou:

Ela e eu estivemos juntos em muitas crises. Mudei de emprego, renovamos toda a mobília quando vendemos a casa e mudamos de cidade.

Compartilhamos a alegria de ver nossos filhos concluírem a faculdade, choramos um ao lado do outro quando entes queridos partiam.

Oramos juntos na sala de espera de alguns hospitais, nos apoiamos na hora da dor, trocamos abraços em cada natal, e perdoamos nossos erros...

Filhos, agora ela se foi e estou contente. E vocês sabem por que? Porque ela se foi antes de mim e não teve que viver a agonia e a dor de me enterrar, de ficar só depois da minha partida.

Sou eu que vou passar por essa situação, e agradeço a Deus por isso. Eu amo tanto que não gostaria que sofresse assim...

Quando meu pai terminou de falar, meus irmãos e eu estávamos com os rostos cobertos de lágrimas. Nós o abraçamos e ele nos consolava, dizendo:

Está tudo bem, meus filhos, podemos ir para casa. Este foi um bom dia.

E, por fim, o professor concluiu:

Naquele dia entendi o que é o verdadeiro amor. Está muito além do romantismo, e não tem muito a ver com o erotismo, mas se vincula ao trabalho e ao cuidado a que se professam duas pessoas realmente comprometidas.

Quando o mestre terminou de falar, os jovens universitários não puderam argumentar. Pois esse tipo de amor era algo que não conheciam.

O verdadeiro amor se revela nos pequenos gestos, no dia-a-dia e por todos os dias.

O verdadeiro amor não é egoísta, não é presunçoso, nem alimenta o desejo de posse sobre a pessoa amada.

Quem ama, verdadeiramente, prefere sofrer a causar sofrimento. Prefere renunciar à própria felicidade para promover a felicidade de quem ama.

Alguns dirão que quem age assim não tem amor próprio, mas amor próprio, não quer dizer individualismo.

O que geralmente acontece com o individualista, em caso de separação pela morte, é debruçar-se sobre o caixão e perguntar: “o que será de mim?”

Já aquele que ama e se preocupa com o ser amado, perguntará: “o que será dele? Ou, ou que será dela?”

Isso demonstra que seu amor é grande o suficiente para pensar mais no outro do que em si mesmo.

E você, está aproveitando o seu casamento para construir um verdadeiro amor?

Autoria: Equipe do Momento Espírita

A FORÇA DO AMOR

Eram noivos e se preparavam para o casamento, quando o pai da noiva descobriu que o rapaz era dado ao jogo. Decidiu se opor à realização do matrimônio, a pretexto de que o homem que se dá ao vício do jogo, jamais seria um bom marido.

Contudo, a jovem obstinada decidiu se casar, assim mesmo. E conseguiu, fazendo valer a sua vontade, vencendo a resistência do pai.

Nos primeiros dias de vida conjugal, o rapaz se portou como um marido ideal. Entretanto, com o passar dos dias, sentia crescer em si cada vez mais o desejo de voltar à mesa de jogo.

Certa noite, incapaz de resistir, retornou ao convívio de seus antigos companheiros.

Em casa, a jovem tomou um bordado e ficou aguardando. Embora ocupada com o trabalho manual, tinha os olhos presos ao relógio. As horas pareciam passar cada vez mais lentas.

Já era alta madrugada, quando o marido chegou. Nem disfarçou a sua irritação, por surpreender a companheira ainda acordada. Logo imaginou que ela o esperava para censurar a sua conduta.

Quando ele a interrogou sobre o que fazia àquela hora ela, com ternura e bondade na voz, disse que estava tão envolvida com seu bordado, que nem se dera conta da hora avançada.

Sem dar maior importância à ocorrência, ela se foi deitar.

No dia seguinte, quando ele retornou ainda mais tarde da casa de jogos, a encontrou outra vez a esperá-lo.

“Outra vez acordada?”, perguntou ele quase colérico.

“Não quis que fosse se deitar, sem que antes fizesse um lanche. Preparei torradas, chá quentinho. Espero que você goste.”

E, sem perguntar ao marido onde estivera e o que fizera até aquela hora, a esposa o beijou carinhosamente e se recolheu ao leito.

Na terceira noite, ela o esperou com um bolo delicioso, cuja receita lhe fora ensinada pela vizinha.

Antes mesmo que o marido dissesse qualquer coisa, ela se prendeu ao pescoço dele, abraçou-o e pediu que provasse da nova delícia.

E assim, todas as madrugadas, a ocorrência se repetiu. O marido começou a se preocupar.

Na mesa de jogo, tinha o pensamento menos preso às cartas do que à esposa, que o esperava, pacientemente, como um anjo da paz.

Começou a experimentar uma sensação de vergonha, ao mesmo tempo de indiferença e quase repulsa por tudo quanto o rodeava.

O que ele tinha em casa era uma mulher que o esperava, toda madrugada, para o abraçar, dar carinho. E ele, ali, naquele lugar?

Aos poucos, foi se tornando mais forte aquele incômodo. Finalmente, um dia, de olhar vago e distante, como se tivesse diante de si outro cenário, o rapaz se levantou de repente da mesa de jogo.

Como se cedesse a um impulso quase automático, retirou-se, para nunca mais voltar.

Nos dias de hoje, é bem comum os casais optarem por se separar, até por motivos quase ingênuos.

Poucas criaturas decidem lutar para harmonizar as diferenças, superar os problemas, em nome do amor, a fim de que a relação matrimonial se solidifique.

Contudo, quando o amor se expressa, todo o panorama se modifica. É difícil a alma que resista às expressões do amor.

Porque o amor traz a mensagem da plenificação, do bem estar, da alegria.

Desta forma, é sempre salutar investir no amor, expressando-o através de gestos, pequenas atenções, gentilezas.

O amor é o sentimento por excelência e tem a capacidade de transformar situações e pessoas.

Pense nisso. Experimente-o agora.

Equipe de Redação do Momento Espírita

Com base no cap. A força do amor, do livro o Primado do Espírito, de Rubens C. Romanelli, ed. Síntese.

UM SEGREDO ESPECIAL

Está se tornando comum a separação dos casais, pelas questões mais tolas.
Por defenderem pontos de vistas diferentes, por professarem religiões diferentes, as rugas acontecem.
Sobretudo por se sentir carente de afeto. Um ou outro abandona o lar, em busca de alguém que lhe supra a carência.
Esquecem, muitos desses, dos próprios filhos, embora pequenos.
O que a cada um interessa é somente a sua felicidade, idealizada na satisfação pessoal e nos seus próprios desejos.
Com isso vai se tornando mais raro, na terra, o casal que completa bodas de prata, que dirá de ouro.
Assim, aquele casal que convidou amigos e parentes para a comemoração de seus 50 anos de união, surpreendeu.
A cerimônia foi simples. Ele repetiu, perante todos, os votos formulados no dia do matrimônio: amor, fidelidade, respeito.
Ela ouviu, outra vez emocionada, e com sua voz trêmula, fez o mesmo.
Abraçaram-se, beijaram-se, com as mãos entrelaçadas.
Filhos, netos, amigos, todos os rodearam, tomados de emoção e alegria.
Entre tantos abraços, afagos e felicidade, alguém resolveu perguntar ao marido qual era o segredo do sucesso de seu casamento.
Como acontece com a maioria das pessoas idosas, ele respondeu à pergunta contando sua história.
Sua esposa, sara, fora sua única namorada. Ele crescera em um orfanato e trabalhara muito para conquistar o que desejava.
Nunca tivera tempo para namorar, até o dia em que conheceu sara.
Antes mesmo que ele pudesse refletir, ela fizera com que ele a pedisse em casamento.
Depois da cerimônia nupcial, durante a festa, o pai de sara o chamou de lado.
Como todo pai, fizera-lhe recomendações a respeito do tesouro que lhe estava confiando: a filha querida.
Mas, o mais importante era que lhe entregara um pequeno embrulho, dizendo: “este é o meu presente para você. Dentro dele está tudo o que precisa saber para ser feliz no casamento.”
Nervoso, o jovem noivo rasgou a fita e o papel para abrir o presente.
Dentro da caixa, havia um relógio de ouro. Ele o pegou com cuidado.
Depois de examiná-lo atentamente, viu no mostrador uma frase muito importante.
Uma frase que, obrigatoriamente, ele leria, todas as vezes que quisesse saber as horas.
A frase continha o segredo do seu casamento feliz: “diga alguma coisa bonita a sara”.
Toda união deve ser revitalizada, de forma constante, pelo afeto. Afeto que é demonstrado, através de pequenos gestos, pequenas delicadezas.
Elogiar o novo penteado, a força de vontade que fez com que fossem perdidos uns poucos quilinhos e assim tornada mais esbelta a silhueta.
Agradecer pela organização da casa, pela pontualidade nos compromissos, pelo cheirinho de roupa limpa que vem do armário.
Dizer palavras bonitas alimenta a relação a dois.
Assim, antes que o tédio tome conta de seu relacionamento, pense nisso: encontre e diga palavras bonitas ao seu par.
Recorde os seus pontos positivos e ensaie as primeiras frases.
Você poderá ter, eventualmente, alguma dificuldade no início, contudo, logo mais isso passará a ser natural, em você.
Mesmo porque você descobrirá como é bom deixar o outro feliz.
Pense nisso! E comece hoje a tornar o seu relacionamento conjugal muito, muito especial.
A propósito, você se recorda quando foi a última vez que disse ao seu amor: amo muito você?

Texto da Redação do Momento Espírita

Com base no cap. O pequeno presente, de Morris Chalfant, do livro Histórias para o coração, de Alice Gray

AMAR É UMA DECISÃO

Um homem foi visitar um sábio conselheiro e disse-lhe que estava passando por muitas dificuldades em seu casamento. Falou-lhe que já não amava sua mulher e que pensava em separação...

O sábio escutou-o, olhou-o nos olhos e disse-lhe: ame-a!

Mas já não sinto nada por ela! Retrucou o homem.

Ame-a! Disse-lhe novamente o sábio.

Diante do desconcerto do homem, depois de um breve silêncio, o sábio lhe disse o seguinte: "amar é uma decisão; é dedicação e entrega; é ação...

Portanto, para amar é preciso apenas tomar uma decisão.

Quando você se decide a cultivar um jardim, você sabe que é necessário preparar o terreno, semear, regar, esperar a germinação e a floração.

Você sabe que haverá pragas, ervas daninhas, tempos de seca ou de excesso de chuva, mas se você está decidido a ter um belo jardim, jamais desistirá, por maiores que sejam as dificuldades.

Assim também acontece no campo do amor. É preciso dedicação, cuidado, espera.

Portanto, se quiser cultivar as flores da afeição, dedique-se. Ame seu par, aceite-o, valorize-o, respeite-o, dê afeto e ternura, admire-o e compreenda-o...

Isso é tudo...

Apenas ame!

O amor é lei da vida. Se não houvesse amor nada faria sentido.

Busquemos, então, meditar sobre o que temos e o que não temos, sobre quem somos e sobre quem não somos, a respeito do que fazemos e do que não fazemos, guardando a convicção de que sem a presença do amor naquilo que temos, no que fazemos e no que somos, estaremos imensamente pobres, profundamente carentes, desvitalizados.

A inteligência sem amor, nos faz perversos.

A justiça sem amor, nos faz insensíveis e vingativos.

A diplomacia sem amor, nos faz hipócritas.

O êxito sem amor, nos faz arrogantes.

A riqueza sem amor, nos faz avaros.

A pobreza sem amor, nos faz orgulhosos.

A beleza sem amor, nos faz ridículos.

A autoridade sem amor, nos faz tiranos.

O trabalho sem amor, nos faz escravos.

A simplicidade sem amor, nos deprecia.

A oração sem amor, nos faz calculistas.

A lei sem amor, nos escraviza.

A política sem amor, nos faz egoístas.

A fé sem amor nos torna fanáticos.

A cruz sem amor se converte em tortura.

A vida sem amor... Bem, sem amor a vida não tem sentido...

As flores que espalham aromas nos canteiros são mensageiras do amor de Deus falando nos jardins...

Os passarinhos que pipilam nos prados e cantam nos ramos são a presença do amor de Deus transparecendo nos ninhos...

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

As ondas gigantescas que se arrebetam nas praias, mostram o amor de Deus engrandecendo-se no mar, tanto quanto o filete transparente de águas cantantes, que beija a face da rocha, decanta o amor de Deus, jorrando suave pela fenda singela.

A fera que ruge na selva, quanto os astros que giram na amplidão, enaltecem o amor divino, enquanto falam dessa cadeia que une os seres e as coisas da casa de Deus.

A criança que sorri, feliz, quanto aquela que chora, no regaço materno ou num leito hospitalar, igualmente, refletem o amor distendendo esperança, conferindo oportunidades aos espíritos, como dádivas de Deus.

O homem sábio, pelos conhecimentos que lhe robustecem o cérebro, e aquele que se enobrece no trabalho do bem, pela luz que lhe emana do íntimo, apresentam o amor de Deus, alevantando a vida.

Essas e outras facetas do amor, é que fazem com que a vida tenha sentido...

Equipe de Redação do Momento Espírita

Com base em história de autoria ignorada e no capítulo 22 do livro Rosângela, ed. Fráter Livros Espíritas.

AMOR QUE RENASCE

Era uma vez Cilia e George. Eles estavam apaixonados. Seu amor foi abençoado com duas meninas, Rayann e Sheela.

Com esforço e dedicação, a imobiliária a que deram início, prosperou e cresceu.

Tudo ia bem com a ajuda e o amor um do outro. Em certo ponto do caminho, no entanto, algo deu errado. Eles começaram a discutir sobre questões profissionais.

Depois, passaram a ter desentendimentos na condução do lar. Finalmente, sobre como educar as meninas.

Cilia dizia que George não a deixava crescer. Ele parecia seu pai, desejando ter sempre a última palavra, o poder de decisão.

George não sabia mais o que pensar ou como agir na presença da esposa. Pelo que se lembrava, ela casara com ele porque era sempre ele que tomava as decisões.

Por fim, depois de 15 anos de casamento, se divorciaram. Mas as discussões continuaram. No trabalho e sobre a educação das filhas.

Quando George foi chamado, em plena madrugada, pela polícia local, porque suas filhas haviam sido presas em uma boate, alarmou-se.

Elas eram menores, estavam embriagadas e a mais velha portava pequena quantidade de heroína.

Nesse dia, o casal entendeu que o ônus emocional do seu desentendimento era demasiado para as meninas.

Pelo bem delas, resolveram participar de um seminário de fim de semana, sobre paternidade positiva.

Partiram juntos, de carro, rumo às montanhas. O trânsito estava ruim e ele decidiu ir por uma via secundária.

Foram surpreendidos por uma tempestade de neve. Procurando um lugar seguro para encostar o carro, George não viu a queda fatal de 300 metros.

O veículo teve o pára-brisa e a janela do motorista estilhaçados. Eles estavam a 65 km da estrada principal e o carro estava enchendo de neve.

Colocaram as bagagens na janela dianteira, para desviar a neve e o vento. O motor, que lhes poderia gerar calor, recusou-se a funcionar.

No banco de trás, se aconchegaram. Não podiam dormir, pois estavam sem cobertores e, com o frio, poderiam congelar e morrer.

Precisavam sobreviver até o amanhecer, para andar até a estrada principal, em busca de ajuda.

O aconchego, o revezamento de esfregar um ao outro para aumentar a circulação e permanecerem alertas, foi lhes avivando a memória de tempos já vividos.

Para não cair no sono, cantaram todas as canções que lembraram. Quando se esgotou o repertório, Cilia lembrou de recitar os votos formulados no dia do casamento.

“A este nobre homem prometo tudo o que sou e sempre serei para você. Eu o amarei para sempre. Cuidarei de você mesmo quando todos lhe virarem as costas. George sentiu a torrente de amor e calor do dia em que se casara com ela.”

Então recitou os seus votos: “eu a amo e prometo amá-la com toda a minha força. Eu lhe darei tudo o que é meu e tudo será nosso. Lutarei para ser seu homem e seu defensor, seu amigo durante o tempo que o sangue fluir em minhas veias. Sem você eu fico sem finalidade neste mundo.”

As palavras acenderam fogueiras em suas almas. Agora percebiam como precisavam um do outro.

Quando amanheceu, a neve cessou, eles se deram um longo e apaixonado beijo. De mãos dadas foram em busca de ajuda, com a certeza de que estavam nesta vida, juntos, para sempre.

Pense nisso!

Se algo não vai bem em sua relação matrimonial, dê-se um tempo para pensar. Recorde porque você se uniu ao outro.

Mesmo sem tempestade de neve, ou perigo de congelamento, convide-o a rememorar os votos do dia do casamento.

E redescubram, juntos, o valor da união matrimonial. Dêem uma nova chance um ao outro, reacendendo a chama do amor que um dia os fez desejarem estar, para sempre, juntos.

Equipe de Redação do Momento Espírita

Com base no cap. Corações congelados de amor, do livro Triunfos do Coração, de Chris Benguhe, ed. Butterfly.

AMOR VERDADEIRO

Quantas vezes você já olhou um casal, passeando de mãos dadas ou abraçado e se perguntou como eles podem se amar, sendo tão diferentes?

Quantas vezes já pensou em como aquela moça tão elegante pode amar aquele homem com ar tão desengonçado?

Ou como aquele homem tão bonito, parecendo um deus da beleza pode amar aquela mulher tão destituída de atrativos?

Toda vez que essas idéias nos atravessam a mente, é que estamos julgando o amor pelo exterior.

Mas, já dizia o escritor de o pequeno príncipe: “o essencial é invisível para os olhos.”

A propósito, conta-se que o avô do conhecido compositor alemão Mendelssohn, estava muito longe de ser bonito.

Moses era baixo e tinha uma corcunda grotesca.

Um dia, visitando um comerciante na cidade de Hamburgo, conheceu a sua linda filha. E logo se apaixonou perdidamente por ela.

Entretanto, a moça, ao vê-lo, logo o repeliu. Aquela aparência disforme quase a enojou.

Na hora de partir, Moses se encheu de coragem e subiu as escadas. Dirigiu-se ao quarto da moça para lhe falar.

Desejava ter sua última oportunidade de falar com ela.

A jovem era uma visão de beleza e Moses ficou entristecido porque ela se recusava até mesmo a olhar para ele.

Timidamente, ele lhe dirigiu uma pergunta muito especial: “você acredita em casamentos arranjados no céu?”

Com os olhos pregados no chão, ela respondeu: “acredito!”

“Também acredito.” – afirmou Moses – “Sabe, acredito que no céu, quando um menino vai se preparar para nascer, Deus lhe anuncia a menina com quem vai se casar.

Pois quando eu me preparava para nascer, Deus me mostrou minha futura noiva.

Ela era muito bonita e o bom Deus me disse: “sua mulher será bela, contudo terá uma corcova.”

Imediatamente, eu supliquei: “senhor, uma mulher com uma corcova será uma tragédia. Por favor, permita que eu seja encurvado e que ela seja perfeita.”

Nesse momento, a jovem, emocionada, olhou diretamente nos olhos de Moses Mendelssohn.

Aquela era a mais extraordinária declaração de amor que ela jamais imaginara receber.

Lentamente, estendeu a mão para ele e o acolheu no fundo de seu coração.

Casou-se com ele e foi uma esposa devotada.

O amor verdadeiro tem lentes especiais para ver o outro. Vê, além da aparência física, a essência. E assim, ama o que é real.

A aparência física pode se modificar a qualquer tempo. A beleza exterior pode vir a sofrer muitos acidentes e se modificar, repentinamente.

Quem valoriza o interior do outro é como um hábil especialista em diamantes que olha a pedra bruta e consegue descobrir o brilho da preciosidade.

É como o artista que acaricia o mármore, percebendo a imagem da beleza que ele encerra em sua intimidade.

Este amor atravessa os portões desta vida e se eterniza no tempo, tendo capacidade de acompanhar o outro em muitas experiências reencarnatórias.

Este é o verdadeiro amor.

No amor, o homem sublima os sentimentos e marcha no rumo da felicidade.

Na perfeita identificação das almas, o amor produz a bênção da felicidade em regime de paz.

Equipe de Redação do Momento Espírita

Com base no cap. Amor verdadeiro, de Barry e Joyce Vissell, do livro Histórias para aquecer o coração – Edição de ouro, Ed. Sextante

O BEM MAIS PRECIOSO

Conta o folclore europeu que há muitos anos atrás um rapaz e uma moça apaixonados resolveram se casar. Dinheiro eles quase não tinham, mas nenhum deles ligava para isso.

A confiança mútua era a esperança de um belo futuro, desde que tivessem um ao outro.

Assim, marcaram a data para se unir em corpo e alma.

Antes do casamento, porém, a moça fez um pedido ao noivo:

- Não posso nem imaginar que um dia possamos nos separar. Mas pode ser que com o tempo um se canse do outro, ou que você se aborreça e me mande de volta para meus pais.

- Quero que você me prometa que, se algum dia isso acontecer, me deixará levar comigo o bem mais precioso que eu tiver então.

O noivo riu, achando bobagem o que ela dizia, mas a moça não ficou satisfeita enquanto ele não fez a promessa por escrito e assinou.

Casaram-se.

Decididos a melhorar de vida ambos trabalharam muito e foram recompensados.

Cada novo sucesso os fazia mais determinados a sair da pobreza, e trabalhavam ainda mais.

E tempo passou e o casal prosperou. Conquistaram uma situação estável e cada vez mais confortável, e finalmente ficaram ricos.

Mudaram-se para uma ampla casa, fizeram novos amigos e se cercaram dos prazeres da riqueza.

Mas, dedicados em tempo integral aos negócios e aos compromissos sociais, pensavam mais nas coisas do que um no outro.

Discutiam sobre o que comprar, quanto gastar, como aumentar o patrimônio, mas estavam cada vez mais distanciados entre si.

Certo dia, enquanto preparavam uma festa para amigos importantes, discutiram sobre uma bobagem qualquer e começaram a levantar a voz, a gritar, e chegaram às inevitáveis acusações.

- Você não liga para mim! - gritou o marido - só pensa em você, em roupas e jóias.

- Pegue o que achar mais precioso, como prometi, e volte para a casa dos seus pais. Não há motivo para continuarmos juntos.

A mulher empalideceu e encarou-o com um olhar magoado, como se acabasse de descobrir uma coisa nunca suspeitada.

- Muito bem, disse ela baixinho. Quero mesmo ir embora. Mas vamos ficar juntos esta noite para receber os amigos que já foram convidados. Ele concordou.

A noite chegou. Começou a festa, com todo o luxo e a fartura que a riqueza permitia.

Alta madrugada o marido adormeceu, exausto. Ela então fez com que o levassem com cuidado para a casa dos pais dela e o pusessem na cama.

Quando ele acordou, na manhã seguinte, não entendeu o que tinha acontecido. Não sabia onde estava e, quando sentou-se na cama para olhar em volta, a mulher aproximou-se e disse-lhe com carinho:

- Querido marido, você prometeu que se algum dia me mandasse embora eu poderia levar comigo o bem mais precioso que tivesse no momento.

- Pois bem, você é e sempre será o meu bem mais precioso. Quero você mais que tudo na vida, e nem a morte poderá nos separar.

Envolveram-se num abraço de ternura e voltaram para casa mais apaixonados do que nunca.

O egoísmo, muitas vezes, nos turva a visão e nos faz ver as coisas de forma distorcida.

Faz-nos esquecer os verdadeiros valores da vida e buscar coisas que têm valor relativo e passageiro.

Importante que, no dia-a-dia, façamos uma análise e coloquemos na balança os nossos bens mais preciosos e passemos a dar-lhes o devido valor.

(Baseado na história "O bem mais precioso", do Livro das Virtudes II, pág. 460.)

CIÚME DESTRUIDOR

A vida de Ana se tornara muito ruim, desde o momento em que começou a desconfiar que Artur, seu marido, tinha outra mulher.

Ana olhava para ele e se sentia traída. Toda vez que Artur chegava atrasado do trabalho, mesmo que dissesse que fora o trânsito complicado ou uma reunião de última hora, ela pensava: “demorou por causa da outra. Devem ter se encontrado hoje. Por isso se atrasou.”

A paz do lar ficou comprometida. Ele chegava cansado, ela estava mal-humorada e procurava todos os motivos para reclamar.

Por vezes, ela surpreendia Artur dispersivo, distante. O pensamento longe. Era o suficiente para pensar consigo mesma: “olhe só como está pensativo! Aposto que está pensando nela.”

Finalmente, um dia, ela resolveu seguir o marido para o surpreender.

Esperou-o na saída do trabalho. Ele pegou o carro, andou algumas quadras e parou na floricultura. Ela viu quando ele escolheu as maravilhosas flores e saiu carregando-as com carinho.

“Mau-caráter”, pensou ela. “gastando com outra.”

Aquilo a deixou de tal forma desconsertada, que começou a chorar. Foi para casa e se jogou na cama. Chorou muito.

Pouco depois, ela ouviu a porta abrir e seu marido chegar. Escutou os passos dele na escada, subindo até o quarto do casal, onde ela estava.

Mal o viu adentrar o quarto, ela se sentou na cama, os olhos vermelhos de chorar, os cabelos em desalinho e desabafou:

“Eu vi tudo. Você não pode negar. Comprou flores para ela. Rosas vermelhas maravilhosas. Você me traiu. Traiu o nosso amor.”

Alterada, ela se levantou e avançou na direção dele. Para sua surpresa, verificou que ele trazia nas mãos o lindo ramallete de rosas vermelhas.

Um pouco chateado, estendendo o ramallete para ela, ele falou:

“Ana, hoje é dia do nosso aniversário de casamento. Você nem se lembrou?”

O ciúme cria quadros exagerados, fomentando desconfiança. Atestado de insegurança, destrói o relacionamento pelo clima de tensão que cria a todo momento.

Cultivador da infelicidade, o ciúme altera a correta visão dos fatos, aumentando a importância de pequenos atrasos, desejos não atendidos, esquecimentos de datas e compromissos a dois.

Criando azedume, envenena a alma e desassossega o pensamento.

Colocando óculos escuros na visão mental, tudo faz parecer escuro, sombrio, devastador.

Uma distração é tida à conta de desinteresse. O atraso para um encontro é considerado desrespeito.

Fora da realidade sempre, o ciúme provoca cenas desastrosas e desgastantes, em situações onde uma leve indagação ou uma conversa a dois, com toda a certeza, resolveria,.

Nunca deixemos que o ciúme nos atormente, ele é o responsável pela devastação de corações e de lares.

Se nos sentimos inseguros, fortifiquemos a relação a dois com diálogos mais profundos, com saídas para um passeio ao luar ou um final de semana a sós.

Se o outro estiver, verdadeiramente, permitindo que a relação esfrie, que o amor amorne, providenciemos o melhor para o estreitamento dos laços afetivos, guardando a certeza de que é nos pequenos gestos que a relação se torna mais forte, mais firme.

CASAMENTO

O que você pensa a respeito do casamento?

As respostas para esta pergunta são as mais variadas.

Uns dizem que o casamento é uma instituição falida. Outros afirmam que é coisa do passado, que o moderno é viver o sexo livre, sem maiores compromissos.

Vejamos o que os Espíritos responderam à questão proposta por Allan Kardec, em O Livro dos Espíritos:

"Que efeito teria sobre a sociedade humana a abolição do casamento?"

"Seria uma regressão à vida dos animais. O estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre todos os povos, se bem que em condições diversas. A abolição do casamento seria, pois, regressar à infância da humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão exemplo de uniões constantes."

Podemos perceber, com essa resposta, que o casamento é uma excelente escola de aprendizado para o casal e para os filhos que chegam através da sua união.

Todavia, o que ocorre é que poucas pessoas se preparam convenientemente, antes do consórcio matrimonial.

A ausência desse cuidado, quase sempre ocasiona desastre imediato de conseqüências lamentáveis.

Tentados por paixões de variada ordem, que se estendem desde o apelo sexual até os jogos dos interesses financeiros, deixam-se levar e caem nas armadilhas da própria irresponsabilidade.

Podemos perceber que o problema não está no casamento em si, mas na condução que nós damos a ele.

Considerando que o lar é a célula básica da sociedade, a característica de cada sociedade será a resultante das características gerais das famílias que nela vivem.

Assim, se os pilares que deveriam sustentar cada lar, desmoronam, a sociedade inteira se ressentirá com as conseqüências. E se não há harmonia no lar, que é o embrião da sociedade, não haverá sociedade harmonizada.

Ademais, sendo o casamento uma grande escola para se aprender a arte do convívio, a fraternidade, a solidariedade, o cultivo do afeto, se este não sobrevive, o que podemos esperar da comunidade?

Infelizmente, o que se pode constatar quando um casamento se desfaz, é a supremacia do individualismo, do egoísmo, da tola vaidade, do orgulho e da prepotência de uma ou de outra parte, ou de ambas.

O que acontece é que geralmente os casais se esquecem das promessas feitas quando da assinatura desse contrato de convivência mútua que chamamos casamento.

As promessas foram as de ficar juntos na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza ou na pobreza, mas juntos. E dificilmente o casamento mal estruturado resiste aos primeiros golpes da dificuldade que se apresenta.

Os casais se esquecem de que apenas algumas gotas de tolerância podem salvar e fortalecer a união. Que a renúncia preserva o convívio e o torna mais sólido. Que o esquecimento de um mal-entendido aproxima e engrandece os seres. E que o amor, nas suas mais variadas expressões, é a ferramenta capaz de solidificar e conservar a união dos seres por toda a eternidade.

O matrimônio é abençoada oficina onde podemos aprender a tecer os mais lindos sonhos de ventura e paz.

É a oportunidade bendita de reatar os laços rompidos em existências passadas ou estreitar o afeto iniciado com alegria.

O casamento é experiência nobre que pode nos credenciar aos altos planos da Criação, ao encontro da felicidade plena que tanto desejamos.

(Equipe de Redação do Momento Espírita
Baseado na pergunta 696 de "O Livro dos Espíritos", ed. FEB.)

DECLARAR AMOR

Demonstrar o amor é uma forma de deixar a vida transbordar dentro do próprio coração.

A maioria das pessoas estabelece datas especiais para manifestar o seu amor pelo outro: é o dia do aniversário, o natal, o aniversário de casamento, o dia dos namorados.

Para elas, expressar amor é como usar talheres de prata: é bonito, sofisticado, mas somente em ocasiões muito especiais.

E alguns não dizem nunca o que sentem ao outro. Acreditam que o outro sabe que é amado e pronto. Não é preciso dizer.

Conta um médico que uma cliente sua, esposa de um homem avesso a externar os seus sentimentos, foi acometida de uma supuração de apêndice e foi levada às pressas para o hospital.

Operada de emergência, necessitou receber várias transfusões de sangue sem nenhum resultado satisfatório para o restabelecimento de sua saúde.

O médico, um tanto preocupado, a fim de sugestioná-la, lhe disse: pensei que a senhora quisesse ficar curada o mais rápido possível para voltar para o seu lar e o seu marido.

Ela respondeu, sem nenhum entusiasmo:

O meu marido não precisa de mim. Aliás, ele não necessita de ninguém. Sempre diz isto.

Naquela noite, o médico falou para o esposo que a sua mulher não queria ficar curada. Que ela estava sofrendo de profunda carência afetiva que estava comprometendo a sua cura.

A resposta do marido foi curta, mas precisa:

Ela tem de ficar boa.

Finalmente, como último recurso para a obtenção do restabelecimento da paciente, o médico optou por realizar uma transfusão de sangue direta.

O doador foi o próprio marido, pois ele possuía o tipo de sangue adequado para ela.

Deitado ao lado dela, enquanto o sangue fluía dele para as veias da sua esposa, aconteceu algo imprevisível.

O marido, traduzindo na voz uma verdadeira afeição, disse para a esposa:

Querida, eu vou fazer você ficar boa.

Por que? Perguntou ela, sem nem mesmo abrir os olhos.

Porque você representa muito para mim.

Houve uma pausa. O pulso dela bateu mais depressa. Seus olhos se abriram e ela voltou lentamente a cabeça para ele.

Você nunca me disse isso.

Estou dizendo agora.

Mais tarde, com surpresa, o marido ouviu a opinião do médico sobre a causa principal da cura da sua esposa.

Não foi a transfusão em si mesma, mas o que acompanhou a doação do sangue que fez com que ela se restabelecesse. As palavras de carinho fizeram a diferença entre a morte e a vida.

É importante saber dizer: amo você! O gesto carinhoso, a palavra gentil autêntica, a demonstração afetiva num abraço, numa delicada carícia funcionam como estímulos para o estreitamento dos laços indestrutíveis do amor.

É urgente que, no relacionamento humano, se quebre a cortina do silêncio entre as criaturas e se fale a respeito dos sentimentos mútuos, sem vergonha e sem medo.

A pessoa cuja presença é uma declaração de amor consegue criar um ambiente especial para si e para os que privam da sua convivência.

Quem diz ao outro: eu amo você, expressa a sua própria capacidade de amar, mas também, afirmando que o outro é amado, se faz amar e cria amor ao seu redor.

Equipe de Redação do Momento Espírita

A partir do cap. Ecologia doméstica, da obra Pais e filhos – Companheiros de Viagem, de autoria de Roberto Shinyashiki, ed. Gente, e do texto A convivência humana, de José Ferraz, extraído da revista Presença Espírita, nº 227, de novembro/dezembro 2001.

ILUSÕES E FANTASIAS

Se você fosse abordado por um vendedor de ilusões e fantasias, lhe daria ouvidos? Compraria seus produtos?

Antes que você responda, pensemos um pouco sobre o assunto.

Quando buscamos prazer no prazer alheio, estamos vivendo de ilusões e fantasias.

Quando lemos revistas que exibem pessoas bonitas, elegantes, famosas, se deleitando em paraísos de mentira, estamos buscando sorver o prazer dessas pessoas como se estivéssemos em seu lugar.

Há revistas especializadas em criar um mundo maravilhoso, do qual só podem fazer parte as pessoas ricas, bonitas e elegantes, ou, se não são bonitas, pelo menos devem ter estilo.

E, nessas páginas que são maravilhosamente ilustradas, compramos fantasias e sorvemos ilusões e mentiras.

Quando retratam uma mulher jovem, bonita, no seu quinto casamento, estampando no rosto um sorriso amarelo, simulando felicidade, não podemos imaginar que essa seja a realidade.

Não há pessoa que possa, por mais fria que seja, envolver-se com vários cônjuges e filhos, e sair sem ferir ou ferir-se.

Quando um homem, de mais de 60 anos, que acaba de deixar esposa e filhos e se exhibe, fingindo felicidade suprema, com uma esposa de 25, não pode estar vivendo mais que uma fantasia.

Ou será que é possível construir a felicidade sobre os escombros dos outros, em cujos corações cravamos o punhal da infidelidade e da indiferença?

Observemos com atenção os olhares desses vendedores de ilusões e perceberemos sombras de tristeza imanifesta. São as gotas de amargura brotando nas profundezas da alma vazia e sem esperança.

Assim, antes de mergulharmos no mar das ilusões aportando em ilhas de fantasias, reflitamos se esse é o caminho que nos conduzirá à felicidade real.

Busquemos, antes, exemplos de dignidade e honradez. Tomemos, de preferência, o barco singelo do trabalho digno e vistamos o colete da honestidade para que estejamos seguros se por ventura o mar ficar revoltado.

Não embarquemos na canoa furada do "faz de conta", que não resiste aos embates das primeiras ondas da razão e do bom senso.

Contou-nos um amigo, que esteve nos Estados Unidos, que uma senhora rica e excêntrica possuía um carro que era a sua paixão.

Manifestou, em vida, o desejo de ser enterrada dentro dele. E assim foi feito.

Quando morreu, os filhos prepararam o corpo e o colocaram no interior do veículo, enterrando-o conforme seu desejo.

Passado algum tempo, esse nosso amigo, que é médium, intrigado com aquele fato, foi abordado pelo Benfeitor espiritual que lhe disse com pesar:

É, a nossa irmã conseguiu que enterrassem o seu corpo num automóvel luxuoso, mas, infelizmente, no Mundo dos Espíritos ela está a pé, dependendo da misericórdia alheia.

Assim acontece com muitos de nós que nos permitimos viver de sonhos que nunca se tornarão realidade.

Agora já temos elementos para responder a pergunta inicial: compraríamos ilusões e fantasias?

Retiremos a venda dos olhos e despedacemos as lentes escuras que nos impedem fixar as claridades reais da vida, promovendo o nosso programa de ação eficiente onde nos encontramos. Nada de ilusões.

HERANÇA TRÁGICA

Os dias dourados dos tempos de namoro do jovem casal, de forma alguma deixavam adivinhar o que o futuro lhes reservava.

Os planos de felicidade feitos entre trocas de carinho e muita descontração, davam mostra de amor recíproco.

O tempo de noivado foi longo o suficiente para tratar dos detalhes da nova etapa de convívio a dois, do número de filhos que desejavam ter, dos objetivos da nova família que estava se formando.

Depois do casamento veio a viagem de núpcias. Um tempo a sós. Muito diálogo regado a beijos e carícias.

Os primeiros meses do casal em seu novo lar eram repletos de alegria e muitos planos e promessas de fidelidade e companheirismo.

Os anos passaram e os compromissos profissionais de cada um começaram a impedir os diálogos, antes tão freqüentes.

Quando a esposa lembrava dos filhos planejados outrora, o marido dava desculpas e inventava motivos para que esperassem um pouco mais de tempo.

Um dia ele alegava o custo de vida alto. Como poderiam arcar com as despesas que um filho traria, esquecidos de que, se seus pais tivessem pensado assim, não teriam nascido.

Outra vez era a carreira profissional da esposa, que o nascimento de um filho viria atrapalhar.

E assim foram passando os anos...

O marido começou a chegar tarde da noite em casa, desculpando-se com a esposa, alegando excesso de trabalho...

Ela sentia-se só, lembrava que os filhos poderiam lhe fazer companhia, mas as desculpas logo surgiam...

Um dia, o marido sentiu um mal-estar e ela sugeriu que consultasse um médico. Ele atendeu.

Retornou do consultório um tanto calado, dizendo à esposa que o médico havia solicitado vários exames.

Desprezou a companhia da esposa quando foi levar ao médico os resultados.

Com o passar dos dias estava cada vez mais calado, depressivo.

A esposa, preocupada, queria saber o que estava acontecendo, mas ele dava respostas evasivas, dizendo que estava tudo bem...

A enfermidade se agravou, ele foi internado às pressas...

Os dias dourados de outros tempos, agora estavam cobertos com nuvens escuras e deprimentes...

As esperanças e os planos caíam no vazio...

...Um dia, a terrível notícia até então não revelada à esposa dedicada: a doença do esposo era aids.

Os olhos marejados de pranto não vislumbravam nada mais além...

Via seus sonhos de felicidade se desfazendo, um a um...

Os dias e noites ao lado do esposo agonizante, eram tristes e amargurados, mas ela não o abandonou...

Por fim, numa manhã cinzenta ele deu o último suspiro e ela experimentou a amargura da viuvez precoce...

As horas passavam como se fossem puxadas à força...

A solidão, as lembranças, os sonhos soterrados...

Um dia ela sentiu um mal-estar diferente, buscou um médico e ele lhe pediu vários exames...

Em seguida, a resposta: recebera do marido a trágica herança...

A fidelidade é um tesouro muito desprezado nos dias atuais.

E a infidelidade é um veneno que tem devastado lares e dilacerado corações.

Se você deseja construir a sua felicidade verdadeira, busque apoiá-la nos pilares indestrutíveis da fidelidade e da confiança mútua.

(Texto da Equipe de Redação do Momento Espírita)

MATRIMÔNIO

Muitos de nós nos questionamos quanto a validade do matrimônio, da união entre duas pessoas que se amam. Alguns afirmam que o casamento está fora de moda ou que manter um casamento por muitos anos é para pessoas dependentes, que não conseguem viver só.

Outros afirmam que o casal só consegue permanecer junto se cada qual mantiver um relacionamento extra-conjugal.

É fora de dúvida que a união entre um homem e uma mulher para constituir família, está nas leis divinas e por isso nunca estará fora de moda.

A família é o embrião da sociedade, e como tal, necessita do casal como alicerce básico nessa pequena estrutura social.

Um dia desses, um amigo nos disse que estava dormindo sempre muito tarde. Pensamos que estivesse fazendo hora extra no trabalho, mas ele esclareceu que o motivo era outro.

O que o estava mantendo acordado era o diálogo com a esposa. Ambos ficavam conversando descontraidamente e nem percebiam que a madrugada ia longe.

E o assunto daqueles dias era um dos cinco filhos do casal.

Ambos comentavam da alegria que estavam sentindo porque esse filho lhes contou que, no colégio onde estudava, os colegas lhe ofereceram drogas por várias vezes e, por várias vezes, ele disse não.

E o que mais os deixava felizes era porque, além de o jovem recusar as drogas, ainda lhes contara o fato, o que não é muito comum.

Aqueles pais tinham motivos justos para alegrarem-se, pois tantos outros não têm a mesma sorte.

Vários pais só vêm a saber que os filhos estão usando drogas pelas páginas policiais ou quando recebem a notícia de que seu filho está preso, por delinqüência.

Nós entendemos que, no lar em que há diálogo entre os esposos e entre pais e filhos, muitas situações desagradáveis são evitadas.

Joanna de Ângelis, Espírito, fala sobre alguns sinais de alarme que podem informar a situação de dificuldade antes que venha a se agravar a união conjugal. Eis alguns deles:

silêncios injustificáveis quando os esposos estão juntos;

tédio inexplicável ante a presença do companheiro ou da companheira;

ira disfarçada quando o esposo ou a esposa emite uma opinião;

saturação dos temas habituais, tratados em casa, fugindo para intermináveis leituras de jornais ou inacabáveis novelas de televisão;

irritabilidade contumaz sempre que se avizinha do lar;

desinteresse pelos problemas do outro;

falta de intercâmbio de opiniões;

atritos constantes que ateam fagulhas de irritação, capazes de provocar incêndios em forma de agressão desta ou daquela maneira... e muitos outros mais.

Observando-se esses sinais de alarme é importante que, antes que as dificuldades abram distâncias e os espinhos da incompreensão produzam feridas capazes de deteriorar a união conjugal, tomemos atitudes de lealdade e façamos um exame das ocorrências, providenciando para sanar os males em pauta. E acima de tudo, lembremo-nos de que o casamento é excelente oportunidade que Deus nos oferece para os devidos reajustes com o companheiro ou companheira com quem nos comprometemos antes do berço.

E quando a situação estiver difícil, roguemos a Deus que nos ajude a superar os obstáculos para o nosso próprio bem, e para o bem dos filhos que ele nos confiou.

Esp.: Joanna de Ângelis

Psicografia : Divaldo Pereira Franco

Livro : Sol de Esperança – Cap. 35 – Pág. 140

NINHO VAZIO

Nos primeiros versículos do livro bíblico do Eclesiastes, lê-se que há tempo para tudo. Tempo de sementeira. Tempo de floração. Tempo de seca. Tempo de chuvas abundantes.

No ciclo do matrimônio igualmente existe o período inicial da adaptação, das descobertas do outro, da vinda dos filhos.

Tempo de noites mal-dormidas. De fraldas e mamadeiras. Tempo de garotos na escola, de lições, da universidade. Dias inquietantes dos namoricos, dos vãos mais distantes dos filhos ainda jovens.

Finalmente, chega o tempo em que o casal se descobre com o ninho vazio.

Não mais as vozes dos jovens a dizer: “olá, cheguei! Oi, velho! Oi, mãe!”

Não mais os sons dos aparelhos eletrônicos, as risadas, os pés sobre o sofá da sala, a linha telefônica sempre ocupada.

De repente, como aves migratórias, os filhos se vão. Vão para a formação dos seus próprios lares e consolidação das suas carreiras profissionais.

Quando se descobrem a sós, muitas vezes, os cônjuges passam a se desarmonizar. Agora, com tempo dilatado, podem olhar mais detidamente um ao outro, descobrindo imperfeições e defeitos.

As separações ocorrem com frequência nesse ciclo. A vitalidade do casamento fica enfraquecida, surgem os desentendimentos, e o casal entra em crise.

É uma fase que exige sabedoria.

O salmista David, traduzindo as necessidades especiais assim se expressa: “não me rejeites no tempo da velhice. Não me desampares, quando se for acabando a minha força. Agora também, quando estou velho e de cabelos brancos, não me desampares.”

É justamente quando se necessita mais do outro que a criatividade há que ser acionada, para tornar o espaço do ninho vazio uma ventura.

É o momento de aprofundar o relacionamento conjugal. Retomar os verdes dias do namoro, redescobrir o prazer do calor de um aconchego mais demorado.

Deter-se a olhar um ao outro, recordando quando, exatamente, os cabelos começaram a ficar prateados.

Relembrar as lutas intensas, cujos traços estão impressos nas faces de ambos. Utilizar o tempo na leitura nobre, trocando impressões, discutindo panoramas e vivências. Idealizar juntos, novas metas.

Tornar a usufruir o sabor das manhãs claras, no passeio de mãos dadas, no bosque próximo.

Saborear juntos pequenos detalhes: a ida à pizzaria, os diálogos sem pressa, o concerto, o cinema, o teatro. Enfim, é imprescindível que os cônjuges estabeleçam prioridades.

E o matrimônio é prioritário. Tudo que venha deteriorar o equilíbrio conjugal, deve ser eliminado. Desenvolver amizade e companheirismo entre si. O tempo e os interesses compartilhados conferem segurança e alegria e espantam a rotina.

Quando te surpreendas demasiadamente crítico, para com a criatura que contigo compartilhou dores e alegrias de uma vida; que contigo ombreou nas dificuldades mais amargas; a criatura à qual entregaste o corpo e a alma, pára um pouco!

Pensa em tudo que juntos idealizaram e construíram. Recorda os primeiros dias. Pensa em quantas vezes foi aquele o ombro amigo em que te apoiaste e choraste.

Pensa em quantas vezes os abraços, os apertos de mão, uma doce carícia te fizeram adquirir forças para os embates do mundo.

Deixa-te penetrar pela ternura das lembranças e então, olha o teu par e ama-o um tanto mais, enquanto prossigas no caminho com ele.

Equipe de Redação do Momento Espírita.

UM MINUTO APENAS

Lúcia era uma mulher feliz, como poucas, acreditava. Casada com o homem por quem se apaixonara nos verdes anos da adolescência, vivia o sonho da mulher realizada. Um filho lhe viera coroar a felicidade. Que mais ela poderia desejar?

Acordava pela manhã e saudava o dia cantarolando. Com alegria realizava as tarefas do lar, cuidava do filho, aguardava o marido.

Tudo ia muito bem até o dia em que descobriu que o homem que tanto amava, a traía. E não era de agora. O problema vinha tomando corpo há algum tempo. Magoada, se dirigiu ao marido e exigiu-lhe respeito. A resposta foi brutal, violenta. O homem encantador tornou-se raivoso, briguento. Chegou a bater-lhe.

Foi nesse dia que Lúcia teve a certeza de que seu casamento acabara. Não poderia continuar vivendo com alguém que chegara à agressão física.

Então, acordou na manhã de tristeza, depois de uma noite de angústia, e tomou uma séria decisão.

Iria se matar. Acabar com a própria vida. Mais do que isto, ela desejava vingança.

Por isso, tomou o filho de quatro anos pela mão e decidiu que o mataria. Queria que o marido ficasse com drama de consciência. Seu destino era o farol da Barra, na cidade de Salvador, Bahia, onde residia. Ela sabia que era um local onde o mar batia com violência no penhasco.

A rua por onde transitava era muito movimentada. Enquanto aguardava para fazer a travessia, a criança escapou da sua mão e correu por entre os carros. Ela se desesperou.

Estranho paradoxo. Conduzia a criança para jogá-la ao mar mas, quando a vê correr perigo, esquece de si mesma e vai-lhe no encontro, agarra-a e a puxa pela mão, um tanto nervosa.

Neste momento, a criança se abaixa, alheia a tudo que se passava, e recolhe do chão um papel. Lúcia o toma das mãos do pequeno e um título, em letras grandes, lhe chama a atenção: UM MINUTO APENAS.

Ela lê: "num minuto apenas, a tormenta acalma, a dor passa, o ausente chega. O dinheiro muda de mão, o amor parte, a vida muda."

Vai andando, puxando a criança e lendo a página. Era uma página mediúnica que vinha assinada por um Espírito.

Ela terminou de ler. Passou o ímpeto. Em um minuto. Parou, olhou ao redor e verificou que tinha chegado ao seu destino. O penhasco estava próximo. Sentou-se e teve uma crise de choro.

O impulso de se matar havia desaparecido. Tornou a ler a mensagem. Ela se recordou de um senhor que era espírita e trabalhava no banco, no mesmo onde seu marido trabalhava.

Foi para casa. Lembrou que um dia, jantando em casa dele, ele falara algo sobre Espiritismo. Algo que ela e o marido, por terem outra formação religiosa, rechaçaram de imediato.

Ela lhe telefonou, pediu-lhe orientação e ele a encaminhou a uma Casa Espírita.

Atendida por companheiro dedicado, que lhe ouviu os gritos da alma aflita, passou a buscar na oração sincera, na leitura nobre, no passe reconfortante, as necessárias forças para superar a crise.

O marido, notando-lhe a mudança, a calma, no transcorrer dos dias, a seguiu em uma das suas saídas do lar. Desconfiado adentrou ele também na Casa Espírita, para descobrir uma fonte de consolo e esclarecimento.

Hoje, ambos trabalham na seara Espírita. Reconstituíram sua vida, refizeram-se. Os anos rolaram, o garoto é um adolescente e mais dois filhos se somaram a ele.

Mudança de rumo. A vida muda, em um minuto apenas.

Em um minuto apenas Deus providencia o socorro. Pode ser um coração atento, uma mão amiga ou um pedaço de papel impresso, caído na calçada. Papel que o vento não levou para longe.

Um minuto apenas e o amor volta, a esperança renasce.

Um minuto apenas e o sol rompe as nuvens, clareando tudo.

Não se desespere, espere. Um minuto apenas. O socorro chega. O panorama se modifica. A vida refloresce.

Tenha paciência. Não se entregue à desesperança. Aguarde. Enquanto você sofre, Deus providencia o auxílio.

Aguarde. Um minuto apenas.

A MENSAGEM ENTENDIDA

Patrícia sentiu seu mundo desmoronar quando, após onze anos de casamento, seu marido lhe anunciou que tinha dado entrada no divórcio e estava saindo de casa.

Seu primeiro pensamento foi para os filhos: o menino tinha apenas cinco anos e a menina, quatro.

As dúvidas a assaltaram. Será que ela conseguiria manter a família unida? Será que conseguiria transmitir-lhes o sentido de família? Será que, criando-os sozinha, conseguiria manter o lar, lhes ensinar ética, valores morais e tudo o mais que eles precisariam para a vida?

O importante era tentar. E ela tentou. Durante a semana, ela arranjava tempo para rever os deveres de casa, discutir a importância de fazer as coisas certas. Nos finais de semana, um programa infalível era levá-los para a evangelização.

Era importante alimentar os seus espíritos com as lições de Deus, Jesus, a Boa Nova.

E assim se passaram dois anos. Num dia das mães foi preparada uma homenagem muito bonita, no templo religioso. Falou-se a respeito da difícil tarefa de ser mãe e do reconhecimento que toda mãe merecia.

Finalmente, foi pedido que cada criança escolhesse, dentre as tantas flores que estavam em vasos enfeitados, uma para dar a sua mãe, como símbolo do quanto era amada e estimada.

Os filhos de Patrícia se encaminharam até as plantas. Enquanto esperava, Patrícia pensava nos momentos difíceis que os três haviam passado juntos.

Olhou as begônias, as margaridas douradas, os amores-perfeitos violetas e ficou a planejar onde plantar o que quer que escolhessem para ela. Com certeza, eles trariam uma linda flor, como demonstração de seu amor.

Todas as crianças já haviam escolhido as plantinhas e ofertado para suas mães, enquanto os filhos de Patrícia continuavam a escolher. Pareciam levar a tarefa muito a sério, olhando atentamente cada vaso.

Finalmente, com um grito de alegria, eles acharam algo bem no fundo. Com sorrisos a lhes iluminar os rostinhos, eles avançaram até onde ela estava sentada e a apresentaram com a planta que haviam escolhido.

Ela olhou estarrecida. A planta estava murcha, com aspecto doentio. Aflita, ela aceitou o vaso que os filhos lhe estendiam. Era óbvio que eles haviam escolhido a menor planta, a mais doente. Nem flor tinha. Ela sentia vontade de chorar.

Mas eles olhavam para a plantinha orgulhosos, sorridentes. Mais tarde, já em casa, Patrícia não se conteve e perguntou:

Por que, em meio a flores tão maravilhosas, vocês escolheram esta flor para me dar?

Ainda orgulhoso, o menino declarou:

Mamãe, é que esta estava precisando de você.

Enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto, Patrícia abraçou seus dois filhos, com força.

Eles acabavam de lhe dar o maior presente de dia das mães que jamais poderia ter imaginado.

Todo o seu trabalho e sacrifício, ela reconhecia, não estava sendo em vão: eles estavam crescendo perfeitamente bem e tinham entendido a linguagem da renúncia e do amor.

Não existe uma forma de ser mãe perfeita, mas um milhão delas de ser uma boa mãe.

Esmere-se por ser uma boa mãe o bastante para seus filhos. Sensata para os transformar em homens de bem. Correta para lhes dar os exemplos de cidadania.

Digna para exemplificar a honra e amorosa para lhes falar das coisas que não perecem nunca e criam tesouros além da vida material.

Equipe de Redação do Momento Espírita

Com base no cap. Flores para o dia das mães, de Patrícia A. Rinaldi, do livro Histórias para aquecer o coração das mães.

ONDE FOI PARAR A TERNURA?

Você, que já constituiu um lar com a pessoa que embalou suas horas nos primeiros momentos de namoro, às vezes se pergunta: onde foi parar aquela ternura de outrora?

Aquele afeto que nos unia como se fôssemos um só, onde estará?

Quando ouve aquela música que costumavam ouvir juntos e seu coração vibra com a mesma emoção dos tempos idos, pensa em silêncio: o que aconteceu com aquele doce encantamento do início?

Olha para o companheiro ou companheira e tem a impressão de que já não vê mais a mesma pessoa.

Uma onda de saudade lhe invade a alma e a melancolia chega com sabor de amargura.

Parece que as cinzas das dificuldades abafaram a chama do amor...

Todos esses capítulos fazem parte da história de grande parte dos casais.

O que acontece é que nos envolvemos com os compromissos de tal forma, que esquecemos de manter acesa a chama afetiva dos primeiros tempos.

Na realidade ela não se apagou e, por vezes, está ainda mais forte. Nós é que não nos damos conta disso.

É natural que a paixão arrebatadora que propiciou a união, ceda lugar a uma amizade que somente o tempo de convívio pode sedimentar nos corações. E essa amizade vai se consolidando dia após dia, nos mínimos cuidados que quebram a rotina.

Uma balconista da seção de cosméticos de uma loja conta que um dia notou um rapaz a observar umas caixas de sabonete expostas no balcão. Ofereceu-se para ajudá-lo e ele aceitou dizendo que desejava comprar uns sabonetes finos para presentear a esposa. Por fim escolheu uma caixa bem vistosa e pediu para que ela fizesse um embrulho bem bonito.

Uma semana depois, a balconista notou que o mesmo rapaz estava em outra seção olhando artigos para senhoras. Dirigiu-se a ele e lhe perguntou se a sua esposa havia gostado dos sabonetes que ele levou no outro dia.

- Bem, ela ainda não os achou, foi a resposta.

- Veja, senhorita, eu tenho um plano. Escondo algo para que minha mulher encontre sem esperar.

- Ela encontrará os sabonetes na próxima semana, quando for limpar a dispensa. É uma surpresa para quebrar a monotonia do serviço caseiro, concluiu o jovem esposo.

São esses cuidados e atenções que alimentam a chama da amizade e do afeto verdadeiros.

Não são necessários grandes feitos para cultivar a ternura, mas é preciso que sejam constantes e que o respeito seja parte integrante do relacionamento.

Um mimo inesperado, uma palavra de incentivo, uma flor singela, um abraço, um gesto de carinho, são ingredientes seguros para a manutenção de qualquer casamento. E o que é melhor: não têm contra-indicação.

“O casamento é uma sociedade de ajuda mútua, cujos bens são os filhos, espíritos com os quais nos encontramos vinculados pelos processos e necessidades da evolução.”

(Redação do Momento Espírita. A frase entre aspas é do livro Repositório de Sabedoria vol II, Matrimônio.)

PAIS SEPARADOS

Nós tínhamos um lar...

Tínhamos alegria de viver...

O futuro nos sorria e renovava as nossas esperanças...

Sempre ouvia falar do amor dos pais pelos filhos e sentia uma segurança imensa no amanhã...

Com o coração pleno de afeto, julgava-me a criança mais feliz do mundo. Tinha tudo o que um filho pode desejar: pai, mãe, carinho, afeto, ternura...

Ouvia falar de pais que se separam, que abandonam os filhos...

Pais vencidos pelo amor próprio que relegam os pequenos, a quem deveriam amar e proteger, e se vão... Se vão em busca de uma felicidade egoísta que não consigo entender...

Todavia, o tempo passou...

Os anos se dobraram e, um dia... Um dia que gostaria de apagar da memória, eles me comunicaram a triste notícia...

Desejavam ser feliz... Falaram de incompatibilidade e de ir em busca de uma felicidade que eu pensava que habitasse em nosso lar.

As lágrimas me embargaram a garganta... Era como se o chão se abrisse e me tragasse num golpe violento...

Meu pai se foi... Eu o vi arrumando suas coisas com tristeza no olhar, mas não entendi porque ele estava triste se a decisão foi dos dois.

A mamãe não abandonou nossa casa, mas era como se o tivesse feito. Passou a buscar sua felicidade individual e eu fiquei por conta própria.

Para as pessoas eu não fora abandonado, pois nas leis humanas o abandono afetivo não está catalogado...

Passei a buscar nos amigos, também filhos de pais separados como eu, o consolo que nunca encontrei...

Todos sentíamos um vazio na alma que nada podia preencher. E todos tínhamos algo em comum: a inveja das crianças que tinham pai e mãe juntos.

O futuro nos parece incerto... E no amanhã só vemos trevas...

É tão triste não poder ter junto de nós as pessoas que amamos...

Na escola aprendi que existe um Deus e que esse Deus atende os nossos pedidos...

Em meu desespero peço a Ele ajuda para continuar amando meus pais...

Que Deus me dê forças para os perdoar, apesar de todas as lágrimas que já derramei desde aquele dia...

Peço a Deus que um dia, quando eles cansarem de ser felizes sem mim, que voltem ao lar novamente, para preencher o grande vazio que a separação deixou...

E quando a saudade deles me atormenta peço a Deus para não deixar morrer em mim o amor...

Apesar de tudo, eu ainda acredito no amor...

E quando eu crescer, vou pensar muito antes de escolher alguém para casar comigo e ter filhos, para nunca precisar deixar o lar em busca de uma felicidade distante e fazer sofrer aos que me amam...

Esse foi o tema da lição de casa de um garotinho, filho de pais separados. Deu ao seu desabafo o seguinte título: "Aos meus pais separados".

Quem deseja a verdadeira felicidade há que improvisar a felicidade dos outros.

Realizando a segurança e o contentamento dos que nos cercam, construímos a nossa própria felicidade.

PARA QUE SERVE O CASAMENTO?

Você já se perguntou alguma vez sobre os objetivos do casamento?

Sim, porque algum objetivo o Criador deve ter para fazer da união de dois seres uma lei da natureza.

Talvez, refletindo superficialmente você responda que o objetivo do casamento é a perpetuação da espécie humana. Mas será só isso?

Na verdade, o casamento marca grande progresso na marcha evolutiva da humanidade.

E, por quê?

Porque Deus visa não somente a procriação, mas também a evolução moral dos seres.

É assim que o casamento se constitui numa excelente oportunidade de crescimento para aqueles que sabem aproveitá-la bem.

Quando duas pessoas resolvem, de comum acordo, viver sob o mesmo teto, desde logo terão chances de melhoria individual. E a primeira delas é vencer o egoísmo.

Sim, porque o que antes era “meu”, agora passa a ser “nosso”.

Antes de casar, era o “meu” quarto, o “meu” carro, o “meu” aparelho de som, o “meu”... O “meu”...

No primeiro dia de convivência mútua, deverá ser o “nosso” quarto, o “nosso” carro, o “nosso” aparelho de som, e assim por diante.

Com o passar dos dias os pares vão se conhecendo melhor, e percebem que o outro não era bem aquilo que parecia ser.

Bem, nosso par tem algumas manias que desaprovamos, e que só notamos graças a convivência diária.

Eis uma ótima oportunidade para aprender a dialogar e resolver conflitos como “gente grande”.

Depois surgem mais alguns membros para nos ajudar a treinar outras virtudes: chegam os filhos.

Agora temos que dividir um pouco mais, e isso nos torna menos egoístas.

Devemos dividir mais a atenção, treinar a renúncia, aprender a passar noites sem dormir, tropeçar em fraldas sujas, correr para o médico nas horas mais impróprias, perder o filme que gostaríamos de assistir... a novela... o telejornal.

A cama, que antes era só minha e passou a ser nossa, agora tem mais alguém nela, disputando espaço.

CENTRO ESPÍRITA “ NOSSO LAR “
São Paulo - SP.

E não é só o espaço físico que o pimpolho reclama, ele quer nosso carinho, nossa atenção, nossa companhia, nossa proteção.

E aí temos a grande oportunidade de aprender a superar o ciúme, o medo, a insegurança, o desejo de posse exclusiva sobre o nosso par, para amparar esse serzinho que chegou para ficar.

Junto com tudo isso herdamos, também, a família do nosso cônjuge, que nem sempre nos parece uma boa aquisição.

Eis um grande desafio para aprender a fraternidade pura, a tolerância, o desprendimento, a amizade e outras tantas virtudes que ainda não possuímos.

Ademais, para cumprir bem o papel que um dia aceitamos, unindo-nos a alguém de livre e espontânea vontade, é preciso que os dois pilares do templo chamado lar permaneçam firmes até o fim.

Quando isso não acontece está declarada a vitória do egoísmo. Está declarada a nossa falência enquanto seres que desejamos superar os limites e alcançar paragens mais felizes.

Talvez você não concorde com todos esses arrazoados, no entanto, seria bom refletir sobre o assunto.

Há casos de pessoas que optam por não se casar, assumindo, declaradamente seu egoísmo. Com certeza irão responder perante a própria consciência e a consciência cósmica pela decisão tomada.

Considerando que nem todos nascem com o compromisso de se casar, obviamente estamos falando daqueles que tinham assumido esse compromisso, antes de renascer.

Aquele que se casa e promete conviver bem com seu par e com os filhos que Deus lhes envia, mas abandona o barco ao menor indício de tempestade, certamente será responsável pelos destinos daqueles que abandona à própria sorte.

Isso será, fatalmente, sementeira de amargura num futuro próximo ao distante, cuja colheita será obrigatória.

Por todas essas razões, vale a pena pensar ou repensar os nobres objetivos que a divina sabedoria estabeleceu com a união de dois seres.

Vale a pena refletir sobre o que queremos para nós. Refletir sobre as forças internas que devem nos elevar acima dessa miséria moral chamada egoísmo.

Ou será que vamos “jogar a toalha”, numa demonstração tácita de derrota para esse monstro cruel?

Pense nisso! Pense agora! E decida-se pelo amor.

Texto da Equipe de Redação do Momento Espírita.

SEPARAÇÃO RESOLVE?

Os dias atuais têm testemunhado muitas separações conjugais. Nós perguntamos, e gostaríamos que você respondesse, com toda a sinceridade: a separação resolve?

Embalados pelo suave encantamento do namoro e noivado, os casais entram na barca da paixão e se deixam levar pelo grande oceano do casamento.

Sentindo ainda as emoções do primeiros tempos, tudo é alegria e contentamento...

A música, o perfume, as flores, os passeios, a comida predileta, tudo é compartilhado com carinho e cada um faz tudo para agradar o outro.

Na balança das ações, somente o prato das virtudes é utilizado.

Todavia o tempo passa... surgem os ventos, os maremotos, a neblina... E as dificuldades começam...

O casal esquece de estender a ponte do diálogo que, certamente, iria propiciar soluções para os problemas ou encontrar maneiras de os contornar com sabedoria.

Surgem os conflitos... e na balança das ações começa a pesar mais o prato das imperfeições...

Perguntamo-nos: como poderia aquela alma tão querida de outrora se transformar em uma pessoa cheia de defeitos? E o outro, seguramente, faz-se os mesmos questionamentos a nosso respeito.

Cada um se isola num canto da barca buscando resolver o próprio problema. O que antes era compartilhado com carinho e doçura, agora é tratado de forma egoísta e, muitas vezes, injusta.

É bem certo que o suave encantamento do início não é mais o mesmo, todavia ele ainda está lá, basta que o busquemos.

Iremos descobrir que, com o passar do tempo, os sentimentos amadureceram, se transformaram em amizade, em companheirismo, em afeto verdadeiro...

Vale a pena que repensemos a nossa situação relativamente ao casamento. Vale a pena lembrar que, os que estamos em família, não estamos juntos por conta do acaso.

Se o esposo ou esposa não é bem o que desejamos, lembremos de que é o melhor que Deus pôde nos oferecer para que crescamos juntos.

Se a barca do nosso casamento está navegando por mares difíceis e as neblinas densas dos problemas o ameaçam, pensemos nos frutos dessa união: os filhos, que se somaram a nós.

Busquemos colocar na balança todos os momentos de alegria compartilhada...

As pequenas coisas que nos faziam rir antes...

As tantas vezes que o outro nos acarinhou os cabelos nos momentos amargos...

Os chás feitos com ternura nos dias de enfermidades...

As preces dirigidas a Deus, em nosso favor...

Os cabelos brancos, adquiridos juntos... os quilinhos a mais... os vincos na face... os filhos amados...

Todas essas coisas devem ser pesadas antes de decidir pela separação, causadora, em muitos casos, de maiores dissabores e tormentos.

Pense nisso

Nesses tempos de dificuldades, quando as pessoas buscam a separação por motivos fúteis, lembre-se de que talvez os dois juntos superem os obstáculos com mais facilidade, se somarem ao invés de dividir.

E se o fato já estiver consumado, não se desespere, busque amar e compreender, rogando a Deus que o abençoe, abençoando também os demais familiares, que são também, antes de tudo, filhos de Deus.

Texto da Equipe de Redação do Momento Espírita.

SINAIS DE ALARME

E a família, como vai?

Você já deve ter ouvido essa pergunta e talvez tenha dado aquela resposta automática: “tudo bem”, sem compromisso com a verdade.

No entanto, gostaríamos que refletisse um pouco antes de responder.

Fazendo uma avaliação superficial é possível ter a impressão de que está tudo bem, pois é mais fácil admitir isso do que constatar o contrário e ter que tomar providências sérias.

Como a base de sustentação do lar é o casal, vamos voltar sobre ele a nossa atenção, por alguns instantes.

A rotina diária muitas vezes nos arrasta tão depressa que nem nos damos conta de que algo não está bem, e vamos deixando para pensar nisso depois. E o depois nunca chega.

Infelizmente, muitos casais só se dão conta disso quando um dos dois pede o divórcio, ou simplesmente abandona a família.

Para aqueles que desejam, sinceramente, levar adiante o bendito compromisso do casamento, há alguns sinais de alarme que podem informar a situação de dificuldade antes que a união conjugal se desfaça:

Silêncios injustificáveis quando os esposos estão juntos.

Tédio inexplicável ante a presença do companheiro ou da companheira.

Ira disfarçada quando o marido ou a esposa emite uma opinião.

Saturação dos temas habituais tratados em casa, e fuga para leituras intermináveis de jornais ou inacabáveis novelas de televisão.

Irritação gratuita sempre que se aproxima do lar.

Desinteresse pelos problemas do outro.

Falta de intercâmbio de opiniões, de diálogo constante.

Atritos repetidos que desencadeiam discussões irritadiças, capazes de provocar agressões desta ou daquela maneira.

Esses e outros tantos sinais de alarme indicam que a relação está enferma e precisa de socorro urgente.

Portanto, antes que as dificuldades abram abismos intransponíveis e os espinhos da incompreensão produzam feridas de difícil cicatrização, é justo assumir atitudes nobres e tomar providências para sanar os males.

Assumir a honestidade, que manda abrir o coração um para o outro e permite corrigir as deficiências e reorganizar o campo da afeição.

É natural que surjam desacertos, mas, ao invés da indiferença ou da separação, busquemos o reajustamento.

Não permitir que o cansaço, a acomodação, a apatia acabem destruindo os laços do afeto, necessários à manutenção do lar.

Um pouco de compreensão, tolerância, renúncia e amizade são antídotos eficazes para um matrimônio enfermo.

É importante considerar que a pessoa que escolhemos para formar conosco um lar, é alguém que precisa da nossa ajuda, do nosso ombro amigo, do nosso mais puro afeto.

É preciso, tantas vezes, deixar o egoísmo de lado, o orgulho, o tolo ciúme, e pensar na felicidade real da família, para que possamos sentir que, de fato, a nossa família vai bem...

Para que o casamento dê certo, não é preciso que o esposo e esposa olhem em demasia um para o outro, a fim de perceber e apontar defeitos e dificuldades.

Mas é necessário que ambos olhem na mesma direção e mantenham acesa a chama do mesmo ideal. O ideal de construir um mundo melhor a partir da própria família.

Equipe de Redação do Momento Espírita
Baseado no capítulo 35 do livro Sol de Esperança, ed. LEAL

SE EU SOUBESSE O QUE SEI AGORA

Conta-se que o dono de um pequeno comércio, amigo do grande poeta Olavo Bilac, abordou-o na rua e lhe falou: Sr. Bilac, estou precisando vender o meu sítio, que o senhor conhece tão bem. Poderia redigir um anúncio para o jornal?

Olavo Bilac, muito solícito, apanhou um papel e escreveu:

Vende-se encantadora propriedade, onde cantam os pássaros ao amanhecer no extenso arvoredo, cortada por cristalinas e marejantes águas de um ribeirão. A casa, banhada pelo sol nascente oferece a sombra tranqüila das tardes, na varanda

Meses depois, o poeta topa com o homem e pergunta-lhe se havia vendido o sítio.

Nem pensei mais nisso, disse o amigo. Quando li o anúncio é que percebi a maravilha que tinha.

Às vezes, para que possamos reconhecer o valor dos tesouros que possuímos, é preciso que alguém nos abra os olhos. E isso não acontece somente com relação aos bens materiais, mas também no campo afetivo.

Talvez motivados pela rotina ou pela acomodação, passamos a observar apenas as manias ou os pequenos defeitos daqueles que convivem conosco, esquecendo-nos das qualidades boas que eles possuem.

Não é raro alguém de fora nos surpreender com uma lista de virtudes dos nossos filhos, que passam despercebidas aos nossos olhos.

Ou, então, um colega que elogia nosso esposo ou esposa ressaltando qualidades que não estamos percebendo.

Esposas que criticam o marido porque ele não abre a porta do carro para ela, não puxa a cadeira para ela se sentar, esquece o aniversário de casamento, não lhe oferece flores no dia dos namorados...

Essas esposas não levam em conta que aquele mesmo homem é um pai carinhoso, dedicado, é trabalhador, honesto, e sempre que ela precisa, ele está por perto para ajudar.

Há maridos que desvalorizam suas esposas porque nem sempre estão em dia com a moda, porque os cabelos brancos não estão bem camuflados, porque não lhe dão atenção integral quando dela necessitam...

Esses esposos certamente não se dão conta do valor que essas mulheres têm. Não percebem quantas noites elas são capazes de passar acordadas, vigiando o filho doente, e enfrentar dias inteiros de trabalho exaustivo, sem reclamar.

Não se dão conta de que essas mulheres, tantas vezes, fazem verdadeiros malabarismos financeiros para poupar o marido de saber que o dinheiro do mês foi curto.

Mães e pais que criticam os filhos porque não atendem a todos os seus caprichos, ou porque nem sempre fazem as coisas como lhes determinam, esquecidos de que esses garotos e garotas têm muito valor.

São jovens que prezam pela fidelidade, que respeitam opiniões contrárias, que valorizam a família, que se dedicam a causas nobres, jovens saudáveis e cidadãos de bem.

Assim, não façamos como o comerciante que queria vender seu sítio, e ao ler o anúncio redigido por alguém de fora, mudou de idéia.

Tenhamos, nós mesmos, olhos de ver, ouvidos de ouvir e sensibilidade para sentir as boas qualidades e as virtudes daqueles que nos seguem mais de perto.

Você sabia?

Você sabia que há pessoas que nem sempre conseguem demonstrar seus verdadeiros sentimentos?

Talvez por medo de uma decepção ou por timidez, escondem-se atrás de uma couraça de proteção que as faz sentir-se mais seguras.

E essa forma de isolar-se, muitas vezes pode aparecer disfarçada de agressividade ou de comportamento anti-social.

É por essa razão que precisamos desenvolver nossa capacidade de penetrar os sentimentos das pessoas, um pouco além das aparências.

Equipe de Redação do Momento Espírita.

AMOR SEM CORRENTES

Em seu livro, "O Profeta", Kalil Gibran fala do matrimônio com grande sabedoria.

Vamos comentar algumas frases a fim de retirar delas ensinamentos úteis.

Referindo-se ao casal, diz Gibran: "amai-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão".

Desconhecendo ou ignorando essa importante orientação, muitos casais transformam o amor em verdadeiras cadeias para ambas as partes.

O amor deve ser espontâneo. Não pode ser motivo de brigas e exigências descabidas.

O amor compreende: não deve se constituir em grilhões que prendem e infelicitam.

Por vezes, em nome do amor, nós queremos que nosso companheiro ou companheira faça somente o que julgamos por bem. Só corta o cabelo quando permitimos. Só pode usar as roupas que aprovamos. Só sai se for em nossa companhia e não pode violar as regras estabelecidas pelo nosso egoísmo, para evitar brigas.

Isso não é amor, é prisão.

Amar sem escravizar, eis o grande desafio.

E o Profeta aconselha: "dai de vosso pão um ao outro, mas não comais do mesmo pedaço.

Isso significa dizer que devemos compartilhar, ser gentil, dar do nosso pedaço, mas sem exigir nada em troca.

É comum depois da gentileza vir a cobrança. Fazemos um favor e esperamos logo alguma recompensa. Pretendemos tirar alguma vantagem.

Dividir o pão, sim, mas não comer do mesmo pedaço. Isso quer dizer deixar ao outro o direito que lhe cabe do pedaço.

E Gibran continua: "cantai e dançai juntos, e sede alegres, mas deixai cada um de vós estar sozinho".

É importante compartilhar, mas saber respeitar a individualidade um do outro, sem invadir a intimidade da pessoa amada.

Há pessoas que, se pudessem, controlariam até mesmo o pensamento do seu par, a ponto de torná-lo a sua própria sombra. Isso não é amor, é extremado desejo de posse.

Mais uma vez Kalil Gibran aconselha: "vivei juntos, mas não vos aconchegueis em demasia, pois as colunas do templo erguem-se separadamente, e o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro."

Grande ensinamento podemos retirar daí, pois a comparação é perfeita.

Viver juntos, mas cada um respeitar o espaço do outro.

O lar é um templo que deve ser sustentado por duas colunas: cada uma na sua posição para que realmente haja apoio.

Se as colunas se aconchegam em demasia, o templo pode desabar. Por isso o profeta recomenda: "vivei juntos mas não vos aconchegueis em demasia."

O amor tem por objetivo a união e não a fusão dos seres. Não se pode querer viver a vida do outro, controlar os gostos e até mesmo os desgostos da pessoa com quem nos casamos.

É preciso que cada um cresça e permita o crescimento do outro, sem fazer sombra um para o outro.

Se os casais observassem esses pequenos mas eficientes conselhos, certamente teriam uma convivência mais harmônica e mais agradável.

Pense nisso!

O verdadeiro amor é aquele que compreende, perdoa, renuncia.

Em nome do amor devemos estender a mão para oferecer apoio e não para acorrentar.

Quem ama propicia segurança, confiança e afeto.

Lembre-se de que a pessoa com quem você convive não lhe pertence. É uma alma em busca do próprio aperfeiçoamento, tanto quanto você.

Lembre-se também que beijos e abraços só têm valor se não forem cobrados.

E, por fim, guarde a recomendação do profeta:

"Amái-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão".

Pense nisso!

Fonte: Gibran Kalil Gibran, O Profeta, pág. 13

LESÕES AFETIVAS

Várias são as lesões que atingem o ser humano durante sua jornada terrena. Algumas leves, de fácil cicatrização, outras mais profundas e duradouras.

Dentre elas vamos encontrar as que são responsáveis por desatinos de variada ordem, que são as lesões afetivas.

Fruto do desrespeito que temos uns pelos outros, as lesões afetivas têm ocasionado homicídios, suicídios, abortos, injúrias que dilapidam ou arrasam a existência das vítimas, feridas no afeto que lhes alimentava as forças.

Quantas lágrimas de aflição, quantos crimes são cometidos na sombra, em nome dessas lesões provocadas nas profundezas da alma!

Esquecendo-nos de que cada criatura leva em sua intimidade caracteres próprios, não conseguimos medir suas resistências, nem suas reações diante de uma promessa não cumprida.

Usando a desculpa do amor livre e do sexo liberado, não temos atentado para as conseqüências amargas que resultam da nossa falta de respeito ao próximo.

Na ânsia de satisfazer os desejos carniais, não hesitamos em nos envolver levemente com pessoas que sentem, tanto quanto nós mesmos, carências de afeto e sede de compreensão e carinho.

Quantas crianças nascem, fruto desses envoltimentos irresponsáveis, e amargam o abandono e a solidão como filhos rejeitados por um ou outro dos pais, ou pelos dois.

Quantos levam no coraçãozinho a tristeza de não poder pronunciar a doce palavra pai, porque aquele que o gerou não honrou o compromisso, deixando à companheira toda a responsabilidade pela condução da criança.

Quantos homens e mulheres que empenharam sua fidelidade, nos votos feitos por ocasião do matrimônio, e que levemente os rompem, envolvendo-se com outras pessoas, espalhando lesões afetivas inconseqüentes.

Certamente muitos desses delitos não são catalogados pelas leis humanas, mas não passam despercebidos nas leis de Deus, que exigem dos responsáveis a devida reparação, no momento oportuno.

É importante que reflitamos acerca desse assunto que nos diz respeito. É imprescindível que respeitemos os sentimentos alheios tanto quanto desejamos ter os nossos sentimentos respeitados.

Se não quisermos ou não pudermos manter um romance de carinho a dois, não o iniciemos. Lembremos que acima das leis humanas, existem as leis divinas, das quais não poderemos fugir, como seres imortais que somos. Se as infringirmos, teremos que efetuar a devida reparação mais cedo ou mais tarde.

Se hoje a carência afetiva nos dilacera a alma, pode ser que estejamos reparando delitos cometidos anteriormente. É possível que Deus permita que sofremos a falta do afeto que não soubemos valorizar outrora.

Você sabia que muitos de nós estamos altamente compromissados com as Leis de Deus, em matéria de amor e sexo irresponsáveis?

Por esse motivo, mesmo estando casada, grande parte das criaturas sente falta de afeto e carinho, amargando as conseqüências dos delitos cometidos contra os semelhantes, na área da afetividade.

Dessa forma, vale a pena valorizarmos os sentimentos alheios, para que no futuro sejamos merecedores do afeto e da fidelidade que tanto necessitamos.

Livro: momentos de ouro, cap. Lesões Afetivas

UMA OUTRA DEMISSÃO

Você já pensou em ser demitido? É possível que sim. Têm sido comuns as demissões, seja porque empresas são adquiridas por outras, seja porque as razões econômicas ordenam “enxugar” o quadro de pessoal.

Diante de tal expectativa, com certeza, você tem se esmerado na função que exerce, pois é preciso ser ágil, empreendedor, criativo, a fim de não perder o emprego que lhe garante o sustento digno.

Este seu empenho é muito positivo e tem lhe conquistado, possivelmente, não só a manutenção do emprego, mas crescimento na empresa.

Entretanto, você sabia que não é só na empresa que você pode receber demissão?

Pense um pouco. Você pode ser demitido em seu lar, da qualidade de esposo ou esposa.

Você tem mantido cooperação e entendimento na solução das dificuldades domésticas?

Respeita as amizades do seu cônjuge? Tem exercitado a cortesia?

Se realizasse um balanço agora, quantos atos de gentileza seriam colocados na coluna dos muito obrigado, com licença, por favor, desculpe?

Como anda a questão afetiva? Vamos lá para a coluna dos abraços, dos carinhos, dos telefonemas inesperados, dos “eu te amo”.

Se o balanço for ruim, veja bem, você pode ser demitido a qualquer momento, porque não participa, não contribui, não engrandece a relação conjugal.

E a demissão de esposo ou esposa não se caracteriza necessariamente por um rompimento dos laços do consórcio matrimonial. Pode se dar simplesmente pela ausência total de diálogo, pelas tomadas de decisões sem consultar a opinião, um do outro.

Mas você pode também ser demitido como pai ou como mãe.

Como tem tratado os seus filhos? Como tem sido a sua participação na vida deles?

Observe que os filhos precisam de educação e amor, de disciplina e atenção, de bons exemplos e de sua presença, muito mais do que castigos, broncas e caprichos satisfeitos.

Seu filho pode estar lhe dizendo, todos os dias: “pai, mãe, precisamos ser amigos. Preciso de vocês, agora, não amanhã, nem depois, agora.”

É sua chance. Aproveite, antes que você seja demitido de seu papel de pai ou de mãe.

E a demissão dos pais começa quando os filhos nada mais exigem. Não consultam, não reclamam, passam a agir por si mesmos ou se permitem ser adotados pelos pais dos seus amigos.

O matrimônio é uma escola. Não perca tempo com futilidades. Exercite o amor.

Fuja do relaxamento e do desperdício. Utilize o tempo, demonstrando o seu amor.

Cultive o carinho dos seus filhos.

Participe das suas vidas e jamais sacrifique a harmonia e a segurança do lar com a desculpa das exigências sociais ou de qualquer outro setor.

Não se permita a demissão de sua condição de esposo, esposa, pai ou mãe.

Redação do Momento Espírita

Fonte: A revolução dos campeões – Roberto Shiniyashiki, ed. Infinito, SP, cap. 2